OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.

OBRAS COMPLETAS

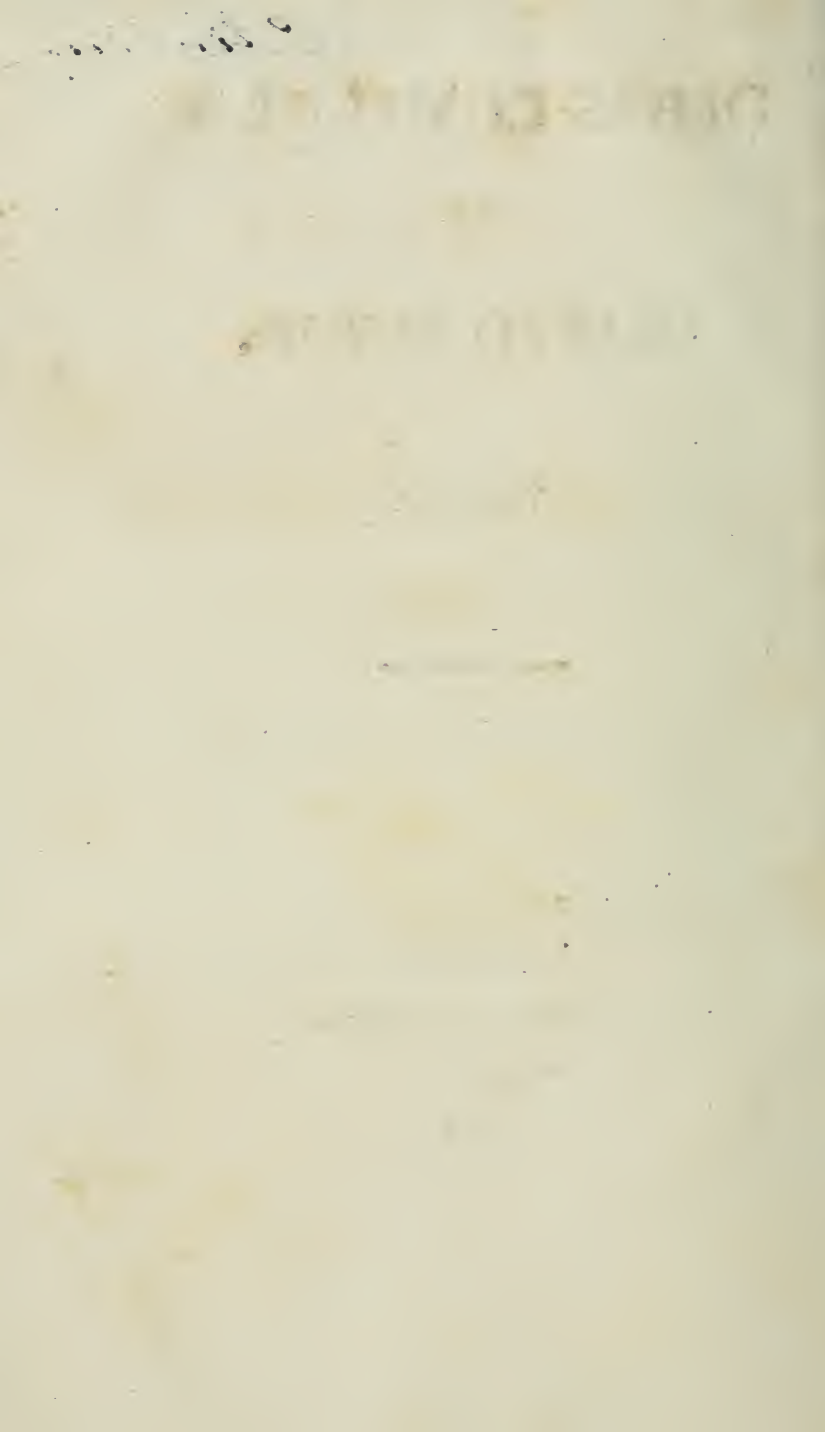
DE

FILINTO ELYSIO.

Tomo V°.

PARIS.

Na officina de A. BOBÉE.

1818.

ODE

A FILINTO.

Musa vetat mori.
HORAT.

COM sacrilego arrojo o Céo tentárão,
Fitando o throno eterno, împios gigantes;
Porêm a Dextra, que maneja o raio,
Trocou a audacia em cinza.

Tal dos zoilos que ás Musas se atrevêrão,
Confundindo o rancor do Engenho ao brilho,
Mostrou baldadas da Calúmnia as artes,
Contra immortaes esforços.

Na torrente dos seculos profunda
Imperios, gerações desapparecem:
Mas nomes como o teu, Filinto illustre,
Commum destino escapão.

Quem, como tu, do Luso plectro arranca
Olympiacos sons; quem vibra as cordas
Da Orphea Lyra, que ameigou das sombras
O desabrido Numen;

Não teme horrores do Acheronte avaro:
Se a fortuna se obstina, á Mórte cede;

Mais dóceis que os mortaes, curvão-se os annos
Ao poder d'harmonia.

Transpondo o negro váo, que absorve as chammas
Do ignaro vulgo; as miserandas terras
Tu deixarás Filinto, e das idades
Terás a vida e culto.

Embora da existencia o pégo incerto
Ostente ora procella, ora bonança:
O sabio em seu proposito seguro,
Placido sulca as ondas.

Sem medo á Morte, sobranceiro á Inveja
Indomito a desastres, e a tyrannos,
Igual o encontra na verdade absorto,
Fado severo, ou meigo.

Desta arte o Sabio a Eternidade attinge,
E quando as Musas seu renome exaltão,
Distincto entre immortaes seu nobre assento
Raia brilhante ao Mundo.

Tal se me antolha teu destino excelso,
Quando, Filinto, aos ares te remontas,
E rapido cruzando a etherea via,
Fulguras entre os astros.

Da Moral, da Virtude acceso lustre
Tu, pharol Venusino, inda mais brilhas,
Pois a negrura teu fulgor não doura,
De coroados monstros.

Tu, rigido sectario da Verdade,
Seu preclaro cantor, nunca aviltaste,
Divino metro sobre as torpes aras
Da sordida lisonja.

Da estupida Arrogancia os Simulacros
Já Tu mais incensaste. Eis porque a patria
Perdeste, e a paz, e os bens; que te arrancara
Malefico Alvedrio.

Céos! que horrivel Mysterio a Lusa gloria,
Cobrio sempre de lucto? Ah! que elementos
Extranhos combinou! Merito, exilio,
Talento, e desventura!

Depois, que Génio mao de Lysia acerbo,
Avarento, fanatico Ciúme,
Dominou seu solar, de Stygia peste,
Infectou seu regaço.

Da Intriga as Serpes que o vil Odio nutre,
Com venenoso bafo amortecêrão
Os louros de Pacheco, e o rico Esmalte,
Que lhe adornara as cinzas.

De Lysia desde então lavrou no seio,
O atroz flagelio da Grandeza sua,
Que em menoscabo da nativa gloria,
Deo seu alarde a estranhos.

Profugo assim da patria, que idolatras,
Que inda serves, Filinto, Ah! porque gemes?
Justa ao merito alheio, a patrios dotes,
Não he adversa Lysia.

Se o coração sympathico não mente,
Sua voz ouço alegre á minha unir-se,
E grata ao nome teu, folgar, soberba,
De dar-te o berço e o applauso.

Mas de seu nome os inimigos feros,
Seu seio devorando, hão decretado,

Perseguição em premio á Sapiencia,
Ao Engenho exterminio.

Ah! e até quando, expiadores Fados,
Soffrereis tal labéo, de Lysia indigno?
Mas, qual palma Iduméa a Gloria surge,
Ao peso que a comprime.

O dia da Virtude, inda que turvo,
Perante os da Fortuna, he sempre bello;
E no seu occidente a nuvem despe,
Que a Inveja lhe creara.

Assim rotos os véos da tempestade
Que, densos, Céo estivo enegrecêrão,
Torna o sól mais formoso, e nova gala
Reveste a Natureza.

V. P. Nolasco.

Cheltenham, 4 *de Setembro*, *de* 1813.

SONETO

Á' Ode de Filinto Elysio

Melhor que os Cysnes, discantou Marréco.

MUITO mais alto, do que sôa a historia
De Egypcios monumentos, se ergue o Canto,
Que de Ulysses o error, de Troia o pranto
Poude gravar no templo da Memoria.

Minha vóz de ave rouca, e transitoria
Mal seguirá, Filinto, aquelle encanto
Que tu, já Cysne, de harmonia espanto
Sóltas no vôo perennal da Gloria.

Aos sons da Marrequeida, a pausa escura
Não tardará do olvido; e tu cantando
Vencerás a mudez da Sepultura.

De balde vou teus annos modulando.
Fica atraz, quem te vê na Olympia altura
Já da morte e do tempo ir triumphando.

A. J. F. M.

Londres, 23 de Dezembro, de 1817.

STANCES

A un Poète Portugais exilé.

Généreux favoris des filles de mémoire,
Deux sentiers différens devant vous vont s'offrir,
L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;
Mortels, il faut choisir!

Ton destin, ô Manoel, suivit la loi commune,
Ta muse t'ennivra, de précoces faveurs,
Tes jours furent tissus de gloire et d'infortune!....
Et tu verses des pleurs!....

Rougis, plutôt rougis d'envier au vulgaire
Le stérile repos dont son cœur est jaloux;
Le ciel a fait pour lui les trésors de la terre,
Mais le Pinde est à nous.

C'est là qu'est ton séjour, c'est là qu'est ta patrie,
C'est là, divin Manoel, que seront tes autels,
C'est là que l'avenir, prépare à ton génie
Des honneurs immortels.

Ainsi, l'aigle superbe au séjour du tonnerre
S'élance, et soutenant son vol audacieux
Semble dire aux mortels: Je suis né sur la terre,
Mais je vis dans les cieux!

Oui, la gloire t'attend, mais arrête : et contemple
A quel prix on pénètre en ses parvis sacrés !
Vois; L'infortune assise à la porte du temple,
En garde les degrés.

Ici, c'est ce vieillard que l'ingrate Ionie
A vu de mers en mers promener ses malheurs.
Aveugle, il mendiait pour soutenir sa vie,
Un pain mouillé de pleurs.

Là le Tasse brûlé, d'une flamme fatale,
Expiant dans les fers, sa gloire et son amour,
Quand il va receuillir la palme triomphale,
Descend au noir séjour.

Partout des malheureux, des proscrits, des victimes,
Luttant contre le sort, ou contre les bourreaux;
Il semble que le ciel aux cœurs plus magnanimes,
Mesure plus de maux.

Impose donc silence aux plaintes de ta lyre,
Des cœurs nés sans vertu l'infortune est l'écueil;
Mais toi, fils d'Apollon, que ton malheur t'inspire
Un généreux orgeuil.

Que t'importe, après tout, que cet ordre barbare
Te chasse loin des lieux qui furent ton berceau,
Que t'importe, en quels bords le destin te prépare
Un glorieux tombeau ?

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage
N'enchaîneront ta gloire aux lieux où tu mourras;
Lisbonne la reclame, et voilà l'héritage
Que tu lui laisseras.

Ceux qui l'ont méconnu regrettent le grand homme;
Athène à ses proscrits ouvre le Panthéon,

Coriolan expire, et les enfans de Rome
Revendiquent son nom.

Aux rivages des morts, avant que de descendre,
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains,
Aux Sarmates grossiers il a légué sa cendre,
Et sa gloire aux Romains.

ALPHONSE DE LAMARTINE.

SONETO

A Filinto, pelo seu Amigo e admirador Olinto. (1)

Descends du haut des cieux, auguste Vérité,
Répands sur mes écrits ta force et ta clarté.

VOLT. *Henr.*

Tu que vôas alêm da vista humana,
Quando sublime estreitas leis quebrantas,
E com douto delirio o mundo encantas,
Pulsando déstro a lyra Horaciana;

Tu de quem a facundia igual dimana,
Se os novos Gamas, se os antigos cantas,

---

(1) O Illmo. e Exmo. Senhor Antonio de Araújo, de Azevedo, Pinto, Pereira, etc. Conde da Barca.

E em lingua pura, e altisona levantas
Mais majestosa a Musa Lusitana.

Bem como águia que aos filhos seus ensina
A remontar-se ao Sól, que sopesados
Os leva, e fende a ethérea azul campina,

Assim me eleva aos dois cumes sagrados,
Oh! mostra-me o licor da Caballina,
E os arcanos de Apollo mais vedados.

Niort, 23 de Março de 1814.

ODE.

E que importa que grasnem roucos gansos
Nos lôdos, que ao Parnasso a entrada cobrem,
Ouvindo 'o branco Cysne empavonado
Cantar no alto do Monte?

Que fêz a Homéro a vóz de hum Aristarco?
Ou Bávio, ou Mévio á tuba Mantuana?
Zombárão do O'rco os Épicos divinos,
E os zoilos perecêrão.

No livro do Destino em lettra eterna
Certeira a Parca pôz, que hum home' egregio
Por gloria grande a combater tivésse,
Do Mal-dizer os dardos.

Que vontade se tem por clara e pura,
Que toldar não a intente o monstro odioso?

Mas á sordida lingua a fôrça abatte
De Astréa a nóbre espada.

Parto da negra Invéja nunca cessa
De influir nos corações, que a mãe corrompe,
O ardor de escurecer huma alma illustre,
Que emparelhar não podem.

He sello ao genio excelso o ser ladrado,
E tanto quanto brilha; assim pouco uivão
De Délia ao meio rôsto os cães vadîos,
E vendo-o todo enraivão.

Filinto, continúa a mofar delles,
E de seus vãos latidos; que o teu nome,
E os vérsos teus a mão gravou de Phébo
No templo da Memoria.

Antonio Jozé de Lima Leitão.

Este muito prolixo *Testimonia veterum*, e enfastiado argél de outros elogios *ultra modum* com que me tem assoberbado varios Curiosos, nem eu, nem os Leitores, nem os mesmos que os compozérão, crêrão tal. Nem o *divin* que o Autor *des Stances* me imbute, nem a alcunha de *Horacio Lusitano*, que descarados me encampão, valîa comigo tem. Um louvor moderado, mas sincéro que me viesse de Elpino, de Garção, ou do bom Duriense me contentaria máis, que todas essas encarecidas exuberancias.

Mas dir-me-hão os pientissimos Leitores, porque consentes, que alagarteiem o avental do teu livro com as floreadas farfuncias, que nem nós, nem tu, nem os panegyriqueiros mesmos acreditão. Ei-la ahi vai a verdade nûa e crua: faltava para ennegrecer um cérto número de páginas, um adequado chorrilho de palavras, e arrancou o Impressor do cadóz da pasta esses esquécidos palanfrorios.

Disse.

AO SENHOR FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO,

(FILINTO ELYSIO.)

No dia de seus annos, 23 *de Dezembro de* 1817.

Rapiamus, amice,
Occasionem de die....
Obducta solvatur fronte senectus.
HORAT. *Epod.* 10.

ODE.

ENTRE as horridas, funebres ideas,
Imagens tristes, fervidos queixumes
Da humanidade enferma,
Que Delphico delirio me arrebata,
Que enthusiasmo sancto
Me volve n'alma, o coração me enleia !....

Onde me fica a terra, onde a morada ?
Já tão longe de mim que des-parecem ?
Novos ares respiro
Novas decorro sendas, novos climas...
Que suaves accentos,
Doce harmonia fére em meus ouvidos ?

« Aureas Lyras cantai, cantai sonoras
» Seus faustos annos, seu plausivel Dia;
Que no Helicon sagrado
Canções festivas, mais que nunca altiloquas,
» Neste dia resoem...
» Festêje-se o natal do Horacio Luso.

Onde me elevas Musa? Aonde, ao Pindo?...
Anhelante seguia... Eis d'improviso
Brilhante véo se rasga,
Objectos mil a vista me deslumbrão...
Para que os sons escute
No rouco peito a debil voz enclaustro.

Alem das castas filhas da Memoria,
Da illustre Grecia e Roma excelsos Vates,
O bicipite monte
C'os plectros de ouro candidos adornão.
Stá Camões, Tasso e Milton,
Cingem-lhe a frente verdejantes louros.

Os sons que se ouvem são do Deos Apollo,
Que voltado a Camões solta este canto:
» Oh Cysne de Ulyssea
» Exulta, exulta... o teu Filinto caro
» Vencendo a Morte, e o Tempo
» Hoje feliz ditosos annos conta.

» Aureas Lyras cantai, cantai sonoras
» Seus faustos annos, seu plausivel Dia.
» Maior do que seu Fado,
» Da Invéja as lanças, da Ignorancia as iras
» No broquel da Virtude
» Socegado aparou, baldou superno.

» E ousou o Tribunal (1) infame e pérfido,
» Do bom saber algoz tenaz e iniquo,
» Roubar á Patria Lusa
» Tanto esplendor e Genio, tal triumpho?...
» Graças ao cauto amigo
» Que astucias lhe frustrou, burlou desvelos!...

» Venceo emfim, zombou dos feros Bonzos,
» Aos pés calcou o rude Fanatismo;
» E as Neptuninas Ondas
» Em veleiro baixel cortando affouto,
» Na valorosa Gallia
» Livre, adoravel paz contente goza.

» Berço d'Heroes, Alcaçar de Minerva,
» Egregia França! Tu lhe abriste os braços
» Que a Patria lhe negára!...
» Plácido, puro asylo da innocencia,
» Ao proferir teu nome
» Que magoa extrema o peito me assoberba!

» Quantos em ti fecundos Genios vagão,
» Que em Lusitania reluzir devêrão!

---

(1) Julgo que taes epithetos convem ao Tribunal, cujas crueldades e, injustiças todo o mundo conhece, e de quem Voltaire, alem de outras muitas cousas, que seria inutil o citar, diz com tanta razão, como vehemencia o seguinte:

C'est un prêtre en surplis, c'est un moine voué à l'humilité et à la doucenr, qui fait dans de vastes cachots appliquer des hommes aux tortures les plus cruelles; c'est ensuite un théâtre dressé dans une place publique, où l'on conduit au bûcher tous les condamnés, à la suite d'une procession de moines et de confréries. On chante, on dit la messe, et on tue des hommes.

VOLT. *Essai sur les mœurs. Art. Inquisition.*

» Entregues do Infortunio
» Aos pesados grilhões (1) a vida arrastrão
» Em êrma soledade...
» Obscuros vivem, faltão-lhes Mecênas.

» E a pujante Versucia, o pedantismo,
» A lisonja venal, o crime infenso
» Alta a cerviz entonão !...
» Qual, debatendo as cortadoras plumas,
» Manso retalha os ares,
» Aguia altiva, de Phœbo scrutadora,

» E c'os opacos olhos, aves timidas
» O accelerado trilho apenas seguem,

Como ainda a memoria de todo me não falta, citarei estes versos, que bem pintão a sensibilidade de um Coração verdadeiramente amigo :

Afflictus vitam in tenebris luctuque trahebam,
Et casum insontis mecum indignabar amici.

Eneid. *Lib.* 2.

Carpitur acclivis per muta silencia trames,
Arduus, Obscurus, caligine densus opaca.

Ovid. *Met.* 2. *Lib.* 10.

Quando me objectem que o sabio ama o retiro, e despreza os dons que a Fortuna outorga, etc. etc. responderei com uma passagem de Rousseau, que ninguem ignora.

Le sage ne court point après la fortune; mais il n'est pas insensible à la gloire; et quand il la voit si mal distribuée, sa vertu, qu'un peu d'émulation aurait animée et rendue avantageuse à la société, tombe en langueur, et s'éteint dans la misère et dans l'oubli.

Discours. Tom. 1.

» (1) Assim, caro Filinto,
» Sobre as da Fama penetrantes azas
» Da Gloria ao Templo vôas,
» Extatica deixando a turba ignara. »

Por Bento Luiz Vianna.

A FILINTO ELYSIO.

Quam tibi grandiloquo lyrici peperere labores,
Gloria per populos non peritura volat.

ODE.

Porfiadas fadigas que Honra e Gloria
Agora me prescrevem, caro amigo,
Pulsar a doce Lyra
Rigorosas m'o vedão:
Aos que a Natura esconde Arcanos aureos,
A afflicta mente esparge a curta vista.

Do Alcaçar de Linneo e de Esculapio
Não desliza importuna minha idea,
E quando em lassas horas

(1) Virtus recludens immeritis mori
Cœlum...
Et udam
Spernit humum fugiente penna.
Horat. *Lib.* 3. *Od.*

Lições de Horacio escuto,
Eterna admiração em mim trasborda,
De Poeta assômos descorçoado pérco.

Hontem que, modulando, me ensaiava
A cantar-te, qual canta Ismeno Cysne,
No papel inda a penna
Soberba não rugia,
Quando ethereos espaços dividindo,
No alvergue meu desmonta Apollo irado.

Corisco estragador, troante raio
Que de mim junto o berro vomitasse,
De terror tão disforme
Meu peito não ferîra:
« Fraco mortal, depõe a rouca Lyra,
» (Me diz o Deos) o bîjugo Cabêço »

» Subir não ouses, tu, a quem meu Estro
» Arrojados negou os altos vôos
» Se encomios tecer queres
» Ao meu Filinto amado,
» A altas Lyras o dá, Cantôres outros
» Que co' a Fama o seu Nome aos astros lévem.

Pelo mesmo.

AO SENHOR FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO,

(FILINTO ELYSIO).

Sume superbiam,
Quæsitam meritis, et *illi* Delphica
Lauro cinge volens, Melpomene, Comam;
Hor. *Lib.* 3. *Od.* 24.

SONETO.

Nas mãos trazendo Laurea florescente,
Desce Apollo do Pindo: vem rodeado
Das Musas, que s'entranhão de alto agrado
Em vêr Filinto, em dar-lhe applauso ingente;

Do mago Plectro, ao vê-lo, som Cadente
Seu Nome eximio canta sublimado,
Canta... e de vivo jubilo assaltado
Alada voz disfere preeminente:

« Alti-loquo rival do Venusino,
» Emulo de Camões, teu Genio raro
» Pindarico roubou fulgor Divino.

» O, devido a teu merito preclaro,
» Em torno a frente cinge, Loiro dino
» Tu que és dos Filhos meus, Filho o mais Caro. »

Por Bento Luiz Vianna.

AO SENHOR FRANCISCO MANOEL
DO NASCIMENTO,

(FILINTO ELYSIO).

SONETO.

APENAS que extinguio Parca inhumana
Do Luso Vate o sublimado Canto,
Chorou do aurito Pindo o Côro Santo,
Saudoso a acclama, inda hoje, de tyranna.

Eis vê, que aspira á de Camões ufana
Gloria teu éstro, que se affouta a tanto:
Presto põe termo á dor, põe termo ao pranto,
Vê novo lauro á gente Lusitana.

Ergue de Cyrrha o Deos a mão da Lyra,
E a ti, Filinto, o Numen inclinando,
Contente ouve teus sons, sons que elle inspira.

Exulta... Exulta, ó Cysne memorando,
Que ovante a grata Fama os polos gyra,
Alem dos Tempos o teu Nome alçando.

PELO MESMO.

VERSOS

DE

FILINTO ELYSIO.

ODE

A EL REI D. JOÃO VI°.

——— Oh ditoso o Vate
De lisonja in-suspeito, que nas cordas
Da Lyra ingénua teus louvores puros,
Melhor que os d'esse Augusto, ou de Alexandre,
Ferir com mão ousada.

RAMLER.

STROPHE I[a].

Esta Europa, que abração por dous lados
As Neptuninas ondas,
Onde lindas Nerêas, desparzidas
As auri-verdes tranças,
Se assomão junto ás margens, a avistarem
Dos majestosos Régios aposentos
As elevadas cúpulas;

De intrépidos Heróes, de guápas Damas
Valor sem mancha, e polidez honesta:

ANTISTROPHE I[a].

Esta Europa, que das partidas do O'rbe
Facilmente é Princeza,
Sempre alcançou de Jóve o ser quem désse
Supremas leis aos Póvos.
Vimos Roma; e, antes della, a Grecia vimos
Sujeitar a Asia; e em máis chegadas Éras
O Lusitano hardido
Senhor nas costas de Africa, ir ufano
Cravar os seus pendões nos fins do Oriente.

EPODO I[o].

As Leis melhores, o máis sábio Oráculo
Da Divina immortal Philosophia
Tens de encontrar na Európa,
Sócrates e Platão, de quem dimanão
Os luzeiros, com que hôje se esclarescem
Tão activos Ingenhos;
Que, a, que bebêrão, sancta e san doutrina,
Derramão no Universo, generosos.

STROPHE II[a].

Deo novo bêrço ás Musas renascidas
A Italia; a França accolhe
Com risònho semblante, ampara e, préza
O Saber foragido.
C'os despójos da Grecia se enriquece;
E os que de Constantino o Império deixão
Os sóbe aos thrônos Clássicos

A Gallia de sciencias cubiçosa,
Se o duro Mahomet os pôz em fuga.

ANTISTROPHE II.ª

Aquì resôa o Eccho modulado
Dos que, em Lycêos, Athenas
Cantos ouvîra a Alcêo, Pìndaro, Homéro.
Lá Sóphocles.... América
Toou na Lyra! O som que eu não toccava,
Musa, tu com teu pléctro, tu o feriste. (1)
Porque das Grêgas raias
Me arrédas as lembranças harmoniosas?
Os tons, que emulão ir banhar-se em Dirce?

EPODO II.º

Porque me impelles, Musa, a que ennobreça
Os de América gérmes generosos!
Vem teu ignoto impulso
D'algum pujante mérito, ou façanha
Influida por ti? por ti ganhada?
Move pois por diante
As cordas, e no attento ouvido entôa
Sons, com que Varões táes sublime adornes.

STROPHE III.ª

Houve Homem justo, das Virtudes mólde,
Que ancioso, em terra estranha,
De ir dellas desparzir splendidos raios,
Deixou da Pátria o seio,

---

(1) Como aconteceo ao Poéta Anacreonte, que, quando queria cantar os Atridas, as cordas porfiárão em resoar Amores.

Em que bebêra as máximas sagradas
Do Brio, do Valor, e as da Justiça. —
Partio da Elysia illustre
Co' a Espôsa, que nos méritos o iguala,
E qual Astro segundo co'elle brilha.

ANTISTROPHE IIIª.

Assim vai Cadmo, em busca de Hermione;
Assim ao Filho manda
Que estranhos mares côrra, ignotos Climas,
Té que a enganada Europa,
No fallaz Touro nimio-confiada
Encontre, ou tóme rumo, onde a depare.
Cabral! Oh mui ditoso!
Ditosa a Tempestade, que ante os ólhos
Te pôz o auréo Brazil de gemmas ricco!

EPODO IIIº.

Quão máis ditoso, se entalhando a viras
Calliope, nos sêrros ponteagudos
Da Barra da Metrópoli,
O nome de João, suas virtudes,
Seu digno esfôrço, no deixar a Pátria
(De saudades centro!)
Deixar os Póvos que ama, e ir ser amado
Dos que vai aditar c'o Real semblante.

Francisco Manoel.

ODE

A' RAINHA DONA CARLOTTA.

Assim, mercê de Phébo, a nosso arbitrio
Fazemos cidadãos da Eternidade
A mil e mil, c'o poderoso carmen
De néctar borrifado.

ALFÈNO CYNTHIO.

Sôbre Hymnos immortáes irás subindo
Raînha Augusta a Olympicos alcáçares,
Onde as hostes da Inveja não se affoutão
A commetter escala.

Tem de em vão forcejar o Tempo, a Mórte
Alçando irados os talhantes gumes;
Teu nome pelos Vates defendido
Dos seus estragos zomba.

Dá ás Musas plena fé. Oh! não liviano
Julgues encómio, com que a Heróes prendâmos.
Nascido ás abas do último Occidente
Posso fazer-te etérna.

Junto á praia Meonia ousado Cysne
Cantou tão alto, que lhe ouvio a tuba
A fria Thule, o apavonado Eòo,
No celebrar a Achilles.

Do Pindo nos assentos máis subidos
Se recósta Virgilio : inda as Aonias
Recordão na theórba a tão suave ,
Tão duradoura Eneiada.

Quem não conhece o destemido Gama?
Lê seus feitos o Dáce, o Messageta.
E oh ! quão cultas Nações o Vate invejão
Dos fortunados Lusos!

As façanhas, que as Musas não recólhem
No virgineo regaço , e não as técem
Peritas mãos de mélicos Cantores,
Mal vem á luz, — perecem.

Com denso véo as cóbre escura noite
E em báratros vorazes despenhadas,
Nunca máis surgirão á luz do dia,
Por máis que os séc'los vôlvão.

Lívido Esquécimento, no seu gôlphão
Não sorverá , Raînha augusta , as sanctas
Acções puras de Amor , e de Clemencia
Que dão prazer no Empyreo.

Tu , os Lusos corações a ti prendeste,
Em brando, em desejado captiveiro ,
No espargir almo riso , espargir laços
Que os ânimos nos cingem.

Se, a Deos, piedosa , as mãos Reáes levantas ,
Vem descendo dos Céos , em nuvem grata ,
Graças que te ornão , graças que mór culto
Nos teus Lusos inspirão.

Francisco Manoel.

ODE.

23 de Dezembro de 1817.

Sic mihi tarda fluunt ingrataque tempora.
HORAT. *Ep.* 1. *Lib.* 1.

No quarto anno do lustro sexto-décimo
Entrei : quem sabe se eu findá-lo obtenha ?
Não m'o dá a crêr a ruin Melancolìa ,
Que , em solidão , me rála.

Parìs , para Filinto é êrmo insìpido ,
Se dos Lusos que vem , já stantes Lusos (1)
Lhe falta a desejada companhia ,
Que elle , única , appetece.

Da Patria o amor , que na alma eterno lhe arde ,
Lhe influe amar os seus , e em prêço tê-los :
Os que , ao nascer , em braços o tomárão ,
Lhe oução o adeos extremo. (2)

Lá stá (me digão) a O'pera , a Comédia :
Que vále O'pera a um surdo ? Apenas céva

(1) Lusos recêm-chegados , e Lusos que já em Parìs estavão de morada.

(2) Esse foi sempre o desejo de Filinto : viver com Portuguezes , e com Portuguezes morrer. *Tecum vivere amem , tecum obeam libens.*
HORAT. *Lib.* 3 , *Od.* 2.

Em gésto, em ricco trajo, em bastidores
A vista com desleixo.

A musica que amou, com gôsto summo,
A quem deo, com fervor juvenîs annos,
Em vão devólve amavel melodîa;
No ouvido os sons se baldão.

Nos sitios, (1) em que splende a Formosura,
A Graça, a Polidez, — que assento cabe
Ao decepado Vélho, se lá intenta
Entremeiar-se inutil?

Onde estáes, Mathevon, Araújo, Alfêno?
Cortou-vos immaturos crua fouce;
Cortou minha alegrîa, e o laço estreito
Da constante Amizade.

Tive um Amigo perspicaz, bom crîtico,
Bondadoso por genio: — hôje amuado
Sumio falla, sumio papel e pluma,
Com emperrado arrufo.

Tenho o meu Verdier, o meu Constancio;
Mas ferrenha a Perguiça m'os malogra:
Só Vianna (2) se dóe do triste Vélho,
Tal qual vêz, dá-lhe alivio. (3)

Se qual eu amo os Lusos, tal me amassem!...
Tempo houve (4) Em que a Pousada de Filinto
Ondas (5) de Amigos accolhia. — Em quê, hôje
As hei desmerecido?

---

(1) Passeios, Tertulias, etc.
(2) Mancebo studioso e honrado.
(3) Vindo visitá-lo.
(4) Em Lisboa.
(5) *Unda Salutantum.*

ODE

BEM CLARO FICA, etc.

AO SENHOR BACHAREL

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES.

Conamur tenues grandia.
HORAT. *Lib.* 1, *Od.* 6.

QUANDO cheio de Apollo omnipotente,
Inquiétos os ólhos, a alma em fôgo,
Vás banhar-te ligeiro
Nas ondas de Aganippe;
E a fronte coroada de almo louro
Désces furioso do partido monte:

Dize, Alfêno, qual re-trilhada via
Deixas aos rudes Vates sinalada;
Quáes árvores, quáes róchas
Deixas ao dextro lado;
Qual combro sóbes, em qual antro as Musas
Encontras prazenteiras, e singéllas:

Quando aprendes o arcâno recatado
Da Lyrica harmonîa, os pensamentos
Arrojados, altivos,
Com que, émulo de Pìndaro,
Refórças na aurea córda o som sublime,
Soberano do ouvido, e da memória?

Em que bósque de murta, e de amarantho
Acertaste c'o vencedor Cupido?
Com que meiguices ternas,
Com que seguras vózes
Lhe arrancaste a doçura encantadora,
Que de Sappho animou o accêso canto?

Aquella dôce vóz, que junto ao Moura
Abrandou os Ulmeiros da floresta,
Que fêz parar da Noite
A argentada carróça,
Para ouvir as ternuras, que espalhavas
Com saudoso accento á tarda Nize?

Aquelle Cinto (1), aquelle Livro annoso
Nunca Amor o mostrou a Anacreonte;
Nem a mimosa Vénus
Lhe confiou as Graças,
Com que cantaste a nitida Marîa,
Do nosso Mathevon honrada próle.

Ah não sejas de tantos dons avaro:
Abre as pórtas á luz, que em ti escondes;
Aponta ao teu Filinto
As calcadas verédas;
Que, apóz teus passos, não rejeito ousado
Subir do gran Dircêo ao alto assento.

Se tu me dás a mão, que ásperas róchas
De alcantilados, ingremes despenhos
Pódem acobardar-me?

---

(1) Faz allusão a um Soneto seu, que começa:
Com largo cinto etc.

Que louro ha tão subido,
Ou tão defêzo aos Délphicos alumnos,
Que, em ti fiado, intrépido eu não côlha?

Já, qual sinto, não sei, na alma ferir-me
Celeste raio de entendido lume,
Que me esclarece, e anima!
Que mão potente, e subita
Me arrebata de mim, de mim me arranca,
E por sîtios ignótos me caminha?

Lá vêjo um sêrro altivo, que ameaça
Com duas pontas o sagrado Olympo...
Que vento impetuoso
De sôpro intelligente
Vem desta longa, cavernosa gruta?
São vozes (1), são accentos numerosos.

Aquî Apóllo veio, quando ovante
Despio da vida a tábida Serpente.
« Sim, esforçado Apóllo,
Deos, máis que muito ousado,
Tu não temeste os tétricos alentos,
O terrîfico som do atróz Destino.

Intrépido á cavérna te arremêssas,
Talhando as vagas do feroz sussurro,
E em cheio te embebêste
No fatîdico arcâno:
Deos, cheio do Deos, annunciaste
O segredo dos Fados encobertos. (2)

---

(1) Vejão a nota seguinte.

(2) Apóllo foi sempre venerado por Prophéta ou Vidente

Tu déste á Pythia os rábidos furores ;
O tôrvo olhar da retorcida vista ,
As erriçadas cómas ,
As côres assanhadas ,
Lîvidas , rôxas , na tremente face ,
E a rouca vóz no affadigado peito. »

Já não me espanto do Camões divino ,
Da tuba que entoou furiosa e dura ;
Do Adamastor fragoso ,
Nem dos presagios nêgros ,
Que despedio , de cólera abafando ,
Ao coração impávido do Gama.

« Nesta cavérna acôlho , attento , agudo
(Ouço uma vóz , que todo me estreméce)
» Só Vates sublimados ,
» Que entre muitos escôlho.
» Aquî entrou o altisonante Elpino ,
» O claro Corydon , o teu Alfêno. »

(como lhes chamão os livros Sanctos) e Lucano nos diz , como elle obteve esta prerogativa.

Ut vidit Pæan vastos telluris hiatus
Divinam spirare fidem, ventosque loquaces
Exhalare solum , sacris se condidit antris,
Incubuit que adyto , vates ibi factus, Apollo , etc.

Lucan. *Lib.* 5.

ODE

AO SENHOR

Doutor Felix da Sylva de avellar Brotero.

— — — Nec, si quis scribat uti nos
Sermoni propiora, putes hunc esse Poetam.
Horat. *Lib.* 1, *Satyr.* 5.

Crave embóra o Gageiro
Na curva praia os ólhos desejosos;
Entre os desiguáes tectos,
Cuide entrever o esguîo campanario
Da vélha freguezîa —
Se um Nordéste ponteiro se arreméssa
Das seixosas montanhas,
O nadante focinho retorcendo
O navio, respinga,
Arfa, jóga de lombos e garupa,
Tóma em revéz o rumo;
E, a despeito do léme todo á banda,
E da déstra manóbra;
Em quanto o grão Diabo um ôlho esfréga,
Vai dar estouvanado
Em Pantâna co'a carga, e c'o Pilôto.
Assim, sem máis despique

Me acontece c'o Pôtro ali-potente:
Mui ufano o cavalgo[1],
Pégo-me ás crinas, bato-lhe as ilhargas;
De chouto, aos salavancos,
Amontoadas nuvens atropéllo,
E de longe, e devóto
No bipartido monte ponho a mira;
Como a grimpa farpada
Os ventos fita no espigão sonóro:
Ou qual, c'os ólhos longos,
No esbroado poial repatanado
O annual Cìrio espéra
Gôrdo estallajadeiro, em mêz de Agôsto;
Ou qual por entre os ramos
Da emmaranhada sélva abastecida
O caçador vigîa
O orelhudo Coêlho, que retouça. —
Já compridos Poêmas
Entro arrojado a debuxar na mente:
Carlos-magno, e os seus Dôze
Já de Épica fadiga me encarregão;
Grita-me, lá da China,
O'ra ricco, óra ás garras c'os lagartos,
O Fernão Mendes Pinto,
Nunca atéqui de Apóllo celebrado....
De Didos, e de Circes
Traço as brandas paixões, traço os furores:
Novo Camões, ou Tasso
Novas ilhas de Amor, novas Armidas,
Com pincél desenvôlto,
Pinto aos vindouros em sobêrbos quadros....
Já Pindáricas Odes
Abocanho daqui, dalli, absôrto....

O vulgo se embasbáca
No alto vôo do nôvo cavalleiro;
E os Heróes máis graúdos,
De meu canto uma nêsga me supplicão....
Mas, oh desastre infando!
Ah! que não sei de nôjo como o conte!
Mal da Heliconia fralda
Começo a resfolgar os ares puros;
Eis que o ruin ginêtte
Insofrido da carga não-celeste,
Dá sacões, escoucinha,
E me estira, como um Cassão, por terra. (1) —
Nem déve esperar menos (2)
Quem, co'a fronte de néves (3) salpicada,
Os favores requésta
De malignas (4) Donzéllas lograrivas.
A travêssa Fortuna,
Philósopho Avellar, tu bem o sabes,
Tóma por passa-tempo
Desmanchar bem-traçados presuppostos (5);

---

(1) Terrenum equitem gravatus.
HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 11.

(2) Les fruits des rives du Permesse
Ne croissent que dans le printemps;
Et la froide et triste vieillesse
N'est faite que pour le bon sens.
Temple du Goût.

(3) Capitis nives.
HORAT. *Lib.* 4, *Od* 13.

(4) As Musas.

(5) Fortuna sævo læta negotio,
Ludum insolentem ludere pertinax.
HORAT. *Lib.* 3, *Od.* 29.

Qual o rapaz traquinas
Se divérte c'o embaralhar os bilros
Da aguçosa rendeira ;
Ou de invéja do amigo habilidoso,
C'o dêdo mal-fazejo ,
O castéllo das cartas lhe escangalha.

EPIGRAMMA.

Quando na minha infancia, huma Criada
Vélha , junto do lar me adormentava ,
C'uma historia de bruxas decantada ,
Cri nas bruxas ; e á velha já a contava
Cá no meu ról por bruxa ,
E por bruxa machuxa :
Mas depois que estudei , e andei de noite ,
Sentenceava a açoite
Todo o que em bruxas crêsse. Eis de repente
(Salvo seja) huma noite m'embruxárão ,
E tantas nódoas por sináes deixárão ,
Que em pulgas bruxas ninguem é máis crente.

ODE

AD SODALES.

— — — Dissipat Evius
Curas edaces.

HORAT. *Lib.* 2, *Od.* 11.

Di purpureo licor tazze spumanti
I molesti pensier, spargan d'oblio;
E fra festive danze, e suoni, e canti
Trapassiamo, d'Amor fidi seguaci,
In grembo del piacer, l'ore fugaci.

Em quanto assanha os véntos furibundos
O encarquilhado Hynvérno, e das masmôrras,
Em que Eólo os enfrêa révoltósos
As pórtas lhe franquêa;

Em quanto a rouca vóz da tempestade
Atrôa, abala, e o retorcido raio
Os ufanos Palacios, rudes Chóças
Derroca, accende, arraza;

E as árvores despidas, e lascadas
Dos furações, da pedra assolladora
Nos calvos sêrros dão magoado assumpto
Aos ólhos, ás vontades;

Em quanto a Primavéra não penteia
C'os Zéphyros suaves as madeixas
Dos vêrdes, dos umbrósos arvorêdos,
Nas espáduas dos montes;

Festejêmos, Amigos, o potente,
O rubicundo Baccho; as Nymphas bellas
C'o dourado, e vermêlho succo, alégres
A' porfia brindêmos:

Ruîns cuidados affugenta o Vinho,
Tristezas denegridas affugenta,
As faces avermelha, aviva os ólhos,
Dá forças, dá prazêres.

Hôje dêmos ao Génio horas festivas,
Horas, que léva o Tempo esquivo a rôjo,
Séga os annos co'a fouce, e a ampulhêta
Inquiéto sacode.

Hôje, que em sônhos vi, na madrugada
De Baccho o temulento Pedagógo,
Encostado em dous Faunos, acenar-me
Que lhe siga as pisadas.

Levou-me a vêr os Campos venturosos
Dos que affógão no vinho as amarguras,
As ambições, as iras, as vinganças,
Os sustos, côr de cêra.

Apontou-me pendentes das videiras
Mil fórmas de risonhos passatempos,
Cupidinhos a atar macîas Damas
C'os famintos Amantes.

D'aquî férvidos ósculos reclamão;
D'além resôão chóros namorados.

Arde o Campo em desejos, ardem almas
Nas fráguas do Deleite.

Jazem nas câmas uns de mólles parras,
Co'as mentes vagabundas por Elysios;
Outros, co'a taça em punho, se abalanção
A girar grandes Mundos. (1)

» Esta glória te espéra, e a teus Amigos,
» Mal que vos humedêça o louro Brómio. »
Disse: e cansado encéta a taça ardente
C'os rorantes bigodes.

EPIGRAMMA.

Soprando os dêdos Phébo assim gritava:
« Morrâmos, Clio, que não temos fôgo. »
E Clio, que de frio tiritava:
« Tens máis (lhe diz) que arder-mos já e lógo
» Coplas, Romances, Épicos modernos,
» E aquentar-mo-nos bem, por quatro Hynvérnos? »

---

(1) Quid non ebrietas designat?

HORAT. *Lib.* 1. *Epod.* 4.

MOLHADURA

DE CÉRTA OBRINHA. (1)

...Barb'rous nations, and most barb'rous times
Debas'd the majesty of verse to rhymes.

Maudit soit le premier dont la verve insensée
. . . . , ...
Voulut avec la rime enchaîner la raison.

BOILEAU.

Maldito consoante a quanto obrigas,
Que fazes serem brancas as formigas!

AFFIGURAI-VOS um possante Vate,
Que (não como quem busca, ou quem reflecte)
Hardido corre, vôa, ségue, alcança,
Nunca em seu vôo affrouxa; e se por caso
Quiz da sphéra descer, lógo atrevido

(1) Muitos annos depois de correrem por essè mundo algumas tróvas minhas, que primeiras imprimi, me veio á mão uma Sátyra contra ellas; e o Amigo que m'a deo, nunca me quiz nomear a pessoa, que a fèz; sómente me disse (rindo) que a fizéra uma mulhér, e que a emendára um frade; que a mulhér era vélha, e tinha cara de Bruxa, e que o frade era de corôa, porêm leigo. Não fiz então caso algum da Sátyra, nem da vélha, nem do frade: porque a *minha gôrda Pachôrra amiga vélha* me

Fórça as azas, e no Olympo as plantas pousa.
Nos ouvidos lhe trôa a vóz de Apollo,
Que o chama, a que elle acóde, como a fléchą,
Bem disparada do arco, no alvo fére.
O'ra, cobérto de poeira honrosa, (1)
Do Laurîfero Pindo baixa opîmo,
C'os despójos vocáes de Hymnos etérnos,
Com que o virtuoso amor da Pátria c'rôa.
Ei-lo que assento as Musas lhe franquêão
No velóz carro; e eis que elle estende a dextra
Acenando, co' a palma triumphante,
Ao forte vencedor, que os inimigos
Do Rei, da Pátria destruio com arte;
Ao sapiente Juîz, que insubornavel.

---

acconselhou sempre, que desprezasse todo o papél satyrico: alêm de que, tive por máxima usual, que o melhór módo de responder a sátyras é envidar todo o ingenho, em dar obras menos imperfeitas. Um Amigo porêm, de quem eu respeito muito as advertencias, me intimou, que, não para responder á Sátyra, mas para desabusar os que todo o merecimento poético julgão nullo, se lhe fallece a rima, (principal pedrada, que me atira a tal Sátyra) devîa eu dizer o que sentia na matéria. Peguei na penna, e sahio isso, que ahi vai. Não é, com tudo, minha intenção offender ninguem: e affirmo que se soubéra o nome de quem me satyrisou, não o derreára c'o tal papél, e deixaria passar esse destempêro, como mil outros, que me tem vindo á noticia.

> Tal ó fêz o grão Tasso, obediente
> As soálhas desbautizou Goffredo,
> Que Goffrido se chamou; e chamá-lo-hia
> Goffrado, ou já Goffrudo, a insta-lh'o a rima.
>
> *Canto* 2, *est.* 20.

(1) Non indecoro pulvere sordidum.

Hor. *Lib.* 2, *Od.* 4.

Fêcha á calúmnia a peçonhenta bôcca,
Dóma a cerviz do maculoso vício. (1)
Seus vérsos astros são, que a luz espalhão,
Nos longinquos vindouros, penetrando
Pelas sombras do Tempo esquivo, e cégo.
Seus Cantos battem azas, que os remontão
Pela amplidão ethérea, e que os remêssão
D'um Pólo ao outro Pólo — des-medrosos
Da Invéja, ou já do jugo de Pedantes.
Rompendo assim as nuvens, ólhos fitos
No Olympo reluzente, ou já nas fôlhas
Do austéro Fado, em que gravados jazem
Da Éra vindoura incógnitos succéssos,
Acaso cuida o desenvôlto Vate,
Que ha no mundo uma vélha Philaminta,
Que só conhece os vérsos, quando arrastão
Por fixo rabo-léva, os consoantes? (2)
Maldito consoante, ensôsso filho
Do bastardo saber presumptuoso,
Ind'-hôje pór Poetastros perfilhado,
Para aleijado espéque de más tróvas,
Para entuffar Soneto campanudo,

---

(1) Maculosum edomuit nefas.

HORAT.

(2) Los que introduxeron en el mundo poetico la perversa secta de las rimas, ó de los consonantes, que con su cola de dragon arrastró traz de si la tercera parte de las estrellas, quiero decir, que ha sido la perdicion de tantos nobles ingenios, los quales hubieron enriquecido à la posteridad con mil Divindades; y por estos consonantes (Dios me lo perdone) felizmente ignorados de toda la antiguedad, la dexaron un tesoro inegotable de pobrezas, de impropriedades, y de ripios insufribles.

Histor. de Fr. Gerund. pag. mihi 262.

Ou d'um Outeiro a Décima rançosa.
Como sûa, e tres-sûa o triste Orate,
Quando teimosa, oh Rima, lhe escoucinhas
No peccante toutiço ammartellado!
Quantas penas forrára, quanto enôjo,
Com mandar á tabúa a Rima arisca,
Com gastar o esperdicio dessas horas,
Em bons vérsos, que sôltos brilharião!
Porque não dispendeo profîcuo o tempo
Em traçar tal ficção com gôsto puro,
Em sôlto vérso, que contente os sabios,
Pela valente, e bem polida phrase?
Vi eu Poéta, obediente á Rima,
(Que com elle jogava as escondidas)
Dar maior torcedor ao póbre ingenho,
Que não dá tratos pîcaro Alfaiate
Ao panno escasso, co' a fiél medida,
Quando arma a surripiar ou manga, ou nêsga,
Sem que o Dôno o perceba, o talhe o sinta.
Digão que usou Camões, que usou Bernardes,
E Ferreira, e Caminha, e tanta gente
Pôr, nas fraldas do vérso, esses cadilhos
Pendurados; — que em Odes muito guápas
Do Diniz, do Garção campão colleiras
Mui garridas de chocalheiros guizos, —
Que eu direi, que os não louvo, nem reprendo.
Se esses Poétas bons, que eu amo, e estimo,
Inda, máo grado seu, grudão a rima
A bons vérsos, quem sabe se assim usão
Por ameigar, co' essa lisonja, ouvidos
Estragados; ou se é que pôz a penna,
Chocalhinhos no vérso, affeita, ha muito,

De usança antiga, a cônsonos badalos; (1)
E por irem co' as turbas; ou por pêjo,
(Pêjo máo!) que Farêlos, que Mulhéres
Lhe argúão não ter pósses consoanteiras. —
Alguns ha, que talvêz põem, sem resguardo,
(Tal já me succedeo) algumas rimas, (2)
Que imprevistas, e esconssas lhe escapárão.
Que assim vai a Devóta, (em companhîa
Da comadre, ou vizinha, a vida alheia
Des cozendo, e trincando) uma traz outra,
Passando as contas do tenaz Rosario,
Sem cuidar, que convérsa, e que não réza.

---

(1) Rimas, que não são para comparar com as de que falla a Gazetta de Lisboa de 9 de Maio de 1795, quando diz: « Alli fòrão *cantadas* em vérso *sublime* por alguns dos *Generáes*, não sómente aquellas virtudes das familias reáes Fidelissima, e Catholica, que excitão o amor dos seus vassallos; mas tambem o valor daquelles que derramárão o seu sangue para sustentar *os attributos d'onde emana a felicidade dos Póvos*.. »

(2) Muito poderosa é a fôrça do exemplo! Os nossos vélhos, fundados na experiencia, o consignárão assim no Proverbio, que diz: « A raposa vai pela vinha, por onde vai a Mãe, vai a Filha. Ora eu fui testemunha do exemplo seguinte, que não vem no Báculo Pastoral. Um filho d'uma cristalleira minha vizinha (morava eu então na rua dôs Mercadores, por detraz da rua nóva dos férros, ruas que lá se perdêrão em Lisboa, com o Calçado vélho, Matta-pórcos, etc. etc. Todo o bom se perde!) Tinha um gattinho, a quem elle chamava o *Bidaiquinho*. O triste gatto, de mui manso que elle era, deixava fazer ao rapaz, (que hôje é Padre, e se chama A. J. G.) quantas judiarîas lhe vînhão á vontade. Este rapaz, pelo usò que tinha de vêr as ajudas, que a Mãe deitava a quantos se servião do seu préstimo, tantas ajudas de agua fria deitou ao gatto, que este morreo empiemático. Que talvêz que inda hôje vivêra, se a Mãe do tal rapaz não fòra cristalleira.

« Tu fallas contra o bello consoante (1)
(Me diz dalli mui lépido um Peralta)
» Porque veia não tens; não tens nos cascos
» Cabedal de Poéta ; e co' essa prósa
» Mal-amanhada , que alcunhaste VÉRSOS ,
» Nos desgóstas da rima , que não trincas;
» Como a Rapôsa de uvas , *que são vérdes* »
— Delambido Peralta , (lhe retruco)
— Não consiste , em vencer difficuldades ,
— O mérito d'um Vate , a Apollo accéito.
— Já , para ser corrente , e sonoroso
— Tem que empenhar sobejo esfôrço , e lida ,
— Sem lhe ajoujar da Rima o atróz trambolho.
— Não seja o Vate volantim de córda ,
— Que equilibre a marôma , e danse têso ,
— C'os pés dentro d'um sáco , para gôzo
— De prêtos , ou de pîcaros basbaques. (2)

---

(1) Assim me arguio já Dona Fúfia de Rebique , e Barambazes , n'uma Sátyra , que fèz contra os primeiros vérsos que imprimi ; á qual ella (por maganice , ou por estúrdia) pòz o titulo de Apología. Cá a tenho na gavêta , com as notas margináes , que lhe ajuntou o senhor Clemente de Oliveira e Bastos. Talvêz que um dia lh'a remêtta.

(2) The measure is english heroic verse without rhyme , as that of Homer in greek , and of Virgil in latin; rhyme being no necessary adjunct , or true ornament of poem , or good verse , in longer works especially : but the invention of a barbarous age , to set off wretched matter , and lame metre , grac'd indeed by the use of some famous modern Poets , carried away by custom ; but much to their own vèxation , hindrance , and constraint to express many things otherwise , and for the most part worse , than else would have exprest them. Not without cause therefore some , both Italian and Spanish poets of prime note have rejected rhyme , both in longer and shorter works , as have also

— A rima, que te enléva, e que assim gabas,
— Quando achada, depois de mil torturas,
— Fêz perder ao Poéta um pensamento,
— De máis valor, que cem milhões de rimas;
— Deslavou toda a côr, mareou o brilho
— Do vérso, que ia enérgico sem ella.
— Como rompe da Aurora o alégre carro,
— Trazendo a Luz, que as terras allumia,
— Vinha rompendo na alma do Poéta
— Uma ficção mui guápa, mui luzida....
— Eis que emperrada a sarrazina rima
— Deita á ficção um véo de esquécimento,
— Que chupa, que desbóta, que desmancha
— A pôlpa, a côr, o fio bem traçado,
— Dá com tudo a travéz, ou já des-médra,
— Que é mórte-côr, o que era imagem viva.
— Bem foi de cértos Môços a ufania
— Tangêr com garbo, no pandeiro Délphico,
— As soálhas dos *ados*, *idos*, *osos*,
— Cuidando tantas lanças metter na Africa
— Do Pindo, quantas rimas garganteavão.
— Mas luzio-lhe a Razão, quando maduros;
— Sentírão que *o tim-tim* dos consoantes,

long since our best english tragedies; as a thing of itself, to all judicious ears, trivial, and of no true musical delight: which consists only in apt members, fit quantity of syllabes, and the sense variously drawn out from one verse into another; not in the jingliug sound of like endings; a fault avoided by the learned ancients, both in poetry, and all good oratory. This neglect then of rhyme so little is to be taken for a defect (though it may seem so perhaps to vulgar readers) that it rather is to be esteem'd an exemple set, the first in english, of ancient liberty recover'd to heroic poem from the troublesome, and modern bondage of rhyming.

— Em vêz de modular, fazião grulha,
— Contra as leis do bom gôsto; e os proscrevêrão. (1)
— Para a Razão quadrar c'o consoante,
— Era fôrça estirar o pensamento;
— E o que n'um vérso cabe, sem apêrto,
— Tóma lugar sobêjo em dous; que a Rima
— É d'esse desperdicio a causadora.
— Sentîrão, que era fôrça pôr inúteis
— Epîthetos, pôr cunhas, e máis cunhas,
— Para dar do repique as badaladas,
— No métrico-sonante campanário.
— Não vi eu tal Poéta consoanteiro
— Arrumar o enxadrêz de *inos, e anos*
— Antes que lhe apontasse o pensamento,
— Com que havia de encher as casas vagas
— Do taboleiro seu? — Não vi por isso
— O soneto sahir tal e que jando;
— Por ser, para o Patáo metrificante,
— A rima tudo, e o pensamento nada?
— O pesado grilhão do consoante
— Arrastra as azas do Éstro sempre altivo;
— E québra o soffrimento, c'o aturado
— Cavar da rima; embóta-lhe a agudêza,
— Com que penétra no âmago do assumpto;
— Destrúe a idéia, se não trouxe rima,
— Quando nasceo, ou não achou Padrinho,
— Que, ao bautismo, lh'a désse; e encaixa-lhe outra
— Idéia, em seu lugar, sem-saborona,
— Mui somenos, que lhe abortou rimada.
— Razão, que só bastára a bons juîzos

---

(1) Il vero paragone di un Poeta pare esser dovessero i versi puri e spogliati dalla maschera della rima.

Maffei, lettera sopra la Meropa.

— Para a Rîma enterrar no esquécimento :
— Que se confórme fôra da Poësîa
— A' Natureza a Rima, a Natureza
— A déra a Grêgos, e Latinos, quando
— Lhes deo benigna o métro harmonioso. —
« Mas (me direis) os Grêgos, e os Latinos
» Tinhão os espondêos, tinhão os dáctylos,
» Com que a seus vérsos davão formosura. »

— Quem vos tólhe (digo eu) dar-lhes, como elles,
— Medindo, e modulando o rythmo vosso,
— Igual canto, ou divérso no concêrto,
— Tão mimoso aos ouvidos, que bem valha,
— Sem rima, o canto Grêgo, ou já Latino ?
— Não deo a Italia canto harmonioso,
— Sem soccôrro de ensôssos consoantes ?
— Não o deo a Castella ? e nós, os Lusos
— Não cantámos tambem sem essa rima ?
— Inda o Milton, na sibilante lingua
— Da Britanna Albion, não deo Poêma,
— Em branco vérso, que ganhou renome,
— Nas nações eruditas désta Europa,
— Ao seu Auto[illegible] á Pátria ? Lêde, Lêde. —

Deixo já de fallar (tempo perdido !)
C'o tal Peralta, que me cansão néscios. —
Eis me vem abafar os sons da c'réla
Minha gôrda Pachorra, amiga vélha,
E c'um tal segredinho, que me embórca
Nos attentos ouvidos, me dá parte
Da matreira intenção, porque esses Bichos
Pela patrôa Rima tanto punem.
Sabei, que esta os defeitos lhes disfarça

Co' a zanga (1) tonadilha: que sem ella,
A' vergonha do mundo apparecêrão:
E que o valente, e puro vérso sôlto,
De que Milton usou, usárão Mestres
Na arte de poëtar destros pintores
Péde vasto saber, péde mestrîa
Na erudição da lingua, a fim que as vózes
Escolhidas com arte a luz espalhem
Na teia da ficção; essa é a causa
Porque no seu *Perdido Paraíso*,
Usa hypérbatos, usa latinismos,
Usa palavras, usa antigas phrases
(Que Addison (2) tanto louva em seu estylo)
Por esviar-se da commum loquéla,
Armazem dos pedantes consoanteiros.
Sim; que com sizo crêo, que a pêcca rima
Nunca appósito foi frisante, e guápo
Para ornar Poësîas de árduo empenho;
Mas sómente ouropél, que a triviáes tróvas
Dê guapice, com falsos luze-luzes;
Ou muléta, que ajude os aleijados
Versinhos de má morte — Uso, e máo uso
Lhes deo vóga; e correntes, e moentes
Tégóra os deixou ir por esse mundo,
Para empecilho serem, serem sécca
Do genuino Vate. O Inglez Homéro
Jámáis imaginou, que desinencias
Tão sem-sabôres fossem harmonîas,
Que mimosos ouvidos deleitassem.
Sentîa muito bem, que a quantidade

(1) Chamão os Hollandezes *Zanga* o que nós chamamos modinhas, e os Francezes *air*.

(2) Remarks, art. Venice.

Das syllabas, saber bem alterná-las,
(Como as falsas, e cônsonas, na música)
Variá-las n'um vérso, e n'outro vérso,
É quem dá boa música á poësîa.
Tanto máis, que antes que elle, o tinhão feito
Peritos Hespanhóes, e Italianos,
Tornando á antiga liberdade as Musas,
Sôlto, o poêma heroico, dos cêpos.
Dêmos, que Homéro, vindo dos Elysios,
Désse cá vólta ao mundo, curioso
De saber como cantão cá os Cysnes
Descendentes de Gôdos, e Sicambros;
Dêmos, que encontre cérta mulherinha,
Que faz beicinho a vérsos não-rimados. —
Como lhe vêjo arcar a sobrancelha,
Olhar por cima do hombro, e com desprêzo
Dizer-lhe: « Tôla! E quem te deo licença
» De fallar, ante mim, da poësîa?
» Cuidas, que é ser poéta, a fraca indústria
» De marchetar com rimas pêcca prósa?
» Péga na agulha, os trapos arremenda
» De teu Marido, e as cuzinháes rodilhas.
» Deixa os vérsos a quem no sp'rito ferve
» Éstro ardente, um Ingenho alto, e facundo,
» Que com sublimes sons enléva as almas,
» Debuxa ao vivo, e as côres do conceito
» Re-luz no coração, na idéia cala,
» Onde abraze, estremêça, onde lastime.
» Táes são da poësîa os dons valiosos;
» Táes, se soubéras lêr-me, em mim os vîras,
» Em Pîndaro, em Virgîlio, e Horacio os vîras,
» Não rimas, e iguáes drógas — atavîos
» Lidados, mal-assentes, e enojosos.

» Mil consoanteiros tômos delambidos
» De Académicas tróvas serão lixo ,
» Se concorrem c'uma Ode , onde rutilem
» Os dótes da facundia ousada , e nóbre ,
» Os rasgos do pincél , raiando vida ,
» Acção , affeitos , em seu bréve quadro.....
Mais ĭa por diante. — Eis que repara
Que , com a bôcca abérta , a Philaminta
Ouvia tudo , e nada comprendia. —
Vai ter com quem o entenda , e deixa a vélha.
E nós deixêmos lá o Homéro , amigos ;
Fallêmos entre nós no nosso assumpto.
Reflecti sem paixão na traquinada
Do ajoujado zam-zam dos consoantes ,
(Traquinada pueril) e acharêis cérto ,
Que o que nelles disfarça o absurdo , é o uso
Em que estáes de os ouvir : que assim não férem
Os ouvidos da antiga vizinhança ,
Do ferrador os mazorráes martéllos.
Ponde ante os ólhos sempre este axioma ,
Que Éstro é quem faz bons vérsos , não a rima : (1)
Que esta os vérsos tão pouco afformoseâ,
Que antes lhes é ridículo flagéllo ;
E que é um frenezî disparatado
Teimar contra a razão , que a desappróva ,
Contra o bom Gôsto , e sancta Antiquidade ,

---

(1) Ce qui fait la poésie c'est la vivacité de la fiction , la magnificence des figures , la hardiesse des inversions , la beauté et la variété des images ; c'est l'enthousiasme , le feu , l'impétuosité , la force , je ne sais quel tour de pensées et d'expressions que la nature seule peut donner.

Sanadon.

Que nunca conheceo táes consoantes,
E que, se os conhecêra, os apupára.
Um crime (e esse é bem grave!) bastaria
Para a perpétuo exilio enviar a rima (1):
O enôjo que ella dá a eximios Vates,
E a taréfa de atá-la ao pensamento.
Vêde Corneille, tão difluso ás vêzes,
Tão enleiado em declarar a idéia,
Que hardido (2) concebeo com éstro activo,
Quando encostado aos máis divinos quadros,
Lhes reverbéra a côr nos seus poêmas.
Quem foi ré d'esse enleio? Foi-o a rima. (3)
Dize-me, Apollo, que conceito fazes
Disto, que chamão rima uns mélquetréfes,
Uns biltres, umas cértas sabichonas,
Regateiras de tróvas burdalengas,
Que ignorantes da sólida poësîa,

---

(1) La rime rend souvent Corneille diffus, embarrassé, inintelligible; elle gâte plusieurs morceaux pleins de verve et d'élévation.

MERCIER.

(2) Não sei porque motivo os nossos clássicos, que tomárão a palavra *hardido* dos Francezes, lhe não conservárão o *h* em lembrança da etymologìa.

(3) La rimaillerie ne passe point de mode; les cafés sont des endroits contagieux, où des poétereaux s'entichent réciproquement de cette puérilité. Il n'y a rien ensuite de plus ridicule, que la manière dont le Mercure annonce un concours académique. Le plat phrasier, au sujet de quelque rimaillerie, parle de la Grèce, des Jeux Olympiques, de la couronne flottante; et des Mirmidons s'imaginent bonnement qu'une médaille est de la gloire, et voilà leur cerveau gâté pour une majeure portion de leur vie. On ne voit que des rimailleurs qui s'entre-dévorent pour des hémistiches. Rien de plus dangereux que ces prix de

Do celéste fallar, do arrebatado
Vôo, que enfia o Éstro (desdenhando
Preceitos de grammáticos magriços,
De Autores de poéticas, que nunca
Virão a luz de teus potentes raios)
Vai beber, no congresso dos celîcolas,
As lições da virtude, os sãos louvores

---

poésie. Le gouvernement devrait les interdire. La moitié des jeunes gens fainéantisent, en disant qu'ils travaillent pour l'Académie.

Tous nos Poètes regardent la rime comme partie intégrante de la poésie ; elle en est le ridicule et le fléau. Il est devenu impossible d'enfanter un long ouvrage, sans se briser sur l'écueil.

Cette rime tyrannique, cette ritournelle de consonances, ce tintement puéril, font perdre à la langue sa netteté, sa précision et sa flexibilité même. Cette coupe gênante étrangle la pensée, et par là le style devient uniforme et haché. Nulle rondeur, nulle plénitude, nulle majesté. La prose la plus commune a un caractère plus libre, et plaît d'avantage à tout homme sensé. Il faut être maniaque, ou Voltaire, pour faire des vers français après vingt-huit ans, lorsqu'ils sont si peu lus.

Je pleins fort cette foule de jeunes gens qui s'adonnent à la rime; ils négligent tout le reste pour posséder leur *Richelet ;* ils veulent mettre en vers tous les Poètes anciens : ce qui annonce d'abord un défaut de jugement. Ils se tourmentent en pure perte. Plein de compassion pour les tortures qu'ils éprouvent, j'admire en pitié leurs peines infructueuses.

Nos voisins se sont dérobés à ce joug barbare, que nous nous sommes stupidement imposé ; et la poésie a commencé à naître parmi eux.

Il me semblerait bien digne du siècle présent, de secouer le joug de la rime. Nos chefs-d'œuvres dramatiques me paraissent gâtés par ce faux agrément, que l'habitude soutient encore, tandis que nous gagnerions beaucoup à être affranchis de cette insupportable monotonie.

Dos Heróes, que orna o Vate com seu Canto. (1)
Dize; e não me encarêças a resposta,
Que quéro um piparote dar, com ella,
A cérto Bonzo, a cérta Bruxa tonta, (2)
Rebutalho do Pégaso enjoádo.
Bruxa, que inchada, ao ver-se arrumadora
D'umas régras compridas, e outras curtas,
Em que, como atafáes de arrieiro nôvo,
Entrançou ella alagartadas rimas,
Nos quér des-bautizar, do nome Délphico,

Les ouvrages en vers ont beau trébucher les uns sur les autres, preuve frappante du dégoût universel, la satiété ne corrige point les malheureux rimeurs; ils s'obstinent à mettre en vers alexandrins, lourds et pesans, Thompson, Zacharie, Télémaque, Gesner, Buffon, et puis ils appellent poème un salmigondis poétique, qui donne à tout un public une indigestion de vers pour dix années.

On n'imagine pas combien la rime coûte à la pensée, même dans nos plus grands poètes. On conçoit dans une pièce de théâtre un sentiment profond; on ne trouve pas de rime: il s'en présente une qui n'exprime qu'une idée ordinaire. On s'y refuse d'abord; on s'échauffe la tête pour allonger, racourcir, tourner, retourner sa phrase; on torture son cerveau: l'inflexible langue ne présente aucun tour que la rebelle rime ne répudie. Celle qui s'ajuste au trait léger, est employée; et le personnage, qui allait avoir une physionomie burinée, n'offrira qu'une figure sans caractère.

MERCIER.

(1) Et centum potiore signis,
Munere donat.

HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 6.

(2) Mécontente de ramper au bas de l'Hélicon, elle décoche des flèches émoussées contre ceux qui en occupent la cime.

Lettre sur les œuvres et la vie du Chiabrera.

Quantos nos vérsos o zam-zam desprezão,
Quantos sabem ser vérsos, e bons vérsos,
Os que cantárão Grêgos e Latinos,
E nas linguas modérnas mil poêmas,
Que essa párvoa não leo, ou não entende.
Nem para ouvidos táes, de lição baldos,
Poetárão tão înclytos Ingenhos....,
Mas largando îa eu máis rédea aos chascos;
Que tem largas ensanchas este assumpto....
(D'outro gólpe virá, se não vem d'este.)
Quando. — Eis me atalha um ronco strepitoso,
Com que se ábre a parêde, ao réz da banca,
Em que, por des-fastîo, escrevo a miúdo
As tróvas, que aqui vendo para ajuda
De comprar pão, feijões, e ás vêzes carne,
Nos dias domingueiros; e — oh prodigio!
Eis que rôta (1) despéde um braço nû,
C'um bilhêtte na mão, e em Grêga nóta.
Foi gran ventura achar-se á minha ilharga,
N'outro lado da banca, estudioso
Escrevendo stenógraphas rabiscas,
O pacato Pinheiro (2), que lê Grêgo.
Elle me accorçoou, e deo sentido
A's greguices do escripto, as quáes rezavão:
« Ao vir ao mundo o Filho d'uma Virgem,
» Todo o Nume até então Orac'li-parla
» Perdeo a vóz: Etérno cadeado
» Lhes pôz o Deos Menino, que não gósta
» De gente, que dá muito á taraméla.

(1) A parêde, e não a banca. Entendâmo-nos.

(2) O Senhor Professor da Universidade Silvestre Pinheiro.

» Mas, como não tolheo a nóta escripta,
» E como sei, d'ha muito, que és mimoso
» Das nóve Raparigas do Parnasso,
» Espéra um pouco, em quanto aquì te arrumo,
» N'outro papél, um conto acontecido
» Nos fraldas desta bìfida montanha. »
Em quanto espéro, tiro de algibeira
O lenço, e lógo a caixa de tabáco,
Res ólgo uma pitada retumbante,
E aguardo-lhe a resposta pachorrento,
Commentando o succésso, c'o Pinheiro.
Ei-lo, que tórna o mensageiro braço,
Ei-lo o Pinheiro, que traduz, do Grêgo,
O promettido conto, e assim dizia:
« Quando Virgilio, á beira do Permésso (1)
» Ouvio fallar de *rima, e consoante*,
» E que ninguem sem rima ousava agóra
» Cantar Hymnos, fallar em seus amores,
» Nem Baccho saudar n'um Dithyrambo;
» Franzio lógo o nariz, e deo aos hombros,
» Com desprêzo de quem de tal usava. »
— Que pîfia poësìa! — « Eis se despéde
» Menencório no rôsto, e vai-se em busca
» De Horacio, e de Catullo, a quem reconta
» Assim o seu enôjo. » — Vóssès sabem

---

(1) Segundo a antiga crença dos Grêgos, e Romanos, no Elysio achavão os bem-aventurados dessa Religião, tudo o que lhes podia contentar o ânimo; alli se exercitavão nas artes, a que se tinhão dado, em vida: os Atridas vião nova Tróia, Édipo nova Sphinge, etc. etc. Leião o 6°. livro da Eneida, e acharão a próva do que digo. Óra que muito é que Homéro, que Virgilio encontrassem por lá nova Agannipe, nôvo Pindo, nôvo Permésso, e outras cousinhas máis?

— Que dróga é *consoante ?* Ou tem ouvido
— D'esses, que déscem do canóro monte,
— Do concelho das Musas, que manîa
— Prendeo néssas Muchachas, para urdirem
— Tal zigue-zague em mélicos lavores?
— Sem esses perendengues farfalhudos
— Não erão nossos vérsos, e os dos Grêgos
— Bem lidos, bem prezados? E inda agóra
— Os genuînos Vates não se illustrão
— Co' a nossa imitação? Ou por ventura
— Cuidão esses Patáos, que a aguada rima
— Lhes dá a graça, que aos nossos vérsos falta?
— Como são néscios! Que não stá na rima
— A Délphica donósa formosura;
— Na ficção nóva stá, e na urdidura,
— Na valentîa, e côres do phraseado,
— Na gala da allusão, no ousado trópo,
— Ousado, mas pedido, mas frizante,
— Que regale, que enlévê, ouvido, ou lido. (1)
— Dêm-lhe alma, dêm-lhe rôsto ao pensamento,
— Que elle singélo em seu formoso asseio (2),
— Rejeitará mal-postas maravalhas.

---

(1) La parole animée par les vives images, par les grandes figures, par le transport des passions, et par le charme de l'harmonie, fut nommée le langage des dieux.. La rime ne nous donne que l'uniformité des finales, qui est ennuyeuse, et qu'on évite dans la prose, tant elle est loin de flatter l'oreille. Cette répétition de syllabes finales lasse même dans les grands vers héroïques... La rime est plus difficile elle seule que toutes leurs règles ensemble.

Fénélon, lettre sur l'éloquence.

(2) *Simplex munditiis.*

Hor., lib. 1, od. 5.

— E eu, d'antemão, bem firme lhes seguro,
— Que quem lhe ouvir seus vérsos, mal attente
— Se trazem guizo, ou não, de consoante. —
« Acho, que tens razão (lhe diz Horacio)
» Mas tambem acho, que com-nôsco pérdes
» Tuá eloquente-apóstola parlenda.
» Razões disséste lá, que nós na ponta
» Da lingua temos, como tu, sabidas;
» Que, por sabê-las bem, bem praticá-las,
» Com deleite são lidos nossos vérsos,
» E de cór os memóra quem bem sabe.
» Mas dessa, com que vens seccar-nos, rima,
» Não sei máis novas, que da vélha Sérpe. (1)
» Aqui pérto, neste âmbito de murtas,
» Ouvimos conversar Chiabrera, e Tasso:
» Máis modernos que nós, talvêz que indiquem
» Alguma luz, que te esclarêça o ponto. »
— Bons dias, meus amigos (diz Catullo
Entrando o myrtheo cêrco) Que tal córre,
— Cá pelo sitio, a vêia Caballina?
— Ha por hi nóvas Odes altaneiras,
— Que o Carro a Phébo, a Jóve o Raio roubão,
— A Vénus a Cintura, o Nó ás Graças? (2)

---

(1) Não estranhem fallar Horacio na Sérpe, que enfeitava a nossa procissão do corpo de Deos, nas éras atrazadas, como agóra a enfeitão os cavallinhos de S. Jorge; que muito natural é aos que vivem no outro mundo cubiçar nóvas cá d'este nosso; e Horacio que era curioso — *curiosa felicitas* — perguntaria bem quanto por cá passa, aos poétas que morrêrão no tempo da Sérpe e do Drago; e talvêz que ácêrca da Sérpe, esteja elle hôje melhor informado que nós.

(2) Seguesque nodum solvere Gratiæ.

Hor. *Lib.* 3, *Od.* 21.

— Ha poêmas de altisona escriptura ?
— Nóva Argos , nôvo Typhis sulcão mares ,
— Estranhados das vélas atrevidas ?.....
— Mas não — Vimos os tres de rêxa vélha
— Saber de vós , que Bicho , ou que Aventesma
— Seja o que chamão *rima* , e qual influxo ,
— Ou qual préstimo tenha. O bom Virgilio ,
— Só de ouvir fallar nella , por acaso ,
— Todo se estramunhou , depréssa veio
— Tirar de nós , do enigma a quinta essencia ;
— Mas nós , que estamos tão patinhos que elle
— No caso , que a pedrinha no sapato
— Lhe deitou , aqui vimos que desates ,
— Mui *tim tim* por *tim tim* o nó da cousa. —
« Não direi o que é *rima* (acóde o Tasso)
» Que enfadou-me ella muito , e quiz lançá-la
» A' margem , como mula des-serviça.
» Bem o sabe o Chiabrera. » — Sim (diz este)
— Mas eu t'a explicarei , sem ser diffuso : (1)
— Sem que por tanto cuides que eu a estimo ;
— Antes sou da opinião do amigo Tasso.
— A rima é um cascavél , que os Trovadores (2)

---

(1) Quanto a me *manet alta mente repostum*, che con terze, ottave rime ; o con altra maniera obligata , non si possa fare narrazione poetica , con somma dignità ; e però io propongo a V. S. di esaminare questo articolo , e la consiglio a poetare in versi sciolti : e lealmente affermo , che Torquato-Tasso mi disse voler fare um poema in verso sciolto , non si soddisfacendo dell' ottave. La poesia eroica finora è imperfetta , cerchisi dunque di ridurla a perfezione ; ed una delle cagione , onde ella si fa imperfetta è , non le dare il verso vero.

Vita di Gabriello Chiabrera.

(2) *Vid. Encyclopédie mot* Troubadours.

— Punhão na cauda a cérta prósa insulsa.
— Ignorantes do vérso harmonioso,
— E pés cadentes dos poêmas vossos;
— (Como a quem negou Phébo o dom celéste,)
— Capúcharão discantes enfézádos,
— Fundados (quem o sabe) n'uns táes vérsos
— *Leoninos* chamados, porque davão,
— Co' a desinencia, estállos nas ilhargas, (1)
— Como faz o Leão, quando co' a cauda
— Açouta os dous quadrîs para assanhar-se. (2)
— Aos homens e mulhéres dessa quadra,
— Meio-broncos, ou stúpidos guerreiros,
— Lhes toou mui-gaiteîra a chocalhada
— Dâ rima, e lhes fêz eccho, no ouco da alma;
— Como o som dos badalos das garridas,
— Como o som da tremônha dos Moînhos,
— E o som da nóra, na calmosa sésta,
— Como o som dos chocolhos da *manada*,
— E outros mil de monótona *toáda*.
— Ouviste este *ada, ada?* pois é rima:
— Que a fiz sem o querer. Que gôsto lhe achas,
— (Catullo)— « *Que enjóo! Que bestial sem-saboría.*»
— Como tu, Horacio, nos ouvidos tôscos,
— Nem tu, Catullo, brécha abrir podéras,
— Podérão bem entrar nelles a frôxo
— As verdoengas tróvas colleiradas
— C'o chocalho da rima *zanga-zanga*.

---

(1) Os únicos vérsos Leoninos, que agóra me lembrão, são estes táes e quáes:

Brixia vestratis merdosa volumina vatis,
Non sunt nostrates tergere digna nates.

(2) *Vid. Histor. naturel de Buffon.*

— Depois viémos nós, a quem foi cargo (1)
— Ornar de guizos a theórba nossa,
— E pôr negaça a gôstos corrompidos,
— Para os colhêr na rêde, e doutriná-los (2)
— Na schóla das virtudes, e altos feitos.
— Este é todo o mysterio, e o máis é pulha. —
« Mas, meu Chiabrera (o Tasso lhe replica)
» Não dizes tudo. Dize, que eu zangado
» Co' a rima, quiz compor em vérso sôlto;
» Que ordinario clamei, que a consonancia
» Da rima é dissonancia do bom senso.
» Que se é por grão Poéta celebrado
» Pelo vulgo, e por sabichões da móda,
» Vencedor de barrancos consoanteiros
» E voltcador de córda mui famoso,
» Quem tróca os pés com graça, e quem ufano
» Quiz ostentar instincto, e paciencia,
» Apperreado á rima, e leis modérnas
» De métro, nunca em Grécia, ou Roma usadas,
» Um Achróstico máo, um bem suado
» Máo labyrintho o páreo ganharião,
» Em concurso c'uma Ode a máis formosa,
» A' qual faltasse a fúfia tranquitana. (3)

---

(1) . . . . Usque adeo de fonte leporum
Surgit amari aliquid, quod in ipsis floribus angat.

(2) Lectorem delectando, pariter que monendo.

HORAT. *de Art.*

(3) La rime gêne plus qu'elle n'orne les vers; elle les charge d'épithètes, elle rend souvent la diction forcée, et pleine d'une vaine parure; en allongeant les discours elle les affaiblit. Souvent on a recours à un vers inutile pour en amener un bon.

Le même FÉNÉLON.

» Pois vai Philosophìa cerceando
» A escravidão feudal, os desafîos,
» Des-medrêmos tambem os altos cantos
» Do captiveiro do insensato emprêgo,
» De andar ao faro da fugiente rima,
» Qual podengo a perdiz afforoando.
» Cortêmos-lhe esses feios barambazes
» Dos consoantes, que nas mesmas éras,
» A litteraria Europa accomettêrão,
» C'os duéllos, de rondão; ferropeando,
» Qual escrava, a Poësìa, que libérta,
» Desde o seu nascimento, campeára,
» Não soffrendo máis leis, que as leis suáves,
» Que lhe dictou, com gôsto, a Natureza.
» Québrem-se quantas pêas, quantos laços
» Nos pés, nas mãos das Musas tão-senhoras,
» Escoimados grammáticos atárão.
» Passeiem, côrrão, vôem as Camênas,
» Sôltas, e airosas (1), ostentando ao mundo,

(1) La vérité est, dit le chevalier Temple, qu'il y a quelque chose de trop libre dans le génie de la poésie, pour être gêné et resserré par tant de règles; tout homme qui voudra manier son sujet, selon toute l'exactitude et la sévérité de ces règles, lui fera perdre infailliblement cet esprit et cet agrément, qui sont purement naturels, et qu'on ne peut jamais apprendre des meilleurs maîtres; comme si, pour faire d'excellent miel, on venait à rogner les ailes des abeilles, et les réduire à se tenir dans leurs ruches, ou à ne s'en écarter que peu, et qu'on mît devant elles les fleurs qu'on jugerait être les plus douces, afin qu'elles en tirassent la substance ou la vertu la plus pure, après leur avoir ôté l'aiguillon et en avoir fait de véritables bourdons. Les abeilles veulent la liberté de s'étendre dans la campagne, aussi bien que dans les jardins, et de choisir elles-mêmes les fleurs qui leur plaisent, et qu'elles savent

» O'ra o rápido tiro de seu vôo ,
» O'ra o brio dos passos mesurados. »
— Eu sempre ri de mim (tórna o Chiabrera)
— Quando arrumei no vérso os consoantinhos :
— Fiz-me comparação c'o fogueteiro ,
— Que arruma no cannudo os ingredientes ,
— E os estouros, que hão-de atroar os ares,
— C'o rompante foguête de respostas. —
« Que frizante que vem o teu apódo !
(Diz d'um canto o Garção , que solapado
Tinha ouvido a convérsa.) « Eu assim sempre
» Que ouvi stróphes Pindáricas do Pina
» Ou Soneto , á Tarouca, do Vahîa , (1)
» Bem campanudo , bem acconsoantado ,
» Por bem fogueteada noite o tinha
» Em arraial bizarro , onde se esméra
» Cìrio de Nazareth , ou da Atalaia.
» Vóssês não vîrão tal. — Perdêrão muito.

---

distinguer par leurs propriétés et leurs odeurs. Elles aiment à travailler dans leurs petites cellules avec une adresse admirable; elles font l'extrait de leur miel avec un travail sans relâche , et elles le séparent de la cire par de petites cloisons si bien concertées, qu'il n'appartient qu'à elles seules de le faire et d'en pouvoir juger.

(1) Lá me ficárão em Lisboa bastantes stróphes do Pina , e d'outros , que merecião bem tomar aqui assento, mas porei sómente un Soneto de Fr. Jeronimo Vahîa , que inda conservo na memoria , e diz assim.

SONETO,

DE FREI JERONIMO VAHIA

A UM GIRASOL.

Amante Girasol, A'guia das flôres,
Que com *vista* de *bronze*, em ólhos de ouro
Cantas no louro Deos, no Deos do louro,
Iguáes à suas luzes teus ardores:

Tu, que finezas mil, e mil rigores,
Mostras sem prémio, e véstes sem desdouro,
Pállido pelo amor, pelo sól louro,
Côres do teu amor, do teu sól côres:

Tambem pállido sou, tambem amante,
Um sól amo tambem, pois amo Estélla,
E *se fóges velóz*, sigo constante.

Mas eu te venço a ti, vence ao sól Ella,
Pois tu no amor pygmêo, eu sou gigante,
E Estélla é sól na luz, e o sól estrêlla.

VIVA.

A

APOLOGIA

das OBRAS novamente publicadas por FRANCISCO MANOEL em Parîs.

Ode, que quiz ser Ode, e quiz ser Sátyra, e parou em cousinha desenxabida : quiz soltar canto de Cysne, e destampou em grasnido de marréco.

TEMPÉRE a Lyra em tom alti-sonante,
Com sobêrbo furor as córdas fira;
Do celebrado Pindo,
Veja sôbre elle os raios vir cahindo : (1)

Invóque as Musas, chame a seu soccôrro,
Grandes idéias (2) dos Heróes antigos;
Do poético fôgo illuminado (3),
Mande ao Céo seu espîrito elevado. (4)

---

(1) Que bellos commentarios se podião fazer, sobre estes *raios do Pindo que vem cahindo.*

(2) Que me dizem das *idéias dos Héróes ?*

(3) Não lhe lembrou á vélha tonta, que na primeira strophe o terceiro vérso que lá pôz, era vérso curto.

(4) Se o Poéta manda ao Céo o spîrito elevado fica bêsta, ou (quando muito), côrpo sem alma.

Busque no antigo Grêgo, ou no Romano,
Não desprezando o Venusino Horacio, (1)
Um venturoso exemplo,
Que seguir possa da Memória ao templo.

Ornada conte fabulosa Historia,
Conte da Pátria os casos já sabidos. (2)
Mas seja por tal modo (3)
Que possa comprehendê-lo o mundo todo. (4)

Como habil pintor em quadro breve
Um todo faça de diversas partes, (5)
Nas côres, na expressão, e no desenho (6)
Móstre feliz o Creador ingenho.

Deixe de parte pompa apparatosa
De palavras, que muitos não conhecem (7)
Que se louvor pretende,
Só o terá de quem o não entende. (8)

---

(1) Dá a entender a tal arrumadora de consoantes que Horacio era Venusino, e não Romano.

(2) Se são *sabidos*, para que os ha-de contar ?

(3) Que elegancia ! Que atrevida, e poética expressão !

(4) Menos que não tenha o dom dos Apóstolos. — *Audiebat unusquisque linguâ sua illos loquentes*, não sei como possa o mundo todo comprehendê-lo.

(5) Mas de que partes ? Partes sei eu, que serião bem do agrado da tal vélha ; mas é vélha, e como tal « adeos Luzes, que se apagão as candêas ».

(6) Este vérso desmandou-se da bitóla dos outros Irmãos terceiros ; não quiz ser tão acanhado. Estes são os únicos delirios da tal ode por alcunha.

(7) Tão asnos são, que o dizem.

(8) Como é bêsta a tal vélhôrra ! Cuida ella que os Lentes,

Julgue-se emfim no Olympo luminoso;
Já pelas mãos da Fama coroado,
Quando, para cobrir mil disparates, (1)
O estylo imita dos obscuros vates. (2)

Das sibyllas os tempos já passárão: (3)
Não illudem phantásticas idéias; (4)
Inda que simples seja a Natureza (5)
Vem em si mesma sólida belleza. (6)

Se quéres pois (comtigo agóra fallo),
Armazem novo de rebusco antigo, (7)

---

e outros homens doutos que comprão as obras de Filinto, que escrevem a Parìs para que lhes mandem quanto poderem haver delle, são tão ignorantes como ella!

(1) Tambem este passou das marcas.

(2) Tão obscuro é Camões, Ferreira, Bernardes, Garção, Diniz? Leia-os a tòla presumida, e lá achará as palavras, que são a pedra de scândalo para todo o batte-orêlha do Parnasso. Nas não tarda quem vem. Lá se imprime em Parìs um papelinho, que põe á viola a tal Philaminta, e outros máis consoanteiros como ella.

(3) Não passárão; que ainda cá temos uma Sibylla, que sem ser tão propheta como ellas, as representa na idade, e no dar á taraméla.

(4) *Idéias de phantasma* bem pódem ser as suas, quando ella sáhe á noite vestida de branco.

(5) Philaminta, que ingenhou esta mixórdia, ou o Bonzo, que lh'a emendou, tão atassalhados andavão de invéjas, que a cada passo lhes esquécia a craveira, com que medião os pontos ás stróphes.

(6) Que quiz ella dizer com o seu *vem em si*?

(7) Este versinho estou bem cérto que lhe deo no gôtto. Ora com effeito elle é como o *quoiqu'on die* da comédia *des Femmes Savantes*, e eu direi com Belisa:

Il vaut toute une pièce.

Seguir sábio conselho ,
Para nada não faças apparêlho. (1)

Falla como fallárão teus passados ,
E se Poéta és , ajunta a rima ; (2)
Porêm eu , que de ti penso o contrario
Conselho-te a fazer (3) um Diccionário.

Se os ólhos não cantares de Marfisa
E as térnas graças em *suáve vérso* , (4)
Talvêz que possas com melhór effeito (5)
Adequirir (6) máis fama , e máis proveito.

Il est vrai qu'il dit plus de choses qu'il n'est gros.

Act. 3 , *scèn.* 2.

(1) *Fazer apparêlho é* novo. Creio que quiz dizer espalhafato ; mas o diabo de consoante lhe pôz embargos.

(2) A resposta a este vérso já a mandei buscar a Paris , e lá a mando , apenas se acabe de imprimir.

(3) *Conselho-te a fazer* nunca foi portuguez.

(4) *Suáve vérso* não é vérso suáve.

(5) *Com melhór effeito* é cunha.

(6) Falta uma syllaba a este vérso : e a tal Philaminta que não sabe latim , pronunciou *adequirir* , e cuidou encher o vérso ; e o Bonzo , que lhos emendou , não sabìa máis ortographìa que ella.

Eu não sei fazer crîticas anónymas. A quem me quizer responder , aqui ponho o meu nome , e a minha residencia.

Clemente de Oliveira e Bastos.

Boulogne-sur-Mer, vis-à-vis la Paroisse.

A VARIEDADE,

GARATUJA POÉTICA

DEDICADA

AO SENHOR H. J. B.

Il *Variare* è fonte
E de' trastulli, e degli uman piaceri.

Quando me lembro ter entrado em Mafra, (1)
N'um immenso sallão, vestido em róda,
D'alto-abaixo, de estantes ajoujadas
De enfadonhos, chyméricos delirios;
Que apenas cá, e lá, luz um Sallústio,

(1) Pois que fallo das grandezas de Mafra, não deixarei no tinteiro a grande paixão, e afinco, com que o fundador daquelle convento obrigou os Arrábidos, a deixarem o canto da capucha de que usavão nos officios divinos, e a apprenderem o cantochão á romana, que elle fundador sabìa com tanta perfeição, que corrigia os descuidos dos cantores, como muitos dos que ainda vivem presenciárão: a mim m'o affirmou assim o Cantor mór Fr Domingos do Rosario, (que era um fradalhão de maço) e tambem o Méstre do Seminario João Rodrigues Esteves. E era el-rei tão devoto (digno Páe de D. Pedro 3.) que tinha sempre na tribuna (quando se achava em Mafra) um livro de canto-chão

Entre as trévas de sábios embelêcos ,
Máis longe um Pìndaro , um Virgilio , um Tasso ,
Quasi quasi corridos de se verem
Entre bruta , e enojosa companhìa ,
Digo entre mim : « Oh quanto a melhór uso
» O bom Gôsto assentára aquî seu templo !
» Com que ancia eu não irìa requerer-lhe ,
» Que mandasse primeiro os seus Meirinhos
» Fazer penhóra nestes gróssos fardos ,
» E póstos em leilão , no Pelourinho , os
» Comprassem , por dez réis de mel-coádo ,
» As tendas , para embrulhos de alfazema ,
» Por *secula* sem fim. Então lustrando ,
» Com agua benta da Castalia pura ,
» Estas pollutas , râncidas estantes ,
» Entráras em triumpho a tomar pósse
» Da sádìa morada. Alli , comtigo ,
» Sentada em junto sólio , mui graciosa ,
» Cortejada de Agrados , de Prazêres ,
» Virìa enfeitar tudo a VARIEDADE ,
» Com leis fáceis , leis brandas , e agradaveis. »
Oh gracioso primor da Natureza ,
Attractiva , donosa Variedade ,
Que quanto airosa toccas , formosêas !

---

com a réza do dia , para cantar com os frades , e mais apurado que elles.

Hœc opera , atque hœc sunt generosi principis artes
Gaudentis fœdo peregrina ad pulpita cantu ,
Prostitui.

JUVEN. *Satyr.* 8 , *v.* 224.

Vejão os curiosos a Historia da fundação do Convento de Mafra , livro *in-folio* , muito curioso , muito explicativo , e por muitas razões mui doutrinal.

Tu, pelo Mundo infórme, bruto, e feio,
Lançaste, no principio, as riccas roupas
Do vistoso matiz variegado:
Tu és meu Nume, Nume dos que aspirão
Ao renome immortal do Des-fastìo.
O tempo, que correndo atropellado,
C'os pés arraza, ou com a fouce estraga
Os sobêrbos, fundados Monumentos,
As leis do teu Império contribue,
Co' as multìmodas faces que renova,
D'uma só que arruinou. Tudo o que agrada,
Tem na mudança, tem no vário aspécto
Fundamento aprazivel. Sem a industria
Dessa tua inventora dextra, o Mundo
De perduravel fórma, sempre o mesmo,
Cansaria o desejo, máis que a vista;
E os homens morrerîão definhados,
Máis de enôjo, que de árida (1) doença.

Ah! vem, oh deleitosa Variedade:
Acóde-me c'o teu risonho enleio,
E borrifa de agrado estas rabiscas!
Quando tu désces do celéste Côro,
Onde, com diversissimos concêrtos,
Divértes os Celìcolas ditósos,
Vem todos teus Ministros diligentes,
C'os cheios cóffres de riqueza immensa,

---

(1) A muitos Médicos bem nomeados ouvi dizer que ninguem morria sem fébre. Ora fundado nelles puz o epìtheto *árida*; porque com effeito, na minha última doença, em que estive desesperado da vida, senti que não ha cousa máis *árida* (ou sêcca) que a fébre.

C'os artìficcs vasos de elegantes
Invenções multicôres, exquisitas.
Aos teus joêlhos vês prostrados lógo,
Os Alumnos das Artes elegantes;
Clio te vem pedir festivo enfeite,
Para o vérso sublime, ou delicado,
Que na mente do Vate, seu mimoso,
Com ingenhosas mãos, traçou aguda;
E Urânia um perfumado ramilhete,
Com que dê gala, ajunte louçanîa
A complicados cálculos austéros,
Que alvo pó sinallou em nêgro mármor.

Se a tua mão viçosa não arruma
Os quadros, na opulenta galerîa
Do férvido Poéta, escravo do Éstro,
Na pomposa ficção alti-sonante, —
Com tristonhos, pesados pés, o Tédio
Vem tomar pósse da peccante obrinha,
Tóma-a nas frias mãos, a apérta, e géla;
Com desbotado accésso chega a Obrinha
Ao sôffrego Leitor, que a cada lauda,
Depára co' a incivil semsaborîa:
Bocéja, as mãos lhe affrouxão, cáhe em térra
O Livro, ou o Papél desenxabido.

Como são para vêr! como recreião
Vêrdes Campinas de felpuda rélva,
Quando as esmalta de córádas flôres
A liberal, vistosa Primavéra!
Táes são os Cantos d'um sublime Vate,
Traçados por Callîope divina,
Se vir bordá-los quéres engraçada,
C'os teus garrîdos, lúcidos matizes.

Então o Tédio, que anda sempre á l'érta
De tudo quanto o Ingenho em si revólve,
Mal vê, favónias, da venusta Deosa
A's mãos cheias, verter vîvido ornato
Nos vérsos de Garção, de Elpino, e Alfêno,
Vólta as cóstas, e os ólhos retorcendo,
Murmura, em sua dôr, raivosas pragas
Contra o Nume, que o seu Império estreita:
Vai sentar-se, escumando, em amplo throno
De dourados, não-lidos, larga-margem,
Volumes Sylvianos (1), e Cujacios, (2)
E os outros empoeirados bacamartes,
Que pêjão, com deshonra, as Livrarias.

Para ensôssas espaldas da cadeira
Das Cadaváes Exéquias (3) fêz escôlha,
Com outros livros máis amplo-stampados
Das Ceremónias da perluxa Roma.
Com cappa carmesim de tercio-pello,
Bróchas douradas de agua, está acenando
Sem-saborão encôsto, sôbre a mesa
A Henriqueida, empôlas assoprando,

---

(1) Todos sabem que na *Regia Officina Sylviana* se imprimirão os volumaços Académico-Genealógicos, e outros soporîferos alfarrábios *ejusdem furfuris*.

(2) Neste nome quiz o Autor comprehender toda a córja de máos expositores de Direito, toda a farragem de máos Casuistas, etc. que a san Philosophîa *mandavit guardare cabras, atque ire tabuam*.

Nota do Editor.

(3) Livro muito longo, muito largo, muito estampado, muito sermonado, muito versificado, etc. etc. de que se fêz presente a todas as grandes Livrarîas dos Conventos, e a fidalgos.

Soporîfero cóffre de fastìo,
Que entranha o somno, pelo cotovêlo
De quem nelle se encosta, e vai trepando
Pelo braço, pescôço, e face acima,
Té que entra nos retrêtes das pestanas.

Que direi dos profundos volumaços
De Lógica, aguçada de argumentos
Em *Bárbara*, em *Barroco*, em *Baralipton?*
Que direi eu com vózes competentes
De pontos melindrosos da Escriptura,
Tratados, discutidos, explicados,
Enucleados (1) sempre, e sempre escuros?

Junto ás parêdes, em comprido fio,
Póstos em rumas, pelas mãos do Tédio,
Os Feitos, os Sermões, Genealogìas
No pállido sallão de enôjo etérno,
Somnolentas fumaças vaporando,
Dão vágados de illusa doutorice,
A Leitores de crassa catadura.

Pelo chão (gravunhadas alcatifas),
Se estendem longas Éclogas de Albano,
Mil versinhos anões, tróvas de outeiro,

(1) Palavrinha de prêço em discurso de fidalgo Académico, e que me dá visos, pelo seu exquisito remeneio, de largos bófes engomados de preguinhas: faz-me lembrar do *Pungebat* para o arguente, e *Dispungebat* para o defendente, nas conclusões do Padre Mestre Epiphania-*vulgo*-Gradil, que prégou em Lisboa na Igreja de S. Julião, umas tardes de Quarésma compostas de cinco prosopopéias cada uma de cinco quartos de hora: houve quem lhe advertisse, que as prosopopéias erão difficeis em oratoria. Deo em resposta, que nada lhe era máis facil.

Poêmas, sem poético chorume,
Farfalhudos de Rîpios, e de Rimas,
Cabedal de Tarêlos do Parnasso!

Nas caligantes (1) fréstas, léves pendem,
Dando á lôbrega luz passage esquiva,
As cortinas de fumo d'um magriço (2),
Remendão de furtados brazões de armas,
Das muitas, que no técto, em pergaminhos,
Desenrolou o Tédio, último emplastro,
Com que amadôrra o Esp'rito máis gáiteiro.

Aqui, muito a pedir de bôcca, vinha
Dar noticia cabal de Págens, Sérvos,
De Conselheiros, Leis, Usos, Costumes
D'este Anarcha, e de seus Estados mórnos;
E eu vos contára tudo por extenso,
Se não fôra, que alguns dos que hôje vivem,
(Por modéstos, á móda do Talaya)
Não folgarão de vêr seu nome escripto
Andar ahî, por bôccas d'esse mundo.

---

(1) Fallando Juvenal d'umas janéllas tão altas, que perdia o lume dos ólhos, quem dellas olhava para a rua, lhe chama *caligantes fenestræ* na Satyra 6. Óra nós que temos janellas d'esse lóte (por culpa do senado) não temos adjectivo portuguez, que as designe: eu aquî ponho este, que me não parece despiciendo. No caso que contente, de boa vontade lho dou de graça.

(2) J. C. de F. e S. C. de V. de S. Presidente que foi de cérta Académia dos Poucos Occultos, inventou as táes cortinas, para cérto sallão de cérto bangalé de Diabos, que servia de episódio a cérto Poêma soporîfero. É pena que depois de tão recòndita invenção, nos não deixasse em memória de que laia erão destas cortinas os annéis, e os varões, de que estavão pendentes.

Agradeção-me o dó, que delles tenho :
Bem que muitos me tenhão merecido
(Por invéja , ou malévola calúmnia),
Que, a baraço , e pregão , eu os levasse
Pelas praças , e ruas litterarias.

A penna quer correr ; que é vasto o assumpto
Quando os Autores máos entrão em réstea :
Mas máis que muito , oh Musa tagarélla ,
Péde fim a longuissima carreira ;
E já me ólha jovial-malicio o Nume,
Que invoquei no rompante do Poêma. (1)
C'um tom de vóz galante , e despejado ,
Que aquî pônha o remate me aconselha ,
Se ao Tédio não quizér pagar tributo :
E apontando umas lêttras vêrde-scriptas , (2)
No campo da peanha em que preside ,
Li dous vérsos , que um douto Amigo , ha muito
(Frúctos de gôsto são , lidado estudo !)
Na affortunada Elysia me inculcava :
LONGOS VÉRSOS INFLUEM LONGO ENÔJO.
ESCARMENTA NAS ODES DO BEZÊRRA.

---

(1) A Variedade.

(2) As lêttras de ouro para inscripções são hôje tão corriqueiras já, que até nos rótulos das lóges dos Remendões as tenho visto. Justo era, que a Variedade as tomasse de outra côr, e que escolhêsse a vêrde, que é côr alégre.

A PRIMAVÉRA.

SALVE, oh Divina, oh rósea Primavéra,
Que a Térra visitar, donosa Virgem
Vens, para a cumular de beneficios!
Vem; que abhorridos, longo tempo os Campos
Esperando-te estão. Vem; que as florestas
Solitarias muito ha que te desejão.

Parecida c'os Zéphyros livianos,
Chêgas apenas, que co' a aérea planta
Vás animando os prados, que discorres.
Das pégadas te bróta, oh Mãe de flôres,
E ri, nascendo, a molle Violêta.

Mal chêgas, vem comtigo as gorgeiadas
Alvoradas dos bósques; Maio lindo
Primogénito do Anno, coroado
De fastosas grinaldas multicôres,
Te vai fazendo alégre comitiva.

Com meiga luz raiando a alégre Aurora
Debruça o dia dos erguidos montes;
Acclamada dos mattos, das Campinas,
Saúda os prados, que alma enriquecêra
Co' a renascente espiga, que se nutre
Para a anciada fouce do Ceifeiro.

Não espalha inda o Sól do meio-dia

Crestado ardor, nem fende inda o seu raio
Da Térra o seio, nem as frêscas sombras
Busca a Juvenca ainda; entre o florîdo
Trêvo, accesa em desejos, ólha, e bérra.

Possante Primavéra, remoçado
Sente o redil lanoso o teu influxo,
Pelas rélvas do arrôio alégre pula;
Com mór ruîdo as torrentes vem rodando
A despenhar-se nos umbrosos valles.

Os pastîos fecundcs se alentárão,
Os altivos Narcissos, régias Túlipas
Ouvîrão tua vóz. Já se embalanção,
Chêgão-se, ameigão-se, e por Ti creadas
Te obedecem, amando, e sendo amadas.

Diligente o Cochixo alteia o vôo
Ousado aos ares, e c'o Canto inspira
Na alma do Lavrador contentamento.
Ai! que não sente a pérfida arte humana!
A quem suáves québros não desarmão.

Ao térno Rouxinól a mágica arte
Da melodîa és tu quem lh'a ensinaste;
De ouvî-lo pasmão os auritos bósques,
Seus modulados hymnos entrão na alma,
E a preparão do Amor aos meigos tóques.

No delicado ramo do Espinheiro
Recêm-florîdo, embalançar-se deixa
Do bocêjo do Zéphyro, e lá sólta
Brilhantes sons, que lavrão na espessura.
Suspensa busca em vão vê-lo a Pastôra,
Que, a ouvir-lhe o canto, vê que o Amor o inspira.

Dás novo lustre ás faces das donzéllas ,
Que as Graças dótão de p'rigoso agrado;
Na alma dos Jóvens brótão os desejos
Vîvido nôvo ardor , que lhes ensina
A adivinhar suspiros amorosos.

Já vagar vêjo cubiçosas vistas
De tudo conquistar : vêjo ólhos prêtos ,
Que brilhão , subjugando os máis rebeldes :
Azúes lânguidos ólhos; que sem custo
Triumphão da izenção , por feiticeiros !

Na flor da idade , como o teu influxo
Deixarei de sentir ? Tua viva flamma
Me arréda da Cidade , e seu bulîcio.
Louco bulîcio ! A Ti , oh Primavéra
Busco no camponez sagrado asylo.

Vêjo-te , e em brincão bando Risos, Jócos ;
Vêjo Vénus, c'o seu maldoso Filho ;
Vêjo as Nymphas , co'as Graças meio-nûas ,
Que óra fógem dos pérfidos Cupidos ,
O'ra léves traz elles vão correndo.

Deitado á sombra de entrançadas Tîlias
Cada dia virei vêr-te, e encostar-me
Nas margens d'este arrôio , té que o somno ,
Guiado pelas mãos do Amor, me enléve ,
E me encante c'um sônho deleitoso.

Vós, que ao véro deleite dáis valîa ,
Que immoláis os prazêres da Cidade
A gôzos máis suaves , vinde ; as Térras
Primavéra fugaz curto-visita.
Gozai do bréve prazo , que ella outórga.

E vós, Môças formosas, vinde vê-las
As sombras namoradas, onde esperão,
Suspirão vossa vista Amantes meigos.
A rósea Primavéra nos invéje
Do rôsto as rósas, sejão feiticeiro prémio
Mil térnos corações a vós submissos. (1)

O ESTÎO.

Onde te fôste, oh linda Primavéra?
Que nóvas dás de ti, Celeste Môça?
Porque tão présto as terras desampar?
Muito ha, que ando no alcance dos Favonios,
Donoso bando, comitiva tua.

Talvêz (dizia) que eu no Campo a encontre,
Onde Ella, com as Nymphas, brinca, e fólga.

(1) Esta Primavéra, com as suas tres irmans, são obra traduzida por desenfado meu, e para estîmulo de nóvos Poétas. Que não sei que a lingua Portugueza lógre ainda, como as linguas estrangeiras, Poêma descriptivo das quatro Estações do Anno. Lançai-vos, até que o haja, oh Môcos de talento, á traducção de Thompson, ou de St.-Lambert. Mas considerai antes, e pesai, como diz Horacio — *quid valeant humeri*, — e depois persuadi-vos bem d'estes dous vérsos de Boileau:

Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.

Talvêz, que a nóva flor colhêr lhe agrada,
Nos esmaltados Campos; mas os Campos,
Tanto, como eu, os vêjo entristecidos.

Convidada a dansar por Dryas, Nymphas,
Não préza Ella dos Bósques o retiro,
Des-lembrada do Mundo? Ulmos sagrados,
Se m'a escondeis, entre os frondosos ramos,
Vergái os tópes, repeti seu nome.

Mas não móvem os tópes seus os Ulmos.
Nem na folhage a escondem, que sombrîa
Véste luttos, perdido o vêrde-lédo.
Rouxinól, onde está a tua Amante?
Mudo está; que o deixou a Primavéra.

Campos desamparados, e floréstas;
Comigo suspirai, gemei comigo;
Meus prantos repeti, prantos que ouvisteis.
Rosas, que vos murcháes, Rosas já mórtas,
Não terei de c'roar, comvosco, a frente.

Fugio a Primavéra; dias tristes
Vemos só, de atras nuvens enluttados.
A Terra a vio fugir; e seus sorrisos
Nos dá com mór resérva; principîa
A despir-se das roupas máis mimosas.

Já a não fecunda o matutino orvalho,
Com que o vapor suave recendia;
Nem esvoáça o Zéphyro amoroso,
Pelo esmalte dos prados florescentes,
Nem navéga nas ondas das seáras.

Chegar os Campos vîrão esse ingrato
Irmão da Primavéra, qual Monarcha

Vir andando sevéro, e majestoso,
Desejado de muitos, e bem vindo;
Mas, á vinda do Estîo, em-mudecêrão.

Tóma a Térra prazer; mas comedida,
Qual, do segundo Espôso em braços, léda
Acceita a Viúva as maritáes caricias;
Mas inda, na lembrança, lhe vislumbra
Do primeiro Marido o amante beijo.

« Que lindo, que era o seu primeiro Espôso!
Que tem de vêr, c'os seus, estes abraços?
Este, que óra me cinge, não é aquelle,
Que, primeiro, me deo tóques no peito;
Meu Bem, que toda a pósse tomou na alma. »

Assim comsigo falla; e Amor em tanto
Vai da sua saudade triumphando,
E lhe entranha o prazer. — Assim a Térra
Dos agrados do Estîo tóma gôsto,
Mas não tão vivo, como o da outra Quadra.

Estîo, Soberano formidavel,
Fêz alliança c'o Sól, que dóbra ardores,
E c'os accêsos raios abre as fendas,
Nos gróssos pastos, arde nas Campinas,
Que enverdeceo mimosa a Primavéra.

Deixão as féras os gostosos prados,
Para se ir embrenhar pélas floréstas;
Vede-as ir açodadas, sequiosas,
Cortar, correndo, os plainos ressequidos,
A se des-sedentar no frêsco arrôio.

Nos amenos vergéis lasso o rebanho
Deslembra o pasto, seu deleite outróra,

E as frèscas sombras só, calmóso busca.
Baixa a fronte, rumina o Boi tristônho;
Todo o bruto, insoffrido, a tarde espéra.

Touro, a quem ensoou o meio-dia,
Já não re-struge os valles, com mugidos;
Vê em roda estiradas as Bezêrras,
E junto dellas, sem paixão se deita,
Tardìo, como um monte, que se allúe.

Em tanto o Sól se pésa sôbre os trigos,
De todo o seu incendio abrazeado,
Na Sphéra azul lá reina solitario,
Sem que invejosos Austros o seu disco
Ousem toldar, com inimigas nuvens.

O Trigo mansamente amadurece.
Co'a mão na fouce, o Segador espéra
Impaciente; e o calor do Estivo raio
Vai, em tánto as, c'roadas de aureas flores,
Cabêças, inclinando, ressequidas.

Vem, vem, Amigo, antes que o Estìo escape;
Vem já. Verás do Campo o nôvo aspecto:
Que aquî não tem de vir azoar-te o enxame
Importuno dos fátuos, que não sentem
Quáes prazêres no Campo off'rece o Estîo.

Arma o Ceifeiro a mão: d'um talho, e d'outro
Bastas espigas cáhem; táes na Guerra
Bronzeo trovão horrendo inteiras filas
Derriba, uma apoz outra, até que os montes,
Vão medrando, dos pállidos cadáveres.

Como o Soldado alegremente brada,
Quando ensáca os despójos do inimigo;

Alégre o Lavrador rende ao Céo graças,
Verá, sem sustos assomar o Hynvérno;
Dará de rôsto á, que elle traz, penúria.

Talvez te agrade máis, Amigo, a sombra
Das árvores, que aos raios devorantes
Do Sól a entrada néguem: vem sentar-te
Comigo no vergél, que opaco frio, (1)
C'o folhudo espaldar, nos offerece.

Estes ramos curvados te convidão
C'o saboroso pêso de seus fructos.
Delicioso gôsto! Não enjeites
As dádivas amigas, que benéfica
Esta árvore, em meu nome, te appresenta.

Vês Baccho embalouçar-se nessas parras?
Fazer negaça ao Sól c'os cachos de ambar?
Que annuncios nos não dá grato, e risonho!
Já dansa, nesses bagos, a Alegria,
Que ha-de vir embeber-nos de deleites.

Vem des-negociar-te, nestas vinhas.
A's leis do coração dêmos largueza,
Até que Occidentáes escuras nuvens
A nós encaminhadas, nos avisem
Da borrasca, que máte dá no dia.

Quando a Legião das Gralhas se alevante
D'ao pé de nós, no bosque próximo a abrigar-se,
Manso deixando este campestre sîtio,
Irêmos, dos trovões accompanhados,
Que ao longe tôão, escapar á chuva.

---

(1) Frigus captabis opacum.

VIRGIL. *Ecl.* I.

O OUTONO.

Páe da abundancia, bemfeitor Outono,
Sê tambem, nos meus Cantos, celebrado.
Vejão-te os Valles, e de alégre clame
Robusto o Vinhateiro, oh *Páe do Vinho*,
Rei, nas férteis encóstas, te apregôe.

Cantei a léda Primavéra; ouvîrão-me,
Coroado de rosas, as Campinas,
Com silencio, os Poéticos louvôres.
Cantei, n'um frêsco bosque retirado,
Vorazes fógos do pujante Estîo.

Agóra a minha Musa, engrinaldando
De pâmpanos a fronte, entôa alégre
O Outono bemfeitor. Enriquecido
O Agricultor te exalta, entre o tumulto
Das dansas, e seus rústicos folgáres.

Anîma os Cantos meus, faze que espértem
Tanto Éstro na alma, como o teu sab'roso
Néctar. — O Vinho inspira Amor, e Brios,
Quando o Môço sensivel, quando Sábio
Que entende o que é prazer, regrado o bébe.

Essa térra, em que tu reinar devîas,
Qual terna Irmãa; curiosa cultivava-a
A Primavéra; e co' as mimosas flôres,

Que, com matiz donoso, acobertavão
Fecundos gômos, te annunciava a vólta.

Sahia o Camponez ao raiar da Alva
Pizando o orvalho, a abençoar as flôres,
Que a Noite fêz brotar, e ìa surrindo
A's esperanças do vindouro Outono,
Que, com ávidos ólhos, contemplava.

Ama servir-te o Estìo; amadurece
Só para ti a fructa; o Sól dourado
Para ti só, estende ao dia o curso,
Para ti manda ao ar fecundas nuvens,
D'onde as chuvas refrìgeras dimanão.

Vem em nosso favor, bizarro Outono,
Tu, que óra aos Campos vólves lédo o rôsto,
Qual lépido Mancêbo; óra embuçado
Em tristes, feios véos, pésas em nuvens,
Alagadoras de estendidos prados,

Vem, em nosso favor! bizarro Outono;
Não embuces, na nuve, a linda face,
Que meiga nos surri; traze por sócios
Os alìgeros Zéphyros amenos,
E o trovão fragoroso nos ausenta.

Deixa as tìmidas Môças, que inda habitem
Retiros, que o ardor seu folgar lhes vìrão,
Quando, com róseas c'roas, nestas relvas,
Dansavão, ou nos braços dos Mancêbos
Cahìão, para delles lhe ir fugindo.

Estas árvores, inda abobadadas,
Ao Amador feliz dar sombra pódem;

Póde, em nossos vergéis, colhêr ainda;
Máis saborosos, máis contentes fructos,
Que tu, na árvore estiva, lhe offereces.

Amor lhe dicta a escolha, quando, em mimo,
Elle os teus cólhe, para a sua Amada;
Ou se ella os foi colhêr, e lh'os presenta,
Na benéfica dextra, elle, a milhares,
Imprime gratos beijos amorosos.

Qual dia iguala os deléitosos dias,
Que enfeita para ti, oh meigo Outono,
Benigno o Sól, com branda amenidade!
Teus Zéphyros então, correndo os Campos
Se alcanção uns aos outros, e se affagão.

Já as Beldades, oh Sól, de ti não fógem;
Antes, pelos jardins, te andão buscando;
Tu lá lhes stás surrindo, e lá teus ráios
Moderados, lhes vem pousar nos peitos,
Que a seus amantes beijos se não negão.

Um bando (em vão!) de nuvens invejosas
Vem dar combate ao Sól, e espalha a noite;
Pelas geiras; o Sól vence o combate,
Triumpha; e vão fugindo, de medrosas,
Ante o seu victorioso vulto, as sombras.

Cuidoso, e manso, e as nóve Irmãas donzellas
Ladeando-o, vai um Vate atravessando
Risônho valle: assim ía já Thompson,
Cada aspecto da Madre Natureza
Consid'rando, e cantando seus primôres.

Tu vês, Outono, o Vate; e ouves attento
Do teu Mimôso o Canto arrebatado:

Tu lh'o agradeces, meigo-estremecendo,
Nas movediças folhas do arvorêdo,
No arroio, que serpêa murmurando.

Até que o Sól se esconde fugitivo,
Detraz dos bósques, e um surriso aos valles
Dá, de relance, e fóge; a alva Donzella,
Dos abraços do Amante, assim lhe fóge,
E na fuga surri, voltando o rôsto.

Dos balcões do Oriente, se érgue a Lua
Argenti-fronte, e muda ólha, e contempla
Os vastos Campos, vindo accompanhada
De Orbî-vagos Planêtas: nenhum delles
Tem, com tudo, máis que Ella á Terra affécto.

Callada a Natureza, nada quebra
O seu sacro silencio. O Amante Jóven,
É quem só, no ar, espalha seus queixumes.
Melanchólico géme, c'o êrmo arroio,
Ou sinistros phantasmas se lamenta.

Amparado da noite, córre o Cérvo,
Co' a Companha, os outeiros tão prezados,
E lá, sem sustos, pasta, com delicia,
Nos Campos inimigos, cujo Dôno,
Lasso de o perseguir, a frôxo dórme.

Cantarás, Musa, o cruento passatempo
Da Caca, que inventou Guerreiro ocioso?
Da trompa cantarás os sons ferozes,
(Cruel prazer!) que estruge spêssos matos?
E os Cães, dobrando horrîficos latidos?

A cruêza humana, ah! não a immortalises,
Com teus sons; — quanto o Céo creou destrue.
Rompeo a paz, que unia as Creaturas,

(Paz que tinha fundado a Natureza !)
Antes que elle feroz as perseguisse.

C'o seu clamor terrîfico alvoróta
O Javali, que jaz ; que em nóbre furia
Accêso , a seu contrario dá ruin paga.
Mattar tîmido Cérvo , dar clamôres
Lhe apraz , e a Casa decorar c'os Córnos ! (1)

Convida a rêdes pérfidas , as Aves
De térna condição ; chumba (2) os donosos
Músicos da florésta ; regalando
Sua sanguinea mesa , com milhares ,
Que matta. — Menos crû é o Açôr , que elle.

Não cantes , Musa minha , táes cruêzas :
Do tópe dos outeiros pampinosos ,
Te está Bromio clamando , que o discantes.
Tudo clama alegrîa ; que a Celeste
Bondade nos c'roou as esperanças.

Alégres brados dão Mancêbos ; Môças ;
Vindimando , lhe escapa o dia curto.
Os Môços , os teus dons , fecundo Outono
Sôfregos cólhem , nesta , e aquella cêpa ,
C'o exemplo das Amantes , animados.

Este rouba das faces bem-córadas ,
Vindimador robusto , accêsos beijos ,
E ao peito palpitante apérta a Bella ,
Rindo do seu rival , que o vê de longe ,
Com ólhos , que faîscão de ciúme.

---

(1) Brazão de Caçadores pregar nas pórtas despójos de alimárias; como os antigos Heróes pregavão nos templos os escudos dos vencidos. VIRGIL. *Æneid.*

(2) Atira com chumbo, e matta.

Ébrio o Deos pampinoso, c'o seu néctar,
Vai-se, e festivo clama, ao pôr do dia.
Como outróra partio, do annual festêjo,
Quando avistou de longe anciosa, e mésta
Do ancião Cretense Rei, a linda Filha.

Nessa incognita praia, oh Ariadna afflicta,
Onde, a dormir, Theséo te deixa infído
Te deparou Lyêo; nem foi tão 'squivo,
Que alêm fosse; antes cólhe aos léves Tigres
A brida, e elles submissos lógo párão.

Ei-lo se achêga a ti; e lastimando-te,
Parece tomar parte em tuas mágoas;
Na face o pranto, com beijar-te, o enxuga. —
No Carro, oh Deosa, te acolheo: tu lógo
De suspirares, por Theséo, cessaste.

O HYNVÉRNO.

Longo-ausente accolhei-me, oh sanctos prados;
No seio manso vósso; e bem que nûa
Do vêrde adôrno esteja a vossa face,
E pelos pés do Hynvérno magoada,
Torpecida, — muito ha, que eu vos suspiro.

Bem que não sôem, pelos vêrdes bósques,
Vóz de Prazer, Canções de Primavéra,
Nem, pelos dons de Céres, danse o Zéphyro,

Nem da Maceira a buliçosa rama
Por entre os bastos fructos, lhe revôlva.

De teu divino rôsto, assaz e muito,
Oh vivîfico Sól, me vi privado;
E de teu alto brilho, oh Céo purissimo.
Sancto prado accolhei-me; lasso venho
Da Cidade, e de seus folguêdos tristes.

Farto venho de féstas insensatas,
Que os dias, e indá as noites lhes consumem.
Langue a Alegrîa lá; — bocêja, dórme,
Quem não gosta da taça profanada
Das sem-sabôres graças dos praguentos.

Côrro insofrido a vós, como o Captivo,
Que o grilhão rôto, do atro cárcer fóge.
O claro dia, e a ti, oh Sól benéfico,
Meus ólhos abençôão; teu luzeiro
Restaurador a longos tragos bébem.

Nas veias córre máis ligeiro o sangue,
Máis largo o coração sente a influencia
D'este ar máis puro. Eu já respiro, e sinto-me
Medrado em vida nóva; a fronte aliza-me
O Amigo que me ri, nos braços tendo-me.

Nada ha que iguale as tuas roupas
Em des-nevada alvura, Luminosas,
Com que córes a Terra: em balde a vista,
Para te olhar segura, toma alento;
Tórna atraz, de teu brilho des-lumbrada.

E o Sól, victorioso, os raios frécha
Sem estôrvo; em teu lúcido ornamento:

Que ávido os agasálha , e ufano , co'elles
Se enfeita , e manda á Sphéra abérta , e limpa
A disparada luz , com splendor nôvo.

No grémio do repouso os bósques dórmem ;
Vasta mudez , profunda paz os prende ;
Mudo o rumor se sóme : ouve-se raro
Gorgeio d'alguma Ave anachorêta ,
Que errante , e vága , o pasto , em néves , busca.

Érgue-se , e baixa , com tinnido horrivel ,
Destruidor machado ; — a dóbres gólpes ,
Na sélva antiga fére o tronco amigo ,
Que accêso aquéce o Filho ; o tronco , que antes
Cobrîra o Páe , com bemfeitora sombra.

Salteada do Aquilão , que invéste , e ruge ,
Cada tronco do bósque curva , e géme , —
Géme , e sacóde a néve amontoada
Pelo tópe , e alongados broncos braços ,
Para a chover na próle dos arbustos.

Que lindo enfeite , é o d'estes troncos cândidos !
Quão magnîfico brilha , allî pendendo
Dos ramos o Crystal ! Sem que o derrêta
O Sól , que franca entrada tem , no bósque ,
Hôje despido da folhuda rama.

Máis loução , que antes , o gigante Pinho
Salva , c'o vêrde tópe , os troncos todos ;
Vêrde , que o Hynvérno desbotar não póde ;
E se ufana , com frêsca juventude ,
Entre a gelada alvura deslumbrosa.

E o Rio , que (pouco ha) rodava féro ,
No razo campo , a lympha , e parecîa

Infiél, na incérta via, á flórea margem,
Hôje esquéce o correr; na espádua dura
Homens sóffre, e sustêm Cavallos, Carros.

Bando hardido arma (1) os pés alvoroçados,
E á fóz do Rio, em seu deslizo, vóga.
Tal, sôlto o panno, a Náo dirige á barra
A fita prôa, e escápa, no ágil vôo,
Ao curioso olhar, que a vai seguindo.

Como rápido desváe o dia, em meio
De Hynvernáes passatempos! Tôdo assombros
O'lho estas scênas, té que a vespertina,
Solitaria mudêz a nóvos gôzos
A mim, e a meus amigos nos convida.

Junto ao rústico lar nos stão chamando. —
Com calor máis benigno nos penétra,
Que os ecónomos fógos da Cidade,
Quando, em róda, sentado c'os amigos,
Mansamente entrançâmos os discursos;

Nelles vérsa a benévola Amizade,
Vérsa, e divérte ingénuo, alégre esp'rito.
Com pérfido surriso, não se atréve
A vil Maledicencia dar um passo,
Nem mostrar entre nós seu tôrpe vulto.

Jovial Gracêjo, Irmão do airoso brinco,
Que entrar não témes, no meu tecto humilde,
Tu, no nosso congrésso, te abres praça.

---

(1) Com chapins de talhantes ferros, para deslizar por cima do gêlo.

Ai do Vicio , e da Affectação ridicula ,
Que deparou cahir em nosso grémio.

Prende o Silencio tôda a vóz em tôrno ,
Móra o socêgo em Casa , e pela Aldêa ;
Menos que , ardente , no presépe próximo ,
Môva o Cavallo as crinas , c'os pés batta ,
Pedindo, com relinchos , o sustento.

Graciosa a Lua , de astros ladeada ,
Nossa atrevida planta ao Jardim chama.
Então nos ólha o Céo tão majestoso ,
E os seus Mundos , sem número , nos ólhão ,
Solemnemente tácitos vagando.

Não se cansem meus ólhos de admirar-te ,
Céo , assento , e morada do Ente eterno :
Nunca de ouvir-te canse o meu ouvido ,
Quando entôas , com sons melodiosos ,
Do Creador a vasta Omnipotencia.

Quando infiarei da minha vida o curso
Ditôso sempre , sempre socegado ?
Sempre dado á Amizade , e ao sério estudo ?
Quando hybérnos virêis , Serões solemnes ,(1)
A mim , á Musa , aos meus amigos dados ?

Ouve-me , oh Fado ; e assenta-me uma Chóça
A mim , e a Daphne , nestes sanctos prados :
Que eu grato acceitarei , junto da Amada ,
Esse êrmo Hynvêrno, a cujo aspecto tréme
O ocioso habitador das turvas Côrtes.

---

(1) Depois que Pope , na Carta de Heloîsa a Abailardo, usou d'este epîtheto, todos o imitárão.

Quão bréve córre o Dia! e as Horas vôão
Insensiveis, se emprêgo util lhe damos!
Nem se sábem contar, nem se percebem,
Quando, Amor, lhes dás azas, dás nascença
Aos affeitos, que as Horas sanctificão!

Quão veloz fóge o Dia! o Sól, lá do alto,
Nos vê, se regozija: allì deter-se,
Por star comnosco, grato desejára
Mas fôrça é que se aprésse; já no alcance
Lhe vem a Noite, amiga dos Amantes.

Riccas Horas, (ariscas a Importunos!)
Os máis puros prazêres vos complétão.
Oh ricca solidão, eu te saúdo.
Tu me entranhas de gôsto a cada instante,
Quando Daphne querida me accompanha;

E, entretida em lavôres de seu séxo,
Córre c'os dêdos rápidos as obras,
Que interrompe algum tanto, e vem beijar-me,
Applaudir-me, affagar-me, dar-me o prémio
Do Amor, que estou cantando, ou da Amizade.

Não nos falta quem ame vir a vêr-nos,
Neste nosso retiro. Amigos caros,
Vós sois de nossas prácticas o assumpto;
Os hymnos repetimos, que cantasteis
A' Virtude, ao Amor, e á Amizade.

Desejo (ás vêzes), que inspirou o Affecto,
N'um trenél (1) nos conduz um caro Amigo.

---

(1) Vi, na Haya, um trenél correndo por cima do gêlo. É como uma caixa de ságe, sem tejadilho, quanto máis ricca, e

Que felizes que somos ! Nossa pórta,
Que não ama importunos *Visiteiros*,
Só prazenteira se abre a quem nos ama.

Píza (Mas raro !) o umbral com pé profano, o
Que vem c'o amiga; — mas de nós desmente.
E vai-se; que esta nossa humilde Chóça
Se esquiva a Parvos, achão-se mal-quistos :
Os Fátuos, os Malvados, — mal-acceitos.

---

afformoseada póde ser : não tem ródas; vai tirada de rôjo, por um *sobêrbo, e poderosissimo Cavallo* (*), ajaezado ás mil maravilhas; guarnecidos os arreios, com muita campaînha, e cascavéis de prata. No assento vai uma formosa Senhora mui entuffada de pélles Zibellinas, na táboa o seu Amante, em pé, sustendo os braços, a meio corpo, no debrum do espaldar do assento; dizendo-lhe cousinhas agradaveis, talvêz finos requébros, se os elle sabe.

O que máis passão na *corrida*, e *fésta*,
Melhór é exp'rimentá-lo, que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não póde exp'rimentá-lo.

Camões, *Cant.* 9.

(*) Assim á palavra Cavallo encósta quasi sempre os adjectivos, o Autor do Livro do Imperador Carlos-magno, e dos seus dôze Páres.

ODE

AO ILL^mo. E EX^mo. COMMENDADOR

JOZÉ MANOEL PINTO,

Embaixador de Portugal em Roma.

Ad summam, sapiens uno minor est Jove.
Horat. *Lib.* 1, *Ep.* 1.

Quam cégos, quão errados no caminho
Da sólida verdade,
Fôrão esses mortáes, que imaginárão,
Que em lêttras expozérão
Serem de tôscos troncos produzidos
Os homens; (1) e inda agóra
Conservarem da origem tôsca os rasgos!
Tão bronco é Homéro, ou Newton?

(1) Arcades huic veteres, astris lunaque priores
Agmina fida datis, nemorum quos stirpe rigenti
Fama satos, cum primùm pedum vestigia Tellus
Admirata tulit. Nondum arva, domusque neque Urbes
Connubiique modus! quercus, laurique ferebant
Cruda puerperia, ac populos umbrosa creavit
Fraxinus, et fœtà puer excidit orno.
Statius.

Jazem na mente de Rousseau divino
Brutêzas d'uma cuzinha ?
Quem poude compassar gyros dos O'rbes ;
Quem dar semblantes, géstos
A idéias incorpóreas, fingidas,
Vem de raîzes brutas ?
Tu de árvore Celéste só podéras
Ser, Rousseau, descendente :
Que só rompem dos troncos do altó Olympo
Tal sizo, e táes virtudes. (1)
Sim, de árvore Celéste vem os os homens ;
Que como tu, oh Pinto,
Comprendem co' a alta mente o vasto cêrco
Das Artes, das Sciencias ;
E que ornão co' a grinalda das Virtudes
Quanto a sciencia abrange.

---

(1) Digne de l'âge d'or, et de l'antique Rome,
Protecteur de l'enfance et de l'humanité,
L'apôtre précurseur de notre liberté.

Prolog. du Philinte de Molière.

EPITAPHIO.

Aqui jaz, mui contente de seu Fado,
Jacinto Palmeirão; (1)
Que quatro lindas vêzes foi cazado,
E quatro foi cabrão.
Cazou póbre; e morreo ricco, e faceira. (2)
Quanto val ter mulhér bella, e Loureira! (3)

(1) O nome mudei-lho eu aqui por não offender a sua memória; mas a verdade do Epigramma podem aboná-la muitos, que como eu, o conhecêrão. O tal cabrãozinho, com tanto que a mulhér, ou mulhéres, com quem cazou (que todas lhe conheci formosas, e elle como táes as escolhia para o trato) lhe recheassem a algibeira, para galcar a seu gôsto, nunca perguntou d'onde lhes vinha o ganho.

(2) Vejão, no Anatómico jocoso, a definição de *Faceira.*

(3) *Loureiras* chama D. Francisco Manoel (na Guia de cazados) as mulhéres, que os francezes chamão *femmes galantes.* Creio que a razão de lhes dar esse titulo é tirada do costume dos taverneiros, que põem louro á porta, como signal; a que na Lógica, que eu aprendi, chamárão *ex instituto.*

ODE

A' LIBERDADE,

DEDICADA

AO ILL.mo E EX.mo SENHOR

MARQUEZ DE BOMBELLES,

EMBAIXADOR DE S. M. CHRISTIANISSIMA EM PORTUGAL.

Jupiter illa piæ secrevit littora genti.
HORAT. *Epod.* 16.

QUE é o que eu ouço, oh Deoses!
A minha ebúrnea lyra,
Que repousa, depois que a clara glória
Cantei sobêrbo, do Alboquerque duro,
Não toccada resôa,
E, do Vate incurioso, a mão convida?

Respeitavel Prodigio,
Acceito o auspicio fausto:
Feitos altos, a Musa, que te excita,

Em grandíloquo métro me aparêlha.
Já me assinala as córdas,
E ao meu sujeito ouvido o canto ajusta.

Qual, da Sicyonia praia,
Parte o Agenório (1) incérto,
Buscando a linda Irmãa, mal-confiada
No fallaz touro de nevada fronte;
E dóbra ancioso as crêspas
Pontas dos alongados promontorios:

Por insólitos mares,
Calcando insanos mêdos,
D'alêm Colomb, daqui o înclyto Gama
Vão tremolar Occidentáes bandeiras
Entre póvos, que ajoêlhão
Ante homens Numes, dos trovões Senhores.

Os Tritões insoffridos,
Que os não rompidos mares,
Com desatado arrôjo, assim devasse
Do extrêmo Occaso o morador affoito,
Depõem a ingrata nóva
Ante o throno do cérulo Tyranno.

---

(1) Cum pater ignarus, raptam perquirere Cadmo
Imperat, et pœnam, si non invenerit, addit
Exilium, facto pius, et sceleratus eodem.
Orbe pererrato (quis enim deprendere posset
Furta Jovis?) profugus patriamque, iramque parentis.
Vitat Agenorides.

Ovid. *Metamorph. Lib. 3, ad init.*

Néptúno enfurecido
Do sólio se arreméssa,
E c'o braço potente abala o fundo
Do mar, que se amontôa, e se espedaça;
Que encapellado atira
De sérra a sérra, os descórádos lênhos.

Eis já, Cabral, descóbres
Os Brasîs não buscados:
C'os salgados vestidos gotejando, (1)
Pesado beijas as douradas praias;
E, aos Póvos, que te hospédão,
Ignaro do vindouro, os grilhões lanças.

A Bondade, a Innocencia,
Que immemorias impérão
Nos Reinos não avaros de aurea veia,
Dos costumes da Europa espavoridas,
As gentes desamparão
Miserandas.... Então a Liberdade,

As azas, não manchadas
De baixa tyrannìa,
Soltou izenta pelos ares livres;
Mal que avistou a Escravidão ao longe:
Roupas trajando sanctas,
Vir estes climas demandar ditosos.

---

(1) Com o marulho das ondas embatidas trazia os vestidos húmidos, e pesados quando desembarcou.

Ao vento se desfraldão,
E as vélas já branquêjão,
Que as leis escuras trazem, sanguinosas;
Trazem córdas, grilhões; trazem segúres,
(Da Liberdade em trôco)
Para as Nações, que o crime mal conhecem.

Géme a América ao pêso,
Que insolente lhe aggrava
Dos Vicios a cohórte maculosa : (1)
O veneno da Európa se derrama,
E os mudos valles trôão
C'o trémulo fragor do bronze rouco.

Thémis, co' as mãos ao rôsto,
Súbito os ólhos cérra,
Quando encara as fogueiras flammejando,
O Rei maniatado, o algôz sedento,
Pelo ouro mal-devoto (2)
Decepando as cabêças innocentes.

Mas.... Que dôce violencia
Me retira de tanta
Scena de horrôres? Qual me esparges néctar,
Musa, pelo mortáes, pesados membros;
Que mal tócco, ligeiro,
As azuladas, transparentes ondas?

---

(1) Maculosum nefas.

Hor. *Lib.* 1, *Od.* 5.

(2) Que não tinha sido até então empregado em pagar missas, e outras devoções.

D'este licor banhado,
O dulcîsono Orphêo,
Assim seguia a próvida Callìope,
Dêsde os mares da Grécia, ao Nilo ignóto;
Quando o mysterio Egypcio
Quiz registrar, do alto saber avaro.

Salve, copado Bósque,
Salve: plácido asylo
Da casta, foragida Liberdade.
Lá vejo o Templo seu aprîco, immenso,
Que encerrar-se não deixa (1)
De brônzeas pórtas, artezoados téctos.

Lá vejo, inda entalhado
Nessa árvore robusta,
Do humanissimo Penn o nome grato:
Inda os costumes sãos, que elle plantára,
Recendem nestas veigas,
Orvalhados de amiga tolerancia.

Aquì, nos terrões tôscos
Sentados, acceitavão
Os Sélvagens indîgenas o prêço
Da térra já álêm-dada: (2) exemplo insigne,
Que insculpirá infâmia
Nos que as plagas não suas captivárão!

---

(1) Como antigamente se não fechavão em Roma as pórtas das Casas, em que moravão os Tribunos do Pôvo.

(2) Veja-se o Diccionnario dos Homens Illustres na palavra Penn.

Não máis, não máis, oh Musa;
Não máis furor me accendas.
Sinto o sangue correr atropellado,
O cérebro assaltar-me aguda chamma
De fatîdico incendio:
Já, do futuro, a Jóve arranco as chaves.

Como risonha, e déstra
Trêze Regiões discorre:
Como co' as alvas mãos lhes québra o jugo,
E as tóma, a Liberdade, em annél firme!
Como as dextras lhe enlaça,
Sópra em seus peitos brios, esperanças!

Sóltão-se os pendões livres
Ao teu sizudo acêno,
Philósopho Franklin, que arrebataste
Aos Céos o Raio, o Scéptro á Tyrannîa; (1)
E ao teu aviso, em Boston
O Lyrio (2) ajudador tremóla, ovante.

De honra e valor armado,
Washington, alli te érgues,
E ao Congresso indeciso a fé abonas.
Tu és sua murallha, e seu escudo;
Qual, outróra no Lacio,
O Fábio tardador, (3) á afflicta Roma.

---

(1) Eripuit cœlo fulmen sceptrumque tyrannis.
Vérso de M. Turgot a Franklin.

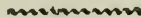
(2) A armada Franceza, que foi em seu soccòrro.

(3) Victricesque moras Fabii. — PROPERT.

Os Socios protegidos,
Os Tyrranos exhaustos
São eternos brazões da tua glória,
Que crésce triumphal na redondeza,
Como os cîrculos crescem
Em lago, que no centro foi ferido.

Neste limpo terreno
Virá assentar seu throno
A san Philosophìa, mal acceita;
E Leis máis brandas regerão o mundo,
Quando homens máis humanos,
C'o raio da Verdade, a luz espalhem.

Já de Sapiencia riccos,
Enxames Philadélphios
Vão conquistar com almo ensino a Europa;
Sem bayonêtas, sem canhões escravos,
Vão plantar generosos
Ramos da restaurada Liberdade:

Quáes, do flórido Hyméto,
Mellîficas abêlhas,
Entre as azas do Zéphyro amparadas,
Vão demandar, com vôo desejoso,
As remotas devêzas,
Que hão-de adoçar c'os fabricandos favos.

LYRAS.

Vê como brilhão no azulado técto
As nîtidas estrêllas,
Que nas pousadas bellas
Engastou o riquissimo Architécto.

Lá vem, Delmira, por detraz do monte,
A Lua prateada,
Que deixa desmaiada
De tanto astro a luz, co' a clara fronte.

Verás da Aurora o apavonado riso
Revestindo as campinas,
E ás tóchas diamantinas
D'outro splendor maior trazer o aviso:

E n'um côche flammîvomo, o Monarcha
Da luz vivificante,
Alagar radiante
Os Céos, a térra que estendido abarca.

Só não verás (o porque estou anciando)
Nos teus ólhos formosos,
Dous sóes máis graciosos
Abrir-se para mim, amor raiando.

ODE

AO SENHOR

AUGUSTO MARQUET D'URTUBISE.

Verdade austéra me resôa na alma.
Mortal, ouve o teu Méstre.
Sôbre as azas das Musas remontado,
Bebi lições augustas;
Ella me nomeou, ella me envia,
De suas leis constantes, pregoeiro.

Ordem guardão nas rápidas campinas,
Esmaltadas de estrêllas,
Exércitos de mundos, que navegão
Espaços sem medida;
Nas ordenadas órbitas rodando,
Espreitão do alto Nume o antigo aceno.

Ordem mantêm, quanto elle tem creado:
Ella rége sob'rana
Zéphyros brandos, Euros tormentosos;
Nas mãos tem a cadeia
Que ata o vérme arrastado pela térra,
Ao Rei sobêrbo, que dispõe do mundo.

O Bem geral da vasta imbelle Próle
É nossa lei primeira.
Feliz serei, se não quebranto iniquo,
Com criminoso insulto,
A tranquilla ventura dos Humanos,
U'nico bem, para que á luz fui dado;

Se, contra o meu Dever, não luttão na alma
Paixões descomedidas;
Se esse interêsse vil, que as esporêa;
Que levanta as querélas,
Me não tóma no peito alto dominio,
E a captiva Razão c'os pés não calca.

O sujo Charco dos brutáes deleites;
Com amarga peçonha,
Embébe os tálos das viçosas plantas:
Enfastiadas horas
Vem embotar o gume do Desejo,
E dos marmóreos Paços fóge o Somno.

Só desata a Alegria limpas fontes
No coração, que é puro:
Pelas pórtas das lôbregas masmôrras
Métte serenos dias
O puro irrefragavel testemunho
Da benéfica vida, ao Crime adversa.

Com quanto não me exprobre atróz remorso
Maléficas lembranças,
Que me importa que os Bens, a Vida, a Fama

Sejão lanço do Embuste?
Que pelo pó me arraste, desvalido,
A traidôra Fortuna, caprichosa?

Duro não péço ao soberbão piedade,
Nem quartél ao injusto:
Aggravado, innocente, mal-punido
Tenho de ser ditoso,
Co' a paz suave, na cabana humilde,
Entre os braços do puro Regozijo.

Porque hei-de cubiçar os bens sobêjos
De que desdenha o Sábio,
E porque tanto o imprudente anhéla?
Assim, por léves nadas,
Cáhem dos ólhos, lágrimas mimosas
Aos ignorantes, ávidos meninos.

Próvido Fado o Bem, o Mal reparte:
O'ra meigo nos léva
Por prados, que de rósas nos tapiça;
O'ra, para arrancar-nos
Da mão ferrenha do contente Vicio,
Por verédas de abrólhos nos empucha.

Da lutta audaz c'o indócil Appetite
Te lembrarás com gôsto,
Quando se abrir um dia á tua mente
Esta Harmonîa, esta Ordem
Que, do futuro austéro o véo nublado
A nossos ólhos temerários véda.

ASTUCIA

CONTRA AMOR.

Vinha Amor resoluto a asséttear-me :
Eis, que eu lhe opponho um Odre aos cégos tiros.
Farpão sôbre farpão cuida encravar-me ,
Ouvindo astutos, lânguidos suspiros.
Quando vazìa a aljava ,
E a vóz mórta me sente ,
A vêr o estrago o Atirador chegava ,
E as feridas contar na rêz jacente.
Mas , do meu couto, pelas azas cruas
Côlho o Daninho ;
Nas nalgas nuas
Pesadas mãos colérico lhe assento.
O Coitadinho ,
No seu tormento ,
Em vão me chóra ,
Piedade implóra ;
Que eu surdo a rógos, surdo a térno pranto ,
Por me vingar de tanto insulto e tanto ,
Que em minha vida ,
Este homicida
Me fêz acintemente,
Com ira incontinente ,
No ôdre , que me amparou , sanhudo o affógo ,
Onde deo um arranco , e morreo lógo.

ODE

A' MINHA MUSA

APPETITOSA DE CORRER MUNDO.

> Tu, nisi ventis debes ludibrium,
> Cave. . . . .
>
> HORAT. *Lib.* 1, *Od.* 14.

MUSA, que te affoutaste a vêr comigo,
(Mal acceita na pátria) estranhas térras,
Hòje sem mim te vás, desamparada,
Tentar incautos Climas.

Não confìes na aragem lisongeira,
Nem nas azues campinas perguiçosas;
Retalhados cachópos se te escondem
Nas fementidas aguas.

Téme o estrangeiro Céo, téme as tormentas
D'esse pégo famoso por naufragios:
Máis possantes baixéis, de louro ornados,
Fraqueárão rendidos,

A's sevéras rajadas; e rompidas
As mal-colhidas vélas, uma sérra

De agua encurvada acapellou trementes
Os descorçoados bórdos.

Não convêm aos humildes (1) a affoiteza ;
E as praias coalhadas de destróços
Te védão os arrôjos ; nos alheios
Te inculcão que escarmentes.

Dorindo , que bonanças te encarece ,
Não acométte os mares , nem permitte
Que as suas náos seguras , e alterosas
Desafferrem do pôrto.

---

(1) — — Operosa parvus
Carmina fingo.

Horat. *Lib.* 4 , *Od.* 2.

Não m'o attribúa o Leitor a falsa , e ambiciosa modéstia; nunca eu menos caso fiz de meus vérsos, que agóra , privado (pela ausencia) dos meus , do uso da minha lingua , e dos Clássicos della ; sem Quintilio , sem Pisões , que me aconselhem , me censurem , etc. etc. etc.

Na Carta ao meu mui estimavel Amigo Avellar, que reimprimi , puz de propósito por inteiro toda a passagem de Petronio que pertence aos que entrão na Carreira poética; porque sirva de espêlho , em que os Alumnos se mirem. Os que sentírem em si as qualidades requisitas , estampem aquellas sentenças na memória , para nunca se esgarrarem da Veréda alli apontada. E os que não acharem sua alma disposta como Petronio a requér , tómem outro caminho , e seremos menos inundados de máos vérsos. Eu devia tomar esse conselho para mim. Mas sempre tive má cabêça.

SONETO.

MOTTE.

A mágica Poësìa os Céos encanta.

Glosa.

Co'a dextra avermelhada Jóve horrendo
Quiz alluir dos O'rbes a structura,
E ao bárathro lançar a próle impura
Do lôdo vil, mil raios devolvendo.

Já nas entranhas do Etna está gemendo,
Aos gólpes do martéllo, a massa dura,
Já nos ares se espessa a nuve' escura,
Que ha-de fender-se com fragor tremendo...

Em tanto se érgue aos Céos um som Divino,
Que das Musas entôa a turba Sancta.——
Lá rompe o firmamento crystallino;

Esfrìa a Jóve o raio, iras quebranta.
Que valìa não tens, Aónio Hymno!
A mágica Poësìa os Céos encanta.

SONETO

Aos annos da Senhora D. E. V. M. J. M.

O Tempo tragador, co' a fouce afiada,
Córta annos em agraço, annos maduros;
Do seu cégo furor não stão seguros
Lêttras, Valor, Belleza celebrada.

Móve as sortes fatáes co' a mão pesada,
O Fado, surdo a vótos, e a conjuros;
Baralhando c'os nomes vîs, e escuros,
Um Nuno (1) impávido, uma Inêz (2) amada.

Sómente fóge ás Parcas sanguinosas
O nome honrado, o puro beneficio;
Illustre esfôrço de almas generosas.

Consagre-se o teu dia natalicio,
Eugenia, com festões de vivas rósas:
Dia ditoso, dom do Céo propicio!

---

(1) Nun' Alvres Pereyra.

(2) Inêz de Castro.

AD GALLOS,

Quum ortis inter Magistratus dissidiis, acceptisque in Italia cladibus, nova belli civilis incendia nuntiarentur.

ANNO VII.

Quæ vesania, quis furor!
Quàm cæco miseri turbine volvimur!
Sors brutis melior feris
Si nullo regitur gens moderamine.
At quò, quò ruitis? novæ
Cur cristæ galeis, telaque, et impiæ
Aptantur manibus faces?
Ardebitne suâ Gallia dexterâ?...
Eheu! jam satis et super
Certatum est odiis exitialibus;
Cives parcite civibus,
Atque iras acies vertite in hosticas....
Pallent; nec moniti audiunt,
Feralique premunt ora silentio.
Errandi ne necessitas,
Aut erroris amor desipientium
Turbam præcipitem trahit?
Nec jam certa Rei nec Ducibus fides;
Expers Curia consilî
Delirat, populus plectitur innocens.
Quò Discordia devias

TRADUCÇÃO.

Oh desatino! oh furia!
Qual (tristes!) cégo vórtice nos vólve?
Se aos homens nada enfreia,
Sórte melhór aos brutos coube. Onde ides
Assomados? Que nóvos
Cocares embebeis (1) nos capacêtes?
Que lanças, que fogachos
Empunháes co' essas mãos despiedadas?
Será, quem ponha o fôgo
A' França a dextra vossa? Ai! máis que muito
Com stragadores ódios
Se combateo téquî. Poupai, magnânimos
Sangue Francez, Francezes:
Vertei na hostìl cohórte as vossas iras.
Infîão.... nem já escutão
Avisos meus. Mortal silencio lhe ata
Os labios. — No despenho
Lança, a esse bando néscio, ancia de errarem?
Ou lhes faz o Êrro fôrça?
Nos Cabos, na Républica a Confiança
Vacilla: de prudencia
Falta, delira a Cúria. Paga-o o Pôvo

(1) *Embébe a sétta no arco* disse Vieyra.

Mentes proripiet ? Numquid adhuc parùm
Fusum est sanguinis , et piget
Tristes imperii relliquias suis
Non convellere sedibus ?
Ergo funeribus funera , (proh dolor !)
Accedet nova stragibus
Strages , oppositæ læta Britanniæ !
Tectis squalida dirutis ,
Oppressisque silent artibus oppida :
Desertis dolet in viis
Pubes immeritis orba parentibus ;
Indignoque terit pede
Fraternis silices cædibus ebrias ;
Et cultore carent suo
Versis in gladios arva ligonibus.
Urget dedecus additum
Damnis , inque dies vix medicabili
Gliscit pernicies malo ,
Dum rerum bona pars irrita defluit.
Ingens præsidium et jubar
Sublatum ex oculis quærimus anxii :
Adsit qui velit improbas
Fraudes , et *rabiem tollere civicam ;*
Adsit qui PATRIÆ STATOR (1)

---

(1) Quo sensu dicatur STATOR declarat Cicero , de Fin. Lib. III. « Atque etiam Jovem quum optimum et maximum dicimus, » quumque eumdem Salutarem , Hospitalem , *Statorem ;* hoc » intelligi volumus salutem hominum in ejus esse tutela. »

ET SENECA , d Beneficiis , Lib. IV. « Et Jovem illum optimum ac maximum ritè dices et Tonantem et *Statorem*, qui » non (ut historici tradiderunt) ex eo quòd post votum susceptum acies Romanorum fugientium stetit , sed quòd *stant* beneficio ejus omnia, *Stator* stabilitorque est. »

Innocente. Oh Discordia,
Onde impélles as mentes transviadas?
Não é inda bastante
O já vertido sangue? E bem vos pêza
Não ter desarraigado
Do sîtio os tristes réstos d'este Império?
Cumpre (oh mágoa!) que ás mórtes
Mórtes se unão, e a estrágos máis estrágos?
Delicias de Albion învida!
Esquálidas as villas em-mudecem,
Esbroadas as Casas,
As Artes opprimidas: as Crianças
Nas êrmas ruas, órphans
Chórão dos páes as mórtes não-devidas;
Com pé sanhudo, as pédras
Rôxas do sangue fraternal, pizando.
Forjados em alfanjes
Os enxadões, de seu Cultor carecem
As geiras. Sôbre-pósta
Carréga sôbre as Pêrdas, a Deshonra.
No mal, quasi-incuravel
D'um dia em outro, o extrêmo damno cála,
Em quanto em balde escôa
Bôa parte dos bens. O esteio ingente,
O splendor, que dos ólhos
Nos desviárão, anciosos inquirîmos.
Acuda quem destrúa
Împrobas fraudes, Cîvicas vinganças.
Acuda quem se atrêva
A ter nome de Páe da Pátria; e as rédeas
Aos devassos terrôres
Encolher alentado; e pôr balizas
De bronze aos desmandados

Scribi, ac terrificam strenuus audeat
Refrænare licentiam, et
Libertate novâ luxuriantibus
Metas figere aheneas;
Præsens Ille suis carus et exteris.
O Navis, tibi creditum
(Seram orbis requiem, fataque postera)
Serves depositum, precor:
Quamvis remigio nudaque linteis,
Tot defuncta periculis,
Mauros ô utinam, ritè faventibus
Euris, effugias sinus;
Spem gentisque bonam votaque sospites!

Co' a Liberdade nóva, aos seus (presente) (1)
Amado assumpto, e a estranhos.
Rógo-te, oh Náo, que salves a confiança
Em ti depositada
(Tardo Socêgo do O'rbe, e extrêmos Fados!)
Bem que desarvorada
De mastos, e velâme; e tantos p'rigos
Hajas corrido. Oh praza
A Deos, que ás praias Mouras bons Favonios
Te escondão, e nos rimas
Da França o anhélo, e as esperanças boas!

EFFEITOS

DO AMOR MAL-CORRESPONDIDO.

QUANDO uma Mocetona lhe resiste,
O soberbão Inglez crê que ella o offende;
O Italiano chóra, e se arrepende:
Nada ha hi que console o Hespanhol triste;
O Allemão cóme, bébe, e se consola:
Para o Francez — repudio é carambola.

---

(1) Præsens divus habebitur Augustus.

HORAT. *Lib.* 2, *Od.* 5.

ODE

A LA FORTUNE,

DE J. B. ROUSSEAU.

FORTUNE, dont la main couronne
Les forfaits les plus inouis,
Du faux éclat qui t'environne
Serons-nous toujours éblouis?
Jusques à quand, trompeuse Idole,
D'un culte honteux et frivole
Honorerons-nous tes autels?
Verra-t-on toujours tes caprices
Consacrés par les sacrifices,
Et par l'hommage des mortels?

Le Peuple dans ton moindre ouvrage
Adorant la prospérité,
Te nomme Grandeur de courage,
Valeur, Prudence, Fermeté.
Du titre de Vertu suprême
Il dépouille la Vertu même,
Pour le Vice que tu chéris:
Et toujours ses fausses maximes
Érigent en Héros sublimes
Tes plus coupables Favoris.

ODE

A' FORTUNA,

DE J. B. ROUSSEAU.

Quéres co' a falsa luz que te rodeia,
Sem têrmo, deslumbrar-nos,
Fortuna, que os flagìcios máis estranhos,
Com céga mão corôas?
Até quando hão-de honrar os teus altares,
Îdolo fraudulento,
A ti rendidos os mortáes insanos;
E pródigos de vìctimas,
Com vergonhosos, frìvolos respeitos,
Adorar teus caprichos?

No teu menor Feitura acata o Pôvo
O teu próspero Numen:
Valor te chama, generoso Brio,
Sizo, Constancia chama.
Para enfeitar o Vìcio que perfilhas,
Vás despir à Virtude
De seus máis nóbres, máis altivos fóros.
Falso discorre, e exalta
Os máis facinorosos teus valìdos
Como os Heróes egrégios.

Mais, de quelque superbe titre
Dont ces Héros soient revêtus,
Prenons la Raison pour arbitre,
Et cherchons en eux leurs Vertus.
Je n'y trouve qu'extravagance,
Faiblesse, injustice, arrogance,
Trahison, fureurs, cruautés.
Étrange Vertu, qui se forme
Souvent de l'assemblage énorme
Des Vices les plus détestés !

Apprends que la seule Sagesse
Peut faire les Héros parfaits :
Qu'elle voit toute la bassesse
De ceux que ta faveur a faits :
Qu'elle n'adopte point la gloire
Qui naît d'une injuste victoire,
Que le Sort remporte pour eux :
Et que devant ses yeux stoïques,
Leurs Vertus les plus héroïques
Ne sont que des crimes heureux.

Quoi ! Rome et l'Italie en cendre
Me feront honorer Sylla ?
J'admirerai dans Alexandre
Ce que j'abhorre en Attila ?
J'appellerai Vertu guerrière,
Une Vaillance meurtrière,
Qui dans mon sang trempe ses mains ?
Et je pourrai forcer ma bouche
A louer un Héros farouche,
Né pour le malheur des humains ?

Embóra os ornem títulos honrados
Aos teus Heróes ufanos;
Venha a Razão, estrême-lhe as Virtudes
Co' a vara judiciosa;
Lá lhe aponta injustiças, arrogancias,
Fraquezas, devaneios.
Vejo traições, furores, crueldades....
Que hediondas Virtudes!
Bruto parto do enorme ajuntamento
Dos máis horrendos Vícios.

Sabe, oh Deosa, que só a Sapiencia
Produz Heróes perfeitos;
Que ella accusa os senões dos que esse nome
Por mercê tuà alcanção:
Nem brazões, que forjou victória injusta,
Tem cabimento co' ella.
O Acaso os grangeou, não teus valìdos;
E táes heroicos feitos
Com vista stoica os sobre-vê, e os conta,
Entre os ditosos crimes.

Honrarei Sylla, porque a Italia e Roma
Metteo a férro e fôgo?
Louvarei de Alexandre a crua insânia;
Que em A'tila aborreço?
Quéres que chame béllica Virtude
Os brios homicidas,
Que as brutas mãos ensópão no meu sangue?
Não dobrarei a Lyra
A que entôe um Heróe feróz, nascido
Para estrago dos homens.

Quels traits me présentent vos Fastes,
Impitoyables Conquérans ?
Des vœux outrés, des projets vastes,
Des Rois vaincus par des Tyrans :
Des murs que la flamme ravage ;
Des Vainqueurs fumans de carnage ;
Un Peuple au fer abandonné :
Des Mères pâles et sanglantes,
Arrachant leurs Filles tremblantes
Des bras d'un Soldat effréné.

Juges insensés que nous sommes,
Nous admirons de tels exploits !
Est-ce donc le malheur des Hommes
Qui fait la Vertu des grands Rois ?
Leur gloire féconde en ruines,
Sans le meurtre et sans les rapines
Ne saurait-elle subsister ?
Images des Dieux sur la terre,
Est-ce par des coups de tonnerre
Que leur Grandeur doit éclater ?

Mais je veux que dans les allarmes
Réside le solide Honneur.
Quel Vainqueur ne doit qu'à ses armes
Ses triomphes et son bonheur ?
Tel qu'on nous vante dans l'Histoire,
Doit peut-être toute sa gloire
A la honte de son rival.
L'inexpérience indocile
Du compagnon de Paul-Émile
Fit tout le succès d'Annibal.

Abro os vossos annáes, Leões sedentos;
Daqui, dalli descubro
Sobejas ambições, largos projectos.
Aqui rasas muralhas,
Lá Reis atropellados por tyrannos. —
Do golpeado pôvo
Em sangue quente o Vencedor fumêa;
E as Mães sem côr, e esquálidas
Dos braços do soldado infrêne arrancão
As tremebundas Filhas.

Insensatos Juîzes admirâmos
Táes feitos, táes ruînas!
Faz a virtude pois os Reis preclaros
Co' as desditas dos homens?
Nem seus louros fecundos de destróços,
Sem mórtes, sem rapinas
Não se pódem soster? Deoses da térra,
Imagens dos do Olympo,
Quereis patentear o poder vosso
No estampido, nos raios!

Surja embóra da guérra, e das conquistas
A perduravel Honra.
Qual vencedor deveo á méra lança
Os felices triumphos?
Quanto Heróe não ganhou na História quadro,
A quem rendeo máis glória
O desar do rival, que o próprio esfôrço?
O indócil e inexperto
Varrão, co' infausta intrepidez de Cannas,
Esclareceo a Annibal.

Quel est donc le Héros solide,
Dont la gloire ne soit qu'à lui ?
C'est un Roi que l'Équité guide,
Et dont les Vertus sont l'appui ;
Qui prenant Titus pour modèle,
Du bonheur d'un Peuple fidèle
Fait le plus cher de ses souhaits :
Qui fuit la basse Flatterie ;
Et qui, Père de sa Patrie,
Compte ses jours par des bienfaits.

Vous chez qui la guerrière Audace
Tient lieu de toutes les Vertus,
Concevez Socrate à la place
Du fier meurtrier de Clitus.
Vous verrez un Roi respectable,
Humain, généreux, équitable,
Un Roi digne de vos autels.
Mais à la place de Socrate,
Le fameux Vainqueur de l'Euphrate
Sera le dernier des Mortels.

Héros cruels et sanguinaires,
Cessez de vous énorgueillir
De ces lauriers imaginaires,
Que Bellone vous fit cueillir.
Envain le Destructeur rapide
De Marc-Antoine et de Lépide
Remplissait l'Univers d'horreur :
Il n'eût point eu le nom d'Auguste,
Sans cet Empire heureux et juste
Qui fit oublier ses fureurs.

Mas qual é, Musa, o Heróe que em si só funda
Da sua glória a base?
Lá vejo um Rei, que firme na virtude,
Tóma por Méstre a Tito;
E na Equidade os ólhos encravando,
Põe seu máis dôce anhélo
Em bem-afortunar o leal pôvo;
Que espanca a vil Lisonja,
E véro Páe da Pátria, com bondades
Assinalla os seus dias.

Tu, ante quem a béllica affouteza
Vale as virtudes todas,
No auge de féro mattador de Clito
Põe Sócrates benigno;
Verás um Rei grandioso, respeitavel,
Um Rei humano e justo,
Digno de teus altares: mas o altivo
Conquistador do Euphrates
Será, se o pões de Sócrates no pôsto,
O repúdio dos homens.

Heróes cruéis, Heróes sanguinolentos,
Cessai de empavonar-vos
Dos chymericos louros, mal colhidos
Nos campos de Bellona.
Em vão o Destruidor arrebatado
De Lépido, e de Antonio,
De horror cobria o mundo; que de Augusto
Nunca alcançára o nome,
Se os seus furores não lavára manso
Com justo, almo govêrno.

Montrez-nous, Guerriers magnanimes;
Votre Vertu dans tout son jour.
Voyons comment vos cœurs sublimes
Du Sort soutiendront le retour.
Tant que sa faveur vous seconde,
Vous êtes les Maîtres du Monde,
Votre gloire nous éblouit.
Mais au moindre revers funeste,
Le masque tombe ; l'Homme reste ;
Et le Héros s'évanouit.

L'effort d'une Vertu commune
Suffit pour faire un Conquérant.
Celui qui dompte la Fortune,
Mérite seul le nom de Grand.
Il perd sa volage assistance,
Sans rien perdre de la constance
Dont il vit ses honneurs accrus :
Et sa grande ame ne s'altère
Ni des triomphes de Tibère,
Ni des disgraces de Varus.

La Joie imprudente et légère
Chez lui ne trouve point d'accès ;
Et sa crainte active modère
L'Ivresse des heureux succès.
Si la Fortune le traverse,
Sa constante Vertu s'exerce
Dans ses obstacles passagers.
Le Bonheur peut avoir son terme :
Mais la Sagesse est toujours ferme,
Et les Destins toujours légers.

Exponde á clara luz vossa virtude,
Magnânimos Guerreiros;
Vôlva a Fortuna a róda. — Como a aguardão
Esses peitos sublimes?
Em quanto ella as prêzas vos bafeja,
Senhores sois do mundo;
Co' brilho nos cegais. Mas se os azares
Despéde carrancuda,
Cáhe a máscara aos pés, desfaz-se o Heróe!
E que nos resta? O Homem.

Para um Conquistador sobêja esfôrço
De trivial virtude:
Mas só merece bem de Grande o nome,
Quem subjuga a Fortuna;
Quem pérde os seus affagos, sem que tôrça
Da rîgida constancia,
Com que sostêve as cumuladas honras;
Nem lhe vérga a alma illustre
C'o triumpho invejoso de Tibério,
Nem co' a róta de Varo.

A's imprudentes, léves alegrîas
Fécha as modestas pórtas;
E o desatino das ditosas quadras
Rége c'o argos receio;
Quando a Fortuna o véxa com revézes,
O affan robusto empréga
Contra os empêços, que em seu rumo tópa.
Encurte-se-lhe a dita:
Que elle, c'os pés seguros na Sapiencia,
Zomba dos léves Fados.

Envain une fière Déesse
D'Énée a résolu la mort ;
Ton secours, puissante Sagesse,
Triomphe des Dieux et du Sort.
Par toi, Rome, après son naufrage,
Jusques dans les murs de Carthage,
Vengea le sang de ses Guerriers ;
Et suivant ses divines traces,
Vit au plus fort de ses disgraces,
Changer ses Cyprès en Lauriers.

Em vão a altiva Deosa decretára
A mórte a Enéas pio.
Tu, potente Sapiencia, o defendêste
Da Fortuna e dos Deoses.
Por ti vingou a naufragante Roma,
Nos muros de Carthago,
A affronta de Varrão, de Emilio o sangue;
E os passos teus trilhando,
Mudar vio, no rigor de seus desastres,
Em louros os cyprestes.

ODE (1)

A' FELIZ ACCLAMAÇÃO

DA FIDELISSIMA RAINHA DE PORTUGAL,

A Serenissima Senhora

D. MARIA Ira.

No dia 13 *de Maio, do anno do* 1777.

Em quanto apascentar o largo Pólo
As estrellas, e o sól dér luz ao mundo,
Onde quér que eu viver, com fama e glória
Vivirão teus louvores na memoria.

Barreto, *Liv.* 1, *estanc.* 132.

Eis déscem as Camenas
Do bîfido Parnasso;
N'um puro vaso de águas consagradas,

(1) Nunca esta Ode têve a Dita de chegar aos pés do throno. Bem houve Ruins, que lá levárão calúmnias contra mim : mas não haverá quem destêça o mal que Ruins tramárão? quem levante um destêrro de 33 annos? Quem soccôrra a penuria d'um vélho de 82? Em tão dermerecido desamparo.

Que traz nas mãos Callìope,
Versîfica virtude,
Apollìnea ousadìa ardentes férvem.

A que mortal sequioso,
Musa, o licor destinas?
Com que altos hymnos vás a alma abrazar-lhe?
Que Heróe de claros feitos
Quéres, com nóva glória
A Alcides comparar, ao divo Achilles?

« Bébe (me diz) esgóta,
Ousado, a grande taça:
Banha de almo licor o esquivo seio:
Que tens de volver hôje
Divinos pensamentos
Na atropellada bôcca altisonante.

» Queremos que hôje Elysia,
Com nunca ouvido Canto,
Celébre a nunca vista Soberana;
Que o tempestuoso léme
Do govêrno menêa
Ella, o primeiro Rei, (1) do Reino Luso.

» Para máis animar-te
Aqui tiro do peito
O Fatîdico livro, a inteira fôlha,
Que as acções de Marîa
Encérra em Lêttras faustas.
Lê-as; e nega-te a cantar, se o pódes. »

---

(1) *Moriamur pro Rege nostro Maria Theresia* juráräo os Hungaros, etc.
Vid. Journal des Débats, 30 floréal an. 11.

Póvos, ouvi attentos
Oráculos divinos,
Que bebêrão meus ólhos assombrados.
Que grande luz se espalha
Na mente, e ao peito désce
Dôce, e suave, e de prodigios cheia!

Eis os tempos ditosos,
Desejados dos Lusos.
Que em fôlhas, na Cuméa (1) lapa ondeárão.
Comsigo as éras de ouro,
No peito, e no semblante
Nos traz ao throno a cândida Raînha.

No assento Majestoso
Quão bella representa
As sans virtudes, que lhe pulsão na alma!
Nunca no throno Assyrio
Semîramis famosa
Ganhou táes cultos do vencido Oriente.

Já correm a amparar-se
Da sua régia sombra
As Artes, as Sciencias desvalîdas.
Oh quão bem que entendêrão!
Já, com mão bemfeitora,
Lhe abre na pátria próvidos asylos.

---

(1) Mas ás fôlhas não sejão commettidas
Respostas de tão gran merecimento
Para que turbadas, e movidas
Não vão em por esse ar, ludîbrio ao vento.

Barreto, *Liv. 6, estanc. 17.*

Os pórtos franqueados,
Vem depôr na Ulysséa
Veli-vagos baixéis do O'rbe as riquezas;
E as Quinas vão ufanas
Nos hombros de Néptúno,
Levar a ambos os Pólos, teus louvores.

Vem, século ditoso,
Dos bens enriquecido,
Affortunar os fortes Lusitanos:
Outras graves conquistas,
Outras pazes honrosas
Venhão com nóvos Gamas, e Alboquérques.

Do teu formoso rôsto,
Dos ólhos refulgentes
Trasbórda o amor dos teus vassallos:
Das tuas mãos grandiosas
Já cáhem cento a cento
As benignas mercês, bem-repartidas.

Teu Pôvo affortunado
Aos Céos envìa as graças
Da Raînha, antes Mãe, máis que Raînha:
E as arredadas gentes
Do teu brando govêrno convidadas.

Aos vaidosos Monarchas
Darás roedôra invéja,
Porás grilhões á lingua da Calúmnia,
Que exprobrava odiosa
Ser fraca a mão femînea
Para as rédeas sostêr d'um grande império.

Tu, de Princepes dignos
Benemerîta herdeira
Os passos pizarás, que elles corrêrão :
Na strada da Victoria,
Do mérito no templo
Tens por Nórte os Avós, o Páe por Méstre.

Já n'um lugar excélso
O sólio te preparão
Entre Cath'rina illustre, e Isabél sancta;
E já com alvorôço
Técem teu elogîo,
Quando á sphéra immortal mui tarde subas. (1)

---

(1) Virgilio prometteo, J. B. Rousseau prometteo, e fallirão nas promessas. Eu prometti, e as minhas promessas se cumprîrão : os felizes Portuguezes as abonão. E, como diz o último vérso — máis tarde subirá, etc. se vai cumprindo, que entrou ella nos seus 82 annos em dia do anno bom, de 1815.

DEBIQUE

OFFERECIDO

AO SENHOR H. J. B........

Compadeciao de que a las hermosuras legas, por justos juizios se les aya revestido en el cuerpo tan estraña gerihabla, y viendo que los clamistas de noche, al son de campilla dizen: Acuerdense hermanos de los que estan en pecado mortal, y de los que andan por la mar, y de aquellos, y aquellas que estan en poder de *Francelhos*. Por todas estas cosas he resuelto.....

QUEVEDO.

Eis que, como Quevêdo, me resôlvo
A debicar comvôsco, meus Francêlhos,
Que vos desempulháes de meus socátes,
C'um babôso dizer — *Patrão da lancha*
Carregada das drógas da antigualha.
Cuidáes que me insultáes: e eu tenho em honra
Ter os Clássicos lido, e ter lembrança
De suas nóbres phrases, quando escrevo.
Que assim fazia Freire, assim Vieyra,
Dous lumes da eloquencia Portugueza,
No sěculo anterior. Que (por disgraça
Da lingua nossa!) os outros Escriptores

Imitar não soubérão. Succedeo-lhes
Um phrasear mesquinho, um mui-poupado
Meneio de palavras. — Já dêssa Éra
Todo o têrmo por nescios não sabido
Era a destêrro injusto condemnado.
Então se entrou a arremessar no Olvido
Soér, *quiçá*, *máo grado*, *apraz*, *azinha*,
E outras vózes de enérgica estreiteza,
(Nóbres na Castro, nobres nos Lusiadas)
Para as substituir com têrmos oucos,
Com palavrões sesquipedáes, bazófios,
Com advérbios de longo rabo-léva,
Como este, que d'um vérso a casa occupa:
MISERICORDIOSISSIMAMENTE,
Que se cantou por fecho d'um soneto,
Imprésso n'umas féstas muito régias.
Veio, por fado máo, fortuna insulsa,
Depois, para deshonra d'este século,
Um fallar mascavadas francezîas,
Que se apossou dos cascos dos Tarêlos,
E pôz o peito á barra, muito ufano,
A enlabuzar a lingua Lusitana
Com cérta mixtifória frandulagem. —
Vendo que não pegavão táes unturas,
Máis que em carinhas tôlas, macaqueiras,
Máis que n'uns cértos Nayres, cértos Bonzos
N'algumas Mulherinhas de refugo (1),

---

(1) Não é minha intenção offender pessoa alguma em particular: e bem se vê, que me fôra impossivel; pois que não conheço um só dos que em Portugal peccão em francezismo. Mostrar-lhes quanto é ridiculo o abuso em que cahem, indica só desejos de os vêr sahir do máo caminho, e entrar na es-

Ou Rapazes da fúfia ; — e que homens lidos ,
E os de juizo assente os apupavão ,
Dérão-se então a baforar vapôres
Com que o lustre da lingua mareassem ,
E assim se desforrassem dos remóques ,
Com que o Diniz (1) , e Elysio os chasqueavão.
  Como vos enganáes , meus badamécos !
A lingua Portugueza pura , e clara
Virirá quanto vivão amadôres
Da Latina facundia , Mãe da Lusa ,
Quanto vivão Camões , vivão Ferreiras :
E a vossa lingua , eivada de Galeno ,
Morrerá , como as módas dessa Laia. —
Morrerão os *Telonios* , as *Malbrukas* ;
Morrerão as *Condutas* , os *Affrosos* ,
Com os máis da relé do *francezismo.*
  Quando a primeira vèz ouvi as fallas
D'esses Francêlhos , que na lingua Lusa
Mettião Francezìas , cismei muito
D'onde esse destempêro acarretárão.
Cismei , ... cismei , ... e á fòrça de cismar-lhe ,
Adormeci cismando. — Eis vem-me um sônho :
E como em sònho apprendo muito , agóra
Direi o que sonhei , que vem a pêllo.
  Vi um vasto Palacio , com feitìo
De Alfândega Mourisca , onde as fazendas

---

trada real. — *Ceux qui se reconnaissent dans les descriptions générales ou dans les portraits , doivent se corriger , et ne se plaindre que des personnes assez mechantes pour faire des applications odieuses et contraires à l'esprit de société.*

L'empire des Zazins.

(1) Hysope.

Erão missangas, talcos, azeviches,
Toucados á franceza, schalls á Turca.
Mil Bonifrates, mil Turinas sécias
Rodeavão táes fardos, e os cheiravão,
Namorados da guápa mercancîa......
Eis que se abre uma pórta. — Vou entrando,
Na salla, que era térrea, e por parêdes,
Por técto, e por caixilhos das janéllas,
Tinha papél pintado, sem máis nada,
Unido, e prêso por painéis, por cantos
Com córdas de vióla, sem máis pédras,
Mais cal, máis táboas, máis ferrage, ou tórnos,
Que o tal papél.... Eis vêjo um Cavalheiro
De mui prêtos bigódes retorcidos,
Castelhano no traje, e na postura,
Com carinha de escárneo.... « Este é Quevedo
(Disse eu lógo entre mim) Que bom encontro!

Eu.

» Não me dirá que sîtio é este? »

Quevedo.

Amigo;
Este é o Reino da móda. Eu vim cá vê-la,
Para della contar as maravilhas
Aos meus patáos; como é meu uso antigo,
Chasqueá-los com sônhos de cáveiras,
Chafurdas de Plutão, Latini-parla.....

Eu.

Meu Senhor, meu Quevedo, Cavalheiro
De Santiago, e Mômo do Parnasso,

Já que em Latini-parla aqui me tóca,
Não me dirá (dês-que anda nestes sîtios)
Se co' a Gallici-parla deo de acêrto!

QUEVÈDO.

Que me diz lá. — Bêsta é, que eu não conheço,
A tal Gallicî-parla. No meu tempo
Chamavão *fallar culto* o intermeado
De Latim na convérsa, e na escriptura,
Mas entrançar *francez* é máis asneira.
Que ao menos o *Latim* vislumbres dava
De quem aulas cursou, syntaxe soube;
Mas *francez*.... de que deo lições um birba,
Um....

EU.

« Meu senhor, vai o tiro inda máis longe.
No seu tempo o latim lá se fallava
Mettido em réstea com *atqui*, com *ergo*:
Hôje o *francez* se falla em assembléas
Mui de cutiliquê, muito entonado,
Por quem nem stêve, nem nasceo em França;
E inda os que máis graúdos se espanejão,
Não sabem o que lêm, que não comprendem
A allusão d'este ditto, a fôrça, o chiste
Daquella phrase, ou da accépção genuîna
Dês termos máis correntes. Lêm *Molière*,
La Fontaine, e jejúão da finura,
Que encérra a vóz, que lêm a trôxe môxe. (1)

---

(1) Cá estou eu em Parîs ha máis de 26 annos, e ainda me envergonho do máo francez que fallo, e do que ainda peior escrevo. Creio que é por falta de engenho.

QUEVEDO.

Eu inda não entrei ness' outra salla,
Cujas pórtas, bem vê, que bipatentes
Tem quatro conclusões por almofadas:
Inculcão bem sabença. — Talvêz dêmos
Lá dentro co' a instrucção, que haver pertende.
Entrêmos.

(1) Lanço a vista pela salla,
Onde, em pannos de Arraz traci-comidos,
Toda a Iliada em quadros, entre-vêjo,
Lacerados, e n'outros só os fios
Despidos da lan tincta; os móveis erão
Os de Nestôr.... ou netos do Dilúvio.
Deito-me lógo a vêr, com sério affinco,
Os géstos das Figuras, que compunhão
O conspîcuo (2) auditório. Vêjo barbas,
E grisalhas melênas de Prophétas,
Quaes vão na Procissão de S Francisco;
Um que aponta c'o dêdo o pó, e as cinzas,
Em que todos nos temos de tornar,
Outro óssos descarnados, e a cáveira
Despertadora do final arranco.
Mas o que máis lá vimos, nunca visto,
Foi umas tantas Vélhas desdentadas
Com cáras de Sybillas. — Erão dôze;
No feitîo, nos trajos differião,
Uma da outra, mas todas erão vélhas,

(1) Torna a continuar a narração.

(2) D'este epitheto usou em caso simillhante o Padre Mestre Fr. Perada no sermão, de que dei conta na carta ao Marechal de C.

E um rôlo de papéis cada uma tinha
Na mão direita : os ólhos tinhão fitos
Na imagem do Futuro , que era um Vulto
Annuviado , e esquivo , e sós uns visos
Dava , de vêz em quando , pouco claros ,
Que súbito as Sybillas escrevião.

E u.

« Não vejo aquî fazenda , que me quadre. —
Em que haja de parar o Gallicismo
Muito ha que eu já o sei. — Escárneos , vaias
Espérão ajoujar esses Tarêlos ,
Que trafição linguage hermaphrodita.
Vejâmos , se ha aquî salla do passado ,
Que da Gallici-parla a móda asnática
Descubra na raiz.

Q u e v e d o.

— Vamos máis dentro
Aqui vêjo uma pórta acobertada
De vélhos manuscriptos quasi cégos ;
Forçoso é que haja dentro antigas cousas.

E u.

» Não muito antiga é a móda. Já taludo
Era eu , quando pario na nossa Elysia
Cérta má Fada o tal fallar mestiço.
Mas entrêmos , talvêz ache o que eu busco.

Q u e v e d o.

— Não entre. — Vêjo muitos Petimétres ,
Muitos Bonzos de buço amoladinho ,

Damas *à la Titus*.,.. Alli ha mércia :
Que *Çagoão de Francélhos* diz o rótulo.
Vamos lá. — Como tudo afestoado
Está de Orêlhas d'asno !!! orêlhas d'asno
Dá o Bedél a quantos vem sentar-se
Em frente do Orelhîssimo francêlho :
Ouçâmos o que diz, que ha-de ser guápo.

FRANCÊLHO MÓR.

Eléves meus *charmans*, eu sou *gostoso*
De vêr quanto *foisonna* a nossa móda.
Graças vos dou da contumaz *conduta*,
Com que este nosso *affére interessante*
Puxáes com nóbre ardor, e dáes *ressurça*
A Damas, Bonzos, *piruetantes* Nayres
De fallar *culto*, sem saber máis lingua,
Que nacos de livrinhos de fitinha
Vêde quanto vos poupo de trabalho,
De estudos, de grammáticas prolixas,
De lêr Barros, Lucenas, Britos, Freires,
E tantos alfarrabios affonsinhos,
Com que Elpino, Garção, Filinto, Alfêno
Tem queimado as pestanas. Vós entre elles,
Campáes nas máis brilhantes assembléas,
E os acanháes, *mystificais-los* todos. —
Quando quérem fallar, *moquamos* delles;
De módo que se callão; muito apenas
Lanção um *gólpe de ólho* de travéz
Sôbre nós, que é *garante* irrefragavel
Do *interditos* que ficão destas vózes,
Que lhes *frappão* no máis sensivel da alma.
Pois se nós lhe atiramos mui-redondos

C'um *sentimento*, (bem que escuro seja
A nós, e a muitos seu significado)
Então vo-los dou eu por concluidos.
E olhando-se entre si, *lévão espáduas* :
Eu os vi, que *flancando-lhe* um *ressorte*,
Um bem gritado *affroso*, estremecião,
Espantados da nossa vasta sciencia.
Elles não ousão *deployar* dos lábios
Têrmo, ou phrase, que não lhes traga o cunho
D'algum rançoso autor, que nós não lêmos;
E nós *pourvu* que do francez nos venha
A palavra, ou a phrase, têmos gáudio
De lhes dar corrimaça, e *persiflage*.
Quem nos defende afrancezar a lingua
C'os têrmos d'esse século gabado (1)

---

(1) Pois que esses Francêlhos só do que vem de França fazem caso, porque não tomão a móda dos Francezes, em conservar com pureza a lingua do nosso século augusto, como elles punem por conservar a lingua do século de Luìz XIV? Leião as crìticas, que nos Jornaes apparecem contra os livros, que se arredão dessa pureza.

Houve pessoa dada a bons estudos, e affeiçoada á boa linguagem Portugueza, que reparou no muito rechêo de francezismo, que havia nesta falla, e que nenhum dos francêlhos usava attochar a conversação com tantos intrusos. O reparo é muito specioso, e quizéra eu, que a todas as minhas tróvas houvesse quem me apontasse com juìzo os defeitos dellas; que eu promêtto que com muito gòsto, e proveito meu, e dellas, as emendára. Por desgraça minha e desgraça das minhas tróvas ninguem quiz tomar esse trabalho. — Vamos ao reparo. Assim póde ser, que os francêlhos, que hòje fazem adulterio na lingua Portugueza, não sejão ainda tão chapados na asneira, como o Francêlho mór : mas pela mesma razão, que elle é Francêlho mór, máis fartas de Francezismo devem de ser as suas fallas. Os outros apenas são discipulos; elle é o Lente da Gallici-parla.

De Luiz quatorze, e autores de alto *rango*,
Que estima toda a Europa, a Europa estuda.
Se em Francez são sublimes, máis sublimes
Darão ao Portuguez lustre *eclatante*.
Desterrêmos com elles esta *affrosa*
Platitude da lingua seiscentista.
Toda a clássica phrase, que ignorarmos,
Gritêmos lógo — *Drógas da antigualha* —
Iusultêmos as Obras de Filinto,
As de Alfêno, Bocage, e outros sédiços.
Digâmos, que o Garção, se elle apprendêra
A fallar como nós, fôra um portento;
Fôra o melhór Poéta Lusitano,
Que nem o Camões mesmo lhe chegára
Ao bico de sapato. O Diniz.... esse
Inteiro se perdeo co' a tal Arcadia.
Tomasse elle as lições da nossa schóla,
Talvêz que com seus vérsos igualasse
Do Telêmaco nósso a bella prósa,
E mesmo alguns sermões, nossos consocios.
Ter-lhe-hiamos aquì *dressado* státua..
Verdade é, que *Escrivães* temos bem poucos
Que os *fins recúem* desta lingua sécia;
Mas o nosso Telêmaco mil vale.
Se não têve atéquì *chalans* em barda,
Que acodissem á compra, *elle é* o motivo
Que inda a lingua rançosa tenha muitos
Partidarios, e que o nosso fallar culto
Poucos adoradores tenha.—Poucos,
D'esses amantes do fallar dos Barros,
Só para o criticar, de ódio banzando,
O lêrão.... mas achárão-se bem *dupes*;
Que o nosso stylo, a que *arrivar* não pódem

Lhes fêz perder o gôsto de ir avante
De máis de duas laudas. Em *revanche*,
Pelo Reino, e Colónias estendêmos
Muito ao largo este nosso *seduisante*
Fallar francez, que afflige esses rançosos,
Do seu *patoá* puristas obstinados;
Assim fallou. Quevedo logrativo,
Voltando a mim o rôsto. — » Que tal acha
A destampada arenga ?

Eu.

Obra de néscios.

Amor da Pátria, e desejos de que se não escureça inteiramente a glória, que nos grangeárão entre as nações estranhas os bons Autores do nosso bom século litterario, e não outro algum motivo, me incitárão a destruir (se me é possivel) com as armas do ridîculo, a seita do francezismo, que tanto deshonra a clássica linguagem Portugueza. Bem sinto em mim não ter fôrças bastantes para a empreza; mas arvóro o pendão, e vou mostrando o caminho a outros máis valentes do que eu. Eia, môços estudiosos, amantes do bom Camões, terçai as lanças, e arremettei-me com esses espantalhos; derrotai-me esse exército ingrato, que se rebélla contra a Pátria, e contra os que com suas doutas pennas a illustrárão. Se soubessem os táes Francêlhos a estimação que os estrangeiros doutos fazem da nossa lingua, quando a entendem, e que lêm os Lusiadas, ou algum dos nossos Escriptores de bom século; e se soubessem a mófa que elles fazem dos que os não sabem imitar, porque não sabem o prêço avaliar da lingua que óra fallão, e em que, por desdouro seu, agóra escrevem, envergonhar-se hião (se ainda de pêjo conservão algum retraço), e se tivessem juîzo, cuidarião em desapprender essa gîria da tal Gallicì-parla.

SONETO.

De arco, fléchas, e facho carregado,
Venda nos ólhos, pela Mãe cingida,
Me entrou no sótão, (1) onde gasto a vida,
O rapaz, que dá a todos grão cuidado.

« Rapaz (lhe digo) eu acho-te escusado
» Esse facho a quem traz sempre impedida
» A vista, como tu.» (Cupido)— Vista homicida
Me dá, por entre a Céga venda, o Fado.

—E vê, se eu vêjo, ou não. —Nisto o maldoso
Põe mira na alma, e lá certeiro o lume
Crava, cevado em amargor ciôso.

— Assim pago (diz rindo o ruin Nume)
— A quem zomba comigo, e mal-jocoso
— Me acha escusado o facho do Ciúme. —

(1) Vide Ode a Pilaer — Quando, etc.

ÉPODO.

Illi robur, et æs triplex
    Circa pecus erat, qui fragilem truci
Commisit pelago ratem.

HORAT. *Lib.* 1, *Od.* 3.

COM ólhos não enchutos, caro Albano (1),
    As Tágides tristonhas
Te verão arrancar do seu regaço;
    Verão a murta, o louro,
Com que ellas te c'roavão á porfia,
    Mal-seguros na frente
Descórárem, vergar com feio susto
    Do gigante *Infortiato*,
Ordenação, Pandectas, Puffendorfios,
    E Guerreiros, e Pêgas.
Quanto entra, pelo Oceâno, o Padre Téjo,
    Irão as vêrdes Nymphas
Accompanhando o teu baixél esquivo:
    Os peitos fóra da agua,
E c'os erguidos braços acenando,
    Darão o extrêmo adeos.
Depois curvadas ante o Rei dos mares,
    Ajudadas de Téthis,

(1) O Senhor Desembargador Sebastião Jozé Ferreira Barroco.

Pedirão térnas, para o seu poéta
Venturosa viagem.
E tu, perdido o amor á Pátria, a Chéllas
(A Chéllas saudosa!)
Contra o gôsto de Irmãas, e dos Amigos,
Nos pinhos voadores
Co' as pandas azas ao Galérno francas,
Desamoroso Albano,
Irás, rompendo as cóstas de Néptúno,
Vêr a curva Bahîa.
Ante as aras de Némesis sevéra
Ir s pesar a culpa
Do bilingue Tapuia, ou cáfio Nêgro,
Nas trémulas balanças.
Entre as rumas dos Feitos, entre as Crétas
Te esquécerás das Musas,
Dos Européos Amigos saudosos,
Te esquécerás de Alcippe;
As Drîadas queixosas d'este Valle
Murmurarão de ti:
« Lá jaz Albano em feio esquécimento
» Nessa América terra,
» Nos braços da civil correspondencia,
» Entre as férvidas Damas.
» A mui-formosa Alcippe descóráda
» C'os sôpros da Doença
» Cansada chamará o sêcco Albano,
» Quando lêr seus Poêmas.
» Quem fará resoar em róda os montes
» C'os louvores de Alcippe,
» Quando os applausos da Prelada eleita,
» Em nocturno Parnasso,

» Pozérem franca a *contumaz* (1) janélla ;
» Côro das Musas Lysias ?
» Não ouviremos máis , como *arrancava* (2)
» Alcides o membrudo
» *O ladrador trifauce a bôcca abrindo ,*
» D'entre as exiles (3) sombras ;
» Nem como a *Pythonissa rabeando*
» Na trîpode sagrada
(Do fatîdico Deos a mente cheia)
» Convulsa pelos membros , (4)
» Cabêllos erriçados , rôsto em braza ,
» Alienada de si ,
» Borbotava enigmáticos furôres ,
» Pela fumante bôcca.
» Glória da Elysia , glória do alto Pindo ,
» Formosa , e douta Alcippe ,
» Não terás quem te diga : — *Se estou triste ,*
» *Mal vólto á mente a vista ,*
» *Transtorno-me de triste em ser contente.*
» Tu , Filinto queixoso ,
» Filinto triste , louvarás a Daphne
» Com raros tôscos vérsos.

---

(1) A invéja , a superstição , a tyrannìa formárão culpa d'um innocente divertimento ; prohibirão por longo tempo a Alcippe e Daphne chegarem a uma janélla conventual , para dalli darem mottes a Poétas escolhidos ; e dahi veio o epitheto de *contumaz* á tal janélla.

(2) Toda a lèttra (aquî) *grypha* pertence a sonetos d'esse outeiro de Chéllas.

(3) *Exilis domus Plutonia.* HORAT. Lib. 1 , Od. 4.

(4) Muitos exemplos ha em Horacio , Virgilio , etc., de dar , como os Grêgos , accusativo aos adjectivos verbáes : elegancia que imitárão os nossos Clássicos ; mas sem ellipse. Os Leitores

FÁBULA.

A LEÔA, E O RAPÔSO.

Com ternura a Leôa a têta dava
Ao filhinho, que em todo esse contôrno
Tem de reinar um dia.
Diz comsigo o Rapôso :
— Antes que um anno vôlva (se elle vive)
— De todos nós fará franca iguarîa.
— Com bom geito a catástrophe atalhêmos.
Lógo vai em pessôa
Visitar a Celsissima (1) Leôa.
— Como, Senhora, (diz com estranheza)
— Dá vossa Celsitude ao Régio Infante
— Tão liviano sustento ?
— É criação de mimos.
— Côrços, Cabras montêzas, gôrdos Pórcos,
— Bezêrros alentados
— O manjar dévem ser único, e forte

---

que tiverem alargado os seus estudos álêm das trôvas dos Poétas de água doce, entenderão bem o que eu digo. Os outros ainda com máis explicação me entenderião menos.

Nota do Editor.

(1) Titulo soberano que se dava aos Prîncepes Bispos de Liège; e quando se fallava delles se dizia. — *Sua Celsitude,*

— D'um Rei destas montanhas, e florestas.
De sangue, e não de leite,
— Se nutra quem do vosso Real ventre
— Sahio para reinar. —
Conselho, que lisonja, (1)
Acha no nosso orgulho a pórta abérta.
Assim foi este pela Mãe cumprido;
E a compleição do tenro Leãozinho,
Que des-tetou do leite,
Não resistindo ás fôrças da carniça......
Estourou.
Tal lucro, da Lisonja, a Mãe tirou!

Quantos ha que se esmérão
Em aguçar o ingenho de seus filhos!
Páe ha, que diz: « Meu filho tem sétte annos:
« Mas que grande memória!
» Sabe a fábula, a história...
» Que ha hi, que elle não saiba! »
Nem ha Páe, entre os Páes, que em pélle caiba
C'o ouvir papaguear o seu pequeno;
Que em vêz de digerir
O mui forte alimento,
Com que o estômago débil lhe abarrótão,
Embaça, ou arrebenta.
Eis que a criança tôla
Semelha ao Páe patóla,

(1) Vamos de vagar, e com sentido: que os leitores, que ainda não lêrão Camoēs, cuidarão que este *lisonja* é nome, e não é vérbo. Pois é vérbo; que lh'o digo eu aqui muito em segrêdo.

TROJANI BELLI SCRIPTOREM, MAXIME LOLLI, etc. etc.

Epístola 2, do Livro 1. de Horacio, traduzida.

Máximo Lellio, em quanto tu declamas
Em Roma, repassei eu em Prenéste
Esse Scriptor de guerreada Troia,
Que melhór que Crantôr, e que Chrysippo
E máis em cheio, diz o que é formoso (1),
O que é tôrpe, e o que é util, ou nocivo.
Porque eu assim o entenda (a estares vago)
Dou meu motivo. O Conto em que se narra,
Que em lenta guerra, pelo amor de Páris,
Se travára c'os bárbaros (2) a Grécia,

(1) Chama-se aquî formoso, o que com todos os moralistas Christãos e Gentîos se chama *honésto*. E na verdade a genuîna formosura da alma é a honestidade, neste geral sentido. *Honesto*, e *honestidade* não se tóma aqui no sentido que lhe dão as vélhas, em cuja intelligencia *honesta mulher* é muitas vêzes, o que os Francezes chamão *femme prude*, mulhéres de affectado recato, e alardeado biôco, que entre ellas passa por *honestidade*.

(2) Toda a gente sabe que tanto Grêgos, como Romanos, chamavão bárbaras todas as nações, que não erão Grêgos, nem Romanos; mas a razão disso nem todos a sábem. Eu a perguntarei, e quando a souber, lh'a direi.

Encérra éstos (1) de stultos Reis, e Póvos.
Vóta Antenôr, que a causa á guérra atalhem:
Mas, por salvo reinar, (2) viver a gôsto,
Que dirá Páris? — *Não podeis forçar-me....* —
Dá-se préssa Nestôr a compôr pleitos
Entre Achilles, e o Atrida. Amor abraza
Este, e de mão commum a ambos a Ira.
Os Grêgos pagão quanto os Reis delirão.
Motins, dólo, ruindade, ira, e cubiça
Dentro, e fóra dos muros de Ilion alta
São culpas lá communs. — Máis: do que póde
A virtude (3), e o saber, util transumpto
Em Ulysses nos põe. Depois que este houve
Domado Tróia, sabedor previsto,
De muitos homens vio Cidades, Usos;

---

(1) A palavra *æstus*, de que aqui usa Horacio com tanta energìa para denotar os vaivens das paixões, ou para melhor dizer as marés, que enchião, e vasavão no peito dos Achivos, não tem correspondente (que eu sáiba) em Portuguez, senão a palavra *éstos* que é latina apportuguezada, e da qual usa Fr. Manoel da Esperança (não despiciendo Autor) na sua Chrónica Seráphica part. 2, pag. 459. Além de affirmar Bluteau, que é usual no Riba-Téjo tomarem *ésto* por *maré*. Além de saber eu de cérto, que por todo o Minho marìtimo se diz: *é ésto, é bom ésto, é alto ésto.* — Quando apprenderemos nós a lingua Portugueza de maneira, que por motivo desta ou daquella palavra, não esteja a cada instante um desgraçado autor á battibarba c'o perluxo, ou ignorante leitor!

(2) *Reinar* não significa sempre *dominar como Rei*; mas muitas, e muitas vêzes os Latinos dizem reinar por viver *á la grande*, regalar-se, assoberbar os outros com seu luxo, com opìparos jantares, com esperdiçadas riquezas, etc.

(3) *Virtus* ente os Latinos quer dizer esfôrço de ânimo, e daqui vem chamarmos *virtudes* as fôrças que oppômos á violencia das paixões.

E em quanto appresta a vólta a si, e aos outros
Muitas penas soffreo pelo mar largo,
Sem que as ondas advérsas dos trabalhos
O submergissem. Sabes que as Sereias
Lhe cantão, que co' a taça o brinda Circe;
Que se sôfrego, e parvo, como os sócios,
Tal bébe, agóra tôrpe, e des-juizado
Avassallado á meretriz (1) jazêra,
Qual Cão immundo, ou Pôrco affécto ao lôdo.
Nós só viémos a fazer quantîa,
E a consumir seáras, quáes Amantes
De Penélope ruîns, ou quáes os Môços
De Alcînoo Cortezãos, que se esmeravão
Em curar o carão máis do que é justo;
Dormir té meio dia caprichavão,
E pôr ás lidas cabo ao som da Cîthara.
Ladrões se érguem de noite a mattar homens (2):
Tu, por guardar-te, não é bem que acórdes?
Se não córres, em quanto tens saúde,
Correrás quando hydrópico; e se os livros
E a luz não pédes, antes que abra o dia;
Se não fitas no estudo, e honestas cousas
O teu ânimo, apenas que despértes,
Tem de te dar tortura o Amor, a Invéja.

---

(1) *Circe*. Que atrevida insolencia a do senhor Horacio, a de chamar meretriz a uma filha do Sól! *Sub domina meretrice*. Dado que duas filhas engendrára o Sól, esta Circe, e a senhora Pasìphae, que fôrão máis castiças, que castas. — Mas a uma nympha, a uma raînha, e ambas de tão esclarecida prosápia, é desafôro! é desacato, por máis que digão.

(2) Já d'esse tempo os Ladrões se não contentavão com tirar a bòlsa.

Se não dize : porque a tirar-te appressas
O que te empéce á vista , se demóras ,
Para álêm do anno , o que a alma te consume ?
Métade avança da óbra o que a começa.
Arrója-te a saber. — Encéta. Aquelle ,
Que furta o côrpo a melhorar de vida ,
É bem como o Aldeão , na aba do rìo ,
Que espéra que elle escôe ; e o rìo corre ,
E correrá volúvel éras , e éras.
Toda a mira se aponta em ter dinheiro ,
Em ter mulhér formosa , nóbre , e ricca , (1)
Que lhe procrêe filhos ; e a que o arado
Domestique (2) maninhos , e devêzas.
Não queira máis quem tem sufficiente :
Não Casas , não Herdades , nem Dinheiro
Despédem fébres , salvão de cuidados.
Convêm que o possuidor ande sádìo ,
Se intenta dar bom uso a seu grangeio.
A quem cubiça e téme , tanto valem
Casas , ou Cabedaes , quanto Pinturas
Aos ólhos emplastados , ou á gôtta
Fomentações , ou Cìthara a ouvidos
Dorìdos das matérias nelles pôdres.

---

(1) *Beáta* , que vem no texto , e que entre nós quér dizer mulhér de idade , papa-sanctos , com contas na mão , borracha á cinta , significava entre os Latinos mulhér , que por formosa , fidalga , e ricca , é já bem-aventurada neste mundo , só dessas boas qualidades se aproveita.

(2) No caso que o vérbo *domestique* scandalize alguns illustrissimos censores , ponhão em seu lugar *arrotêe* , ou qualquer outro dos que vem no Auto de Catharina Lopes Cristalleira , segundo melhór lhes contentar.

Quanto deitas em sujo vaso azéda.
Despréza os appetites : Appetite
Que se compra com mágoas é damnoso.
Sempre vive em pobrêzas o Avarento..
Põe alvo abalisado a teus desejos.
Definha-se o Invejoso , em vêr o estranho
Medrado em bens. Os Sîculos tyrannos
Mór tormento que a Invéja não traçárão.
Quizéra o que não foi á mão á Ira ,
Não ter feito o que fêz mal-conselhado
Da dôr, da mente ruin , se prepotente
Se assomou no punir com ódio inulto. (1)
Insania bréve é a Ira. Tu modéra
A vontade , que se érgue c'o dominio ,
Se a não trazèm sujeita ; èsta soppêa
Com freio, com grilhões. Em quanto é dócil
O pôtro, e a cerviz tenra , o Méstre o adéstra
A seguir o caminho, que lhe ensina
O Cavalleiro. O Caçador cachôrro ,
Dêsque soube ladrar , na salla , á pélle (2)
Do Veádo , guerrêa pelas sélvas.
Recólhe agóra , oh Môço , estas palavras
No peito , que ainda é tempo ; e te offerece
A quem melhóres , (3) saiba. Longos tempos

---

(1) Este *inulto* tem dente de coêlho. Varios expositores li n'uma livraria em que havia commentadores ás carradas : mas a genuîna intelligencia ainda para mim ficou no fundo do sacco. Feliz quem dér com ella !

(2) Foi costume pendurar uma pélle de veádo diante dos cães, para os ensinar a ladrar-lhe , quando os levassem á caça.

(3) Horacio não se gaba de dar a máis apurada doutrina, antes acconselha . que sigão philósophos avantajados a elle.

Conserva a infusa o cheiro, em que embedida
Foi, quando nóva. E, ou fiques, ou brioso
Te adiantes; ronceiro, não te aguardo;
Nem lido eu me hombrear c'os que ante-correm. (1)

OS NOVOS GAMAS.

ODE.

———Nil mortalibus arduum est.
Cælum ipsum petimus. . . . . .
Horat. Lib. 1 *Od.* 3.

Assim (2) deixou de Créta as cem Cidades
O fabuloso Méstre, (3)

---

(1) Metáphora dos que em Roma corrião no Circo para ganhar o prémio deparado para quem primeiro tocasse a méta.

Dirá algum Crìtico, que esta traducção não iguala o original: e eu direi que tem razão, o que esse defeito me descontentou sempre nella. — Mas para que a imprimiste? (me dirá elle) Isso são outros quinhentos. Se eu estivesse lá ao pé do senhor Crìtico dir-lho-hia ao ouvido muito em segrêdo. Mas..... estamos tão longe!!!

(2) A admiração deo o nascimento a esta Ode, e com effeito a grandeza, e a novidade do spectáculo déra assumpto a melhór canto, se a veia do Poéta fôra de máis alta classe.

(3) Dædalus, ut fama est, fugiens Minoia regna
Præpetibus pennis ausus se credere cælo.

Ás estranhadas nuvens dividindo
Com atrevidas pennas ;
Assim nos ensinou a ser Monarchas
Do ligeiro elemento.
Mas, do arrôjo agastada a Natureza ,
Sob alçapão ferrado
O temerario arcâno pôz seguro ,
E aos séculos vindouros
Com manto espesso de nublada tréva , (1)
Lhe encobrio o jazigo.
Que não vence indeféssо , împrobo estudo ,
Que põe na gloria o fito !
Que marcos não transpõe esporeado ,
Destemido desejo !
Vîrão da Mórte a hedionda catadura
(E com pausados ólhos)
Os Heróes arrojados , que na lança
Levárão sanguinosa
Conquistados Impérios , e deixárão
Impávida memória.
E os que , seguindo as leis da árdua Virtude
Calcárão denodados

---

(1) Alguns meninos , ainda boçáes em Poësîa , me censurárão de ter eu usado *tréva* no singular ; porque talvêz só se lembrárão da quarta feira de trévas ; aos tâes lhes lembro aqui , álêm de outros , que não escrevo , estes tres lugares de Camões , que tenho aqui á mão.

Acórda e vé ferida a escura tréva
Canto 2 *est.* 64.

Todos nus , e da côr da escura tréva
Canto 5 , *est.* 30.

Divina assim tirou da escura tréva
Canto 3 , *est.* 15.

O collo insidioso da Calúmnia,
    Dragão de atro veneno.
Já tinha em frágil lenho submettido
    Os Reinos de Néptúno
Mortal, desprezador de dubia mórte;
    E, alongando a carreira,
Da rôxa Auróra visitado o leito;
    Do tardìo Boótes
Penetrado os gelados escondrijos
    C'o sagaz Astrolabio.
Já, devassando os términos de Mundo,
    Inquiétos humanos
Tinhão sérras longinquas, ìnvios êrmos
    Trilhado aventurosos;
Com mão profana as lôbregas entranhas
    Da térra revolvido.....
E tu, Vulcano, que as Lipáreas Ilhas
    Regîas indomavel,
Regido fôste, e a sábias mãos sujeito;
    Para os humanos Jóves,
Em dura schóla, trabalhaste os raios,
    Que estalão com ruïna
Nas cerradas phalanges, nos reparos
    Das munidas Cidades.
As Estrêllas, os O'rbes despedidos
    Reconhecêrão régras; (1)

---

(1) Não tinha ânimo, nem paciencia (nesta Ode, que primeira imprimi em França, como tambem n'outras que lhe seguìrão as pégádas) de pôr nótas em similhantes bagatéllas; mas como tanto me tem soado nos ouvidos, que achão escuros alguns lugares dellas, me sinto no lance de pôr máis patente, o que me parecia trivial e claro. Assim direi que as régras de que fallo são as de Newton.

E o Raio assustador, que vago, e sôlto
Estendia, ou quebrava
O rôxo trilho do farpado insendio,
Hôje a Franklin submisso, (1)
Pela perita barra, (2) ingrata via,
Reluctante discorre.
Só resistia ufano, e mal-soffrido,
Ao tentâme frustrado,
Do vasto Eólo o Império mal-seguro,
Diáphanas campinas.
Os rijos Aquilões, Euros fogosos
C'o sôpro amedrentavão
A progénie arriscada de Japêto:
As aguas infamadas,
C'o nome do Mancêbo (3) máis-que-affoito,
Com descórádos mêdos
A empreza ambiciosa reprezavão.
Debalde a Natureza
Ao pertinace esfôrço se esquivava,
De sustos povoando
O largo plaino dos desértos ares,
Desamparadas quédas
Oppondo, escarnecidas, por barreiras!
O Disvéllo incansado

---

(1) De quem disse Turgot: — *Eripuit cœlo fulmen*, etc.

(2) A barra do *paratonnerre* não tem máis sciencia, que qualquér outra barra de férro, mas foi perito Franklin, que ensinou com ella a dirigir o raio, para onde queirão. Assim é déstro o pente de que falla o Garção na Ode ao Delfim, quando diz:

Debalde Gabillon, c'o déstro pente
Métte em batalha juvenìs cabêllos.

(3) Îcaro.

Que aguça a vista á Sensação refléxa,
Arremessado rompe
Pelos montões de obstáculos, e invéste
C'os penetráes vedados,
A arrancar o segrêdo perigoso.
Para escalar os Astros
Intexe um Glôbo, imitador dos O'rbes,
Que gyrão no ar vazîo....
Eu mesmo o vi. (1) Obediente ao mando
Deixou airoso a térra;
Sôbre as frentes dos homens assombrados
Levantado Planêta,
Sulcava as raras ondas majestoso:
(Em sobêrbo triumpho
A regrada Sciencia aos Céos subîa)
E furtando-se aos ólhos
A nóva Estrêlla prefazia o gyro.
Tal Júpiter subido
Tira bizarro, pelo ethéreo campo,
Os satéllites fidos,
De um Pólo, ao outro Polo (2) passeando,
Na clara, estiva noite.

---

(1) Em quanto o glôbo de *Messieurs* Charles e Robert subîa mui sereno entre acclamações e assombro de todos os que o vião, tecia eu esta Ode, quasi tal, qual aqui vai impressa, salvo as correcções, que lhe fiz ao escrevê-la.

(2) Não me amofinem com astronomîas, nem com Pólos daqui, nem Pólos dalli, que muito bem se sabe que os planêtas não correm de Pólo a Pólo. Leião Camões, e verão que elle métte Pólo a toda a casta de môlho.

TRADUCTION

De l'Ode précédente.

C'est ainsi que jadis, d'un vol audacieux,
Dédale osa franchir l'immensité des cieux,
Et que, planant soudain au-dessus des nuages,
A ses pieds orgueilleux il foula les orages,
De l'empire des airs il traça le chemin;
Mais dans les noirs replis d'un vaste souterrain,
La nature, en courroux contre ce téméraire,
Enferma son secret : et sa prudence austère
Contre un désir fatal voulant nous prémunir,
En déroba l'entrée aux races à venir,
Et les enveloppa d'un voile de ténèbres.
Mortels ambitieux ! pour que vos noms célèbres
Passent de siècle en siècle à vos derniers neveux,
Que ne surmontez-vous ? Quel précipice affreux
A vos bouillans désirs peut servir de barrière ?
Les héros, emportés par leur fureur guerrière,
D'un regard intrépide, en volant à l'honneur,
Ont fixé du trépas le glaive destructeur ;
Ils ont, d'un fer sanglant dirigeant la victoire,
De leurs noms redoutés éternisé la gloire.
De l'austère vertu, d'autres suivant les lois,
Ont de la calomnie étouffé les cent voix,
Et sans craindre l'effet de sa dent vénimeuse,
D'un pied hardi foulé sa tête insidieuse.
Méprisant les fureurs du perfide élément,

L'homme avait asservi l'empire du trident.
Emporté vers les lieux où le jour vient d'éclore,
Il avait salué le berceau de l'aurore,
Et l'astrolabe en main, le pied sur les glaçons,
Parcouru des autans les sauvages prisons;
Sur un mobile pin, faible jouet de l'onde,
Des mortels inquiets, aux limites du monde,
Avaient déjà porté le ravage et la mort,
Et s'étaient confiés aux caprices du sort,
Dans des climats lointains, où l'œil découvre à peine
De quelqu'être vivant une trace incertaine.
La terre avait senti leur sacrilège main,
Mesurer ses hauteurs et déchirer son sein.
Toi qui, dans Lipari, tenais le rang suprême,
Indomptable Vulcain, tu fus contraint toi-même
De fléchir sous la main d'un habile artisan;
Dans un étroit fourneau, resserré, mugissant,
Tu te vis obligé de forger le tonnerre,
Pour en armer les bras de ces dieux de la terre,
Qui dans les murs d'acier des bataillons pressés,
Et les débris sanglans des palais renversés,
Se font jour, et près d'eux font marcher le carnage.
Bientôt on vit dans l'air suivre une règle sage,
A ces corps dégagés, ces globes radieux,
Qui jusque-là semblaient être errans dans les cieux.
La foudre en vains éclats consumant sa puissance,
A nos fers aimantés soumit sa résistance.
Du vaste dieu des vents les fluides éclats
Résistaient glorieux à vos vains attentats;
Ce dieu gouvernait seul ses transparens domaines;
Des fiers enfans du nord les sifflantes haleines
Effrayaient de Japet les fils aventuriers.
Cet Archipel fameux, dont les flots meurtriers

Ont hérité du nom du téméraire Icare,
A leurs projets hardis ouvraient un gouffre avare.
Pour dompter leurs désirs sans cesse renaissans,
La nature toujours prit des soins impuissans,
Des champs aériens peupla les vastes plaines,
De soucis dévorans et de chutes certaines,
Leur fit voir des rochers les sommets décharnés.
Leurs trépas instruisant les peuples consternés....
Mais rien ne les retient, et, rompant les barrières,
De ces lieux interdits à leurs yeux téméraires,
En arrachent soudain les secrets dangereux.
Un globe, tel que ceux qui roulent dans les cieux,
Gonfle ses vastes flancs d'une vapeur légère,
Monte avec son auteur, et plane sur la terre.
Moi-même je l'ai vu, d'un air majestueux,
A son ordre docile, étonnant tous les yeux,
S'élever dans les airs, et, voguant avec grace,
Laisser loin après lui l'empreinte de sa trace.
C'est alors qu'emporté sur ce char glorieux
Le génie alla prendre un rang parmi les dieux;
Puis en astre nouveau, loin de nos yeux profanes,
Décrire son orbite aux plaines diaphanes.
Tel un beau soir d'été du Monarque des cieux,
L'astre resplendissant se soustrait à nos yeux,
Et marchant entouré de ses gardes fidelles,
Trace d'un pôle à l'autre un sillon d'étincelles.

SONETO.

NÃo pesquizes, Leitor, com cenho austéro
Tôscos vêrsos, ás magoas arrancados;
Ao som de meus grilhões fôrão cantados,
Em captiveiro de rigor sevéro.

Longe depuz o alinho, longe o esméro,
Com que cantei favôres delicados.
Penas, rigores (1) sáhem mal-limados
Das fábricas d'um Nume duro, e féro.

---

(1) Alguns pertendem que não se possa repetir n'um soneto a mesma palavra, fundados em cérta régra da poética de Boileau. Não discuto aqui se têve, ou não bastante motivo para pôr máis esse encargo aos soneteiros de França. Lá se avênhão os soneteiros com Boileau, e Boileau c'os soneteiros. Eu atenho-me aos Italianos, que nestes poêmas fórão sempre os Mestres, e de cujos vi sonetos mui poéticos: com justas causas se póde dizer que um bom soneto vale um poêma. Os Italianos não se estreitão, (ainda os máis modernos como o Zappi, e outros Arcades de nome) a tão miúdas régras. Quanto máis, que similhante régra destruiria uma das máis bellas, e ás vêzes, das máis pathéticas figuras, qual é em lugar proprio a repetição da mesma palavra, de que ha tantos exêmplos em Virg. etc. etc. Se, nada obstante, prevalece o máo gôsto, e vinga o constrangimento, que dá similhantes escrúpulos por preceitos, cá os assentarei no meu canhenho, com os *simul-cadentes*, *simul-soantes* e *lunares* do doutor Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

Mover a mágoa quiz com ais sentidos,
A mão que me prendeo (1) com meigo encanto,
Quando, por vérsos, entoei gemidos.

Para os que Amor condemna a amargo pranto,
Para os peitos de crûs farpões feridos,
Não para vós, Censores, sólto o canto.

HYMNO A BACCHO.

— Dulce periculum est,
O Lenæe, sequi Deum
Cingentem viridi tempora pampino.
Horat. Lib. 3, Od.

I.

Vem, vem, potente Baccho,
Vem domador das Indias invencivel,
Que os mosqueados,
Rábidos tigres
Réges sob'rano,

(1) Me juvat in gremio doctæ legisse Puellæ,
Auribus et puris scripta probasse mea.
Hæc ubi contigerint, populi confusa valeto
Fabula: nam domina judice tutus ero.
Propert. Lib. 2, Eleg. 7.

C'um açoite de vides dobradiças;
Que a desdenhada c'rôa da Princeza
(Antes que estrêllas fôsse)
Com corymbos, com pámpanos ornaste.

II.

Tu, grande Rei, governas
Os reinos da Alegrîa, e do Deleite;
Nossos humores
Rápidos, lentos,
Punges, refreas:
Tu animas as dansas, os festejos,
E ameigas no teu cóllo as lindas Graças,
Que o riso airoso negão
Aos împios, que os altares teus não beijão.

III.

Cáhe aos teus pés rasgado
A teu aceno o sêllo do segrêdo;
Francas as pórtas
Tens dos Ministros,
Dos Reis cuidosos,
Se entrar em seus defesos Paços dignas:
Tu, se co'a recedente, invicta dextra
O coração lhe esprémes,
Pela bôcca espirrar-lhe o arcano fazes.

IV.

Com branda, amiga fôrça
Despédes das contentes companhîas

Rancor pesado,
Sêcco silencio,
Grave Etiquêtta;
Tinges de meiga côr nossos costumes,
E a fronte do sizudo desencréspas.
Por ti, ri a Virtude
Ao Amor, e a seus brincos buliçosos.

V.

Vem, Baccho, de mãos dadas
Co a mólle Ociosidade voluptuosa;
Vimîneos cêstos
De almas botêlhas
Sátyros léves
Dos hombros fulos, ante mim deponhão,
Aqui vazem rubî, aqui topazio
De trasbordada escuma,
Aqui rindo, o sedento seio aláguem.

VI.

Oh Nyctileo valente,
Só de entoar na lyra os teus louvôres,
Não sei que flamma
Vìvida, fúlgida
Serpêa, e córre
A assettear, c'os petulantes raios,
As cóstas encurvadas dos Pezares.....
Eis que trépa..... eis que sóbe
A' casa da Razão, e m'a allumîa.

VII.

Nôvo discernimento
Com nôvo rádio estrêma idéas nóvas.
Cruzão em bandos
Gentîs conceitos
Louçãos, garridos.
Nóva série de acções de Heróes córádos (1)
Passão móstra no espêlho do Futuro:
Outro Pôvo, outros Tempos
Se me offrecem, me esperão, me convidão.

VIII.

Que furor me arrebata!
Que nóvos Ceos descubro, novos Mundos!
Tudo são vinhas!
Tudo parreiras....
Um mar vermêlho
Se estende, e ondeia, crèspo de navios,
Sem flâmmulas, sem vélas.... Não..... são dórnas;

---

(1) Perguntei ao Poéta porque razão chamou *córádos* estes Heróes; e elle me respondeo, que nunca vira amante affincado do sumo da cêpa, que não lhe sahisse pelas faces a côr de sumo. Ainda me disse máis, que conhecêra elle certo Thesoureiro d'uma Freguezìa de Lisboa (que nunca bebìa máis água que a da missa) cuj o suór lhe sahìa do côrpo tão vermêlho, que, no verão mórmente, lhe pintava a camisa, e tres-passando a lòba, lh'a roxeava. —

E perguntai aos sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura. CAMÕES.

Nota do Editor.

São frótas, são armadas
De undívagos tonéis conquistadores.

IX.

Cá déscem das montanhas
Despenhadas correntes auri-dulces
Do Carcavéllos,
Do bom Setúbal,
Que aquéce o seio,
Que ameiga, que aviventa a alma dos Vélhos.
Aqui dormentes sombras prazenteiras
Se debrução das parras
Sôbre alastradas moitas de Bacchantes.

X.

Como ronca o Sileno
Entre vazîos póles do cheiroso
Néctar sádîo!
Pelos bigodes
A crêspa escuma
Lhe ondeia ao som do fôlego cantante:
Arrepiados, strîdulos adufes
Alli jazem cansados
C'os pampinosos vingadores thyrsos.

XI.

Sôbre esteios nodosos
Repousa, e estende os racimosos braços
A alégre vide;
C'o inchado bôjo
Regala a vista

O bago accêso; guápo as mãos convida,
Entre as viçosas fôlhas reluzindo.
Que de enfeitados templos
De Devotos, que o bom Evân consola!

XII.

Destemido me assento
Ante esta ara divina, e rubicunda....
Como apressados
Mil sacerdotes
De pés fendidos,
Carregados de víctimas undosas
Vem ornar-me este altar! Ponde no meio
A grande, a das quatro azas,
E m'a adornai com bastiões de frascos.

XIII.

Pela micante bórda
Desta bojuda taça espanca-enfados
Sáltão Prazêres......
Vê como púlão,
Vê como estoirão,
C'os pés brincões, as apinhadas bôlhas!
E no meio do lago, que derrama (1),.....
Ólha nadando as Nymphas,
As Nymphas da Alegría galhofeira.

XIV.

O'lha, a travéz das ondas
Que talhão co'alvo peito lá no fundo

(1) Derrama, (de muito cheia) o licôr que encérra.

Baccho risonho,
Mui recostado
N'um throno de héra,
Que me acena co' thyrso folheado.
Eu vou, eu vou, Lenêo irresistivel.
Nos palacios do seio
Meu hóspede serás. — Entra de gólpe.

XV.

Oh como um Deos é grande!
Onde quér que aposenta, occupa tudo.
Os quartos da alma,
Os da memória,
Té quì tão cheios
De mordazes tristêzas, de infortunios,
Tudo desalojou, tudo acha estreito
Para a pousada sua.
Baccho embebeo-me todo, e eu sou um Baccho.

XVI.

Em fogosos Ethontes
Nos léve a repellões Apollo o dia;
Como uns instantes
As Horas vôem;
Tácita a Lua
No carro argênteo acôlha o fugaz Tempo:
Que eu transbordando Baccho, zombo e rio
Do seu bater das azas,
E lhe dou vaias c'o tinnir dos cópos.

XVII.

Vaias lhe dou sonóras,

Quando cheio de Ti, por Ti Poéta,
Nos bordões grossos
Da cáva Lyra
Dou quatro gólpes,
Com que este ar fréme, atrôa, estruge,
E vai pelas cavernas rimbombando,
Té que acórda a Delmira,
Que do foguêdo de honte'inda-hôje dórme.

XVIII.

Onde fôste esconder-te,
Deslavado Dorindo, (1) que os mystérios
Do augusto Brómio
Celebrar hôje
Fóges esquivo!
Vem beber côres, vem beber saúde
Nas sacras taças d'este altar perênne:
Affoga-me esses philtros
Com que Esculapio te danou o peito.

XIX.

Tu por acaso julgas
Que uma agua sem sabor, sem côr, sem fôrça,
Nas frouxas veias
Pinte, apressure
Pállido sangue?
Encha de ardor o coração ensôsso,

---

(1) O Snr. D. P. B. chamo-lhe *deslavado*, não porque elle o seja, mas porque o deslavárão então aqui com...

E discrétas faìscas mande á tésta,
D'onde alegrìa aos ólhos
Dêsça, e dêsça á bôcca o dicto agudo?

XX.

Só foi dado a Lyêo
Povoar de altas idéas o juìzo;
No vêrde Pindo
O douto Horacio
Nunca vio Nymphas,
Sem que a mente primeiro confortasse
Com sangue de bacêllo (1). Dalli vérsos
De atrevida harmonìa,
Dalli Prazêr lhe vinha, vinha fôrça.

XXI.

Cheio de ousado brio,
Que esta c'rôa me dá de Louro, e de Héra.
Aqui aguardo,
E os desafìo
C'o cópo em punho,
Os duros Valentões famigerados
Da viçosa Chamusca, ou Lavradìo:
Não ha hi desalmado
Gigante, Encantador, que eu não arróste.

---

(1) Satur erat cum dixit Horatius Evoë.

Juvenal.

Horace a bu son saoul quand il voit les Ménades.

Boileau. Art Poétique.

XXII.

Accende em róda os fachos
De resinoso, crepitante pinho :
Entre mil lumes
Trémulos, rútilos
Bêbo esta grande
Taça ao grande Evio , estoura a ti , Delmira ,
Que auri-crinante chêgas opportuna......
Ai como os campos dansão !
Dansa a mesa ! — Dobrados vejo os frascos !

ODE

AO SENHOR M. J. DE C.

—— Neque fervidis
Pars inclusa caloribus
Mundi, nec Boreæ finitimum latus,
Duratæque solo nives
Mercatorem abigunt? horrida callidi
Vincunt æquora navitæ?

HOR. *Lib.* 3. *Od.* 24.

CYPRINA, ou louro néctar,
Que do peito os cuidados affugenta; (1)
Trabalhados manjares, (2)
Da Lyra os sons, das áves os gorgeios
Não mattão sêde de ouro,
Que se afferra nas întimas entranhas
D'esse tôrvo avarento,
A quem nunca, nos ólhos sempre á l'érta,
Coou plácido Somno:

(1) —— Neque
Mortales aliter diffugiunt solicitudines.
HOR. *Lib.* 1. *Od.* 18.

(2) — Non Siculæ dapes
Dulcem elaborabunt saporem.
Idem. Lib. 3, *Od.* 1.

O Somno, que antes busca a chóça humilde
Do simples Pegureiro, (1)
Do que os dourados téctos dos Monarchas.
O que em riqueza excéde
Quanto Africa possúe, e inda aureas minas,
Que virgens guarda a Terra,
Bem que quasi dous têrços da Cidade
Abarque o seu alcáçar;
Se o Nume, que ás leis todas dá de rôsto,
NECESSIDADE dura, (2)
Os cravos de diamante nelle entérra,
Sua alma allî captiva
De sustos se não salva, e a cerviz sua
Curva sujeito ao laço,
Que, com certeira mão lhe atira a Mórte.
Oh quanto com máis sizo
O Scytha guia a casa vagabunda, (3)
Onde máis se lhe alvitra!
Quanto aprouve melhor á Natureza
Dar campinas sem-marcos, (4)

---

(1) — Somnus agrestium
Lenis virorum non humiles domos
Fastidit.

HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 24.

(2) — Sæva Necessitas
Clavos trabales, et cuneos manu
Gestans ahena:

Idem. Lib. 1 *Od.* 35.

(3) Quorum plaustra vagas rite trahunt domos

HOR. *Lib.* 3. *Od.* 24.

(4) Immetata quibus jugera.

Idem.

Lavouras d'um só anno, (1) aos duros Gétas!
O mar erguido em sérras,
Ou quando o Arctúro désce, ou sóbe o Capro,
Ao sábio não demóve,
Contente da sua aurea medianîa: (2)
Pedrisco, o não assusta,
Que as esperanças quebra ao Vinhateiro; (3)
Nem crestadas seáras,
Nem burladas as árvores de fructos:
Arda o Sól, géle o Hynvérno,
Que ha que enojá-lo possa? Os bens, que elle ama
Immortáes são, como elle.
Homem só tu feliz! Homem só ricco! —
Se as honras ambiciosas,
Se os Palacios, que róção pelas nuvens,
Se a ambrósia, e dôce néctar
O peito não contentão, que se nutre
Só do tranquillo abono
Da consciencia san, do mal lavada, (4)
Com que fim sólto o panno,

---

(1) Nec cultura placet longior annua.
idem.

(2) Desirantem quod satis est, neque
Tumultuosum sollicitat mare,
Nec sævus Arcturi cadentis
Impetus, aut orientis Hædi.
Idem.

(3) Non verberatæ grandiue vineæ,
Fundusque mendax.
Idem.

(4) Integer vitæ, sceleris que purus.
HOR. *Lib* 1. *Od.* 22.

A correr mares, á mercê de Eólo?
Perigos apalpando,
Por colhêr os thesouros de mil climas?
Debalde himpão riquezas
Na alma, em que sôfrega ancia a fio nasce. (1)
Tálha, ávido mercante,
Desde a Auróra ao Poente, o mar iroso,
Cérca do Nórte ainda
Até á Maura areia, meio mundo;
Com improba fadiga,
Vai, se o pódes, fugindo de ti mesmo.... (2)
Mas fugir te é vedado
Do Sobrôsso, que te urge, e Sobresalto,
Que do baixél o léme
Menea a bél prazer. Mas eu que a Musa
Ama, farei que os ventos (3)
Por Albion semeiem meus pezares:

---

(1) —Scilicet improbæ
Crescunt divitiæ. Tamen
Curtæ nescio quid semper abest rei.
Idem.

(2) — Patriæ quis exul
Se quoque fugit?
Scandit æratas vitiosa naves
Cura.
Crescit indulgens sibi dirus hydrops,
Nec sitim pellit.
Hor. *Lib.* 3. *Od.* 24.

(3) Musis amicus, tristitiam et metus
Tradam protervis in mare Creticum
Portare ventis.
Hor. *Lib.* 1 *Od.* 26.

Por Albion, que agóra
Tisiphone atribula, e que esmorece
Com vêr, oh Castro, os lenhos;
Que apparelha o mimoso da Fortuna.

Parece-me que os estou ouvindo, cértos Doutores, dizerem com desdêm: « Foi bazófia no tal Filinto, alardear um chorrilho » de citações; metter-nos a cada instante, o seu Horacio á cara, » e . . . » — Dévem (lhes respondo) saber meus Senhores Criticões, que perdem comigo o desdêm, e o feitio delle. Não ha hi cousa que tanto me divirta como é o palhetar com cértos Censores, como VV. mms; e nisto de Horacio muito melhór, e com máis gôsto. Já de ha muito estaõ VV. mms. informados, que ainda que sou máo discipulo, tomei por Méstre a Horacio; e cada vêz que faço alguma trovinha, se depois a leio, e deparo nella com algum arremêdo seu, fico máis satisfeito do arremêdo, que da obrinha tal e que janda. Honro-me tanto com esses arremêdos, que o meu mór desejo fôra que tudo quanto eu escrevêsse soubesse a Horacio. Se a VV. mms. lhes não agrada, é por que ha differentes gòstos neste mundo; uns gostão disto, outros *daquillo*.

SONETO.

Nasci. — Lógo a meus Páes custou dinheiro
O baptismo, (1) que Deos nos dá de graça.
Tive uso de razão. — Perdi a graça —
Dei-me ao ról — chegou Páschoa — dei dinheiro. (2)

Quiz cazar c'uma Môça. — Máis dinheiro.
Brinquei com ella. — Não brinquei de graça:
Que aos nóve mêzes, me custou a graça
Para o Mergulhador (3) Cappa (4) e dinheiro (5)

---

(1) Les prêtres nous prennent en naissant, et ne nous quittent pas même en mourant; et tout cela, pour de l'argent.

(2) Pela conhecença.

(3) Mergulhavão (não sei se ainda hoje é a móda) as crianças na pìa. Lembra-me, ter visto o *P.* (pelo nome não perca) Cura então da minha freguezìa, metter um filho de J. R. tão atabalhoadamente na agua, que lhe amolgou os téstos c'um encontrão, que lhe deo na quina da pia do baptisterio, de que o rapaz nunca sárou.

Quem diz Poësìa diz ficção; porque vérsos sem ficção são méra prósa. Foi peccante o tal (pelo nome não pérca) em me vir ao bico da penna, na apojadura desta nota. Hôje me tôrço a orêlha de o ter alli chamado, lá do outro mundo, onde tudo é verdade a este nosso aonde a melhor poësìa é patranha pura.

(4) Quem quer Cappa máis ricca; e todos a querem, por se não exporem ao risinho do andador.

(5) Dinheiro pela Cappa: em vêz de Cappa e dinheiro É fi·

Morreo minha Mulhér. — Não lhe achei graça:
E menos graça no arbitral (1) dinheiro
Da Offérta; — que o Prior (2) não vai de graça.

Se o ser Christão requér sempre dinheiro, (3)
Como cumprem com dar graças de graça (4)
Os que as graças nos vendem por dinheiro?

CLEMENTE DE OLIVEIRA E BASTOS.

---

gura muito trivial nos Poétas, como o *molem et montes* de Virgilio por *montes magnæ molis*.

(1) Não ha hi regatão, como um Prióste — dizia o Lobo moderno n'um Soneto.

(2) *Fertilibus Domino Priori.*

HOR. Lib. 2. Od. 15.

(3) *Quasi vulva mulieris quæ numquam*, etc. — Salomon in Proverb.

(4) *Quod gratis accepistis gratis date.* — S. Paul.

(5) Vendem? — Vendem, e re-vendem. — Senão diga-o eu.

DESFÊCHO POÉTICO (1).

—— Credat, Compadris, et istud
Certum habeat, fertur quod vates nemo sobradi
Levantasse casas. Imo experientia mostrat
Andare hos miseros semper pingando, nec unquam,
Qua matent fomem, vel panis habere fatiam.

Queixumina.

E como vem serêno, ladeado,
Das Musas, pelos ares deslizando,
O Senhor Phébo Apollo! Pela pinta
O conheci, mal o avistei de longe.
Eis se apeião da lúcida quadriga,
Bátem á porta, e entrados já no páteo,
Enfião a escadinha ao canto esquêrdo,

(1) Lêr a fio discurso sério só usão profundos Estadistas, ou Philósophos de franzidas sobrancelhas. Óra eu (que a pezar de infortunios, destêrros, e pobrêzas) escrevo para gentes desenfastiadas, e escrevo para desenfastiar-me a mim mesmo, vou entremeando as Odes sérias com estes accepipes; se lhe não acharem graça, serão do meu parecer, que lhes não acho muita. *Para que a pozeste pois*? (me dirá alguem.) Para accomodar aqui nesta nota (lhe respondo) um pedacinho de latim, que li n'um dos meus alfarrabios. — *Nec quisquam est illustriùm poetarum, qui non aliquid operibus seriis stylo remissione præluserit. Statius, ad Stellam.*

Opere in longo fas est obrepere somnum.

Horat. *de Arte.*

Sóbem de pastucada. — Eu de barrête,
E os surrados chichéllos arrastrando,
Os recêbo cortêz, lhe off'reço a Casa —
Ei-los sentados. — Mui sob'rano, e dino
O Deos, que cria o ouro, e cria os vérsos,
Assim se explica:... Venho de propósito,
Os dons offerecer-te, que possúo.
Que desejas de mim? Dize-o sem pêjo,
Não gósto de acanhados; péde affouto;
Que esse teu têrmo honésto, e cans honradas,
E máis que tudo, os gratos elogîos,
Que me tens dado, e ás nóve Mocetonas;
Muito ha que estão por ti mercês clamando.
— Eu, meu ricco Senhor, (tórno em resposta)
Que lhe pósso pedir? — Dê-me dinheiro,
Que é só quanto me falta: que os táes vérsos
Dê-os vossa mercê a quem lh'os péça,
Para castigo seu, e invéja alheia. —
Ficou mammado o Deos do vêrde Pindo;
Que tal retruque, d'um Poéta vélho
Nunca ouvî-lo cuidou. Mas disfarçando,
Mudou conversação, e disse a Clio:
« Tu, que sabes que género máis ama
De Poësîa, e em que elle máis se exérce,
Tira-o dessa algibeira, e dá-lho a rôdo. »
Mui lampeira a Mocinha desenróla
Odes, máis Odes, máis.... Deos nos acuda.
Deito a fugir gritando; — Senhor Phébo,
Guarde as Odes, que de Odes já me enfado;
E máis do que eu, se enfadão meus Leitores. —
Córre a Musa traz mim — pela guarina (1)

---

(1) Saltimbárca, parecida com a dos Caçadores.

Me agarra co' as mãozinhas de alabastro —
« Escuta , escuta (diz) meu póbre vélho,
Olha éstas guápas Odes , escolhidas ,
Entre mil de estrondosa bandarrice :
São tres , para os teus grandes tres amigos ,
Pinheiro, Britto , Olindo , que o salgado
Néptúno vomitou do vêrde bôjo. . . . »
— Adeos , Senhora Clio ; gratifico-a.
C'um abraço , que eu dê em cada um delles ,
Bem rijo , avanço máis , que com dez Odes.

SONETO.

Na véspera timbales , e fogueiras ,
No dia de manhan , na Igrêja armada ,
Vélas a arder , Mórdômos na bancada ,
Vestidos sécios , crêspas cabelleiras.

No corêtto as rebéccas grunhideiras ,
E os músicos começão a assuada ;
Sóbe em tanto um Burél a estreita estrada ,
A vazar do alto gral , sacco de asneiras.

Férve o namôro , anda alvo lenço em quente ,
Todo o Peralta , e toda a Môça boa
Pisca seu ôlho , ou arreganha o dente.

Escarrinho daqui , dalli resôa
'A trompa do nariz.... E é o Céo contente
D'este culto de Deos cá de Lisboa ?

ODE

A' FELIZ INAUGURAÇÃO

DA ESTA'TUA EQUESTRE

Do fidelissimo Rei de Portugal

DOM JOSÉ I°.

No dia 6 de Junho, de 1775. (1)

Non immerenti marmoribus super
Ex ære signum Lysia consecrat;
Josephus ille est quem sonoro
Per populos agit ore Fama;
Cœlo inserendus sic Patriæ Pater
Princepsque terris incolumis diu
Spectetur, æternumque regnet
In domina Reparator Urbe.

Ant. Mathevon de Curnieu.

As correntes aurîferas, que entórna
Da Urna undosa o Téjo,

(1) Esta Ode, que foi feita, e mandada imprimir para o dia da tal função, sahio da imprensa tão deformada, que eu mesmo a

Na estrada, que sobêrbas enfiavão,
Se reprézão de assombro
Ante a praça vaidosa de Ulysséa.

Qual via o flavo Tibre laureado,
Na septîcolle Roma,
De Anciãos Heróes magnânimas estátuas,
E, honrando-lhe as virtudes,
Beijava as bases dos ufanos bronzes.

Não dá glorioso nome o O'cio brando :
Por îngremes atalhos
Rompe o Varão altivo, que procura
Ter fama encanecida,
Que se ouça nos vindouros máis distantes.

Assim os Décios, pródigos da vida,
E os Cecropios Monarchas,
Pela Pátria animosos se votárão;
E, em pacîfica emprèza,
Assim lidou Solon, assim Lycurgo.

O radiante esplendor da Majestade
Acaba c'o Reinante :
Só a pezar dos annos brilha egrégio
Seu nome saudoso,
Se elle o soube esculpir em almas nóbres.

---

não conheci. Louvores dados sejão a quem me fèz essa mercê. Foi fortuna minha, ficar-me na pasta o borrão, pelo qual a tirei a limpo, tal qual ella ahi vai, na Confrarìa das outras penitentes de açoute, arrastando os grilhões da minha ignorancia, pelas praças, e ruas da censura.

No côncavo da Tuba Mantuana
Ondêão hôje ainda
Do pio Heróe os sempre claros feitos;
E, na sancta Solyma,
Guerrêa ainda o Capitão illustre.

Sim : dignos Filhos do immortal Tonante,
Vós demandáes meus vérsos.
Eis sólto a vóz, eis lanço mão da Lyra :
Do bifrente Parnasso,
C'os dons das Musas, vos farei etérnos.

Dai lugar, Antoninos, e Trajanos,
Ao novo Páe da Pátria;
Com arrojado salto o váo transpondo
Do Tártaro invejoso,
José, deixa apóz si os Alexandres.

José magnânimo entre vós sublime,
Entrando gósta o néctar,
E na aula marchetada alto repousa. (1)
As Musas apressadas
A festejá-lo com os Hymnos correm.

A Fama com cém linguas pregoeiras
Atrôa o azul convéxo.

---

(1) Hac arte Pollux, et vagus Hercules
Innixus, arceis attigit igneas :
Quos inter Augustus recumbens
Purpureo bibit ore nectar.

HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 3.

As Virtudes se alégrão, se glorêão
No bem medrado Alumno
Da sua sapiente, alma doutrina.

Todo o Templo do são Merecimento
Se alvoróça, e revólve:
Em trópas, uns aos outros se perguntão,
Os Varões excellentes,
Quem dá tanto rumor ao manso templo?

Érguem-se do alto assento, os degráos déscem,
Amiudando os passos,
João segundo. Manóel affortunado,
O justiçoso Pedro,
O grão Diniz, os béllicos Affonsos.

Musa, que ao brando Orphêo, no fausto Oriente,
Em braços acolhêste,
E a vóz suave, douta modulaste,
Sostêm meu canto agóra;
Móve na lyra a trepidante dextra.

Alto Varão, de respeitada frente,
Os graves passos móve
Ao novo Semi-deos encaminhado.
É João Quinto, o Grande,
A quem escuta o Valoroso Filho:

« Fizéste o que não pude. Cinge o louro,
Que o Deos, que aqui nos rége,
» Guardado tinha para quem, com brio
» Os Monstros atterrasse,
» E á Virtude, e á Sciencia Altar erguêsse.

» Dos ditosos Vassallos Rei ditoso,
» Abre virtuoso exemplo
» Para a tua Nação, para as estranhas;
» E longas éras vive,
» Adorado dos Bons, dos Máos temido. »

Assim disse: e Minerva que honrar traça
O Heroe do seu ensino,
Depõe a desgrenhada Égide tôrva;
Ligeira Divindade
Dá dois passos, e á porta Empyrea aponta.

N'uma aurea nuve eis désce ao ricco leito,
Em que o Téjo recósta
A vêrde tésta do diadéma ornada,
E ás Tagides, que escutão,
Sob'rana ordena heroicos lavôres.

« Tu, nas (que eu te ensinei) télas fallantes
« Recamarás, Lagéa,
» De José Pio a próvida Abundancia;
» O paternal carinho,
» Com que acudio á lúgubre Lisboa;

« Quando rasgado o seio em mil voragens;
» De flammîvomo alento,
» De Vulcano, e Néptúno acomettida,
» Tremeo nos duros eixos,
» E de cinza alastrou a cóma de ouro.

« Quéro que Tu, Olmida, n'outro quadro
M'o bordes destemido,
» Calcando com pé firme asp'ros abrólhos

» De malévolo Embuste :
» Sáia radioso do vencido assalto.

» E Tu, que em imitar-me te assinalas ;
» Déstrissima Orythîa,
» Co' a sábia agulha as côres enleando,
» Tira na téla (1) ao vivo
» A Sciencia, voltando aos Reinos Lusos ;

» Os Lycêos despejados de chyméras,
» E de inuteis ambages ;
» A clara luz no centro desparzida
» Dos penetráes escuros
» Do recôndito estudo, emmaranhado.

» Vós dareis alma á sêda auri-mesclada,
» C'os duradouros feitos,
» Em quanto eu a mim tómo a emprêza altiva
» De inspirar nóvos cantos,
» Do nôvo Augusto, a nóvos Mantuanos. »

---

(1) Não foi Filinto o primeiro adivinhão, que atinou com os lavòres das Tágides, nem que espreitou quáes télas bordavão essas Mocetonas. Já outro adivinhão maior do que elle, e espreitador máis fino, tinha visto as táes télas, quando disse. —

Nem as Filhas do Téjo, que deixassem
As télas de ouro fino, e que o contassem.

CAMÕES, *Cant.* [illegible] *est.* 99.

SONETO.

MOTTE.

Tanto póde um Ciúme atraiçoado.

Glosa.

Despe a Neméa pelle, arrója a massa
Alcides, que na hervada véste ardìa;
Lava-se em sangue, as carnes arrepia
Grudadas c'o venêno, que as traspassa.
Eis uma fáia, eis um cypreste abraça,
E arranca; agudos ais aos Céos envìa:
Batte raivando a térra, que mugìa;
E os rochêdos c'os punhos despedaça.
Triste Lichas, pelo ár, da mão ingente
Foste em gyro tres vezes volteado;
Hoje te açouta o mar, rócha innocente. (1).
O fôgo em fim o Herculeo sp'rito alado,
Desatou d'outro fôgo mais ardente.
Tanto póde um Ciúme atraiçoado.

(1) Ecce Licham trepidum, latitantem rupe
Corripit Alcides, et terque quaterque rotatum
Mittit in Euboicas tormento fortius undas.

Ovid. *Metam.*, *Lib.* 3.

ODE.

Haya, no dia 4 de Julho de 1794.

Curam, metumque.... rerum juvat
Dulci Lyæo solvere.

Hor. *Epod.* 9.

Que me vale ter sido em vêrdes annos
Prendado por Polyhymnia
Com o dom do alaúde Venusino,
Se o deixo quêdo, e mudo,
No dia máis festivo dos meus dias?
Que ingrato sou a Apóllo!
E que ingrato aos solìcitos amigos!
Hôje das garras curvas
Da assanhada superstição hedionda
Me esquiveu, me esquivárão,
Amigos bons, e o meu risonho Fado.
Nas lôbregas masmòrras,
(Onde tanto innocente martyrizão)
Se arrastra o Monstro, e raiva,
Mordendo as mãos, d'onde escapou a prêza.
Môço! Ligeiro, e préstes

Traze aqui cópos, traze aqui garrafas:
Pelo lembrête escólhe
Aquelle *dóce* Baccho, que dourárão
As cêpas de Araújo,
Junto á Ponte feliz do claro Lima.
Bébe, Filinto, e alégre
Enfeita agóra com viçósos Lyrios
O sonóro instrumento;
Que não só tens de antigas amizades
Cantar (salvo do p'rigo)
Mas de nóvas (1) cantar á quem do Mósa
O generoso peito. —
Quando máis prompto me cingia ao Canto,
Me belisca na orêlha
Apóllo, e diz: « Escuta; e narra aos homens
» Como a Amizade houvérão. —
» Jazîa a humana próle bronca e dura;
» Errantes, despegados,
» E sós, e sem amor, e sem Espôsas:
» Máis estranha que aos brutos
» Lhe era ternura dos gerados filhos.
» A progénie dos róbres (2)

---

(1) Amizades.

(2) Gensque virum truncis, et duro robore nati.

VIRG. *Æneid* 3. v. 315.

Vivebant homines, qui rupto robore nati
Compositique luto nullos habuere parentes.

JUVEN. *Sat.* 6.

Quando li nestes vérsos, e n'outros de Stacio a tradição que das Arvores (da Enzinha) nascêrão os Homens, nasceo-me súbito a idéia, do quanto é uniforme no seu proceder a Natureza. Fêz nascer de arrebentadas Enzinhas os humanos ? — Acóde-

» Só na cuzinha, e em seu fructo affadigava.
» Houve homem máis humano,
» Que ao bom Jóve implorou celeste alîvio
» De tão sobejos males;
» Que a Jóve commoveo. — Então dos homens,
» Dos Divos o Monarcha
» Do máis nóbre, e máis întimo do Peito,
» Deo abérta á Amizade,
» (Qual a Pallas Minérva lhe rompêra
» Da fronte radiosa.) »

SONETO

AO Sr. D. M. J. R. D.

Désce a meus braços, désce, alma Alegria
Consolação de mîseros amantes:
De teu rôsto, e teus ólhos radiantes
Me vem máis claro o Sól, máis claro o dia.
Tréme de ancia a cruél Melancholîa
Só de te ouvir as vózes exultantes;
C'o passo enleiado, os peitos palpitantes,
Fóge a tarda Moléstia, a Dôr impîa.

---

lhes lógo com bolótas ás Mães-árvores que os produzrão. Como hôje acóde com leite, em vêz de bolótas ás crianças que as Mulhéres (sem rebentar) nos disparão do ventre.

J'á sinto, pelos membros desgostosos,
Sacudir-me um vital Esp'ri o ardente
Do frio sangue os passos vagarosos;
Já o prado ri, e este ar é máis luzente;
Que vem com Marcìa os Risos graciosos,
Com que a mim, com que ao mundo traz contente.

ODE.

Unde nil maius generatur ipso
Nec viget quiuquam simile aut secundum.

Hor. *Lib.* 1. *Od.* 12.

Par toi la Vérité démasqua l'Imposture :
Tu fus de nos tyrans la terreur et l'effroi,
Et le vengeur de la Nature,
Et l'interprète de sa loi.

A. M. de C.

Como quando ao descer da escura tréva,
Sôbre o mudo horisonte,
Aqui luz uma strêlla, álêm outro astro;
E lógo vem rompendo
Por centos, por milhares infinita
Cópia de resplendores,
Pela abóbada azul circum-brilhante:
Assim, quando a *Heloïsa*
Desceo ás mãos da ardente juventude,
Aquî faîsca um lume

A'lêm outro : e ao passo da leitura,
Vão com ella raiando,
Luzeiros pelo *Emilio*, pelo *Pacto*
De Social Congrésso.
Desejadas virtudes resplandecem,
Em chuveiro, na escripta
De Rousseau immortal. Toda estrellada
A Liberdade raia;
E o vulto do embruscado Despotismo
Se amargura, e se encólhe.
Animoso Rousseau, tu déste a régra,
Com que os homens se igualão;
Tu clamaste por vício o captiveiro (1),
Déste soltura á infancia,
Dos laços que rejeita a Natureza;
Déste saudavel pêjo,
Com que se honre, e se enfeite a formosura;
E aos homens apontaste
O rumo de ser livres, de ser homens. . . .
Em que péze aos Tyrannos!

LOURENÇO DA SYLVEIRA, E MATTOS.

---

(1) On peut donc étre surpris que la vérité, qui devait être si fatale à toutes les superstitions, ait pu traverser les siècles entourée des buchers de l'inquisition, et retenue dans les entraves que lui donnaient les Rois, et poser, enfin, dans notre âge la borne où se briseront toutes les erreurs des hommes.

MANIFESTO.

——Namque in malos asperrimus
Parata tollo cornua.
Hor. *Epod.* 6.

Ah frades ! frades ! (1) Ah relé maldita
Da bôcca da sagrada Natureza !
Quando não fôra o terem prêza os frades
Nos cêppos do P......, a nóbre Európa,
Os Reinos da Asia, a América singéla,
E de Africa os sertões; o ter curvado
Aos pés do P*** as coroadas frontes:
Que ódio execrando, que cruel castigo
Não péde ao Nume a desgraçada gente,
Contra uns facinorosos, que inventárão
O infâme tribunal, que põe mordaça
Na bôcca da allumiada sapiencia ? (1)

(1) Em toda a sociedade ha bons, e máos. Entre os Anjos do Céo houve Diabos.

(2) Sed qui nos damnant, histriones sunt maxumi,
Nam Curios simulant, vivunt Bacchanalia.
Hi sunt præcipue quidam clamosi, leves,
Cucullati, lignipedes, cincti funibus,
Superciliosum, incurvicervicum pecus,
Qui, quod ab aliis habitu et cultu dissentiunt,
Tristesque vultu vendunt sanctimonias
Censuram sibi quandam et tyrannidem occupant,
Pavidamque plebem territant minaciis.

Angel. Politian.

Désce, que é tempo, do Celéste Alcáçar,
Sancto Raio dos Céos, Razão sublime,
Espalha o teu luzeiro, que affugente
Do cérebro dos homens ignorantes
As trévas, que tão pérfida tecêra
A Monachal superstição grosseira.
Hôje encontras c'um throno já erguido,
Por teus Alumnos na libérta França.
Tu és, Razão, a Lei, a Liberdade;
Tu és o cóffre das máis sans virtudes.
Com tanto, que nas mãos tómes a mente
Dos mortáes, e que á tua idéia a móldes
De curva, que era co' asp'ro Despotismo,
De frouxa co' temor supersticioso,
Tu lhe altivas a frente. — O peito esfórças,
A captiva, gemente Christandade,
Que enfileirada em campo irá mui fouta
Desbaratar os bandos malfeitores,
E irá pizar, com mérito desprêzo,
Do General o timbre, o Diadéma. (1)

CLEMENTE DE OLIVERIA E BASTOS.

---

(1) Os sabios adivinhá-lo hão; os ignorantes não é bem que o saibão.

Lugduni Batatiphagorum, 11 *de Novembro, de* 1796.

ODE.

Assim como em selvática alagôa
As raus, no tempo antigo, Lycia gente.
CAMÕES.

E hei-de índa eu aturar, um mêz prolixo,
A vista casmurral d'estes Piúgas?
Terei de encasmurrar-me, á pura fôrça
De residir entre elles?

Oh que não, minha Clio!.... Um teu abraço
Divinamente dado, póde alçar-me
Nôvo Cysne, e das azas c'o remigio,
Fender-me ares máis léves.

Pouco te péço. Em quanto apprésto o vôo,
Dá-me o rir de Demócrito; que os thèmas
Já Mômo m'os compôz cá nestes bréjos
Da fedorenta Hollanda.

É cérto o que em mim sinto! Olhai, Amigos.
Já Clio me escutou. — Já pelo peito
Começão a empurrar-se as gargalhadas,
Que vem de escala á bôcca.

Não vêdes a Galhófa, que me tinge
O rôsto, os ólhos de folgaz despêjo?
Oh dai-me os parabens; que esmaião, súmem-se
As tristezas, e enôjos.

Ah! se Clio, que póde dar-me os vôos
De nôvo Cysne, — désse *chocalhinho!*..... (1)
Máis longe punha o fito, máis ao largo
Espraiava a galhófa.

Paciencia! Dai, comtudo, ao baço ensanchas, (2)
Que enchentes vem de riso. — Olhai compostas
D'esses focinhos as chorudas bêbas
C'um Nariz, e um Cachimbo.

Que a táes caras tão gôrdas, tão vermêlhas
Do ardor genébro, da batata himpante,
Não convêm nome de avivado rôsto,
Mas de focinho, e bêbas.

Vistes vós, na panéla, rôxa couve,
Que depois de fervér horas, e horas
Deita á flor d'agua, lá dos ranços do unto,
Dous ólhos de gordura?

Pois viste a effigie da Hollandez caraça,
E o bolhão, que érgue as fôlhas na fervura

---

(1) Dinheirinho de N. Sr. que chocalha na bôlsa.

(2) A maneira dos Francezes, que dizem em casos táes: *épanouissons la rate.*

Reméda o fumo, que bochêchas lhe incha,
Quando cachimba, e sórna. (1)

Com mudez emperrada a falla açaima:
E se algum monosyllabo lhe escapa,
Pōe cadeado aos outros, que não mêxão,
Máis do que um, — d'hora em hora.

Pois as bêbas das caras das mulhéres; —
Nem por máis brancas, nem melhór-córádas
Se salvão de mui mudas, de mui bêstas (2)
Sem sal, sem gésto, ou gala.

Se se impertiga um Bátavo Peralta,
Môno de mal-assentes francezîas,
Para então quéro eu risos, e remóques
De ameno des-fastîo.

Como me lembra então o bom Fontaine? (3)
Quando nos conta os ademães bizarros,
Com que o Burro da Fábula arreméda
Gaifonas do fraldeiro?

---

(1) ——Trunco simillimus Hermæ
Nullo quippe alio *vincens* discrimine quam quod
Illi marmoreum caput est, tua vivit imago.
JUVEN. *Satyr.* 8.

(2) Dizia dellas um homem, que todos conhecemos, que de todas as Hollandezas máis graúdas, com quem communicou, uma só não encontrou, que entretivesse uma conversação de 7 minutos, se d'outra cousa se fallasse, álêm do governo de casa.

(3) Jamais un lourdeau, quoiqu'il fasse,
Ne saurait passer pour galant.
LA FONTAINE. *Fable de l'âne et du petit chien.*

O Francez, bonifrate em seus meneios,
Dá graça a mil risiveis mogigangas;
Que o Bátavo pesado mal-affecta
Com sem-sabor nojoso.

Dos homens apupado, e escarnecido,
Abhorrido dos Numes, e enjeitado,
Mal poderá Saturno, a quem semêlhão
Salvá-los d'embelêco.

Talvêz, que Jóve, um dia, em que lhe rále
Juno olhi-toura os bófes, com ciúmes,
Converta, de agastado, estes Lapuzes,
Em verdenêgros sapos.

Então, (se a tanto se me alarga a vida!)
Dou por cá um rabisco, a vêr-lhe as caras
Mudadas em trombîferos focinhos,
De que o cachimbo é tromba.

Tal pena cabe a embezerrados mônos,
Esquivos da amigavel convivencia,
A' qual Deos destinou os homens, quando
Lhes deo a falla em dote. (1)

---

(1) Perdôem-me os bons Hollandezes este chorrilho de destempêros; que estava eu, quando tal fiz, tão agastado comigo de me vêr só, e de não saber fallar Hollnadez, que destampei nesse desafôgo, dando no papél pancadas de cégo.

SONETO.

Dat veniam corvis, vexat Censura Columbas.
JUVENAL. *Satyr.* 2.

QUIZ pôr na scena a Oréstes, avexado
Pelas sagradas Furias (Lastimoso
Spectáculo !) amostrando o braço iroso
De sangue Maternal inda manchado.

Quiz c'o este exemplo aos ólhos transladado,
Assustar todo o filho despiedoso;
Foi meu trabalho vão, sôbre pechôso.
Dou-o á Censura, fica lá amuádo.

Que pódem censurar de arte, ou sciencia
Fr. ***, Fr. ***, Fr. Flatulencia,
Com Fr. Môffo, Fr. Fardo de avaria?

Ou que cabe no seu boçal miôllo;
A não vir de estragada phantasîa,
Em que é sábio, o que em tudo o máis é tôlo?

(1) Foi desafôgo de cólera este soneto. Arrebentou elle da prohibição, que me foi feita pelo Tribunal Censorio. Apagados cértos nomes lhe salvo o senão de Satyra pessoal.

SONETO,

COM CONSOANTES FORÇADOS.

MOTTE.

Para ti córre a flux a Caballina.

GLOSA.

PARA ti se teceo Cambraia fina,
Para ti Phébo os vates examina,
Para ti dansa a fôfa aurea Menina,
Para ti anda a Náo sempre á bolina.

Para ti pérdem Musas a cetrina,
Para ti nasce a Rósa purpurina,
Para ti a sanfona o Cégo affina,
Para ti bate o adufe na petrina.

Para ti dá nas Môças má mofina,
Para ti canta e chóra a Catherina,
Para ti pisca os olhos lá da esquina.

Para ti mal se bóle de franzina,
Para ti clama a Fama na buzina,
Para ti córre a flux a Caballina.

NOTA do AUTOR.

Em lugar d'este soneto, que é péssimo, e que um destempêro folgazão tirou dos cascos, em que elle para sempre devêra ficar

SONETO.

Vi, que cansado de fréchar, um dia
Cupido, sôbre a rélva reclinado,
N'um sêcco esgalho o cóldre pendurado,
Contente do amplo estrago alto-dormia.

Vi, que Élia astuta, c'um listão, prendia
Ambos os pulsos do Rapaz vendado:
Arco, e farpões no joêlho recurvado
Quebrava, e a venda em tiras lhe fazia.

Acórda Amor; e — « Oh Élia, que fizeste?
» Eu t'as levava, as armas, que quebraste,
» Findo o somno, que incauta me rompêste.

» Sabe, que nessa venda, que rasgaste,
» Librava o meu podêr, tu m'o tolhêste;
» Mas de vencer os Numes te privaste. »

---

enterrado, havìa uma Elegìa de Ovidio, que eu hòje, e ha muito, quizéra que a arrancassem das minhas Obras, com máis duas strophes de cérta Ode. Não sei onde eu tinha o sentido quando deixei tal imprimir. Peço aos Leitores honrados, que risquem, que arranquem, que... Ah! que se arrependido como estou, podésse haver á mão quantos exemplares com essa Elegìa córrem, nem vestigios della ficarião. Digo máis: Ah! quem podêres tivéra de a desluzir da memoria alhêa!

ODE (1).

Dedimus profectò grande patientiæ documentum, et sicut vetus ætas vidit quid ultimum in libertate esset, ita nos quid in servitute, adempto per inquitiones et loquendi audiendique commercio; memoriam quoque ipsam cum voce perdidissemus, si tam in nostra potestaté esset oblivisci, quam tacere.

TACIT. *in vita Agricolæ.*

QUAL, no cume do Cáucaso escarpado,
Despéde ao longe as ramas orgulhosas,
Membrudo tronco, vegetal gigante
Entre aridos penhascos,

Negrejando esvoáção os abutres
Famintos, em redór do Rei alpéstre;
Azues-fiscáes serpentes se debrução
Das raîzes, silvando:

(1) Bem quizéra Filinto Elysio, que esta e outras similhantes Obras, nunca houvessem visto a luz: mas promettêmos dar completos os volumes, que correm em seu nome; dado que não sejão de sua lavra muitas Obras, que nesses vem, e que outras proprias elle as quizéra desnegar de suas. Tanto muda de face, com a madurez da idade, o que já n'outra quadra parecéra formoso, e honésto.

Nota do Editor.

Tal se arraiga o medonho Despotismo
N'um throno descarnado ; aos pés, e aos lados
Sôffregos Cortezãos, vîs Delatores
Técem calumnias, roubos. (1)

Bando de infâmes máximas de escura,
Perversa catadura, no ar librado,
C'o as longas, tôrpes azas estendidas
Assombra, e em-noita o throno;

Seu hálito pestîfero derrama,
Pela Côrte, Cidades e Campinas,
Contagios de costumes des-regrados
Que ânimos sãos definhão.

Iniquos Lémures ligeiros lévão
Té ás raias do Império, a a fraude, o crime,
A pobreza, a rapina, o captiveiro,
E a pérfida lisonja.

Sacerdotes subtîs, (2) sobêrbos nóbres
Engórdão co'a substancia, e puro sangue

---

(1) Il est avide, car il faut qu'il assouvisse les fantaisies cupides du Despote et de ses satellites. Il pille, il engloutit les biens et la subsistance de tous les esclaves qui rampent sous son empire ; une nouvelle spoliation signale chacun de ses progrès, parce que l'or y tient lieu de tout ; tous les ressorts sont corrodés : vertu, force, courage, émulation, génie ; tout se ressent de l'avilissement de l'ame ; la corruption est la mesure de la puissance du Despote ; et le gage de l'impunité le père de tous les vices.

Essai sur le Despotisme.

(2) Os Astrólogos, e os Sacerdotes vivêrão sempre de enganar os Póvos : aquelles com o futuro desta vida ; estes com o futuro da outra, e com a velhacaria de entreterem os homens de

Que dos mesquinhos maltratados Póvos
Malvadas mãos esprémem.

Mil verdugos tyrannos, afivéllão
D'opîparos tyrannos, afivéllão
Nas bôccas dos Autores destemidos
Os freios, as mordaças.

Mas lá vem longe, c'um bastão de férro,
A Desesperação (1) tardîa e cérta:
Lá no throno, á mão cheia descarréga,
O ruinoso gólpe.

Cáhe o Tyranno, ou assustado córre
A arredar-se dos ólhos da vingança;
E o nêgro bando, que embruscava o throno
Fende medrosa estrada.

A culpa, á vossa inercia ponde, oh Póvos,
Que deixáes reforçar-se em vosso sangue
Essa hydra, que com bôccas cento e cento
Vos chupa, e vos devóra; (2)

---

cousas álêm do alcance humano, lhes desvião a vista da alma das cousas naturáes, e interêsses civîs, que máis importão: entenebrão-nos com a ignorancia; e assim vendados, e subjugados, nos assentão o jugo, e nos governão com vara de ferro. A philosophîa nos demascarou já as velhacadas dos Astrólogos. A Assembléa Nacional nos livrará dos outros.

(1) Diderot s'échauffait dans la conversation, et même il s'emportait jusqu'à la fureur, surtout quand il parlait des souverains oppresseurs de la tyrannie sacerdotale liguée avec eux; alors il passait les bornes.

MERCIER.

(2) Oui, peuples de l'Europe, on se joue de votre crédulité; on vous parle de *mystères de cabinet*, pour vous tenir à la

E esses astutos Malandrins, que as mentes,
Com phósphoros theológicos vos cégão,
Para melhór as garras vos ferrarem
Nas mîseras cervizes;

E vendados, e prêsos arrastrar-vos,
Se tendes sangue, ao pasto dos abutres,
Ou ao cêppo do algôz, se tendes lingua,
Que os vicios lhe descubra. (2)

JOZÉ PINHEIRO DE CASTELLO BRANCO.

---

chaîne, et dans les ténèbres. L'intérêt des nations, la gloire de l'espèce humaine, appellent parmi vous un grand changement: il vous suffit de vouloir, pour élever ou pour détruire; osez, et vous verrez pâlir tous ces tyrans révérés; osez, et proclamez le droit inaliénable de l'homme à la liberté: tout pouvoir légitime est dans le peuple. Le peuple qui veut est celui qui triomphe; le propre du despotisme est de trembler quand une nation se lève.

Peuples de l'Europe, votre aveugle soumission doit cesser; car elle engendre les *guerres*, les *trahisons*, les *assassinats*.

MERCIER.

(2) Este Poéta, que eu conheci em Londres, era um môço de grandes estudos em Direito Público: alguma veia tinha para a Poësìa, á qual se deo um tanto, pouco antes de morrer. Alguns versos conservo delle, que a seu tempo imprimirei.

O Collector das tróvas.

ÊRROS DA VIDA.

ERRAMOS, lógo apenas que nascidos:
Errâmos inda máis, quando crescidos;
E nossos êrros, na viril idade,
São de máis pezarosa qualidade.
Quando vélhos nosso êrro é já tontice:
E se a Razão nos luz lá na Velhice,
É só para (em máo grado) arrepender-nos.
Mas lembrão-me inda cértos êrros térnos,
Que me affagão, em quanto a vida dura,
E atalha esse êrro o eu ir-me á sepultura.

SONETO.

QUANDO, em Máio, as correntes debruçando,
Pela encósta de frêsca formosura,
Arroio de crystal órla a verdura
Por entre rôtas quédas murmurando:

(1) Estes encarecimentos não são nóvos nos Poétas. Verdade é que a tal Marcia, de quem Filinto faz tantos elogios, era (eu a vi algumas vêzes, uma Moça bastantemente alva e loura, com

A cândida açucena, aos ares dando
O ricco traje de mimosa alvura,
Quando ufana o formoso enfeite apura,
De Flóra o vário esmalte avassallando:

Ensaio foi de frîvola ousadîa,
Que a Natureza deo; mas do arremêdo
Zombou Amor, quando o teu gésto urdia.

Que ella te imite, afasta, oh Marcia, o mêdo.
Artîfice tão primo não confia
A tôscas mãos seu divinal segrêdo.

ODE.

—— Naturaque mitior illis
Contigit; ut quædam, sic non manifesta videri
Forma potest hominis.

OVID. *Metamorph. Lib.* I.

Quiconque est loup, agit en loup.

LA-FONTAINE.

Se, pelas Nacionáes, outróra régias
Tuilerîas passeio,
E c'o mármore tópo do Flautista,
Que o multi-furo tubo

---

lindos ólhos, muito derretidos; mas eu que não a via com os ólhos amantes de Filinto, não fizéra por ella tanto Soneto, e tanta

C'o sonoroso sôpro inchar parece,
Digo entre mim refléxo:
« Este home' é Hollandez. » Este uma flauta
Embócca, e não dá som.
Os Casmurros, que eu vi lá pelos bréjos,
Tem bôcca, e não dão vóz.
Os cachimbos tomárão por insignia,
Como este tomou flauta.
São signáes de mudez flauta, e cachimbos
No mármore, e Casmurros.
Como vivem os Lôbos pelas tóccas,
Por nêgras espessuras,
Vivem esses Casmurros pelas tristes
Aldeias, e Cidades.
Como, de longe em longe, em seus presépes
O Boi, o Pôtro, o Burro
Sólta mugido, sólta agudo rincho,
Ou zurro arrepiado:
Como outros brutos máis dão raros uivos
Dão elles (1) as palavras.
Tanto é potente o natural costume
Da primitiva origem!
O Homem primeiro, que habitou, fugido (2).
Essas fétidas práias, —

---

dúzia de Odes como o nosso Autor compôz a seu respeito.
Nota do Editor.

(1) Os Casmurros.

(2) É muito conducente a todo o Poéta cuidar que as suas obras não só deleitem, mas instrúão: *miscuit utile dulci*, disse o Venusino. Seguindo este preceito, folheou Filinto Elysio as Chrónicas máis antigas da fundação, e povoação da Hollanda, e dellas tirou o que nesta e outras Odes máis nos diz.
Nota do Editor.

Que se vio só, perdida a confiança
De hnmana companhîa,
Tanto rezou, e enjoou a Divindade,
Com pedimento de *homens*,
Que Deos, por dar um talho a tal canseira
Foi desbastando o bronco
De alguns Ursos, de Lôbos, e de Sápos,
E lhe deo Hollandezes (1).

SONETO.

Esta, que vês, Cavérna triste e escura,
Foi de Aufriso Pastor gentil morada;
Tão gentil, quando foi delle habitada,
Quão feia, óra, que é sua sepultura.

Uma Pastôra, máis que as pênhas dura
Foi (por seu mal!) d'este Pastor amada:
De surda á sua queixa namorada,
Lhe fêz perder a vida, de amargura.

Pastor, que o caso ouviste lastimoso,
Beija esta Campa, chóra o bom Aufriso,
Zagal. que nos será sempre saudoso.

(1) Como já déra os Mirmidones, formigas que fòrão convertidas em homens. O mesmo nome no-lo indica.

Delle, para as Pastôras, tóma aviso.
Se Ellas te amão, desfructa amor gostoso;
Se te são desdenhosas, dá-lhe um riso (1).

---

(1) Bem creio eu, e talvêz o crerão alguns dos meus amigos, que se eu tivesse a pachôrra de emendar essas táes e que jandas Poësìas, sahirião ellas máis desenxovalhadas á luz do Mundo; mas o pouco caso, que eu dellas sempre fiz, e o firme conceito, em que sempre estive, e em que ainda hôje estou, de que nunca, nem por sombras, arremedarião o modélo, que tenho diante dos ólhos, fèz, que se as fiz para meu desafôgo, ou para me occupar neste des-occupado destêrro, nunca me merecêrão, que as olhasse com carinho. Muitas me viérão á mão já impressas, para a correcção das próvas, que então, e só então as vi pela segunda vêz, depois que as escrevi; e dellas ha, que eu compunha ao mesmo passo que se ião imprìmindo, de que é abonada testemunha o Impressor. Digão embóra que é bazófia; que eu direi, que é descontentamento, sôbre preguiça. Achára-lhes eu aquella imitação de Horacio, que lhes eu desejo, e que nunca consegui, que á fé vos juro, que então porìa peito ao trabalho, e lhes darìa boas rojaduras de lima. Táes quáes são, bem valem as Poësìas, que os Cégos vendem; e com tanto que me rendão alguns vintens, darei por valioso o tempo, que despendi em escrevê-las. Aqui cabe avisar os pios Leitores que entremeiadas com os meus vérsos vão algumas Poësìas de mão alhêa. Declaro pois por minhas quantas lévão meu nome. Algumas não o lévão, nem talvêz o merecem. Houve engano ou descuido no 3º. volume em não assinalar como minhas algumas Odes que lá entrárão. Dar-se-hão a conhecer appontando os primeiros vérsos dellas no fim d'este tomo,

París, 4 de Julho, de 1797.

ODE.

Quò me, Bacche, rapis tui
Plenum? —
HORAT. *Lib.* 3, *O.* 25.

QUE tenho eu que fazer, em tão chuvoso
Tão deslavado dia? Não passeios,
Não vista de viçosas formosuras
Pódem prendar-me os ólhos.

Irei dormir? Não fôra máo, se um Démo
De métrica relé não me azoára
O revôlto miôllo, e a léve pluma
Na mão não me embebêra. —

Dormi; dormi a somno sôlto, oh Musas,
Que não irei, com vóz estorvadora,
Quebrar-vos o descanso, como o atrévem (1)
Tanto vate das dúzias.

(1) Dêmos satisfação a Grammáticos perluxos. Assim é que o vérbo *atrever* não rége accusativo: assim é que *tanto vate* parece estar no singular, e reger o vérbo *atrevem* no plural. Mas se ainda em algum recanto da minha velha retentiva, consérvo tal qual remanescente das régras da rudimenta, diz uma dellas que os nomes collectivos lévão o vérbo ao plural. Em quanto ao dar

Cá me irei remendando como póssa
Com retálhos do Métrico Palito,
Co'as nêsgas do Malhão, dando-me as linhas
O Venusino Méstre.

Virá Delmira, e o rôxo humor da vide
Vertendo neste cópo transparente,
O nome lhe dará, dará a virtude
Das ondas da Castalia.

Mas inda a mente não pario o assumpto,
Nem sabe o verso a quem descubra a mamma,
E já na penna aponta a apojadura,
Que cáhe pinga a pinga!

Hòje, quatro de Julho, foi o dia
Em que os *Clérigos tristes* (1) me mandavão
Citóte, e seu morcêgo me querião
Nas tóccas do Rocîo.

Oh Luz divina! Oh Deos das previdencias!
Tu dás nos corações cértas pancadas....

---

accusativo aos vérbos, que o não tem, bizarria tem sido éssa, que muitos Clássicos exercêrão, e nos dérão a faculdade, com o seu exemplo, de ser-mos bizarros com os póbres vérbos neutros. Se não dão crédito á minha verdade, escrevão-me, e pelo correio seguinte lhes mandarei os abônos della. Fico para servir a VV.mms.

(1) Tomára-os eu de escarapéla com o Duque de Vendôme, de quem li a anecdóta seguinte, que nunca terá de me esquecer. Le Duc de Vendôme voyant que certains Moines espagnols ne voulaient pas rendre des vaches dont il avait besoin pour nourrir son armée, se retranchant sur ce qu'ils n'entendaient pas le français, leur écrivit. — *Bougribus de Monachis, si non reddatis vachis, coupantibus rasibus.*

Tu me salvaste; e aos pés fizéste acêno
De pôr-se em polverosa.

Soffri destêrros, fómes, e as misérias,
De quem dobrões não róda em térra estranha,
Perdi amigos, e mui meigas Damas
Na saudosa Pátria.

Mas fallei, sem mordaça inquisitória;
Escrevi, sem temer malsins Censórios,
Dei dous trincos bem rijos para os Bonzos,
E máis dous para os Naires.

Lugduni Batatiphagorum.

ODE,

Ao Senhor

FRANCISCO JOZÉ MARIA de BRITO,

No dia 23 de Dezembro, de 1793, dia dos meus annos.

Credite me vobis folium recitare Sibyllæ.
Juvenal. *Satyr.* 8

Que me rendeo vir cá morar na Hollanda?
Vermêlhos ólhos, dentes abalados:
E o do sizo, com tanta dôr nascido,
Com tanta dôr tirado.

Meus firmes dentes, meus agudos (1) ólhos,
Tão mimosos de mim, tão prestadîos,

(1) Não cuidem os mal intencionados, que eu tenho os ólhos pontudos, como as pédras *das Casas dos bicos* na Ribeira vélha; que (graças a Deos!) minha Mãe, quando me deo os ólhos pequeninos, que tenho, cuidou em m'os dar mui redondinhos. Se eu lhe chamo *agudos*, é porque antes tinhão aguda a vista, que hòje (com pezar meu) tem romba.

Hôje nutantes, — hôje enremelados
Amaldiçoáes a Hollanda.

Que tînheis vós que vêr, por estes bréjos?
Graças da Natureza? Primor da Arte?
A Primavéra em flôr? O Outono em fructo?
Sól claro? Limpos ares?

Todo o bom lhes negou Deos justiceiro. —
Frio sól, longa néve, escuros ares,
Máo fructo, e pêcco, e pouco, com mil lidas
Extorquido ás arêas,

São dons, quáes Jesus déra carrancudo
A Judas, e a Pilatos, se Pilatos,
E Judas convertidos lhe pedissem
Hospicio em Katwyk.(1)

Quantos ornatos vês pelas Cidades,
Por Sallas, por Jardins, Quintas, Aldeias
São cinzas da Alegrìa em mórtas Urnas. (2).
Oh sepulchral vivenda!

---

(1) Katwyk é uma aldeia mui agréste entre os areáes, em que fenece o Rheno, que ama melhor sumir-se alli, que ir por diante, e passar-lhe pelas abas della.

(2) Com effeito (fallando prosa) o enfeite ordinario de móveis, de caixas, de séges, quintas, casas, etc. etc., são Urnas para os remates, e Cordões, para pendentes e apanhados; com que significão aos estrangeiros, que aqui morreo a Alegrìa, e que naquellas Urnas estão as cinzas della; e os cordões inculcão, que com elles se deve strangular quem (como já fêz Judas, por não viver entre Judeos) se não vai daqui, para se forrar despeito e enfadamento.

Pois se quereis com sons harmoniosos
Regalar os ouvidos delicados....
Fugi daqui, do arripiado grasno
Que arranhando esganição. (1)

Lá stá Itália, stão as Lusas térras
Dotadas, pela Deosa da Harmonîa,
De meiga lingua, de celeste canto,
Que as almas vos enléva. —

Contão, que Apóllo, e as nóve Irmans, um dia,
Que vînhão de tomar seu régabófe,
Nas sallas de crystal, de búzio, e nácar,
Do barbi-longo Oceâno,

Pozérão pés nas praias Batatîphagas,
Curiósos de vêr com os seus ólhos
(Não crêr *Jornáes*, e desmentir *Viagens*)
O refugo do Mundo.

Que havião de elles vêr? Vîrão arêas,
Vîrão charcos, lagôas verdoengas,
Animáes de dous pés sem pluma, ou cauda,
Pasmados da visita.

Que ao vêr caras (2) de gente; ouvir vóz meiga,
Tal grito estrugidor, táes alaridos

---

(1) Aconselho-o assim a quem não quizer estragar os ouvidos.

(2) Os Piúgas, de quem falla o poéta, em lugar de caras, tem outra cousa, que se não diz diante de gente de cutiliquê.

Quello, che' abbiamo, e che non s'ha da dire.

RICCIARDETTO, Cant. 26, est. 49.

(*Nota do Editor.*)

Levantárão as Rans , os vêrdes Sapos ,
E os trombudos Piúgas ,

Que Apóllo , e as Musas , com voáz arranco ,
Trilhárão estrada do ar , tapando ouvidos ;
E longe de táes bérros , táes bezêrros
Se pozérão em salvo. ——

Cobrados da assoáda , allì Apollo
Consultou as Piérides des-surdas :
Que castigo , que maldição cabîa
Á matula azoinante ?

O susto atroador então depôsto ,
Thalìa abrîo os já-risonhos lábios ,
E soltou a sentença em aureos dittos
De zombadora graça :

Sejão *Sapos* , e *Koákem* (1) seus cantares : (2)

---

(1) Poësìa imitativa lhe chama muita gente, que escréve livros, quando as vózes significantes imitão, com o som, o significado. Ora eu que ouvi ao mesmo tempo cantar os táes Piúgas , e os Sapos tambem cantarem a seu modo, não deparei com vérbo, que melhor imitasse os dous cantares. Nem a invenção é minha. Já o Rousseau poéta, que assistio algum tempo néssas provincias-baixas, o tinha usado na descripção d'esses cantares.

(2) É digno de alto reparo, que sendo a lingua Flamenga prima-com-irman da Hollandeza , e que tendo dado em geral a Natureza a todos os humanos um cérto fallar dos Paizes baixos , se não sirvão d'esse fallar máis a miúdo os Estrangeiros , para se communicar por lá com os Hollandezes ; quando mórmente esse tal fallar afflamengado confórma tão quadramente com o Nighe-Naghe dos Batatì-phagos.

Dans les réjouissances, leurs cris ou leurs hurlemens tiennent lieu de chansons. — *François Leguat, page* 104, *se-*

Sêjão Saturnos, sem social deleite:
Fiquem mudos; ou rásguem vóz tão ruda,
　　Que raspe, quando a empurrem.

FÁBULA.

O DEOS PAN, E UM ALDEÃO.

Um Aldeão tinha herdade, e mui rendosa.
　　Mas (por mal de peccado)
Visitada dos pássaros a miúdo.
　　Lógo que á seára o Estìo
Curvava a tésta, e cabisbaixa a punha;
　　Da colheita as primicias

conde partic.—O certo é que tão inteirados estão os táes casmurros da *zanga* dos seus des-musicos cantares, que ao que nós chamamos modinhas, chamão elles as suas *zanga. Vid. Diccion. Holland. verb.* Zang.— Já n'outras Odes que andão impressas, e que tocão este assumpto, me desculpei com os bons Hollandezes, a quem darei sempre o louvor merecido. Estes rasgos despeitosos nascêrão d'uma melancholia exaltada: e como os que tem icterìcia vêm amarélo, o que talvêz é vêrde ou azul, assim os melanchólicos rabujentos vêm de travez quanto se lhes põe diante. Rião os bons Hollandezes desta destampação, como eu das sátyras dos Francêlhos.

Os Pardáes vìnhão desfructar lampeiros.
O Aldeão desadorava
Bramando. E que nos présta ter-mos Deoses,
(Pagão era o tal rústico)
Que golósem offrendas , sacrificios ?
Que val dar culto a Numes,
Que comnosco não óbrão com justiça ?
Seus templos são celleiros,
São adégas, de vinho, e trigo , e bòlos.
Ninguem com mãos vazîas
Entra lá ; — mas ligeiro , e léve sáhe.
E o galardão que jando ! ! !
Pedrisco , Incendios, Tempestades, Cheias,
E maldições que faite.
Que assim págão ingratas Divindades. . . .
Mas cumpre ser devoto ,
Ou parecê-lo ao menos : que é boa arte.
Bofé , sem tal manîa ,
Não vîra nenhum Deos , á minha custa ,
Assado no seu fôrno.
Máis longo iria o bruto co' a parlenda....
Mas chitôn ! que vio gente ;
E o que vio era um Deos , um Deos humano :
Que um Deos pagão ás vêzes
Nos pregou péça , com o tal disfarce.
Ouvîra elle as blasphemias ;
Dissimulou porêm ; vai seu caminho.
Mas eis que pára , e affavel
Diz : « Que ricco trigo ! Nunca eu vi máis grado.
Déves de estar contente.
— Ah senhor ! (lhe responde o meu Tartuffo)
— Máis , que eu mereço , os Deoses
Me concedem , e eu só o instante aguardo

Da ceifa, em que as primicias
Lhe offerte. — Deos despede-se; e o Velhaco
Que o seu papél assenta
Ter bem comediado, e ser chapado
Na arte de bem dar ópios:
— Festeja-se á manhan, se eu bem me lembro
— O Deos Pan; faz ao caso
— Deslumbrá-lo com dádivas. — O hypócrita
A cérto lôgro se arma,
Que não lhe sahìo bem. Rosnou comsigo,
Que os Deoses ter propicios
Custa caro, e que ponto nunca dérão
(Como os frades) sem nó.
E que é toleima himpá-los com offrendas,
Que nos sáião da bòlsa;
— Máis val, que os convidèmos com o alheio.
(Dórme, que é noite vélha)
— O Vizinho, e na vinha ha riccas uvas;
— Dêmos lhe uma saltada, — —
Vai manso, e manso, e falseando o trilho....
Velhaco tòlo. ignoras
Que não ha para os Numes noite escura?
Entra na vinha, apanha
Os máis chorudos cachos.... Ai do mìsero!
Que eis na máis clara glória
Se espéta ante elle o Deos co'a dextra armada
D'um tanchão rechonchudo.
« Dize, infâme blasphémo, aqui te còlho —
(Disse o Deos Pan sevéro)
» Do que os pássaros cómem fázes queixas?
» Não sabes, que são todos
» Os animáes do Creador feituras;
» Que herdárão o que apanhão?

15 *

» E que é sempre o Céo justo em seus decrétos?
» Queres que môrra tudo
» Que Deos creou, e cômão só os homens?
» Vivão todos; que ás Aves
» Deo Deos os campos para seu sustento:
» Do seu cómem sem culpa.
» Não são bons os percalsos, quando as caças,
» E as lévas ao mercado?
Das Costellas, do visco tiras lucros?
Mas com que lei, malvado,
Tomas auso de usar do bem alhêo?
— Mui beáto, mui concho
— Lhe responde o Aldeão: Meu bom fidalgo,
— Se o fiz, foi para offrenda
— Ao Deos Pan, que melhor, que algum dos Numes,
— Merece o nosso culto,
— E acatamento, e fé. — « Ah grão velhaco,
(Replica o Deos colérico)
» Infame exemplo sejas para sempre!
» O templo ornar com roubos!
» Fazeres-lhe presentes de maldade! »
Disse Pan, e á máo-tente
Chóve nelle bordoadas, como pedra.
« Por dó (diz) não te matto.
» Não dó de ti, mas dó dos teus crianços.
» A elles o agradece.
» Mas lembra-te da Lei que claro falla;
» E na alma está sculpida:
» Téme os Numes, não faze a alguem aggravo.
» Terás gradas seáras
» E do Deos Pan esta lição acceita. »

Dos táes beatos anda o mundo inçado :
Cuidado co' essa gente de ólhos baixos,
Máis daninhos mil vêzes que os rapôsos,
Máis ruins que o pulgão, e que a lagarta.
Sanctos no parecer, por ahi andão
Contas na mão, punhal na ſaldriqueira,
Fallando em Deos a mim, a ti, a todos,
Palavrinhas de mél, alma de canto. (1)
Ao som de trompa espalhão as esmólas,
Enfeitão sanctos, mandão dizer missas;
Mas é muito a miúdo, á custa alheia.

---

(1) *Alma de cântaro* dizem os que não sabem que *canto* significa pedra dura, d'onde vem pedra de *cantaría*, e *canteiro* o que a lavra.

Ora Leião Camões no primeiro Canto estancia 91, e acharão este vérso :

A pédra, o páo, o Canto arremessando.

ODE,

AO ILL^mo. E EX^mo. SENHOR D. JOZÉ MARIA DE SOUZA E PORTUGAL.

——— Nec tu pessima numerum
Ferres.
HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 8.

QUAL vai honesta Virgem passeiando
Pelo Campo esmaltado de boninas;
Aquî cólhe a flor branca, alli a rôxa,
Que entrança no toucado;
Assim ando eu colhendo entre os Amigos
As flôres das virtudes, dos talentos,
A generosa acção, esp'rito ardente,
Que entranço nos meus Hymnos.
Que emprêgo ha hi máis digno dos bons vérsos!
Apollo, e as Musas vem mui présto ao Vate,
Com águas da Castália, humedecer-lhe
A desenvôlta veia.
Tempéra-lhe uma a Lyra, outra lhe affina
A vóz, que ha-de entoar sagrado Canto,
Phébo lhe inspira os sons que elle bebêra
De Júpiter supremo. (1)

(1) Vid Lucan. Lib. 5.
Ut vidit Pan, etc.

Influxos táes senti, quando cantava
Araújo, Braamcamp, Brito, Bezêrra,
E o bom Souza, que dá licor (que Baccho
Plantou na Lusitania,
Com suas mãos Divinas) para o bródio,
Com que entre Amigos, entre Damas bellas,
Celébro o dia, em que escapei ás garras
De malévolos Bonzos.
Tambem sentia influxos tão Celestes
Quando Marcia, ou Delmira resoavão
Nas dôces córdas da suave Lyra,
Dicada á formosura.
Allî era meu gôsto sôbre humano
Cantar os seus agrados, os seus mimos,
Merecidos da minha fé constante,
Do meu coração térno.
Hôje, que a mão do Tempo rigorosa
Me esfriou os ardôres da aurea Idade,
Só canto da Amizade os sãos loũvores,
Com singéla harmonîa.
Nem tu, Mórgado, (1) levarás menóres
Os prémios de teu peito franco, e nóbre,
Na Lyra de Filinto, grata ãos Lusos
De îndole não-esquiva.

---

(1) O Illmo. e Exmo. Senhor D. Jozé Maria de Souza e Portugal, Morgado de Matheos.

CONTO.

Um cérto Prégador de prósa guápa,
Com unção dava as nórmas do Evangélho,
Cortando o Vìcio, a gólpes de montante.
Ouvio-o um homem bom : co' a alma contrita,
Vem a casa, e á Consórte dando parte,
Diz, que por se salvar, dá mão de tudo.

MULHÉR.

Mão de tudo ?

MARIDO.

De tudo. O Padre o disse :
« *Tenha um vestido só quém quér salvar-se,* »
Eu tenho dous : Vende um, léva o dinheiro
Aos póbres do Hospital.

MULHÉR.

Dessa sentença
Não se appella ? — Vejâmos, se o bizarro
Prégador nos dá geito.... Vou-me a elle.

CRIADO.

Quem é ?

MULHÉR.

Está em casa?....

CRIADO.

Neste instante
Começa a debicar na sobremesa.

MULHÉR.

Esperarei.

CRIADO.

Tem de esperar quatro horas:
Que ha-de vir o Caffé, o Rosasólis....

MULHÉR.

A' noite tornarei.

CRIADO.

A' noite sáhe
A jogar o Pacáo co'as Confessadas.

MULHÉR.

Pois virei de manhan.

CRIADO.

Lá por déz horas;
Que não tem de uso erguer-se co'a alvorada.

MULHÉR.

Ouvi déz horas: poderei fallar-lhe?

CRIADO.

Um nadinha, e vê-lo-ha.

MULHÉR.

Inda a táes horas.
Jaz na Cama?

CRIADO.

Oh! que não. — Mas vai ao Campo,
E muda de vestido.

MULHÉR.

De vestido!!!
Adeos. Já não preciso de fallar-lhe.
Vou-me a Casa dizer a meu Marido,
Que pois o Prégador, no seu Cabide,
Tem vestido que muda; porque mude,
Tambem guarde o meu home' os dous vestidos. (1)

---

(1) Muito ha já que os SS. PP. e os Concilios clamão, que mais que os Sermões eloquentes, vale o bom exemplo do Prégador.

ODE

AO SENHOR

Antonio Mathevon de Curnieu.

— Non ego sanius
Bachabor Edonis : recepto
Dulce mihi furere est amico (1)
Horas.

Já as Hyadas abração
As Urnas tempestuosas,
Que hão-de entornar nas prolongadas noites.

E o Bóreas já se ensaia
Para as refrégas duras,
Com que os mares açoita, os montes vérga.

Trava do thyrso, Aónio.
Não ouves as Bacchantes
Co' uivo sagrado estremecer as sélvas,

(1) Tinha-me este sempre constante, e muito honrado amigo promettido uma larga visita, que eu ancioso, depois de muitos annos, esperava.

Que co' a escaldada planta
Seccou, mirrhou sedento,
O abafadiço, avermelhado Estîo?

O ondado chamalóte,
Que a Náyade vestia,
Em baixa, se estreitou, mesquinha veia;

E o Cravo, que não bébe
Da Auróra o frêsco pranto,
Na térra encósta a lânguida cabêça.

Esquéce-se o Favónio
De vir beijar o seio
Da desbotada, ressequida amante.

Mas Pomona roliça,
De faces rubicundas,
Vale máis do que Flora delicada.

Vamos; que alto nos chama.
Não a vês coroada,
(Lá no caramanchão), de uvas pendentes?

O'lha as eivadas mentes
Das trépidas Bassárides,
Brandindo as impias hasteas retorcidas.

Aqui resoão trémulos
Os sistros turbulentos,
De brancas, azoadas mãos feridos.

Lá abaixo os gritos. — Ouve —
E os gemidos agúdos
Das rôscas do lagar, que Brómio apérta.

Vê que loura sangrìa,
De cheirosa espadana,
Córre nas cuvas, pelas bórdas vérte.

Evohé, Padre Baccho,
Sólta as sagradas fontes
Do alegrissimo néctar, succulento;

Lava as impuras almas
De cuidados, de enrêdos,
De fastosa ambição, de avara indústria.

Vamos, vamos banhar-nos
Na lìquida doçura.
Dá-me a mão. Vem comigo, Aónio; désce.

Do cangirão gró, gró,
Grita Baccho, sahindo,
Escumando, saltando pelos cópos.

Vê como o abraça, e o beija,
E no peito o recósta;
O caprìpede Sátyro, risonho;

E a Trìade festiva,
Que as côxas de alabastro,
Na dansa alvoroçada mal encóbre.

Ouves o riso imberbe
Dos petulantes Faunos,
Vendo o pando, orelhudo rocinante?

E o bìbulo Silêno,
A quem Lyêo gorgeia
Nas plenas fauces, que inda pede vinho?

Põe de parte as lições
Da sizuda Sapiencia,
Que fécha a pórta aos lépidos prazeres.

O Tempo de si nado,
E seu proprio verdugo,
Vem sôbre nós, já nos alcança os passos.

Vélóz máis do que Eólo,
A todos nos rebanha,
E de nós dá despôjo opimo ás Parcas.

Córta as demóras, désce,
E beija o vêrde scéptro
Do ardente Bassareo auri-crinito.

Do Conquistador bravo
Das indomadas Indias,
Quem ser vassallo, rústico recusa?

O Macedonio Môço,
O aventuroso Gama,
Beijárão-lhe os vestigios, reverentes.

E as Musas, que o cantárão
Vencedor vingativo
De Pentheo insultuoso, e de Lycurgo,

Primeiro, n'uma dórna
De ebrifestante sùmo,
Os semblantes abstémios mergulhárão,

Que a órôa lhe tecessem
De vivaz louro ufano,
Quando sahio dos tenebrosos reinos;

E as Furias indignadas,
Que os ólhos retorcião,
Ao vêr-lhe desandar do O'rco as verédas,

Por entre ellas bizarro,
Sorrindo á linda Espôsa,
Duas vêzes com tanto amor rendida. (1)

ESFUZIÓTE.

—— Nisi quòd pede certo
Differt sermoni sermo merus.
HORAT. *Lib.* 1. *Sat.* 8.

Os Deoses dos Pagãos, no tempo antigo
Descião ás mortáes de lindo gésto;
Qual óra em névoa Jóve, outróra em touro
Se trocou por Calisto, ou por Europa;
Ou qual Néptúno, rinchador ginêtte
Se fêz, para lograr a gôrda (2) Céres.

(1) Baccho rendeo Ariadna na ilha de Naxos quando deixada por Theséo, a tomou por espôsa; e depois quando, a pezar de Plutão e do Tártaro todo, a trouxe comsigo, triumphante á luz do dia.

(2) LUCRECIO, *Lib.* 4.

Agóra as Deosas de Lisboa descem
Aos.... Não digas a quem Musa travêssa.
Tanto poude o desmancho dos costumes !
Que dirião os nossos bons passados
De venerandas barbas té á cinta ,
Se soubéssem que as Nétas, em desdouro
Do recato e biôco Lusitano ,
Assim sevandijavão seus soláres ?
O vîcio , que lavrou por todo o mundo
Não tinha inda manchado tão affouto
As camas castas dos Fidalgos Lusos :
E máis já nos palacios se sabîa ,
Que as nóbres Damas da guerreira Roma ,
Deixando um Senador, deixando um Consul
Os ólhos abattião amorosos
Ao Gladiador, que na tingida areía
As carnes descozia denodado
Dos astutos rivaes. — Sempre os valentes ,
Bem o sabes , valêrão máis co' as fêmeas ,
Que os sabios Cidadãos , que os virtuosos.
Esta paixão privou com ellas sempre ;
Esta fêz , que as Princêzas das novéllas
Prezassem máis que tudo , o ser amadas
Dos andantes basbáques Cavalleiros ;
Só porque erão brigões , e promettião
Lançar-lhe , por fineza , aos pés rendidas
Mil testas de Gigantes encantados :
E porque nos torneios , e nas justas
Para a sua *Senhora* ter a palma
De máis formosa , entre as Senhoras todas ,
Fazião confessá-lo assim aos outros ;
Ou a bótes de lança , em lide honrada ,
Lhes fazião morder raivando a térra.

Assim durou tégóra incontestada
Esta razão de avaliar amantes,
Pelo O'rbe todo, dêsde a máis dengósa,
Até á máis ridìcula fregona.
Haja vista ás bandarras Alfamistas,
Que o amante official sizudo largão
Pelo Marujo bêbado, bulhento,
Que có a faca d'*aljava*, faz na *Penha*,
E *Beáto*, tumultos do Diábo.
Tu bem sentiste quanto é máo este uso,
Namorado Barrôco; a tua Dama,
Que tão grandes finezas te devia,
Trocou por hum soldado o amante Vate.
Não soube o que trocou; que a estas horas
Lhe terião as casas entulhado
Saccas de Odes, canastras de Sonetos
Aos seus annos, a ausencias, e saudades.
Tu o soffrêste, por que assim se usava.
Mas que hôje um.... (Tapa o bico Musa.) suppra
Não digo as vêzes do tolaz Marido,
Que casou por negocio, ou fidalguîa,
Mas as vêzes do túrgido Capucho,
Do Cadête infiél aperaltado,
Não he pôsto em razão. Sigão as cousas
Os seus têrmos cabáes. Trêmão os leitos
C'os furtos dos adúlteros usados;
Que assim, dêsde que Jóve têve barbas, (1)
Este mundo foi sempre! E *outro sim* tire
Manchêas de moédas da algibeira
Hum mochilla bréjeiro, só porque ata

---

(1) JUVEN. *Satyr.* 6.

Co' a liga prêta hum *côtto* (1) desmarcado,
Com que a Ama enfeitiçou dêsde o noivado;
Quem poderá soffrê-lo? *As longas éras*
Não mudão de costumes, mas de módas.
(Dizia hum estrangeiro meu vizinho.)
Quanto é mais ricca a Môça, e máis mimosa
Do Páe, e do Marido, e das criadas,
Máis fastîo tomou ao que lhe é proprio;
Os comêres de casa mal lhe sabem;
As armações, os trastes são sem gôsto,
Sem elegancia as jóias e os vestidos;
E tanto a enjôa tudo, e lhe abhorrece,
Que é para ella o marido o homem máis feio,
Bem que aposte co' Adonis gentileza.
Viste a nova pejada, que momenta
Despreza as iguarias saborosas
Da lauta mesa, se o appetite ardente
Pôz nas migas grosseiras dos pastôres,
Ou nas louras filhózes da tavérna?
Assim é toda a Dama: *applico el cuento.*
  O'ra tu que és Doutor, que fôste a Coimbra,
E gastaste a teu Páe grosso dinheiro,
Tu que lês pelos livros de *fitinha*,
Não me dirás quem dá este desejo
De amar o que é vedado? e ter em pouco
Tudo o que é proprio? Dá-o a Natureza?
Vem da massa corrupta? Vem das modas?
Que te responde a san Philosophia?
Virá (como cá dizem) de que o alheio

---

(1) Rabicho curto e grôsso, que nesse tempo era o primor da sécia. Haja vista ao Entremez do Garção.

Tenha em si de agradar virtude occulta,
Para a sabor dos Physicos rançósos
Se cumprir bem á lêttra o vélho adágio :
— Que é máis gôrda a gallinha da vizinha —
Deixêmos isso ás vélhas dos *soalheiros.*
Busquêmos em nós mesmos o motivo
D'este ignóto segrêdo. A variedade,
Crê nisto, meu Barrôco, vem com nosco;
É congénita á nossa Natureza.
Cada instante mudâmos de desejos,
Porque tambem se muda a cada instante
Da nossa consistencia a fórma inteira.
Tu não és hôje o homem que eras hontem :
De teu composto as máis pequenas partes
Mudárão de figura, e de lugares;
Pelas que transpirando evaporaste,
Outras, pela comida, se apossárão
Do lugar que ficou para ellas vago.
Tudo anda em nós em incessante móto :
Nós sentimos o menos das mudanças,
Que dentro em nós se fazem; só co' a mente,
Rastreamos um tanto o gyro interno
Dos esp'ritos vitáes que nos abálão,
O'ra uma, óra outra parte da memória.
A mudança de todo o nosso côrpo
É facil de se crêr, mal se contemple
No impulso que não pára (em quanto a vida
Se não acaba) e communica ao todo
Perpétuo movimento; bem que em muitas
Partes se não perceba, é n'outras claro;
E tão claro, que faz que comprehendâmos
Quanto o espîrito delle participa,
Para variar de idéias cada instante.

Sim, Barróco, sujeito o nosso esp'rito
Do côrpo ás variedades, tambem sente
No módo com que opéra iguáes mudanças.
Tu não viste em rastilho tortuoso
A pólvora accender-se? Reparaste
Como o fôgo, elemento esp'rituoso,
Segue obediente os seios meandrosos,
Que a infantil mão traçou a seu capricho? —
Quando a *curva Bahía* demandavas,
Não sentio a tua alma, *puro Esp'rito*,
Todo o vaivêm da Náo? Pois dessa sórte
Se explica, bem que em grôsso, o que eu te digo.
Os que andavão vestidos em Coïmbra
De tógas amaréllas no teu tempo,
C'um exemplo bem claro hão de abonar-te
Tudo o que eu discorri: dirão que attentes
No côrpo o máis sádio, quando pérde
Este dom da benigna Natureza:
Mal dos órgãos se altéra a consonancia,
Que nasce do equilibrio dos humôres,
O rôsto amarellece, as fòrças québrão,
Os membros de pesados mal acódem
A's funcções máis devîdas; mas — é côrpo —
Me dirás tu — sujeito á intemperança
Das estações, e a mil diff'rentes casos. —
Mas crésce a fébre, atropellado o pulso
Batte sem tino, o sangue *galopando*,
Aguilhôa os esp'ritos, sóbe á mente
A trópa accelerada, a praça assaltão,
As confusas idéias titubêão,
E em bréve tempo o que era raciocinio
Dispára n'um delirio rematado.
E é tambem côrpo o insano entendimento?

Muda-o, ou não, dos órgãos a desordem?
Confessêmos, Barrôco, e com lizura,
Que sômos vários, porque em nós varîa
Co' gyro do composto, a idéia, a ordem
D'este nosso querer; não ponhas culpa
A causas arredadas de nós mesmos.
Queremos, não queremos, sem máis causa,
Que a nossa involuntaria variedade.
A môça a máis gentil, a máis discréta,
Por quem, por conseguî-la esmorecêmos,
Já não é tão gentil, nem tão discréta,
Mal a sórte a entregou em nossa posse:
A perdiz, o capão, o frêsco lombo,
Do lodoso animal, se vão tres dias
A' opîpara mesa, já enjôão.
Põe o exemplo em ti; lembra-te, Amigo,
Quantas vêzes objectos cubiçaste
Muito anciôso, que lógo abhorrecêste,
Uns mal possuidos, outros não gozados?
Nem tu fôste assim só; assim são todos.
O coração faminto sórve os gôstos
Mal *trilhados*, e fita logo a vista
N'outros nóvos manjares, que a Esperança,
Qual fóme insaciavel lhe alcovita.

O tal Esfuziote é, (como diz muito bem o Epìgraphe) prósa tal e que janda; e se a imprimo aqui é para que máis realce a resposta seguinte, que é d'uma fidalga em quem os dotes do ânimo supérão a antiquissima, e bem illustrada nobreza. Não ponho aqui seu nome (ainda que por muitos tìtulos o m reça) porque razões, que devo respeitar, me atalhão: mas a belleza, e altivêz de seus vérsos, e da sua imaginação a farão distinguir de quantas, e ainda de quantos córrem a mesma veréda.

EPÎSTOLA

A FILINTO.

Apenas soltou Phébo a Lyra d'oiro,
No teu dia primeiro, e tu, Filinto,
Viste agitar do vento os seus cabêllos,
Sôbre os despidos montes da Thessalia:
As Deosas engraçadas do Perméсso,
D'alvos Cysnes um bando á terra envião.
Os prodigios de Délos renovando,
Sétte vêzes, em tôrno do teu bêrço,
Revoando, as Canções meigas soltárão:
Sétte vêzes o vôo remontando,
Battem nos ares músicas sublimes.
Prenhe de sons da parte do seu Nume
Co'a septi-corde Lyra te prendárão.
  Então as córdas d'oiro vendo absôrto
Co'a tenra mão já feres huma, ou outra,
Té que firme, qual nôvo Orphêo soltaste,
Os poderes immensos da Harmonîa.
Nóvos prodigios cada dia surgem.
Se a meiga Vénus cantas, sáhe das ondas
O corpo, serenando os céos, a terra,

A espada cáhe da mão ao rijo Marte;
Os Numes se revêm na bella fórma;
E das Filhas de Thémis léve dansa
Festêja em Chypre a Deosa dos Amores.
Se cántas a Virtude, os Ecchos vagão
D'um órbe ao outro, os céos todos atrôão,
Vê-se o Nume despido, qual Meteóro,
Que, brilhando, consola os Póvos tristes,
De quem Délio não fia as luzes gratas;
E os corações auritos se desfazem
Em desejos, que a Lyra te bafêjão.
   As Lemnîades mansas vem dos pégos
Curiosas mostrar a vêrde tésta:
É Filinto — É o Vate — n'agua sôa;
E a crêspa superficie se revólta,
Mandando o gôsto espuma aos leves ares.
Hamadrîa não ha, que não conserve,
Teus vérsos, mutilando os proprios membros,
Por entalhar no tronco as Canções lindas,
Que dos beiços colhêste á branda Euterpe.
   D'este Valle as Napéas (Valle agreste)
Quantas vêzes, Filinto, a Lyra forção,
Porque diga um louvor digno a teus versos.
O comprido cabêllo aos ventos sólto,
Entrelaçado de frondente louro,
Cinjo a venda sagrada, o véo me cóbre;
O rôsto accêso em chammas Apollîneas,
Alternadas cantigas sólto a Daphne,
Sem que arte, ou méstre rêja os sons na Lyra:
É Phébo mesmo quem me inspira o canto,
Quem revólve o futuro, quem me brada:
« Honra a Filinto, honra a copia minha. »
E os esfórços do Deos, que nos possúe,

Quasi que a alma desprendem de seus laços.
O Prophético sôpro rompe as bôccas,
Agouro, a teu favor, mil cousas bellas;
E depois de rasgar os véos da Nóite,
Com raios, que em meus beiços lança Apollo,
Pállida, fatigada, ouço em silencio,
As Drias, que ao Luar formão choréas
E com teu nome as Musicas adornão.

Como pagas, Filinto, ao gentil séxo?...
Ah! que inda ardentes lágrimas me banhão
O rôsto descórádo pelo susto.
A lyra, que cantar devia os Numes
Canta os êrros das Tágides sincéras?
E as grinaldas virentes de assucenas,
Com sêcca mão, a Sátyra desfólha?
Ah Filinto, piedade! não, não roubes,
Em vérsos immortáes, a immortal nuvem
Com que abáfa a Cautéla melindrosa
Do travêsso Cupido insânos furtos.

Mas Tu, longe de ti, nada me escutas:
Ao furor da Poësìa o peito abérto,
Agitado, arquejando communicas
O fôgo, que te abraza, ao vérso altivo:
A torrente de idéias pullulantes
Dessa mente fecunda, onde combattem,
D'onde opprimidas, férvidas se expulsão
Variadas pinturas da Desordem,
Pródigamente aos ólhos teus presentão.
Do enthusiasmo ardente conduzido
Érgues o panno á scena pavorosa,
E arrazando segredos, me recordas
A ousada mão de César derrubando
A floresta dos mêdos, respeitavel

Ao Druida, que a investiga desmaiádo.
Dos mysterios, que aos Lusos hôje escréves,
Desviárão os ólhos temerosos
Os Heróes, que a Nação inda celébra.
Bem como vendo a sélva denegrida
Torcia o raio tîmido o caminho,
Voáva longe o pássaro medroso,
E os ventos fugitivos, lá distantes
Murmuravão temor com surdo sôpro.
Applica a tócha César atrevido,
E a chamma, que devora o altivo bósque,
Mostra em lugar de Nume, um feio spéctro,
Teutatis, devorando entranhas cruas,
Enroscados dragões, que a si se mordem,
Erynnes feias, Scyllas horrorosas,
Cujos bramidos entre a chamma estállão.
Táes verdades no mundo que approveitão?
Feliz uma illusão, quando é suave!
Feliz quem julga a cândida Innocencia
Battendo as puras azas sôbre os téctos
Das donzellas; quem crê que dos céos désce
De nácar puro um carro majestoso,
Onde o Pudor com róseas mãos dispende
Céstos ás Nymphas, glória a seus costumes:
Bem como náufrago Ayax se segura
A um penhasco, que o mar em tôrno açouta,
Um gentil bando péga-se ao silencio:
Mas qual Néptúno féro parte a rócha
C'um gólpe do tridente, tu, Filinto
Divides esta penha; assim naufrága
A Esperança das tristes Portuguezas;
A Pátria brada, a pudica Ulysséa
Ante meus ólhos surge enternecida

Cercão-na os ais das mîseras donzéllas.
Qual vaga, como Cynthia, sem alinho
A esconder-se no bosque envergonhada,
Toda n'um feixe d'ouro a loura trança,
Negligente lhe cáhe nos hombros alvos:
Qual mostra descórádo o lindo rôsto,
Por onde em fio lágrimas serpeão,
Arguindo c'os ólhos crystallinos
A mão que o véo lhe rasga, o céo que o soffre.
Purpúreos ais das bôccas vem rompendo
Quáes fagulhas, que vôão vingadoras
A abrazar de Cupido as léves azas.
Em crêspo fumo as plumas consumidas
Sóbem aos ares. Sóbem os suspiros:
Férvidas queixas tornão-se em coriscos.
E quem sabe, Filinto, se este fôgo
Colhido pelas águias lá nos ares
Virá vingar as Nymphas Lusitanas?

ODE,

AO TEMPO PASSADO.

—— Vixere fortes ante Agamemnona
Multi. ——

HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 9.

VIVEM nos campos bem aventurados,
Descansados das béllicas fadigas,
Os pugnaces Achilles, os Nun' Alvres,

Impávidos Espantas : (1)

Pelos vermêlhos rôstos , luzidîos ,
Lhe entórna o néctar Hébe sempre-môça ;
E Orphêo lhes repinica , na aurea banza ,
Por pontos, a Amorosa.

Coitados dos que , em ócio não-cantado ,
Nunca dérão tapônas , nem mattárão ,
Senão saltante pulga , ou mal-cheiroso ,
Estivo persovejo !

Esquécimentos lîvidos , seus nomes
Abafarão , e as carnes não-valentes
Passarão mudas ás vindouras éras ,
Sem Ode, sem lettreiro.

Diff'rente Fado espéra ao Grão Talaya ,
Ao curto Alpoîm, ao ralhador Damazio ; (2)
Heróes , e Páes de Heróes da loquaz Fama
Esfalfarão a tuba :

Macêdo comporá os Epinicios
Em Zamperino mettro , e Hébe engilhada ,

---

(1) Os que não tem lido a Historia universal , e ainda a Historia particular do nosso Reino , não terão idéia clara d'este Heróe , senão estudarem o Poêma de Antonio Duarte Ferrão , que começa assim : « *Bella Cotoviœ quondam infestantia campos.*

(1) Criado grave do Senhor D. P. B. assistente , nessa época , em Parîs. Esquéceo ao Poéta ajuntar ao epîtheto *Ralhador* , o de Valentão , que era elle uma , e outra cousa. Talvêz que ao Poéta lhe não coubésse no vérso , este segundo muito energico epîtheto.

Nota do Editor.

Já Maria da Costa (1) lhes confeita
Sumarentas ambrósias.

D'álêm do Stygio pégo verde-nêgro,
O Valente Roldão, indo a passeio,
A' formosa Floripes assim falla,
A' sombra d'um castéllo. (2)

« Quanto é para invejar o Cavalleiro,
» Que do aureo camarim d'uma Princeza,
» Désce ao curvo torneio, a máis de quatro
» Na rôxa areia estende!

» Oh tres, e quatro vêzes venturosos,
» Os que enfrascados em sanguineas guérras,
» D'uma campal batalha empoeirados,
» Vão entrar n'um duélo!

» Oh ditoso Oliveiros, que máo-grado
» Os dous barrîs de bálsamo, venceste
» O enórme Ferrabrás! Oh feliz Duque,
» Que tão bom murro deste! (3)

» E tu, Ricarte, astuto Paladino,
» Que, co'a cappa escarlate, encandeaste

---

(1) Criada vélha do dito Senhor, cujas reconditas receitas compunhão a máis assucarada Livrarìa, que nenhum goloso Abbade possuio té gòra.

(2) —— Quæ cura nitentes
Pascere equos, eadem sequitur tellure repostos.
VIRG. *Æneid. Lib.* 6.

(3) O Duque Nemé, no sobrinho do Almirante Balão, que veio mui lampeiro saber o que fazião os Pares de França no quarto da Princeza Floripes.
Vid. Historia do Imperador Carlos-Magno.

» O manhoso Galafre, e de mergulho
» O mandaste a Mafoma!

» Estes sim, que occupavão desmedidos
» As cem bôccas da Fama, os nóve pléctros
» Das Aónias donzéllas, e os laúdes
» De altîsonos Homéros.

» Eu com esta.... (e despio a Durindâna)
» Mas por que córto de Épica fadiga
» Aos Arióstos óbra? Assaz, e muito
» Colhi de înclytos louros.

» Só no rijo valor que abóla, e talha,
» Consiste a véra glória; a boa fôlha,
» Que descóse nas carnes inimigas,
» Põe um Heróe nas nuvens.

» Estes bonécos, que de nós descendem,
» Não pódem c'uma lança: apenas raia
» No Homem de férro do brigão São Jórge,
» A dura fôrça antiga.

» Os séc'los degenérão. Quantos déscem
» Das humanas pousadas, mal nos contão
» Que um vizinho, um parente ha já muito anno,
» Desembaïnhou a espada.

» Arrótão módas, sônhão bailarinos;
» Arreganhão fivéllas octogônas;
» Em tufadas golilhas alporquentas
» Empapão os pescóços.

» Só nos fallão de Glóbos, de Travêssos
» Que vão com bandeirinhas pelos ares.

» Quem tal crêra dos nétos de Oliveiros!
» Dos do alto Carlos-Magno! »

SONETO,

Que sérve de retrato d'um Squelêto polyglotto, etc., etc., etc.

Uma cara chuchada das Caróchas,
Tarraxada no esteio d'um Cabide,
Arcar de braços, que ao jantar preside,
Ao pôr a sôpa, ao repartir garróchas:

Cazáca, véstia, Borjacão — (máóchas
Que se lhe assente em carne, a máis que lide!)
Só lhe ajouja o arcabouço, onde reside,
Sob pélle, ossada sêcca, como bróchas.

Descem-lhe do derrengo da cintura
As vaquêttas esguîas, d'onde ao claro
Vertem signáes do quatorzeno squépio.

Quem vio desta armadilha, e má figura
Sahir um chôrro de ingrimanço raro,
Vio o meu Méstre-salla do Presépio.

ODE,

A DELMIRA.

No dia 20 de Julho, 1785.

Chante (me dit l'Amour) sa grace et sa beauté ,
Sa bouche , ses beaux yeux , sa douceur , sa bonté ;
Je la garde pour toi , le sujet de ta plume.

RONSARD.

PARA quem os nevados Lyrios têço
Em fragrantes capellas ?
Para quem cubro de fumoso incenso
Thuricremos altares ?
E para quem discôrro na aurea lyra
Divina cantilena ?
Senão para Delmira , que os Amôres
No térno seio abriga ,
Quando indignados da perjura insania
De amantes bandoleiros ,
De Nymphas inconstantes , fementidas ,
Trespassados de pena ,
Vem depôr no seu cóllo arcos trahidos ,
E séttas embotadas.
Delmira houve por sórte , em seu oriente ,
Um coração composto

Por mãos de amenas Fadas virtuosas,
Que sentadas em tôrno
Do gracioso bêrço, estes annuncios
Na mente lhe entornárão:
« De estranhas térras, por austéro Fado
» A teu amor trazido,
» Filinto renderás c'os térnos ólhos,
» C'o vencedor recato
» Tu no seu coração serás sob'rana;
» No coração que nêga
» Entrada a novo ardor, quando o captiva
» Desvellada Ternura. »
Eis que a máis bella, a quem se accende o rôsto
De raiados rubores,
A quem furioso Deos no peito ferve,
Súbito o corpo erguendo
Abalado e convulso, os ólhos fita
Na luz, que a fere, e assombra,
Nos arcanos patentes, e desata
A vóz entumecida:
« Lá jaz na rôxa rélva, borrifada
» De quentes espadanas,
» A desgraçada Prócris; com gemidos
» As queixas entre-tece
» Do mal-aconselhado vil ciúme:
» Do seu fiel Espôso
» Ouve (E quão tarde!) o amante desengano.
» Essa Aura tão mimosa,
» A quem tenras caricias desbarata,
» Não é dos bosques Nympha,
» Nem das Cidades bella habitadora;
» É doce refrigério
» De calmosos, cansados Caçadores;

» Na abrazadora sésta.

» Quão ditosa que fôras, triste Prócris,
» Se aos conselhos dos zêlos,
» Do coração, irada, ambas as pórtas
» Fecháras avisada!

COMPARAÇÃO.

Um Autor, (1) que de muitos é louvado,
E de mui poucos lido,
C'o estêrco mal-cheiroso, o ouro luzido,
Por pique, ou por desdêm tem comparado:
Que dizes tu do sîmile, Araújo?
Vês por onde equiválem?
Não creio. Que o primeiro é muito sujo;
E, pela nitidez loura, e ridente,
Os chicos muito valem.
O'ra ouve o meu conceito.
É o ouro como o estêrco; ambos proveito
Dão só, quando os espalha mão prudente.

---

(1) *Bacon.*

ODE

AD SODALES.

—— Jure perhorrui
Late conspicuum tollere verticem.
Hor. *Lib.* 3, *Od.* 16.

Lá vem a Auróra, o manto apavonado,
Lançando pelas c'rôas dos outeiros;
Soprando os brandos Zéphyros lhe ondêão
As faldas roçagantes:
Orvalhadas boninas
Cubîção de enfeitá-la;
Do vêrde leito de énleada murta
Se érgue a saudá-la o Rouxinól canóro.

Campos, com que prazer, com que saudade
Buscar-vos côrro, Escravo fugidîo
Do império duro da violenta Côrte!
Sêde-me asylo, oh Bósques
De affortunada sombra,
Contra as douradas mágoas,
Contra o riso traidor da vil Lisonja,
Contra a vóz indigente da Cubiça.

Vêrdes álamos trémulos, cobri-me
De sombrîo socêgo; e tu, ribeiro,

Que entre pardos penêdos te espedaças,
Manda esquécido somno,
Com teu rouco murmúrio,
A' mente inda abalada
Dos crébros sobresaltos, valedores,
Dos turvos mêdos, súbitas justiças.

No seio destas plácidas campinas,
Que bordou Flora com mimoso estudo,
Venho despir os trajes dos Desgôstos.
Aqui renasce o Sábio;
Aqui, das mãos graciosas
Da alégre Liberdade,
Bêbo em rústica taça, escarmentado,
Do tranquillo prazer o néctar puro.

Não venha aqui com as servîs riquezas
Assoberbar-me ufano esse Valìdo,
Que a tantos cortezãos azéda os dias;
Que aos pés do îdolo cégo
Da Privança, recuso
Lançar dons, nem serviços.
Fechada a estrada tenho de ser grande;
Porque nunca aprendi a envilecer-me.

Vai, Avarento; vaí, Ambicioso,
No culpado regaço colhêr honras,
Colhêr os dons, que arrója desvairada
Sôbre os máos a Fortuna;
Por que possas sobêrbo
Calcar do virtuoso
A singélla confiança, e dar ao vulgo
Máis uma estátua, que insensato adore.
Ama o vulgo a riqueza, invéja as honras;

Porque esquivo da luz da Sapiencia,
Dos verdadeiros bens não vê o trilho :
Por entre lidas, mêdos,
Se arrója extraviado,
Apóz um bem nocivo,
Apóz uma chyméra enganadora;
Que em pouco vai soltar-se em vago fumo.

Eu, ao pé desta fonte saudosa;
Deitando ao longe os repousados ólhos;
Por entre os arcos dos annosos freixos,
Contente me divirto
Co' cordeiro, que affaga
A retezada ovelha;
Co' cabrito saltão, que pendurado
Tréme no agudo sêrro, aventureiro.

Em quanto espéro pela branda Musa,
Que benévola os Céos ás vezes deixa,
Por vir-me acompanhar neste retiro.
Então me adéstra os dêdos
Sôbre as divinas córdas,
E me entôa as virtudes
Do honrado Mathevon, ou de Dorindo,
Ou de outro nome que ao Olvido arranca.

Alguma vêz Amor vem não-pensado;
Tróca-me a Lyra, e põe-me inda defronte
O rôsto meigo da gentil Delmira;
E espertando, no peito
Já quebrantado, e frio,
Adormecidas brazas,
Revólve o cóffre das amantes nótas,
E manda á bôcca deslembrados vérsos.

Se, da cóva de Caco, os bens roubados,
Me salva amiga mão de Hércules nôvo;
E pósso, nestas veigas nóva chóça,
Em aurea mediania,
Erguer desassombrado;
Em são deleite e puro
Envolverei alégre os justos dias
De benéfica vida, descansada.

Porei por guarda á porta a Experiencia,
C'uma longa alabarda, que affugente
A cohórte importuna dos Cuidados,
A Ambição insoffrida,
E os vêsgos, longos ólhos
Da descarnada Invéja.
Delmira, amigos poucos, poucos livros
Me ampararão do ensôsso Enfadamento.

EPIGRAMMA.

Este, que assim galópa afervorado
Na doirada berlinda, (1) é um Prelado,
Que pôz de parte, com saber profundo,
O antigo andar a pé,
Por ir prégar a fé,
Máis présto, ás peccadoras d'este mundo.

TRADUCTION.

Vois-tu, dans ce char éclatant,
Courir ce galant personnage?

---

(1) Qui dans la rue des Mathurins, a failli de m'écraser contre le mur de l'église.

C'est un Prélat qui sagement
Renonçant à l'antique usage,
Trotte, galope incessamment,
Poussé d'une ardeur sans seconde,
Pour convertir plus lestement
Les pécheresses de ce monde.

ANT. MATH. de CURNIEU.

ODE,

AO SENHOR DOUTOR
ANTONIO DE MORÁES E SYLVA.

Quidquid ætatis retro est mors tenet.
SENEC.

Como fóge, Moráes, o velóz Tempo
Unico bem, que não sostêm resgate:
Das azas só lhe trava quem se arrója
Da Honra ao asp'ro cume;
Só delle tira lucro
Quem, como Tu, em sério estudo o empréga.

O invicto Domador do império Asiáno,
Alexandre, os umbráes do négro Avérno
Descortinando na final Aurora,
Em que a Mórte immatura

Os ólhos mal-abertos
Lhe assustava co' a foice luzidîa ;

Que riquezas , que estados que não déra
Ao sagaz , salutîfero Esculapio ,
Que lhe esquivasse , por escassos dias ,
A fronte sentenciada
A Sumano avarento ,
Do instante gólpe de certeiro gume !

Perdemos dias nós , perdemos annos ,
E o tempo longo d'uma longa vida ,
Irados contra o Sól , que não estende
O distrahido açoite
Ás anafadas ancas
Dos ronceiros , quadrijugos cavallos.

Vemos passar instante apóz instante
Do fio que nos dóba a Parca austéra ;
Vemos cahir no pélago do Nada
Nossa vida em pedaços ,
E sem abalo vemos
Como o melhór de nós nos sórve o gôlfão.

Assim , sentado á bórda do ribeiro ,
O mentecapto conta embasbacado
Uma onda , que desliza apóz outra onda ; (1)
E os brutos ólhos crava
Nas águas movediças ,
Por vêr se chega a vaga derradeira.

---

(1) Rusticus expectat dum defluat amnis : at ille
Labitur, et labetur in omne volubilis ævum.

Hor. *Lib.* 1. *Ep.* 2.

ODE,

Ao Ill.mo, e Ex.m . Senhor

JOÃO PAULO BEZÊRRA.

—— Nihil maius meliusve terris
Fata donavère, bonique Dii:
Nec dabunt, quamvis redeant in aurum
Tempora priscum (1).
Hor. *Lib* 4. *Od.* 2.

Quão formosa a Virtude resplandece
No seu throno immortal! A Honra, o Brio
Oh quanto em nóbres ânimos reluzem,
E estimação grangêão!

Brilhão os Castros, brilhão os Menezes
Na sempre viva Historia de seus feitos:

(1) Póde mui bem acontecer, que algunos Leitores, que de livianos attentão só na casca do que lêm, appliquem o Epigraphe á pessoa, a quem a Ode é dedicada, e então os dou por enganados de meio a meio. Tem muitas boas qualidades o Senhor, que tomei por assumpto, mas ninguem imaginará, que eu quizesse offender sua modestia com tal descaramento. Leião os táes o principio da Ode, e concluirão, que á Virtude só cabem, e a máis ninguem, as palavras de Horacio; dado que este as applicasse, por exorbitante lisonja, a Augusto.

Um na Africa inda os Mouros amedronta,
Outro a Cambaya assusta.

Vimos nos Campos da famosa Ourique,
Um Affonso, um Moniz cortar arnêzes,
Romper malhas de Mouros valorosos,
E nos fundar a Pátria.

Vimos.... e Aljubarrota os Campos mostra
De sangue Hispano outróra avermelhados,
Um illustre João, um claro Nuno
Provar valor extremo.

Os Aleixos, os Sás, quantos abonos
D'um peito de sans máximas cingido,
Avassallando vicios, não deixárão
Aos Vindouros! — Oh Clio,

Tu, que em folhas de bronze as acções altas
Dos Heróes vás fiél dando a mil Éras,
Dize em que módo, e com que alcance os homens
Se abrem praça em teu Livro.

« Por armas, ou por lèttras (me responde)
» Se ganha a fama honrada — mas estéril;
» Se a Virtude, se o Bem da cára Pátria
» Lhes não arde no seio.

» Magnânimo valor as armas pédem;
» Pédem ferrenho estudo as lèttras; péde
» Máis que estudo, e valor, virtuoso lanço
» Despido de interesse.

» Lá jaz a fôrça, jaz valor subîdo
Na mão soccorredora, que se estende,
» Deixa o ouro cahir, fóge, e se esconde,
» Que a não veja o mendîgo.

» Desta violencia contra os da Vangloria
» Estîmulos pujantes só quizéra
» Ter eu da Historia as páginas enchido ;
Não de Ambições , e Guérras »

Bezêrra , quem quér ter , ou tem seu nóme ,
Nessas folhas de bronze registrado :
As Leis , que a Musa deo , se as tem no peito ,
As siga , ou côrra a havê-las.

MACHAVELICE
D'UM PRÉGADOR SUÉCO.

No mór rigor do hynvérno
Prégava um Prégador , que era tão frio
O vento , que assoprava pelo Inférno ,
Que lá darîa Estîo
Esse ar , com que o Auditorio tiritava ,
(E o Prégador tambem) — Mal que acabava ,
Lhe puxa pela lôba um curioso :
« Como podêis (lhe diz) prégar tão fria
» A pousada do Inférno , que arde em braza ?
» Tal bofetão darêis na Theologîa ?
» Darêis nas Escripturas ,
» Que clamão labarédas , tisnaduras ?
— Vossa objecção (responde) não me arraza.
— Se eu lhe dizia á gente
— Que o Inférno era tão quente ,

— Rebolindo, daqui, toda abalava
— E, por se ir lá aquentar, só me deixava.

ODE,

A MYRTILLO.

Laurea donandus Apollinari.
HOR. *Lib.* 4. *Od.* 2.

QUANDO désce do Ménalo sombrìo
O poderoso Brómio,
E que em róda as Tyrsìgeras Bacchantes
Redobrando no aduffe
Os rìspidos rebates, dão abalo
Aos circumstantes montes;
Myrtillo, sem temor, trépa os rochêdos,
Salta de penha em penha,
E embandeirar-se vai na folgazona,
Ebri-festiva trópa.
Canta co'as Ménadas, c'os Faunos dansa;
E agradavel a Baccho,
Baccho lhe escuta os nóvos Dithyrambos,
Com agasalho insólito;
Já manda convidar as nove Aónias,
De quem colhêr anceia
Que nôvo stylo ao Vate nôvo influem.

Eis que logo Polyhymnia
Se adianta das máis, e diz a Baccho :
« Eu que amei Ulysséa
» Sempre com gôsto igual, como amei Grécia,
» Affeiçoada aos Lusos
» De generoso peito, e s'prito ardente;
» Eu, que sempre favónia
» Dei canto a Sás, Bernardes, e Ferreiras;
» Eu, que inspirei Elpino,
Alfêno, e Coridon, inspirar amo
Assômos de Myrtillo;
Quiz-lhe abrir nóva róta, não trilhada
Em teus hymnos, oh Brómio;
Nôvo exemplo penduro para Alumnos,
Que vênhão pôr offrendas
Em teu frondente altar. O'lha-me grato,
Viti-comado Nume :
O'lha de quanto prémio sou crédora;
E a dîvida me paga,
De triumpháes Corymbos coroando
A frente do meu Vate.

SONETO.

Por máis que ouvisse em grave Consistorio
Encarecer a veia de Poéta,
Sempre assentei comigo, que era pêta
Esse seu tão gabado palavrorio.

Pois Musas!.... Pois Apollo!.... É mixtiforio

Com que o Pôvo coitado se encasquéta.
Pois a alcunha de Vate !.... E a de Prophéta !....
Nem do passado o sabem ser (1) — Irrório !

Fallar cantando , encher de êmphase a bôcca ;
Resmungar pela rua , em *ido* , em *ado* ;
Não trazer nunca na algibeira sóca,

São cunhos de Poéta. — Um Poéta é nada ,
Pois que verseja Alpoïm , Macêdo embócca
A gaita , em Zamperina (1)farfalhada.

ODE,

Ao Ill.mo, e Ex.mo Senhor

D. RODRIGO DE SOUZA COUTINHO.

Tu civitatem quis deceat status
Curas.
Hor. *Lib.* 3. *Od.* 29.

STROPHE I.

Eu nunca consenti, que a minha Lyra
Fôsse Lyra de Côrtes.

---

(1) Allude a um Epigramma de Owen ——
Prophetae et Poetae.
Illi de rebus predicere vera futuris ,
Hi de præteritis dicere falsa solent.

(2) Zamperina é aqui adjectivo, *Zamperinus* , *a* , *um*. Quem sabe se daqui a um anno será adverbio , ou ponto de admiração ? A licença poética tem ensanchas largas.

A Verdade, a só única Verdade
Soube inspirar-me o Canto (1).
Verdade foi meu Nume; e até Verdade
Cantei em meus amores.

ANTISTROPHE I.

Dize-o, oh Marcia; dizei-o vós, oh lindas
Affortunadas almas,
Que gozáes das virtudes, lá no Elysio:
Quando vos cantei bellas,
Bellas vos pregoou brado universo
De verîdico alcance.

ÉPODO I.

Vós me affinaste a Lyra;
Por vós surgi Poéta:
E os myrthos, que inda a fronte me corôão,
Vossas mãos os tecêrão.

STROPHE II.

Longe, longe de mim, tôrpe Lisonja;
Que te rejeita a Lyra.

---

(1) Queixão-se; e com razão, os que lêm as minhas tróvas impressas em Parîs, de que sahîrão á luz minadas de êrros, que muitas vezes transtornão o sentido. Pois posso-lhes certificar que puz todo o disvéllo, e que não consegui o que queria. Vêjão o que eu digo no fim do primeiro tômo, e terão paciencia, como eu tenho. Se se enfadão, e se não querem consolar comigo, vênhão a Parîs, tragão as suas obras Portuguezas, fação-nas imprimir aqui, empréguem o seu dinheiro, e toda a agudeza de suas attenções, e se a óbra impressa lhes sahir limpa da tara (como diz um Amigo meu, que o entende bem) prometto-lhes uma figa de azeviche, ou um pucarinho da Maia.

Se nunca te invoquei para os amores,
Máis desabrido ainda
Serei com-tigo para o digno prémio
Do Varão, que ama a Pátria.

ANTISTROPHE II.

Ser nóbre é acaso; acaso é ter Ingenho:
Ser virtuoso é tudo.
E empregar as virtudes, os talentos
Em ser proficuo á Pátria
É levar a Virtude ao gráo supremo,
A'lêm da commum glória.

ÉPODO II.

Assim m'o gravou firme,
Com lêttras indeleveis
A Divina Minérva, quando os passos
Guiei ao Templo da Honra.

STROPHE III.

No amor da cara Pátria, toda a summa
Das virtudes se abrange.
Nun'Alvres, que tomou sôbre seus hombros
A defensão do Reino,
Amou a Pátria, o Rei, e pôz o cume
Á virtude, n'um Claustro.

ANTISTROPHE III.

Com Deos na bòcca, e Deos no ìntimo peito
Empunhou sempre a espada,
Que descoráva as hóstes inimigas.
Com Deos sempre ante a vista

Dava sãos pareceres gloriosos,
No Concelho, ao Rei Luso.

ÉPODO III.

Sempre, co'a Pátria em braços,
Buscava duro os p'rigos.
Olhava o Céo, do Céo lhe vinha á mente
O acêrto nos discursos.

STROPHE IV.

Servir a Pátria! Oh fama duradoura!
Máis firme que as estátuas!
As pédras, bronzes são, manjar do Tempo.
Dos corações dos homens,
Quando mana a memória saudosa,
Perenne não se estanca.

ANTISTROPHE IV.

Assim córre inda agóra o ignóto Nilo,
E correrá perenne,
Quando já consumidas, e enterradas
As Pyrâmides fôrem.
Lerão Homéro os últimos Vindouros,
E o Pátrio amor de Ulysses,

ÉPODO IV.

Quando as pédras já gastas
Do Sigêo monumento
Nem mostrar possão onde o féro Achilles
Jazeo em somno etérno.

STROPHE V.

Eu, que bebi as aguas de Hippocrene
Em largo vaso de ouro;
Que sempre com as Musas me accompanho,
Deixo callada a Lyra,
Quando um Varão, que tanto illustra a Pátria
Reclama os meus accentos?

ANTISTROPHE V.

Vem, oh Clio, e com déstra pluma escreve
Virtuosas fadigas
De quem esteia as Artes, e as Sciencias
Com munîfica dextra;
Quem, de terreno estranho, a sábia Pallas
Convida a vir á Elysia.

ÉPODO V.

Quem lhe aderéça os Templos,
Lhe acarêa os Ministros,
E c'o affago, e c'os dons da Majestade
Lhe bafeja os trabalhos.

STROPHE VI.

Elysia lastimava, escurecida
Seus filhos mal-entrégues
Aos punháes homicidas; e os havêres
Grangeados com suóres,
Ganho injusto de sévos roubadores
Na maléfica noite.

ANTISTROPHE VI.

Hoje á luz dos revérberos, que espalhão
Nôvo dia nas trévas,

Contente a Elysia vê seus moradores
Trilhar segura via
No amparo de ataláias sempre á l'érta,
Que amor da Pátria armára.

ÉPODO VI.

Os Cidadãos se encontrão,
Sem que um de outro se tema,
Que no trájo, e na falla não se esconda
Quem lhe derrame o sangue.

STROPHE VII.

Não pérde de seu prêço, nem se avilta
Do Bem-público o anhélo,
Que a esmiudada vista désce a empregos
De não-ufanos nomes.
Colbert, Sulli não desdenhárão féros
Lidas úteis á Pátria.

ANTISTROPHE VII.

A Pátria é grata, os Cidadãos bem louvão
Quem fadigas lhe apouca;
O Amigo, que o moléstо enfadamento
Quér ir depôr no seio
Do brando Amigo, não pergunta errado
Nem rua, nem pousada.

ÉPODO VII.

Com caridosas lêttras
A benéfica dextra
Do Ministro sagaz lh'o aponta, e encurta
Rodeios enojosos.

STROPHE VIII.

Oppróbrio das Nações, por mal-polida,
E infestada de abusos,
Se hôje essa fronte, oh Lysia, érgues ufana
Na Europa, entre as Cidades
Máis luzidas, á minha Clio péde
Que eu cante a quem o déves.

ANTISTROPHE VIII.

A Musa o pregoará com almo agrado;
Que de adular contraria,
Sempre a vóz, sempre a Cìthara tem prompta
A celebrar sonóra
Quem lugar se procura, com virtudes
Na lembrança da Pátria.

ÉPODO VIII.

Seu brado aqui resôa
Nestas longinquas térras,
Costumadas a vêr Heróes mui-dignos,
Aos quáes tal nome ajunta.

STROPHE IX.

Aqui se ouve com grato accolhimento
O nome de Rodrigo:
Aqui dão por feliz o Reino Luso,
Que tal Varão possúe,
E á sombra d'esse nome os Portuguezes
Cóbrão máis alta estima.

ANTISTROPHE IX.

Eu triste, eu desvalìdo só desejo
Ter mór favor das Musas

Para cantar tão alto o nóbre Souza,
Que me ouça o Nilo, e o Ganges,
E lá no seio azul saiba o Oceâno
Que ainda ha Portuguezes;

ÉPODO IX.

Que Menezes, e Nunos
E mil passados Souzas
Vivem nesta vergontea esclarecida
De tão fecundo tronco.

SONETO.

Vénus queixou-se a Jóve que os mundanos
Amavão o que amar é defendido;
Que negavão ao seu gentil Cupido
Os cultos, e a valîa os máos humanos.

Que as lisonjadas sallas dos Tyrannos
Lhe roubavão o incenso a si devido;
Que as Riquezas, que o Mando appetecido
Só erão Numes — Numes soberanos.

Mas Jóve c'uns sorrisos amorosos
A consolou: « Melhor que em outra éra
» Terás, oh Filha, cultos numerosos:

» A Divindade, que hôje em França impéra,
» Destruindo esses cultos viciosos,
» Toda em Vénus servir, e amar se esméra. »

ENIGMA.

TAL nunca vio humana creatura,
Nem verá quem a nós vindouro fôr;
Sahir, como em triumpho da clausura,
Sonóro Prégador,
Com sermão, que ninguem lhe encommendára.
Cheiro de Sancto? — Não:
Mas quadra o cheiro co'a harmonîa rara
Do assumpto, e do sermão.
A tal Música, e a estranha Prégação
Só dirá quem for louco,
Que de Arte, e Ingenho abasta.
Algum ri á surrélfa; algum se agasta,
Mas tudo em vão: que o Prégador é mouco.

ODE,

AO SENHOR ERNESTO BIESTER.

But happy they! the happiest of their Kind!
When gentler stars unite, and in one fate
Their fate, their fortunes, and their beings blend.

Thought meeting thought, and will preventing will,
With boundless confidence: for nought but love
Can answer love, and render bliss secure.

Thompson's Spring.

QUAL Rio caudaloso vai a Vida,
Nas vagas mil acasos revolvendo;
Aqui espraia, e réga, allì arranca
Corpulentos Carvalhos.

Uma onda em nossos ânimos encósta
Um Bem, um Mal, que outra onda lógo arrastra:
Léves casos, que ao Léthes, desdenhosa
Arrója a mão do Tempo.

Feliz! o que na somma de annos curtos,
Parelha os bruscos dias c'os alégres,
E dizer póde, com tranquillo rôsto:
— Gozei de meia idade. —

Tens nos braços Marilia encantadora ,
Affortunado Biester ; os Monarchas
O'lha sobêrbo , na alma Primavéra
De gôstos não-defêsos.

O que os mimos logrou , e a vóz , e o canto
Da ardente Sappho , na arenosa praia
De Lésbos , em seu grémio recostado ,
Não foi tão venturoso.

Tu discorrendo o mélico instrumento
Abrias douto stádio á vóz da Nympha ,
A que em brando sussurro entrelaçavas
Delicado elógio.

Nem debalde (accorrendo a consolá-la)
Lhe tornaste máis léve o carrancudo
Semblante da doença , o véo rasgando
A's lágrimas furtivas ;

E seu dôce sorriso mal-occulto
Recompensou as tîmidas finezas ,
E as lastimosas mágoas , que apertavão
Teu peito enternecido.

Os dias bons , battendo as bréves azas ,
De nós , amigo , a vôo sôlto fógem ;
Apenas , na lembrança , o trilho deixão
Do prazer saudoso.

O Prudente , das horas se approveita
(Se da dextra da Parca lhe cahîrão)
Não manchadas de lîvidas tristezas ,
Nem de nêgros presagios.

CONTO.

Trajada de Béata, cérta Dona
Mui contrita, n'um dia de Endoenças,
Foi ter c'um Confessor, a quem deo parte
De seus êrros, — dos êrros de seus filhos,
Dos êrros do Marido, e das vizinhas.
O Capucho lhe diz: *Tem jejuádo?*

DONA.

« Se jejúo! Cousa é que se pergunte?
» Toda a Quarésma a fio, sem fallencia.
» Acto em mim bem penoso, Senhor Padre!
» Porque sou mui franzina, e mal-sádia.
» Cômo á noite tres óvos, em memória
» Da Trindade sanctissima, aos quáes óvos
» Junto, em cabal louvor das cinco Chagas,
» Cinco peros; tambem quarenta ameixas
» Á quarantena do jejum de Christo.
» Sétte góles de vinho em cima bêbo
» Á minha amada Mãe das sétte dôres.

CAPUCHO.

E máis nada?

DONA.

« Accressento néstas trévas

» Treze pão-de-lózinhos em lembrança
» Dos treze cirios do bemdito Gallo.... »
O Capucho agastado aqui a atalha :
Quem tal jejúa , como — em honra , e glória
Das Virgens onze mil — de onze mil córnos
Não órla a Consoáda ?

SERMÃO,

COM SUA NOVIDADE.

Prégava um Cura ; e em seu prégar dizia :
« Tem meu sermão tres pontos , e declaro
Que eu entendo o primeiro ; mas vós nada.
Eu do outro nada ; e vós entendeis tudo.
Óra (Deos me perdòe !) do terceiro
Nem eu , nem vós pescamos cousa alguma.
Vamos vêr. O que eu muito entendo , e quéro ,
E a que vós vos não dáes por entendidos ,
É cuidar nos concêrtos , que precìsão
As casas em que móro. O'ra o segundo ,
Que é pôr no ôlho da rua eu a minha Ama ,
Vós o entendeis ; mas nada entendo eu disso. —
O terceiro.... tem dente de coêlho !
Nemeu , nem vós, Villões , gente abrutada ,
Delle , entendêmos nada.
Eu vo-lo digo já. — É o Evangélho .

Haya, 15 do Outubro de 1795.

CARTA,

AO Sor. Dr. MANOEL C. J. P.

Amigo e Senhor,

Sinto-me melanchólico, e triste, porque só. Nesta Haya maldita não tenho com quem falle; nem sei que módo busque para despedir de mim (que não passá-lo) o tempo Passa-tempos aqui! São fructa desconhecida Para espraiar o ânimo tómo a penna, e lhe darei parte d'um sônho, que tive um dia d'estes. A quanto chega o meu desamparo, que recôrro a sônhos!

SÔNHO.

Considerava comigo, que chegava o Hynvérno; entrei a cuidar em me reparar do frio.

Penduro nas espáduas o capóte,
Tómo o tôpo da rua

Que entésta na *Parada* (1), e vai ao *Pote*; (2)
Entro na lóge : — allì a imagem sua
Creio que pôz Minérva, em testemunho
De quão injusto, quão peitado, no Ida
Déra Páris, a Vénus delambida,
A maçãa, á máis bella em dom devida.

Esta Minérva era, sem máis nem menos, a Dona
Da lóge onde se vendião papéis pintados.

DIÁLOGO,

ENTRE MIM, E A DONA MINÉRVA.

EU.

Tem cobertôres de papa ?

A DONA.

Tenho-os excellentes.

(Dizendo e fazendo, tira a Dona d'uma gavetinha do contador 5 ou 6 cobertôres de lãa listados, mas tão finos, como lenços patavares.)

---

(1) Praça da Haya, que chamão da Parada, pela que alli fazem as tropas da guarnição.

(2) Rua assim chamada pelo sîtio em que pára.

E U.

Não é isso o que lhe eu peço.

A DONA.

Ai, Senhor, não sabe como são quentes.

E U.

No verão, minha senhora!

A DONA.

Ai, não: no hynvérno, digo; que no verão abaffarião.

E U.

V. M. está zombando.

A DONA.

Não zombo, tal não cuide.

E U.

Como póde um Cobertor tão franzino, e tão delgado... A menos de ser um hynvérno tépido, ou de enroupar a cama, c'um cento delles?

A DONA.

Esse é o segredo da nóssa fábrica. Tal têmpera dâmos ás nossas lãas, que estendidos sôbre o côrpo, se embébem lógo da quentura vivente; incha a lãa, encórpa de maneira, que de fina que era, como um papél, tóma o fôfo d'um colchão.

E u.

Já não estamos no tempo das Fadas, e Varinhas de Condão. Encampe esse segredo ás meninas da eschola, e não a quem ha 50 annos que se barbêa.

A Dona.

Que duro é V. M. de crer em gente honrada! Ora experimente-o. Ahî está um leito; dispa-se, que eu o cubro c'uma única destas cobértas: e verá maravilhas.

Inda estes dittos seus no ar soavão,
Que eu mãos, a despojar o fato, mêtto;
Como a palma da mão, despido e nû,
Nos lençóes me embaînho, e a bella Dona
Co' a fina cobertura me agasalha.
Já me îa pelos membros recrescendo
O calor promettido; eis que, — com pasmo,
Vejo mui despejada a tal Minérva
Desunhar-se em despir todo o fatinho,
E em pêllo já, como Éva (ha tempos) no Éden, (1)
Entra n'um camarim, tira aguçosa
Um menino gentil, louro o cabêllo,
Descuidado em annéis, quáes vão Anjinhos
Nas procissões, com Caliz, e martyrios.
Ei-la, que méde um pulo, e salta acima,
Se me enfîa na cama, c'o menino.

---

(1) Nome, que Milton, e outros dão ao Paraîso terreal.

Ai, que não sei de nôjo como o conte!
Vistes vós um tonnél, que desembucha
(Desmentida a torneira) um jôrro de água;
Alaga-se o sobrado, andão boiantes
Os móveis, uns c'os outros, ás marradas? —
Pois assim succedeo c'o tal menino.
Destapou o suspiro da arreigada,
E, entre os lençóes, nos atolou tão alto,
Que o perum, que no arrôz vai fôfo ao fôrno,
Ou sanguineo prezunto Lamecense,
Que se solapa nas suaves massas,
Não se vê, como nós, tão empapado.

E u.

« Mulhér, mulhér, que destampado arrôjo!....

a Dona.

Chiton! Como é travêsso! Ai! não se mêcha;
Que é sabão de estragão, isso que o Olho,
Distilla, do Rapaz. — Mui prestadìo,
Limpa as fézes a tudo; os membros todos,
Em que o sabão toccar, ficarão puros,
E cobrarão belleza, e mocidade,
Como se no Jordão fossem lavados.

Senti (confésso) lógo um tal lethargo
Esparzido por todos os sentidos,
E nelle um dôce enlêvo, assemelhado
Ao que a alma sente quando sáhe do Mundo,
E sóbe ao Paraîso de Mafoma;
Do qual quando accordei, já tudo tinha,
Mudado face, na árca do juîzo:

Então o Rapaz louro, empoleirado
No sobrecéo do leito, já chovìa
Sobre nós (de outra fonte) tal dilúvio
Que nos não só desensaboou, mas inda
Continha tal virtude a chuva sua,
Que sôbre dar, como o Jordão, lavagem
Das nódoas, das doenças, das velhices,
Dourou luzente os córpos-bem-chovidos.
Que no ricco Brasil, santinho de ouro
Não ha, que máis que nós, co' ouro semêlhe (1).
Eis-nos dourados todos tres; e a Lóge,
N'um de mármore, e jaspes, Templo immenso
Transformada. Eis que vózes e instrumentos
Rompem concêrto — Délphica Harmonìa!)
Eis, por arte não vista, collocado
Um altar, bem no meio do Zimbório,
Todo fêveras de ouro em alabastro;
E em tôrno delle, em pinha, muita gente
De Lisboa, e Parìs que eu conhecìa,
C'um joêlho no chão, venerabunda.
Mas eis que me acontece maravilha
Nunca atéquî fingida, nem sonhada.
Cherubins, Seraphins, em quatro Córos,
Baixão das quatro fréstas do zimbório,
Nos levantão da Cama, que de cérta
Varinha de Condão ao tóque súbito,
Despareçe, — e a nós tres, assim dourados,
Assim nûs, sôbre o altar nos esbeltárão.

---

(1) — Puroque simillimus auro.

Panditur interea domus omnipotentis Olympi.

De par em par, do Templo as pórtas se ábrem:
Entrão, a dous e dous, paramentados
(Segundo o rito a cada qual devido)
Sacerdotes de quanto Culto e Crença
Traz prenhes os quádrîs este Univérso.
Vistosas, riccas são as vestimentas,
Com amplo talhe de orgulhosa pompa;
Tudo ouro, tudo pérlas, e diamantes
Nos bordados, nas franjas, e alamares.
Melchisedech, e Aarão vînhão no couce;
Com elles o Muphti, e o Papa vînhão,
E mais atraz Bramá, com Zoroastres,
Dalai-Lama, Dayrî, Bonzos, Faquires,
E o máis bando, — que engórda com embustes (1).
Thurîbulos de prêço, aureas Caçoulas
Núvens no Templo exhálão de perfumes. —
Chegados reverentes, e devótos
Ante nós, (tres dourados simulachros)
Todos os Truchimões, cá pela térra,
Das vontades de Deos, sôbre as estrêllas,
Uma Música sôa deleitosa
De flautas, e de Angélicas gargantas,
Discantando de Orphêo um Hymno Grêgo
Em toda a lingua, e gente intelligivel (2);

---

(1) Bem se vê que fallo dos últimos, não dos primeiros, e não de Melchisedech, Aarão, nem do Papa. *Vade retro* heresìa!

(2) Não é cousa nóva. Leião o primeiro Capîtulo dos Actos dos Apóstolos; e verão, que não é a primeira vêz que tal succede.

Como o já fôrão os sermões de Pedro,
E máis companha, em tempos atrazados.
A signal cérto os instrumentos párão:
Prostra-se toda a córja Pontificia,
Com profundo-humilhado acatamento:
Por entre as duas naves, larga via
Vai do altar estendida até á praça;
D'onde um Cônsul trajado de escarlata
(Bastão de General lhe peja a dextra,)
Cercado de Legados, de Centurios,
De Pendões da Répública, e das Águias
Tira apóz si Romana soldadesca;
Com riccas, reluzentes armaduras,
De prata escamas, pregarìa de ouro;
Élmos, broquéis, brazões tem de relêvo,
Que estancão do Perú toda a riqueza:
Marchão ao som dos pîfaros, das trompas,
E c'os contos das lanças, c'os pés battem
O militar compasso bem-medido.
Alveja entre elles bando de Donzéllas,
De setim branco em roçagantes ópas,
Que largas fitas tricolóres cingem;
Nas mãos ramos de enzinha, louro, e palmas;
Longo tracto, apóz ellas, se agiganta
O Homem de férro do brigão são Jórge,
Que traz a pino a Nacional Campana (1):
Séguem-no em Batalhões lindos Meninos,
Guardas Nacionáes, de azul trajados,
Damasquinos alfanjes meneando....
— Arréda. — Arréda!

(1) La sonnette du président.

Da Convenção de França é o Presidente.
De plumas no chapéo cocár sobêrbo,
Que enxérta n'um chuveiro de brilhantes,
Lhe assombra, balançando, a altiva fronte:
Dos hombros lhe descende um ricco manto,
Lhâmma de prata; as órlas são erguidas
Pelas mãos de seis gôrdos Secretarios,
Com tógas de azul-claro terciopêllo:
Com broslados de pérlas, e topázios;
Riccas toucas Indianas na cabêça,
Com fiôs de rubîs, trancelins de ouro,
Adiante, e atraz, e d'este, e de outro lado,
Respeitoso cortêjo lhe fazião
Os Porteiros da Canna da Assembléa,
Com pendentes medalhas sôbre o peito;
Aureas medalhas cáhem d'aureos colláres.
Segue-os a Convenção com galas riccas.
E quem a vista estende álêm do Templo,
Vê pelos campos, muitas léguas longe,
Exércitos sem conto, e em frente os Cabos,
As Insignias, a Música, — áscua de ouro.
Chega ante o nosso altar o Presidente,
E, apenas chêga, sáhe d'uma ala, e d'outra,
O Papa Pio Sexto, e o Dalai-Lama,
Cada um c'uma aurea táça cravejada
De rubîs, da grossura d'uma nóz,
Que presentão, com muito acatamento,
Á Minérva dourada, que me fica
Á direita no altar: — esta dos peitos
Espremendo um licor. — Óleo de rósas —
Encheo as duas taças trasbordando.
Então o Presidente, grave ordena
Que a mim as tragão, e que as bêba me óra.

— Mas, para que! E quem sois vós (pergunto)
— Quem é esta Mulhér, e esta Criança? —
Aquî se fêz no Templo alto silencio;
E o Presidente, com despejo nóbre,
Tira, da profundissima algibeira,
Uma flautinha de marfim lavrado,
Pela qual (em falsête) assim me canta:
« Aquella alta Senhora, que eu venéro,
» É a Constituição sob'rana, e sancta;
» Tu, Cidadão, Pentarcha Executivo,
» O licor, que ella espréme, e que tu bébes,
» Succo é das leis, que tu cumprir t'obrigas.
» E esse almo, e béllo, aditador Menino,
» Que, entre vós ambos, nos recrêa os ólhos,
» Das Nações todas é o feliz Fado,
» Que muito ha-de medrar á sombra vóssa. »
Disse; e ao metter a flauta na algibeira,
Dispara uma festiva Symphonîa;
Abalão-se no Templo as álas ambas,
Dansa o Papa, o Muphtî, o Presidente,
Com toda a Convenção; dansão soldados,
Dansão as Môças, dansa toda a turba;
E dansando, outo a outo, de mãos dadas,
Bando a bando, ante mim, vem todos vindo;
Cada bando, ante si, traz o seu Prêto
Da Vîrgem do Rosário, co'a bacîa;
E a esmóla, que me pédem, são decrétos
De fino pergaminho, que enrolados,
Enfitados, com sétte sêllos de ouro,
Aos borbotões me estourão do embigo,
Com tal chorrilho, e tão precipitado,
Que não ha hi poder-lhes dar vazão....

Ainda o Sônho irìa por diante, se não me vem accordar o Ex^{mo}. S^{or}. A. d'Ar. para recommendar-me uma Carta para sua Prima, etc., etc., etc.

SONETO.

Pelos campos hervosos vecejáva
O verdor, que aljofrára a pérla fina,
Com que os ornou a Auróra matutina,
Quando aos balcões do Oriente se assomava.

E a lámpada (1) dos Céos já acobertava
Os montes Ulysseos com luz divina:

---

(1) *Postera quum primum lustrabat làmpade terras.*
ÆNEID. 7. *v.* 148.

Parece affectação de Latinorio acarretar um vérso de Virgilio, para autorisar uma triste palavra d'um miseravel Soneto. Ali, meus amigos, e Senhores, se a VV.mms. (como a mim) lhe chovessem em casa as crìticas, e os reparos de Censores *bons e mãos, e intermeados*,

Talvêz que então cobrissem
Com máis sólidas têlhas a morada.

como já cantou uma douta penna.

Aquì me amanho eu sempre armado de espada e rodéla, e sempre de vigîa. — Ôlho atraz, ôlho adiante — e nada basta contra esses malsins de palavras, que põem lógo as mãos em cima a alguma póbrezinha, que apanhão desgarrada.

Já no ramo, que vérga, o Mélro afina
A vóz, que ao Páe do dia saudava.

Então Filinto triste, e saudoso
Reclamava dos Numes a ventura,
Que da alma lhe arrancou o Fado iroso;

Levando-lhe da vista a formosura
De Marcia, e seu olhar térno, e mimoso,
Para a ir pôr nas mãos da Ausencia dura.

ODE.

——— Et justa fides et plena pudoris
Libertas, animusque mala ferrugine purus.
Panegyric. ad Pison.

A barba, e espêssa grênha (1) penteando,
Dos Hyperbóreos sêrros désce o Hynvérno:
Eis das mãos engelhadas nos arrója
Regêlos passadores.

---

(1) Talvêz se assemelhe esta Ode a outra, que comêça.—*Vejo apontar o Hynvérno pelos cumes*, etc. etc. — O que vem de as ter eu ambas feito no Hynvérno; e me lembrar nesse caso máis do frio, que sentia, que das Odes, que compozéra.— Mas podia emendá-las no verão — (me dirá algum pronóstico, que me não conhece) .·. Mas não m'o consente cérto peccado vélho, a que chamão perguiça (lhe respondo), nem o pouco caso, que fiz

Sanhudo, as crêspas azas sacodindo,
    Ouriça os troncos de espinhadas néves;
    Alcatifadas de granizo agudo
        Alvejão os Campinas.

Em redór do Carvalho chammejante
    As Graças tiritándo vem sentar-se;
    E as torpecidas mãos, as frias plumas
        Aquécem os Amôres:

Este alastra, co'as pinças, rôxas brazas
    No rescaldado lar, aquelle céva
    As clarì-rubras tremedoras flammas
        C'o sôbre-pôsto lenho.

Feliz, quem póde nestas quadras frias
    Aos Penates manter perpétuo fôgo:
    Da antigua Vésta disvellado Guarda
        Velar, que não perêça.

Mas máis feliz, quem como tu, Marcello,
    Góza d'um tépido, amoroso Clima,
    Onde Apollo com franco mimo esparge
        A proficua madeixa.

Se te érgues com a Auróra, vês os Campos
    Orvalhados c'o aljófar buliçoso;
    Nem todo o ramo, negrejando, chóra
        A vêrde vestidura.

Fôrão ditosas as Cimmerias turmas,
    Que deixando as geladas serranîas,

---

sempre dos meus vérsos. Deixo aos Meninos, que fazem décimas para freiras, o cuidado de pentear os vérsos, e lambê-los.

Bebêrão, nas Hespanhas, longos tragos
De Zéphyros fragrantes:

Quando trocárão, pela lande brava,
O cheiroso melão, a sumarenta,
Vermêlha, assucarada melancîa,
Os pêssegos felpudos;

Gostando, em vêz da asperrima Cerveja,
O saboroso Baccho reluzente,
Que a padár máis mimoso, e regalado
Plantára incauta dextrá.

Ai, mîsero! quem longe de táes fructos,
Longe de ti, dos Lares saudosos,
Só consérva a tristissima lembrança,
Para assanhar-lhe a pena!

E, quando, anciado da affligida lutta,
Vai a voltar-se no desérto leito, (1)
Em vêz da mórbida, aquécida Espôsa,
Tópa resfriados linhos.

---

(1) In me nostra Venus noctes exercet amaras.
Propert. Monobibl. Eleg. 1.

PRODIGIOS

DO ATREVIMENTO.

Audax omnia perpeti
Gens humana ruit per vetitam nefas.
HOR. *Lib*, 1. *Od*. 3.

Nenhum comettimento alto e nefando
Por fôgo, ferro, agua, calma e frio
Deixa intentado a humana geração.
CAMÕES. *Cant*. 4. *no fim*.

PARA andar pela Térra, a Natureza
Nos deo pés; — bem déra ázas,
Se pelo ar nos quizéra dar passeio; —
Bem déra barbatânas,
Se a cortar máres fôramos nascidos;
Inda a pélle nos déra
Da Salamandra, se viver no fôgo
Fôra nósso destino.
Mas nós, que em tudo além da raia vamos,
Trilhámos mar com quilhas,
Sulcámos com balões liquidos (1) ares;
Só no fôgo falhámos.

(1) Per liquidum æthera
Vates. — HORAT. *Lib*. 2, *in fin*.

Falhámos ! — Como é néscio quem tal cuida ! —
E esse Mancêbo vìrgem ,
Que entra , e vólve , em Pombal, n'um fôrno accêso ,
C'uma rósa na bôcca ,
E delle illeso sáhe , e a rósa frêsca ,
Não sabe andar no fôgo ?

Lugduni, Batatiphagorum , 16 *de Novembro , de* 1796.

ODE.

Conta bem Manoél João :
Conta bem , que vinte são.
Auto da Paixão.

VENHA cá Nécker ; venha o máis pintado
Professor de Algarismo , que me arrume
No meu « *Déve e Ha-de haver* » por mêz, por dia ,
Os meus florins sessenta. (1)

Já abáto delles dôze , para as Casas ;
Máis dôze , para a Vélha *Nighe-naghe*
Que a suja roupa , com lexìvias sujas ,
Restaura á prima alvura.

---

(1) Da mezada.

Do sujo rôsto quem me córta o pêllo;
Me arréda inda outros tres da curta somma. —
Conto então as reliquias solitarias
Do desfalcado embrulho: —

Embóra os (1) conto. Acanhão-se nos dêdos
Trinta e tres estafados corropîos,
Que parto em tres quinhões. Cada um tóma onze;
Sem máis um bazaruco.

Comei, comei batatas sem-sabores,
Bebei água de póços fedorentos,
Delmira, e M*** : — e tu, Filinto, aguça;
Que t'as tempére Horacio.

Rôlas, Perdizes, Pátos, Gallinhólas,
Sab'rosa fructa, generoso vinho,
Não cóção o padár de quem espréme
Sétte sôldos de gasto.

---

(1) *Os conto* refére-se a corropîos. Não haja falcatrúa; que inda me lembrão as régras do Cartapacio. — Algumas, que não todas.

LYRAS.

1.

Não ouvìas cantar por esse prado,
Por onde a mim te appréssas,
Marcia, o teu nome amado,
D'entre as folhas das árvores espéssas?

2.

As canóras pintadas Avezinhas
Tanto aos rudes Sylvanos
O ouvîrão, e ás vizinhas
Drias cantar, no dia de teus annos,

3.

Que enchem com cantos repetidos
Os ares sonorosos.
De invéja, e amor, sentidos
Ais dão Lydias, dão Tyrsos amorosos.

4.

Vai passear nas aprazîveis praias;
Tritões espadaúdos,
E os peixes já des-mudos (1)
Te darão máis louvor, que ás béllas Náyas.

(1) O mutis quoque piscibus
Donatura *cygni*, si libeat, sonum! Horat. *Lib.* 4. *Od.* 3.

SONETO

AOS ANNOS DA SENHORA MARG. CH.

Da núvem transparente, que rasgava,
Vinha Vénus formosa a nós descendo,
Com ella o Filho iniquo, appercebendo
Cruéis vinganças Vénus, e este a aljava:

« Ah Cupido, que affronta! (à Mãe clamava)
» Desprezar-nos sobêrba!.... (Assim dizendo)
— A Ti a accêsa vista retorcendo,
— Ira a Mãe, sétta o filho disparava.

A sétta ao seio teu, M*** airosa
As vingadoras farpas dirigia,
Co' as azas, que lhe deo Dione irósa (1)

Não têmas. Olha a dextra que desvîa
A sétta.... É a da Amizade! Oh! Nympha, góza
(Vénus raive!) o triumpho d'este dia.

---

(1) Arbitrio matris de mille sagittis
Unam seposuit, sed qua nec acutior ulla
Nec minus incerta est; nec que magis audiat arcum.
Ovid. *Metamorph.* 3.

Lugduni Batatiphagorum 1796. (*)

ODE.

Hoc precor: hunc illum nobis Aurora nitentem
Luciferum roseis candida portet equis.
TIBUL. *Lib.* 4. *Eleg.* 3.

EMFIM, já assóma ás pórtas do Oriente
O desejado dia,
Em que térras, e már porei em meio
D'estes fétidos bréjos (1).

(*) Parece que devia o Autor, escrevendo em Leyde, pôr *Lugduni Batavorum*; mas creio que por não vêr mesa Hollandeza sem batatas, e lembrado d'esse pouco de Grêgo, que aprendeo, casou o verbo grêgo *phago* com as batatas, e appelidou-os comilões de batátas. Nem tenhão a muito atrevimento o mette o Autor n'uma data essa pequena greguice, quando eu vejo aqui em Parìs, o quanto lavra nos livros nóvos a bazófia de metter o Grêgo á cara dos leitores: até nos editaes de theatros, e de curiosidades, anda tudo minado de Grêgo. É um desamparo! Ahi vai um, que hontem me embutìrão á queima roupa. Dou-lho para amostra. — *Pyrofanto-phylie.* — Vèjao se o adivinhão, e mandem-mo dizer.

Nota do Editor.

(1) Péço encarecidamente aos que lerem esra destampada arenga, que não imaginem, que eu assento no mesmo aranzél todos os Hollandezes. Sei que ha entre elles homens mui polidos, mui sabios, homens que honrarião a máis sociavel Patria. Foi des-

Como acenar-me vejo lá de longe,
C'o alégre Desenfado,
O umbroso Sena, de cantada veia!
Lá me espéra a Saúde
(A Filha da Alegría) com risonho
Prazenteiro agasalho.
Lá vou despir o lutto, que trajava
Meu peito ha quasi um lustro;
E comprar, nos Bazáres do folguêdo
Um trajo côr de rósa,
Que faça rebentar de ira, e despeito
O Casmurral enôjo;
Se inda não desgarrou inteiro as unhas
Das magoádas entranhas. —
Declaro etérno adeos ás abhorridas
Desconversaveis caras (1),
Do Sem-sabor hospicio sempitérno.
Com ancia alvoroçada,
A Sápos, e a Canáes, e a táes Piúgas
Darei ligeiras cóstas.
Já de mim se desprendem com lentura
Os pegajosos áres,
As mal-fazêjas névoas que prendião,
Com streito cingidouro,
Dos animáes sentidos a pujança,

---

graça minha não os encontrar: encontrei com o avêsso dellcs. O despeito, o enôjo, a solidão, a má saúde, que logrei na Hollanda, fôrão os instigadoras desta, e d'outras similhantes bafo-radas poéticas, que cá ficão na gavêta.

(1) Chamo-lhe *Caras*, porque o seu nome verdadeiro desmentia da medida do vérso: e porque em Poësía se tóma a miúdo a licença de dizer uma cousa por outra.

E da alma o vôo hardido.
Eu os vi (1), que subião, com desleixo,
Dos charcos Acheroncios (2)....
Quando, um dia, que, curvo de tristeza,
Sôbre um mal-lido livro,
Clio me despertou, me foi subindo
Comsigo á Tórre da Haya.
Allì, co'a branca mão, co'a mão Divina,
Da humana sombra, os ólhos
Me esclareceo; — á origem Promethéa
Tornou da mente o acume.
Então vi claro erguer-se pela Hollanda,
De seus paúes infectos,
Um vapôr, mal-distincto em seu princîpio,
Mas, que, affirmando a vista,
Vinha prenhe de embryões (3) de Enfado, e Nôjo,
Quáes, lógo que medrárão
Ao cheiro *creador* de mil (4) Cachimbos,
Os conheci de plano, —
Como a Devóta, ás tentações affeita,
Conhece lógo o Diábo.

---

(1) Tenhão paciencia. Vão lendo; que pelo aranzél adiante acharão uns *embryões*, que são o accusativo d'este vérbo *vi*. Um póbre Poéta se vê muitas vêzes obrigado a des-locar os óssos do período, para lhe entrarem pela betêsga do verso.

(2) Se não são os Charcos Acheroncios, que Virgilio nos descreveo, são ao menos primos com-irmãos delles.

(3) Ei-lo que chega o ronceiro accusativo. Deos o traga com bem!

(4) O Poéta pôz *mil*, e podéra, sem encarecimento, pôr Centenas de Milhar de Contos de Contos.

Nota do Editor.

Erão (que eu bem os vi) como alforrécas
Infórmes, peganhentas,
Que ao módo se estendião de alvas óvas
Estanhadas no Téjo,
No tempo, em que na veia, as Mães dos Sáveis
Depõem o inchado ventre.
Estes embryões, cóm côres de *Ictericia*,
Alando-se, estendendo-se,
Amarellando o sobrecéo dos Charcos,
Ião dando de empurra
Com homens (1), e animáes, e alli grudados
Quáes cáusticos ferrenhos,
Chupavão a medulla da Alegrîa,
Murchando as côres da alma;
E o Gracêjo então nû de sal, — só fica
O ensôsso da Batata.
Adeos, adeos, ensôssas Personagens;
Adeos, Rhinocerontes,
De escura, encantoada catadura (2).
Adeos grasnantes Gansos,
Adeos sujos Canáes, adeos Canalha (3);

---

(1) Fallo dos estrangeiros.

(2) As Cabelleiras dos seus *Dómines* são retrato (menos as bandas) da Cabelleira de Custodio Nogueira Braga, que muitos dos que hôje vivem, conhecêrão. São uns gôrdos colchões com settenta, ou outenta óvas de cabêllo, em palanques de muitos andares, que lhes vem affrontar a cara de maneira, que parece esta uma castanha, que quér sahir do ouriço, e apenas dá móstra de si.

(3) Allude a uns vérsos, que lhes fêz na despedida, um francez tão enjoado delles, como eu.

Com que prazer vos deixo,
E vou longe de vós saudar o clima
Da prazenteira gente!

ODE,

A OLINDO (1).

No dia 23 de Dezembro, de 1804.

Vina diem celebrent.

Hor. *Lib. 2 El. 1.*

Como é grato acordar na madrugada,
Entre os gorgeios das pintadas aves
Abrir os ólhos, ver no rôxo Oriente
Arder a luz Phebéa!

Adieu, peuplade, à qui Voltaire
A si bien su donner le nom;
Race que Dieu mit sur la terre
A la requête du Démon.

Adieu, canaux; adieu, canaille,
Adieu, grenouilles et marais,
Je n'ai rien vu chez vous qui vaille,
Et je vous quitte sans regret.

É muito para admirar, que estas cóplas, e outras máis de sua comitiva, as cantavão mui desenfadados, os rapazes pelas ruas.

(*) O Ill.mo e Ex.mo Commendador A. d'Ar. d'A. P. P. etc., etc., etc.

Como é grato o passeio entre boninas
Aljofradas co' as lágrimas da Auróra !
Colhêr os sazonados pômos de ouro
Que assucarou Natura !

Tal me é grato lançar pela memória
Os ólhos da Amizade , e vêr virentes
Imágens d'um Olindo generoso ,
No esmalte das virtudes.

Tambem me é grato olhar bem povoada
De agradaveis Amigos esta mesa ;
E as Damas , c'um surriso airoso e meigo
Festejar este dia.

Que nem póstos , nem ouro os convidárão
A celebrar meus annos com lisonjas :
Meu proceder sem mancha , alma Amizade
Lhe empenhão as saúdes.

Aquî é meu prazer , aquî me pulão
Do seio da alma a Gratidão , os Vérsos ;
Chamo ditosas estas cans , que alcanção
Amiga companhîa.

Nem me lembrão os meus quatorze lustros ;
E as mesmas cans da fronte se me arrédão :
Vîvido lume dá calor ás cinzas
Dos antigos talentos.

Quasi que é meu maior prazer ter vida ,
Em que conte cada anno um dia d'estes ,

Que desfiar um dia apóz um dia,
Por dizer: VIVI MUITO. — (1)

Vivo máis neste dia, que n'um século:
Os máis dias me cahem da lembrança,
Este crava os momentos na memória
Com rijo diamante.

LYRAS,

A' VIOLÊTA.

QUANDO Adónis morreo do eburneo dente
Do javalì cerdoso
Lìvida côr lavrou incontinente
Pelo corpo formoso.

Vénus, com prantos, com cruéis saudades
A Térra enternecia,
Ènternecia as altas Divindades
Da Olympia Monarchia.

Ille potens sui
Lætusque deget, cui licet in diem
Dixisse vixi.

Horat.

Jóve, que amou, e que se compadece
D'uma Vénus chorando,
Mandou, que a Térra em tôrno florescesse
Do Môço miserando;

E a flôr trouxésse em si a côr escura,
Que tanta pena dava
Aos ólhos da saudosa Formosura. —
A Térra, a quem regava

A corrente de lágrimas mimosas,
O seio humido abrindo,
Violêtas brotou, que maviosas
A dôr lhe estão sentindo.

« Serêis entre os Amantes, e os Poétas,
» Todo o tempo futuro
(Vénus disse :) » Oh ternissimas Violêtas,
» Symbolo de amor puro ».

Máis de trinta annos ha, que as táes Lyrazinhas forão escriptas. Dizer agóra se ellas são de minha colheita, ou traduzidas, a tanto não chega a minha memória. Se agradarem a algumas almas derretidas, o autor, ou traductor lhes não péde máis, que um suspiro, bem arrancado lá dos entre-fôlhos do coração.

CARTA,

AO SENHOR ***.

6 de Janeiro , de 1788.

O Sabio (1) doutrinou-o a Natureza :
Os filhos d'Arte , gárrulos prolixos ,
Frustradas gralhas grásnão
Olympia a ave de Jóve.

PÌNDARO *na 2. Ode Olympica.*

Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonaturum , des nominis hujus honorem.

HOR. *Lib. 1. Satyr. 4.*

Tu dizes, que meus vérsos são mordidos (2)
D'um , e d'outro Censor, que marca á unha
« Este que é duro, a idéia é mal-atada ,
» O sentido é difficil por escuro ».

(1) Pìndaro dá aqui o nome de sabio (*sophos*) por excellencia ao Poéta Lyrico, o qual no seu parecer , é o que tem uma imaginação capaz de produzir, sem estudo, um grande número de idéias inteiramente novas, e dignas dos Deoses, e Heróes. Os que á fòrça de leitura e arte , fazem Odes, recitão poèmas alheios que decorárão , ou dão , pelo assim dizer, sómente um nòvo verniz ás idéias poéticas de outros, não são outra cousa máis do que uns gárrulos atrevidos, cujos vérsos , ou canto ,

Dizes, que as Damas fazem meigo aprêço
Dos mólles vérsos do affectado Mévio,
E da prósa rimada de Medaço;
E enraivas d'esse aprêço, e dessas unhas?
  Com bem pouco te férve na alma a Ira!
Por vérsos criticados te apaixonas?
E por vérsos não-teus? — Os póbres vérsos
Meus filhos são, Amigo, e eu não me dôo
Dos gólpes, que lhes dão. — « São d'um Amigo:
» São vérsos (dizes tu), que achei moldados
» Nas régras, que deixou o Venusino,
» E magôa-me o vêr, que os abocanhão
» Os enfréstados dentes d'um Taréco. »
  Espanca essa amargura despeitosa,
Philósopho Avellar, desfranze a tésta;
Mira-te ao bom espêlho, a que eu me miro,
Quando alimpo da Crîtica as mascarras:
Bébe da fonte, d'ondė eu bêbo a fio
O almo licor da jovial Pachôrra.
Invéjas não me agastão, dão-me riso:
Invéja, antes que Lástima, procuro.
Fôrça é subir, co'a Invéja sempre ao lado,
Do immortal Templo a alcantilada rócha.

Pìndaro compara aqui, por desprêzo, ao grasnido frustrado, que levantão os Córvos contra a poderosa voracidade da Aguia.

(2) Critiquer, selon eux, c'est ne pardonner rien,
Grossir toujours le mal, et déguiser le bien;
Qui, faux aigles, et vrais butors,
S'imaginent, dans leur aveugle ivresse,
Planer sur les eaux du Permesse,
Dont ils n'ont jamais vu les bords.

PIRON.

A vida é curta, se as paixões a rálão.
Zomba do Zoilo, zombarei comtigo.
Que ha muito neste arrimo estou seguro:
« Imita os bons, se queres-igualá-los.
» Despréza o Zoilo de empéstada lingua. »
Paixões não são de lucro: as paixões nossas
São pratos, com que os Críticos engórdão.
  Eu quando os escrevi, esses, que agóra,
Vérsos mórdem (meus filhos mal-fadados)
Foi porque quiz dar fólga a muita idéia,
Que na pejada tésta borbolhava;
Quiz abrir campo a Gratidão, aos justos
Louvôres da benévola Amizade;
Quiz ornar meus poêmas com os nomes
De Lindâna, de Marcia, e de Delmira.
O Prazer os gerou, não a Vanglória:
Que bem sabes quão pouco os julguei dignos
Do traslado, ante quem sempre os compunha,
Minhas delicias, meu prezado Méstre. (1)
Sem sossôbro soltava então os diques
A' corrente Apollínea despenhada,
Sem temer unhas, sem buscar louvôres,
Como quem d'uns, e d'outras se surria.
O verdor juvenil, o sancto lume
Que as Musas põem no sp'rito digno dellas,
E o fôgo, que Amor lança nas entranhas,
Nessa idade viçosa, e presumida,
Rompeo na labaréda, que em Sonetos,
Em Odes campanudas sahio fóra.
Mas não tão fóra, que deixasse o claustro

---

(1) Horacio.

Das gavêtas do Vate, ou dos Amigos;
Onde com mêdo do profano vulgo,
Quaes Virgens pudibundas se encerravão.
O Prazer os gerou, hòje a Penúria (1)
(Máo Fado o quiz assim!) os põe na rua.
Lá vão desamparados, sem valìas
Correr tormenta entre os baldões, e as mófas
De mil versejadores assanhados.
Que navalhas, (2) que gumes não se affião
Contra o innocente buço barbi-louro
De meus coitados vérsos? — Zoilos, comprem-mos
Comprem-mos, e critiquem-mos embóra.
Dinheiro, e não louvores necessito.
Qual, na Guiné, o Nêgro os filhos vende,
Em tanto amor gerados, e nascidos, (3)
Para manter a Mãe; muito-que saiba,
Que hão ser açoutados, e pingados
Das brutas mãos do squálido Mineiro.
Tanto póde a fatal Necessidade!
— São duros. (4) Costumadas as orêlhas
Ao mólle Albano, á mólle Damiana,
Ao mólle semsabor de térnas glósas,
Não pódem supportar guerreira Tuba,
Um Som alto, uma Furia sonorosa,

---

(1) Paupertas impulit audax ut versus facerem.

HOR. *Lib.* 2. *Ep.* 2.

(2) *Molem et montes.* VIRG., por *montes magnæ molis.*

(3) *Camões.*

(4) Duri chiama i miei carmi
Ma che? son duri, e pur son belli i marmi.

Torquato Tasso, in un Madrigale.

Qual Camões a pedia á sua Musa. —
Se témem, que as orêlhas se lhe estraguem
Co' a dureza dos meus; . . . Ah! não os leião :
Que eu c'um Vate (1) direi : « Não leio os seus. »
Contentar-me-hei com poucos de bom sizo,
De estudo, de critério delicado,
Que os lêm, sem lhe arranharem os ouvidos.
O mólle Cortezão, que véste Hollandas,
Que traja tafetás, calça pellîcas,
Fraquêa ao morrião, géme no férro
Do rebatido arnêz, prendem-no as grévas,
De sopesar a grossa lança, sùa.
Vérsos mólles, ensôssos, e aprosados
Nunca do Pindo entrárão nas balizas ;
C'um látego nas mãos, Pìndaro, Horacio,
Das fraldas da montanha, os affugentão.
Não soffre' as altas Musas (2) *mean-mente*
Serem tratadas. Rojarás (3) por térra,
Por pouco que da altura te desvîes.
Muitos (pelo adoçar) súão, tres-súão,
Roendo o triste vérso, como traça,
Sem sangue o deixão. Muito mimo
Empéce á tenra planta. Qual é a lingua
Que em bem nascido vérso prove os fios?
Vérso primeiro vem, que ás vézes tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Deosas, parece, que o inspira, e canta.
Ferreira, Oh bom Ferreira, bem te queixas

---

(1) *Garção, Satyr. I.*

(2) *Ferreira, liv.* 1, *carta* 3. *a Pero d'Andrada Caminha.*

(3) *Horacio, na Arte Poética, vers.* 578.

D'estes juizos cégos, que igualmente
Gostão da Musa dóce, e Musa fria.
Eu amo o vérso brando e torneado,
(E alguns se achão talvêz em meus poêmas)
Quando o requér o assumpto. Quando acaso
Sentado na sombrîa, e verde márgem
D'um lîmpido ribeiro saudoso,
Olindo canta ao som, ao murmurîo
Da branda veia as mágoas d'uma ausencia.
Quando Tirso ós (1) auritos (2) arvorêdos
Contente narra a chamma dôce, e pura,
Que lhe accendeo no peito um olhar meigo
Da formosa Amaryllis. N'outro assumpto
Sempre terei em mófa, e menosprêzo
Mulher caiada, e vérso delambido (3).

---

(1) Em lugar de —*aos*—licença, que muitas vêzes tomárão os nossos Clássicos, que tinhão máis delicado ouvido, e máis familiaridade co'a Grammática, do que os meus doutissimos Censores.

(2) Auritas ducere quercus: — Hor.

(3) Multos, O juvenes, carmen decepit; nam ut quisque versum pedibus instruxit, sensumque teneriorem verborum ambitu intexuit, putavit se continuo in Heliconem venisse. Sic forensibus ministeriis exercitati, frequenter ad carminis tranquillitatem, tanquam ad portum faciliorem confugerunt: credentes facilius poema extrui posse quam controversiam sententiolis vibrantibus pictam. Cæterum neque generosior spiritus sanitatem amat, neque concipere aut edere partum mens potest, nisi ingenti flumine litterarum inundante. Effugiendum est ab omnî verborum, ut ita dicam, vilitate: et sumendæ voces à plebe summotæ, ut fiat: *Odi profanum vulgus et arceo*. Præterea curandum est ne sententiæ emineant extra rationis modum expressæ, sed intexto versibus colore niteant. Homerus testis et Lyrici, Romanusque Virgilius, Horatiique curiosa felicitas. Cæteri enim aut non viderunt viam qua

Quéro nos vérsos, que gostoso leio,
Valentîa de phrase, e de sentença;
Robustas côres no formoso rôsto,
Meneio marcial, d'onde respire
Antes cheiro de pólv'ra, que de almîscar.
Outros prézão melhor vérsos de alféloa (1):
Lá tem o Chagas, chupem-no, regalem-se
C'os seus dôces romances de óvos mólles,
E se inda o achão duro, tem o Zuniga,
Que em seus vérsos de fôfo caramélo,
Não tem *Lunar*, (2) não tem *Simul cadente*
Simul soante, ou vérbo, que não venha
Na Cartilha do Padre Méstre Ignacio.
Lá ressumbra uma nódoa, que segundo
O parecer dos Doutos mêus Censores,
Que apprendem Portuguez pela Gazeta;
Uma nódoa é, que affeia os meus escriptos,
Que enxovalha o melhór das minhas Odes.
Têrmos *nóvos*, ou *drógas* da *antigualha*,
Que se achão só em Barros, em Lucena,

---

iretur ad carmen, aut visam timuerunt calcare. Ecce belli Civilis ingens opus quisquis attigerit, plenus litteris, sub onere labetur. Non enim res gestæ versibus comprehendendæ sunt, quod longe melius historici faciunt quam Poetæ: sed per ambages Deorumque ministeria, et fabulosum sententiarum tormentum præcipitandus est liber spiritus, ut potius furentis animi vaticinatio appareat, quam religiosæ orationis sub testibus fides.

PETRON.

(1) Quam citò id, quod valde dulce est, aspernatur et respuit.

CICER. 3º *de Oratore*.

(2) Vid. a Approvação das obras de Domingos dos Reis Quita.

Vélhos Sebastianistas, que este mimo
Do fallar Luso-Gallico não provão:
Têrmos, de que jámais na Academîa
Usou tanto Autor sábio, e respeitavel,
Que tão vastos volumes compozérão
De estampas régias, de opulenta margem.
« Um Autor de folhêtos (dizem elles)
» Por quatro Odes, que fêz, mal-alinhadas,
» Quer máis autoridade ter, máis pêso,
» Que tão dignos Varões? Melhór lhe fôra
» Escrever como nós (1). O Sapateiro
» A Rascôa, inda o máis boçal Mochilla
» Entendem nossos vérsos, e os decórão:
» Os seus, só o Diniz, só o Pereira,
» Ou algum dessa récova os desciffra.
» O Mattos nunca usou de *sotto-póstos*.
» De *aferrolhar*, de *nítidos*, nem *fúlgidos*,
» Nem d'outros têrmos vîs, avelhentados,
» Carcomidos nas tróvas Affonsinhas.
Tem razão (lhes dirás) dirás comigo:
» Para esses meus senhores nunca 'escrevo,
» Nem para quem decóra táes refugos.
» Escrevo para mim, para Dorindo,
» Para Ti, Avellar, que sem piedade
» Aqui córtas o ramo mui-viçoso,
» Alli o pêcco, o escuro me esclareces,
» E o baixo, e vil, me dizes que levante.
Assim Virgilio, Horacio poetavão

---

(1) Ecrire en vers pour les faire mauvais est la plus haute de toutes les sottises.

VOLT. *Fragment d'un discours historique et critique, tome 6 de l'édition de Beaumarchais.*

Para Augusto e Mecenas, para Vário,
E com chuffas aos Mévios respondião.
Os que como Diniz (1), Garção, Ferreira
Meditão, folheando noite e dia (2)
Os Grêgos, e Romanos de alto preço,
E dão moldados vérsos nestes cunhos,
Dignos de entrar no Templo do Bom Gôsto;
São os que estimo só (3), de quem recebo
Com gôsto, e com respeito o bom reparo. (4)
Que muitos ha, que estudão com proveito;
Mas faltos de escrever (já de medrosos,
Já de esquiva Perguiça avassallados).
Como campos não tem, nem tenras vinhas,
Que o saltante granizo lhes pedreje (5),
Zombão das sêccas, zombão dos negrumes,
E do póbre rendeiro, que anda á espreita
Do soão, da tormenta furiosa,
Que lhe créste os botões, lhe arranque os troncos:
Não témem nos escriptos tempestade,

---

(1) Pindarici fontis qui non expalluit haustus.

Hor. *Ep ad Jul. Pl.*

(2) Neque concipere, aut edere partum mens potest, nisi ingenti flumine litterarum inundare. Petron.

(3) Cæteri autem aut non viderunt viam quâ iretur ad carmen, aut visam timuerunt calcare. *Id.*

(4) Cette flamme qui brule au sein des grands auteurs,
Doit être le flambeau qui guide les censeurs;
Il faut également que le ciel les inspire,
Les uns pour critiquer, les autres pour écrire.

(5) Dizemos *juntar*, *sentar*, *levantar*, e *ajuntar*, *assentar*, *alevantar* — *pedrejar* e *apedrejar*. — Ponho esta nota, porque não sei com quem fallo.

Despiedadamente nos máis férem.
Por mui sevéros, estes os recuso; (1)
E aos que não lêm, por Crîticos rejeito; (2)
Que são cégos de côres não distinguem.
E quem não sabe d'arte, não a estima (3).
Quem escreve: quem sabe o quanto é árduo
Vestir de ricco trajo a idéia nobre,
Com que appareça honrada, entre esse Vulgo,
Que, máis que na Virtude, e módo honesto,
Repara na riqueza, e no vestido: —
Que é penuria todo o ouro d'uma lingua,
Se alma (4) e feições dar quéres ao Conceito:
Que se estranhas, antigas, nóvas vózes
No taboleiro escolhes, uma (5) apenas
Acha graça em teus ólhos rabujentos. —
Que esta no vérso é longa, aquella é curta,
Chôcha não sôa, ou retinnindo estruge. —

---

(1) Cæteros pudeat, si qui ita se litteris abdiderunt ut nihil possint ex his neque ad communem afferre fructum, neque in aspectum lucemque proferre.

Cicero pro Archia.

(2) Ha cértos Crîticos, que a tudo põem pécha, e que não escrevendo, nem sendo capazes de escrever, querem impedir que os outros escrevão. Eu não acho comparação, que lhes quadre melhor, que a dos Eunuchos do serralho.

Il n'y fait rien, et nuit à qui veut faire.

(3) *Camões.*

(4) Vi um manuscripto d'um Sermão de Vieyra, onde para escolher a phrase. — Embebe a sétta no arco — havia 23. entrelinhas de 23. phrases, que antes desta lhe descontentárão.

(5) Tout prend un corps, une ame, un esprit, un visage.

Boil. *Art. Poétiq. Chant* 3.

Esse orna só c'o merecido louro
O vérso cheio de úteis pensamentos,
Nóvos (1) na phrase, nóvos na substancia;
Esse arrója da banca estudiosa,
(Costumada a leituras escolhidas)
Dourado livro de garrîdos vérsos,
Cuja dicção trivial, ouca harmonîa (2)
Brilhou já nos corrilhos do Erario,
Ou trouxe-a do Brazil fôfa e confeita,
N'um barril de melasso, um Carióca. (3)
Esse da banca arrója os (por alcunha)
Do *Sentimento* deslavados vérsos,
Que das paixões não vem, que não vem da alma,
Nem põem á luz, em quadros falladores,
De bem-sentido affecto os vivos rasgos:
Vérsos, que Apollo condemnou á queima,
Por frios, e enfeixados em má prósa,
Que a móda, e não as Musas inspirárão.
Que thesouro não cumpre ter abérto
De opulenta linguagem, ante os ólhos,

---

(1) Dicam insigne, recens, adhuc
Indictum ore alio.

HOR. *Lib.* 3. *Od.* 25.

Summendæ voces à plebe summotæ, ut fiat.
Odi profanum vulgus, et arceo.

PETRON.

(2) Fabula nullius veneris, sine pondere et arte,
Versus inopes rerum, nugæque canoræ.

HOR. *de Art. V.* 320.

(3) Sei que ha muitos Brazileiros de bons estudos, que desprezão os mômos, e affectações de quatro bandalhos, que por ellas campão: com esses não fallo; antes os louvo, e os estimo.

O grandîloquo Vate, ás Musas caro;
Ou que sérras não córta, minas rompe,
Saugrando riccas veias de ouro puro,
Com que reléve, e enfeite a Ode altiva,
Emuladora da A'guia ali-potente,
Que fita o Sól na fúlgida carreira,
E na nuve enrolada esconde o vôo;
Ou, franqueando estreitas leis, devólve
Dithyrambo atrevido, embriagado,
Dos outeiros do Ménalo ruidoso,
Rodeado de Férulas, de Thyrsos,
De caprîpedes Sátyros saltantes?
Aquî os transes são, aqui da fronte
Do trabalhado Vate córre em fio
O suór, que reluz na rôxa face:
Aquî.... mas lá lhe traz do vêrde Pindo
Meigo soccôrro o affavel Soberano
De altos vérsos. . . . Lá franco lhe concede (1)
Cartaz para a plebéa, que ennobreça
Com fôro, e moradîa; a peregrina (2)
Naturalize, e cidadan se chame;
Assente em tribunal (entre as modérnas

---

(1) Geralmente foi dada boa licença
Ás linguas; umas a outras se roubárão.

FERREIRA, *Liv.* 2, *carta* 1.

(2) Amát peregrina verba . . . .
Latio fonet cadant parce detorta.

HOR. *de Art. Poet.*

Na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

CAMÕES.

Barbi-louras) a antiga , (1) veneranda
Pelas honradas cans , grandes serviços ;
Ou juntando em travado matrimonio
(Estremado dízer lhe chama Flacco) (2)
Duas bem-conhecidas , fórme a nóva
Com cunho Portuguez , embóra vinda ,
Com que a si , com que aos seus máis enriquêça.
Mas cá me vem dos bréjos de Aganippe
Um grasnido (3) rouquenho do Vulgacho
Arrumador dos *ados* , *idos* , *e osos* , (4)
Que o vérso estimão só , que os consoantes
Sacóde , como guisos na colleira. (5)
« Não ha um consoante nessas Odes ,
» Nesse escuro delirio. Abate o vôo.
» Désce do Pégaso. Ata as tuas tróvas —

---

(1) Multa renascentur quæ jam cecidêre.

Hor. *de Art. Poet.*

(2) Dixeris egregie , notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum.

Hor. *de Art, Poet.*

(3) Clamore nequicquam procaci
Rauca crepant crocitantque corvi
Contra ministrum fulminis alitem.

(4) Si par hasard , en cherchant une rime , on trouve une pensée , on renonce souvent à employer une pensée vive , délicate ou sublime , faute de pouvoir l'incruster dans les bornes du vers , ou de la faire sonner par le grelot de la rime.

Voyag. Philos.

(5) Solo per piacere all'occhi del comun popolo , che pago , e contento di quel semplice titillamento e prurito , non penetra addentro nel midollo , nella sostanza della materia. — Prologo da traducção italiana do Catão de Adisson , impressa em Florença no anno de 1725.

» Que não lhe achâmos ponta, nem atilho. » (1)

Musa, que me prendaste com a Lyra
Que Horacio pendurára d'um loureiro,
Do Sacro bósque, em frente do aureo throno;
Em que Pìndaro (2), e Orphêo estão sentados:
Musa, que sôbre as córdas sonorosas,
Quando a mão me adestravas, e influîas
Canto divino em minha vóz grosseira,
Me dizias mórmente: « Novo Alumno,
» Fóge, fóge do humano, humilde idiôma,
» Que nascido na térra, a térra busca,
» Prêso caminha, prêsa ao lôdo a idéia.
» Tu estuda o fallar dos altos Numes,
» D'onde te vem o sp'rito, o raio puro
» Que géra o Vate, géra alados vérsos,
« Que pelos sôltos ares, sôltos vôão

---

(1) —— Mihi *nunquam*
Bilem, sæpe jocum vestri movêre tumultus.

Hor. *Lib.* 1, *Ep.* 19.

(2) Son caractère dominant est la noblesse, la sublimité, l'enthousiasme. C'est un homme, qui, quand il a pris son essor, dédaigne de s'assujettir aux règles ordinaires, néglige les liaisons et les transitions dans le discours, s'élève comme un aigle dans la région des foudres et des tempêtes. Ce n'est plus le langage des hommes qu'il tient; c'est celui que notre imagination prête aux Dieux... Mais au même tems ce désordre même est une des grandes beautés de l'Ode, laquelle se propose d'elever notre imagination, et non de nous former le jugement. Ses ouvrages sont des modèles de la plus grande élévation et du plus grand enthousiasme, dont la poésie soit capable. Ses pensées sont vives et fortes, son expression pompeuse, sa versification rapide.

Abrégé de l'Hist. Grecq.

» À chegar-se, nos Céos, á sua Origem. » (1)
Que mandas, Musa, que responda agóra
Aos baldões, que em meu nome, a Ti disparão?
Permittes que o segrêdo lhes descubra;
Que a veréda escondida patentêe
Por onde vôa o remontado Vate,
Quando em concelho radioso os Numes
Vai escutar, e c'o elles gósta o nectar,
Na fatídiça táça do alto Apollo?
  Qual pállido na Eleusis tréme, e jura
Guardar o Grêgo os mysticos Arcânos;
Tal eu jurei, nas tuas mãos mimosas,
Guardar o arcâno dos sublimes vérsos,
Que me trouxéste de morada Olympia.
Assim jurou o teu Rousseau divino:
E bem (como eu) vexado por pedantes,
O vedado segrêdo encerrou na alma.
  Ouvi, como este Vate máis-que-humano,
Tomado do furor que Apollo inspira,
Cresce no sp'rito, e ufano se agiganta:
Subindo ao cume do partido monte;
Aos detractores do Éstro sublimado,
Aos Críticos pygmeos abate o orgulho;

(1) Majores ego spiritus
  Gestans, sub pedibus degenerem metum
Projeci, et sola deserens
  Ad cœlum rapior plenus Apolline:
Indoctisque reconditos
  Fontes Æmoniæ visens gestiens,
Magnum, crudus adhuc senex,
  Flaccum pone sequar per nemora invia

J. B. D. S. R.

E sem que estrague o honrado juramento,
Os esconssos juîzos véxadores
Co' a rócha do desprêzo esmaga, e entérra.
Ou qual Persêo no alado bruto monta,
E descobrindo a anguîfera Gorgona,
C'o terrîfico escudo assombra, impédra
Esguîos Zoilos de franzida fronte.
« Fraco esp'rito (1) que a tórta senda ignoras
» Do Pindo, e medir quéres c'o de Euclides
» Compasso, o devaneio de meus vérsos,
» Aprende, que iguáes raptos deo Virgilio
» A's Sicélides Musas. Tu só pódes,
» Feliz Delirio, eternizar o canto
» Dos Méstres da alta Lyra. » — Emmudecêste,
Marréco grasnador? Comtigo fallа,
Comtigo, que vês tudo escuro e sôlto,
Se não t'o põe á porta em tabolêta,
Ou qual ramal de pêros enfiado.
Quererás tu, que Pîndaro ruidoso,
Quando máis ferve, (2) e da profunda bôcca
Delirado desata a gran torrente
Por fragas, por barrancos despenhada....
Aquî alaga, allî violento arranca
Rochêdos e pinheiros.... vá a tento,
Com uma arte na mão, (3) costeando as régras

---

(1) Ode ao nascimento do Duque de Bretanha.

(2) Fervet, immensusque ruit profundo
Pindarus ore.
Hor. *Lib.* 4, *Od.* 2.

(3) Non enim res gestæ versibus comprehendendæ sunt . . . Sed per ambages, Deorumque ministeria, et fabulosum sententia rum tormentum præcipitandus est liber spiritus; ut potius fu-

D'um ético roteiro de aprendizes,
Por não te molestar o çáfio ingenho?
Pisco Censor, que pérdes de ólhos a A'guia,
Quando despréga as implumadas fôrças,
E accommette dos Céos a azul barreira;
Não canta para ti Pîndaro altivo.
O esp'rito ségue a Apollo, a Ovêlha o trilho.
O estylo impetuoso de uma Ode
Atropélla, não piza; esconde a esteira,
Que talhou despedida, a turvos ólhos.
Os que criou Callìope divina
Em seu ìnclyto seio; os que nascendo
Bafejou Phébo com ardente sôpro,
Podem sós, com a vista, rastreá-la.
O Venusino, imitador do Cysne
Dircêo, que em alvo Cysne (1) transformado,
Maior que a Invéja, deixa Roma em baixo,
Para estender o vôo até os Pólos;
Que lidas; que suor (2) não deixou préstes
A Salmasios, a causticos Lambinos,
Quando o laço escondeo desta Ode egregia:
Ao Varão justo, e firme em seu propósito
Não lhe abalão a mente incontrastavel

---

rentis animi vaticinatìo appareat, quam religìosæ oratìonis sub testibus fides. — Petron.

(1) Jam, jam residunt cruribus asperæ
Pelles et album mutor in alitem.
Invidiaque major
Urbes relinquam.
Hor. *Lib.* 2, *Od.* 2.

(2) Quantus adest sudor!
Hor. *Lib.* 1, *Od.* 15.

Injustas ordens de assomado Pôvo ,
Nem de Tyranno o rôsto resoluto ,
Austro , revôlto Rei do Adria inquiéto ,
Nem de Jóve tonante a mão ingente.
Caia , sôbre elle , espedaçado , o mundo ,
Ferí-lo-hão , mas impávido as ruínas.
Pollux nesta arte , e o vago Alcides fixos ,
Os alcáçares ígneos alcançárão :
Entre elles bébe , com purpúrea bôcca ,
Augusto o néctar recostado ; nesta
Benemérito , Oh Baccho Páe , teus tigres
Te rodárão , tirando o indócil jugo ;
Nesta arte fixo Rómulo se escapa ,
Nos cavallos de Marte , do Acheronte.
Aquî punha Scalìgero as balizas ,
E o fim á Ode ; outra Ode lhe era o résto.
Não vio , não c'o elle vîrão muitos outros ,
(Com quem te envergonháras pôr-te á barba ,
Tu que enojosas crìticas arrójas)
Que a soltura apparente , que o delirio ,
Que súbito se appossa do Poéta ,
Não se deixa colhêr de ólhos vulgares :
Poucos , que Apollo amou , em cuja mente
Pôz throno , pôz morada ; e correr pódem
(Bem que de longe) a estrada Venusina ,
Vêm o fio , e veréda do sentido.
« Muito sei , diz , que é péça de obra prima
» A poética falla , onde contra Ilio
» Juno disfére o seu rancor inteiro ;
» Onde (máo grado seu) toda a grandeza
» Já , dos Romanos , ante-diz futura.
» Mas onde prende , onde é que está o laço ,
» Que esta falla ao principio entronca , e une ?

» Eu não o vejo (1) » — Horacio bem o via;
Que via máis que tu, máis que Scalîgero,
Que os seus nétos em crîtica, e os bis-nétos.
Mas vem comigo ainda; aguça a vista,
Para vêres prodigios máis occultos.
Vê se os listões distingues, com que Pîndaro
As estrophes libérrimas enlaça,
Quando se iguala ao Rei, (2) que illustre off'rece,
Na taça nupcial micante orvâlho
Do rúbido Lyêo, ao genro egrégio.....
Assim brindo eu, c'o a taça, os vencedores,
Do almo néctar da Fama transbordando,
Dôce fructo do ingenho, dom das Musas.
Rhódes, Noiva do Sól, de Vénus Filha,
Que longe-reinas nos cavados mares,
Teu Filho canto, coroado Athléta
Do Alphéo nas ribas, e Castália fonte.
Quéro pregoar no O'rbe, que em Alcides,
Por Tleptolémo entronca o nascimento.
Quanto Error pende sôbre o peito humano!
Censor, que buscas néxo, que investigas
Os fios, com que o Vate urde o delirio,
Ségue a Pîndaro agóra extraviado
Por longes térras, por prolixas ondas,
Prêso aos Fados do invicto Tleptolêmo.
Do fatîdico Apollo eis busca as aras;
Eis peregrina a essa Ilha affortunada,

---

(1) M. Le Fevre, páe de madame Dacier, foi quem primeiro descobrio o sentido, e o nexo desta Ode. Os que não tem as obras d'este erudito, pódem ver as notas, que seu genro M. Dacier fêz a Horacio.

(2) Pind. *Olymp.* 7,

Onde Jóve choveo os flóccos de ouro,
Quando, da frente, por Vulcaneas artes,
Pallas lhe rebentou, gritando: « A' l'arma,
» A' l'arma », que abalava os Céos, e o mundo.
Então o Deos, que os Orbes allumía
No carro chammejante, aos caros Rhódios
Manda erguer aras á guerreira Filha
Do ouri-chuvo Deos: Minérva grata
Arte, e ingenho esparzio com mão profusa;
E as, que, státuas nas praças lhes respirão,
Dão largo nome a Rhódes no Universo.
Enfézado malsim do vérso escuro,
Espreita o ovante Pìndaro, que bate
A's esculpidas pórtas da Memória:
D'esta Ilha illustre os tìtulos consulta;
Alli vê qual partilha os Deoses fazem
Entre si, das Cidades que protégem;
Como o Sól (vindo tarde) é desherdado:
Mas Jove, Juìz récto, ao Sól concede
Uma Ilha, que (correndo a méta usada)
Brilhar vìra (1) nos seios de Néptuno.
Sobe Rhódes á flór da azul campina;
O Guia dos ignìvomos ginéttes
Della ha sétte mancébos (desposando-a)
De gentil rósto, de estremado sizo,
De sétte altas cidades fundadores.
Poz térmo a seus errótes n'uma dellas
Tleptolémo, e das gentes, por virtudes,
Por trabalhos, qual Deos é adorado.
Canta depois as c'rôas, as victorias,

---

(1) Apollo.

Que Diágoras válido ganhára :
Despéde a Jóve poderosos rógos ;
Que dê fôrça , e virtude ao seu Athléta ;
O'lha de longe o grato regozijo
Da vencedora Pátria , o empenho alégre
Dos Rhódios Cidadãos , e fécha o Canto.
Onde a trama vês tu , onde a ordidura
Da bem-tecida , bem-bordada téla !
Se da c'roada Élide avistar-te ,
C'os teus *atilhos* , c'o teu *claro* e *dôce* ,
Pisco pygmêo , se Pìndaro podéra ,
Neste arredado século mesquinho ,
Cuidas , que para ti baixando o vôo ,
Irìa passo a passo pela estrada
Contando pelos dêdos os succéssos ,
Qual nos conta apoucado Gazeteiro
Os navios que entrárão pelo Sunda !
« Que tenho eu cá com Pìndaro (respondes)
» Que Grêgo para os máis , para mim Turco ,
» Me falla desvairada algaravìa ?
» Digo , que quéro lêr versinhos claros ,
» E que os teus não entendo , pór escuros. »
Tambem eu no Camões , no bom Ferreira
No princìpio alguns li , sem que colhêsse
Lógo o sentido : màs re-leio , e estudo ,
E o que era escuro , claro se me tórna.
Tóma este meu costume por conselho ,
E não serás por néscio reprendido.
Mas se de esp'rito bôto , e vista curta
Te amúas contra Pìndaro , e Horacio ,
Contra mim , que de longe os sigo , e canso ;
Não quero porfiar , façâmos pazes.
Comtigo assaz zombei ; assaz fui duro.

Somos amigos ; consolar-te quéro.
Lá vejo vir, com rôsto prazenteiro,
Minha gôrda Pachôrra, amiga vélha;
Se ella adjudar-me quér a dar-te gôsto,
Não desconfio de compor-te uns vérsos
Claros, mólles, versinhos para Freira,
Recheados de affectos, de finezas,
De frautas, de surrões, e de cajados,
Atados com brillantes maravalhas,
Sonóros, bem farfanses, campanudos,
Com cascavéis de guápos consoantes;
E assucará-los-hei com palavrinhas
De muito não-sentido *sentimento*, (1)
Com que, lendo-os, de mim sejas contente,
E eu, compondo-tos deite uma can fóra....

Longe de mim, medrosos Consoanteiros,
Flegmaticos na frágoa dos furóres,
Que dictáes, por capîtulos, as Odes:
Phébo seu fôgô vos negou avaro.
Amo o Poéta, que emboccando a Tuba:
« Não sou mortal (me diz): Apollo, Apollo
» Me revolve as idéias, m'as escólhe,
» E ordenadas á lingua m'as envîa. »
Que assim cheia do Deos a Pythia alheada
Pela bôcca exhalava o vapor sancto,
Que da trîpode ao peito lhe batîa,
E insano lhe lavrava nas entranhas..... (2)

---

(1) On parle sans cesse dans notre siècle de *sentiment;* c'est un grand mot; et je soupçonne qu'on ne le repète si souvent, que parce qu'on ne l'entend pas.

GEOFFROY.

(2) —— Ubi vaticinos concepit mente furores

Não tens tu, Avellar, que eu sou já longo,
E que a minha Perguiça enfastiada
Boceja, e quér dormir, de vêr o sério,
O estomagado texto d'uma carta,
Que comecei por méro desfastîo!
Pois, boa noite: adeos (1); que vou deitar-me.

Incaluitque Deo, quem clausum pectore habebat.

Ovid. *Metamorph.* v. 640.

Alguns Amigos me dizem, que eu não faço bem em citar tanto os autores; e que é desluzir os meus pensamentos, o apontar as palavras de outros, que já o tinhão ditto: mas eu que nessas tróvas, me não dou nunca por talento divino, que diz com sublimidade o que ninguem antes delle disse, allégo o autor, se elle me lembra, e as tróvas irão como podérem, á eternidade — ou a tenda para embrulhar adubos. Outros Amigos se enfastião de que eu dê tanto cavaco. « Tens 84 annos; tens dado máis de 2000 satisfações, citando em teu abóno, Autores, e approvadas razões. Ou teus Leitores confião em ti, ou não. Se confião, basta de cavaco; se não confião, 40,000 cavácos pouco valerião.

(1) Trop paresseux pour abréger,
Trop occupé pour corriger,
Je vous livre mes rêveries.
. . . .
J'abandonne l'exactitude
Aux gens qui riment par métier.
D'autres font des vers par étude,
J'en fais pour me désennuyer.

Gresset.

SONETO. *

Tristes Cyprêstes de agourada rama,
Horror d'esta feiîssima espessura,
A vós me envîa a minha Desventura,
O meu mortal Destino a vós me chama.

Nésta rócha, em que o mar rebenta, e brama,
Elejo abrir medonha sepultura,
Em que entérre comigo a mágoa dura,
Com que a alma lutta, ausente do Bem que ama.

Vós, Troncos inclinai com dôr sentida
Maviosa sombra a meu penar sobejo:
Frio punhal, que me atravéssa a vida!

Térnas aves, cumpri com meu desejo;
Tristes cantai, na amarga despedida,
Que já vos dou, se Marcia vir não vejo.

(*) É muito usual na idade de 18 annos sentir as penas tão agudas da saudade; estão as carnes máis brandas, e o coração co'as pórtas abertas, para receber os tiros. Mas em 70, que já por mim passárão, foi-se endurecendo, e encorreiando o peito de sórte, que para nelle abrir brécha o Amor, lhe fòra necessario em lugar de arco, e fléchas, disparar ballas de 24.

ODE A VÉNUS.

Si . . . . mavis, Erycina ridens,
Quem jocus circumvolat et Cupido.
Horat. Lib. 1 *Od.* 2.

Se ao teu Nume off'reci, piedosa Vénus,
O coração estreito em prisões de aço,
E se amorosas lágrimas sentidas
Verti em teus altares;

Se assîduo sérvo, em teu sonóro templo,
Maviosos hymnos te enviei alados,
Entre cheirosas, enroladas nuvens
De estremados perfumes;

Se a bem-aventurar baixaste outróra
C'um almo riso, c'um divino beijo
De requintado mimo, affavel, meiga,
Teus leáes amadores. . . .

Lembre-te o louro filho de Cinyras,
Quando as sélvas pizaste em seu alcance,
E quando, só de o vêr terçar um dardo,
Te estremecia o peito.

Falle o Simoente, e os ulmos piedosos,
Que, curvados, os ramos enlaçavão

Para acoutar os sôffregos abraços
Do mui-ditoso Anchises.

No Ida ovante Páris te olhou nua. . . .
Possúe Anacreonte a vocal Pomba,
Que em galardão d'um hymno lhe cedêste,
Voluntária servente.... (1)

E eu, que antigo devoto me acobarde
Ante esta tua imágem fria, escassa
De teu meigo fallar, meneio airoso,
Teus ólhos derretidos!

Eu que a teu filho, e a seus farpões prolixos
Abri no peito campo á aljava inteira,
Que a Ti, que ás tuas Nymphas, da aurea lyra
Votei todas as córdas!

Porque não péço, que te a mim descubras,
Qual em Páphos reluzes, quando em tôrno
Do césto poderoso te surriem
As nuas, lizas Graças!

Mas sou eu digno!. . . Dobrarei offrendas,
Vótos pendurarei cheios de affecto;
Escreverei nas immortáes parêdes
Escravidão devota;

---

(1) A Pomba de que Vénus fêz mimo a Anacreonte, se lhe offerecia, muito de sua vontade a servì-lo. Que differença destas pombas francezas, que agóra servem os Anacreontes. Senão, diga-o eu! A primeira me fez penhora pelo que eu não devia, e a segunda que me devia tudo, me deixou nû e crû.

Encurvando os joêlhos importunos,
Teu Nume dobrarei. Que assim foi digno
Esse esculptor (1) rebelde aos teus festejos,
Quando te orou prostrado,

Que, esquécida do atroce menos-prêzo,
Na fria (2) estátua espîritos soprasses —
Já se aquéce o marfim, azúes as veias
Entre a pélle resaltão,...

Já a bôcca se avermelha, os ólhos luzem...
Lá se descurva o braço retardìo. . . .
Na lingua inérte a vóz atropellada
Próva encetada a Vida. —

Eu devaneio! O dardo flammejante
Que me varou o peito, Amor iniquo,
Em lágrimas de amantes deliriosos
O tinhas temperado.

Tanto não péço; oh Deosa, só supplico. . .
Oh Musas, ajudai-me. Aqui comvosco
A dulcîsona vóz ameigadora
Trazei do brando Phébo:

Aquella mesma, que soltou suave
Nas ribeiras do Amphryso, quando a Jóve
Derreteo as coléricas vinganças
A quebrar-lhe o destèrro.

Essa vóz péço; e se outra inda ha máis dôce,
Essa requeiro. Co' ella intento, anhélo
Supplicar, ameigar a Cytheréa
Que aos vótos meus aspire.

---

(1) Pygmalião. (2) De Galatéa.

Vénus, Vénus! Oh Deosa da ternura,
De branda compaixão perenne fonte,
Senhora das benévolas florèstas,
Das sombras namoradas:

Désce a meus ólhos das Olympias nuvens.
Faze feliz com teu divino rôsto....
Por Ti, oh Diva, endeosado seja
Teu sérvo ardente, assîduo.

Não temas o surriso malicioso
Dos invejosos Deoses. Se o receias
Tóma a fórma de Anarda; que a miúdo
Por Cypria a têve o O'rbe.

Ella tem as douradas, mólles tranças,
Que Adónis tantas vêzes, pelos bósques;
Te desembaraçou de húmida rélva,
E de amassadas flôres:

Seus ólhos como os teus dardêjão gôsto,
Que aquéce, que inquiéta o assento da alma;
Da bôcca virginal córrem-lhe algêmas,
Como as com que tu prendes.

Dá-me que eu possa, em teu disfarce illuso,
Beber dos labios seus o amante riso,
E ás pudibundas rósas de seu rôsto,
Chegar a áccêsa face:

Dá a meus famintos braços, que lhe cinjão
O eburneo collo, voluptuoso gôlfão,
Onde acérbos ondêão separados
Os não toccados pommos.

Mas qual estranho som se ouve no templo !...
Que encanto em meus sentidos!... Eis que as aras
Mór perfume recendem !..., (Que alto assombro !)
Vólvem máis clara flamma !

Faustos sináes os ares alvorоção ;
Déspem os Céos as névoas descontentes ;
O Sól accende em chamma aureo-rosada
O festivo horisonte :

Os prados se ornão de matiz estranho ;
Nóva esmeralda véstem as campinas ,
E os troncos desabrochão nóvas flòres
Pela copada rama.

Que ouço ! Lá sôa a pórta do alto Olympo ,
Sôbre os burnidos quicios bipatentes :
As columnas avisto de diamante ,
Os sólios de carbunclo.

Os Deoses assentados radiosos
A attenção immortal com gôsto inclinão
A' celeste harmonîa , a vista pascem
No subjacente mundo.

Levantão-se as menóres Divindades ,
E em longo fio aos pórticos caminhão :
Toda a turba divina córre , vôa ,
E correndo recresce.

Os atrios , as arcadas se povôão ;
Mil fileiras de alîgeros Cupidos ,
Flóreos arcos travando , os ares rásgão ,
Cortejo abrindo alégre ;

Por entre elles, em rápidas choréas,
Os Jócos, os Prazêres vem dançando.
Diviso as Pombas, e o doirado côche,
Com a bella Erycina.

Eis da alta concha assétteando airosa
Vem (1), c'os raios azúes dos ólhos lindos,
Homens, e Numes. Que gentîs feridas!...
O Filho desenvôlto,

Aqui, alli o scéptro meneando,
Manda aos Amôres despejar áljavas,
Sacudir pela esphéra os fachos vivos,
Té que os ares se inflammem.

Como vem sôbre nós a ardente chuva!
Amorosas faîscas nos reluzem,
Nos accendem, nos lavrão pelo seio,
A dar rebate ao sangue!

---

(1) Para contentar Grammaticos, devêra o Poeta mui chanmente dizer: — *A bella Erycina vem airosa assétteando Homens, e Numes com os raios azues dos lindos ólhos.* —

Estes perluxos Francezes, com as suas clarezas de estylo, c'o seu pautado nominativo, verbo e caso, com seus cadilhos de pronomes, artîculos, suas dúplices negativas tem encandeiado muitos bons Ingenhos, e malquistado com elles as inversões tão congénitas no vérso, e engraçadas muita vez na prósa. Inversões (digo) tão acceitas, e tão bem-casadas com a Lingua Latina, e por conseguinte, com a nossa, sua primogenita, e principal herdeira. E que se ségue dahi? — Que se lhes damos ouvidos, em lugar de dar-mos Poêmas, que retratem a formosura, e o numeroso dos Virgilios, nos desbotaremos em prosissimas prosas deslavadas.

Qual vìvida influencia omni-parente
Se espalha, e désce aos penetráes anciosos
Da Madre Térra! Oh como aviva, e enfeita
A innúmera progénie!

Retumbão nas lidadas officinas
Ecchos gostosos de nascentes almas,
Que nóvos córpos a habitar se espalhão:
Acóde vida aos gommos.

Nos dobradiços ramos balançando-se,
As térnas aves, enlaçando os bicos,
Pre-sentem já, no estremecido arrulho,
Os propinquos prazêres:

Co' as auri-vêrdes caudas escamosas
Os Tritões arrazando as ondas crêspas,
Trás as béllas Neréas se arremêssão,
Em concertados pulos:

Os felpudos, caprìpedes Sylvanos,
Aflitando as cornìgeras orêlhas,
Chammas os ólhos, descomposto o passo,
Se entranhão pelos bósques. —

Salvai-vos d'este abrazador desejo,
Nymphas, que os lizos membros de alabastro
Banháes na lympha pura, ou mal da vista
Os recatáes dansando. . . . .

Aqui déscem, (Que instante deleitoso!)
Os alégres Amôres, que saltando
Se estremão pela rélva, e com ligeiro,
Travèsso riso me ólhão.

Com mil séttas subtìs, que humedecêrão
No mel Hymétto, e na Acidalia fonte,
Me emplumão todo, embébem-me as entranhas
De insólita doçura.

Eis désce contra mim, buscando a térra,
A Cypria concha... Amor! que affavel me ólhas!
C'o a ponta da aza, a pomba do alvo jugo,
Me affaga meiga a face.

Amor, Amor! Que vejo! Quem conduzes!
Vénus tomou de Anarda o gésto lindo?
Não. — É Anarda, Anarda. São seus ólhos:
É seu grato sorriso.

Não sou em mim. Oh Deoses, acudi-me.
Tanto prazer no seio não me cabe;
Pela alma me transborda; á bôcca estreita
Vem de tropél as vózes.

Ah! que incérto não sei por onde encéte....
A Gratidão... o Amor... tanta estranheza — —
Vénus, no meu enleio, não nas fallas,
Vê meu sancto respeito.

Jóve a teus votos sempre amigo, affavel....
Ah! nunca Adónis, nunca Marte frios...
Nunca o Sól vingativo te descubra
Mal-roubados deleites.

Nova Psychis, Amor, não-curiosa
Te abrace eternamente affortunado....
Cupidos, ajudai-me a agradecer-lhe
Favor tão sem medida.

ODE.

Em 23 de Dezembro, de 1784, dia de meus annos.

——Mea nec Falernæ,
Temperant vites, nec Formiani
Pocula colles ———

Horat. *Lib.* 4, *Od.* 2.

Quem podéra dizer co' amigo Horacio:
« Traze, Rapaz, decrépita botêlha,
» Que sob o Consul Manlio foi lacradá,
» Para festivos bródios »!

Mas quem perdeo, como eu, na ingrata Pátria,
Os não-culpados bens, não tem na adéga
Preciósos Falérnos; da tavérna
Bébe as chilres surrapas.

E quem me tólhe, de chrismá-las hôje!
De as chamar Carcavéllos, Malvasîa?
Menos Bispo sou eu, que o Taverneiro,
Que o chrismou por Borgonha?

Brindo pois co' Borgonha ao meu Dorindo:
Dorindo, que com Marcia, Amphrysa e Alfêno,
Honrou meus Lares, e tornou etérno
O dia de meus annos;

Como Augusto, e Mecenas, (Grandes nomes!)
Vînhão sentar-se á não-sobeja mesa,
E desfranzir as frentes negociosas
C'o pachorrento Vate.

A céga Deosa, que baralha as sórtes;
Que sem tino arreméssa os bens aos néscios,
E os prudentes subjuga com desgraças,
Não me acurvou de todo.

Inda a meu lado os ólhos me requébra,
Co' a taça em punho, a nîtida Delmira;
E risonhas, a escôlha lhe engrandecem,
As tres Irmans formosas.

Inda no coração fortificado
Co' a san philosophîa, larga brécha
Não pode abrir, com todos os revézes,
Que lhe assestou irosa.

Os córádos amigos, que se espértão
Co' picante vapôr do accêso Baccho,
Chamão as Graças, chamão a Alegrîa,
C'os polîdos gracêjos.

Louros fréchciros, de malinos ólhos,
Aqui, alli os arcos encarando,
Por virótes disparão bóta-fôgos
De namorado estrêmo:

E debatendo as azas de álvo arminho
Em redór das entranhas (que encravárão
C'os alados farpões) á labaréda
Dão solîcito alento.

Amor por entre os cópos adejando ,
Sacóde o facho , e cóbre de faîscas
O almo licor de Baccho , que nos peitos
Vai atear incendios.

Rondando as bôccas das gentîs Donzéllas
Vejo os Risos , os Jócos prazenteiros,
E Vénus , que lhes banha de caricias
Cada falla que sóltão :

Mil accêsos Desejos , despedidos
De inquiétas entranhas , se derramão
Se cruzão , se abalrôão , té que espîrão
Ante as frustradas pórtas : (1)

Dos ólhos , que chammêjão , sahem vistas
Exploradoras , que calándo a furto ,
Por empoladas cassas (2) , vão sentar-se
Sôbre apressados peitos.

Tambem tu , se aqui fôras , meu Dorindo ,
(Bem que a táes gólpes duro , e callejado)
C'um pontapé de Amor , darîas fácil ,
Derretido suspiro.

Co' motim das saúdes , que retinnem ,
Esvoáção os trépidos Amôres ,
E os apertados ânimos se estendem ,
Para hospedar-te , oh Brómio.

---

(1) *Pórtas do coração.* Pórtas muito conhecidas dos suspiros.

(2) *Fichus menteurs.*

Evoé, Nyctileo viti-comado,
Tu de Vénus sustento, e companheiro,
Vem alagar os corações sedentos,
Em máres de deleites.

As almas nos espérta, que enfraquecem,
Com amantes branduras; sáltem fóra
Da mólle bôcca, em vêz de vãos requébros,
Os cantos da Alegrìa.

SONETO,

A uma Tia vélha, Donzélla, muito avarenta, que por sua mórte deixou trinta moédas a cada uma de suas tres sobrinhas, Maria, Felicidade, e Margarida.

Alma Christan, c'o bem-haver casada,
Virgem e Mártyr de carnal desejo;
Que excepto algum abraço, ou algum bejo,
Do folguêdo viril foste privada.

Em dinheiro amuar toda empregada
De hérvas te alimentaste, e de abadêjo;
Cruél só contra a pulga, ou persevejo,
Nunca a pintos por ti foi mórte dada.

Anjos, e Cherubins á tua sahida
Do côrpo, a boa-vinda, com mesura
Rasgada, te annuncião, mui devida:

Com repiques, o Céo na excelsa altura
Do campanário seu, celebra a vida,
(Que abre a vérba) (1) ás sobrinhas menos dura. (2)

ODE,

Em 23 de Dezembro de 1799, dia dos meus annos.

Tardiora fata te votis manent.
Hor. *ad Canid.*

Das ribeiras do Sena tão fallado,
Se estendo da alma os ólhos
Até á branda Elysia deleitosa,
Que assumptos tão-magoados
Descubro á saudade sempre-viva,
No centro de meu peito!
O destêrro, em que vivo desvalîdo,
A's meigas formosuras,

---

(1) A vérba do testamento.

(2) Vamos devagar, e entoado. Este *dura* concorda com a vida das sobrinhas, e não co'a *Vérba*.

Que lá deixei na Elysia sempre-amada,
Avulta a graça, as prendas.
Assim parêce máis frondoso, e vêrde,
O Plátano copado,
Na ouréla viçosa de um ribeiro,
Alêm de áridos êrmos.
Alvas Nymphas do Téjo delicadas,
Que, c'os brilhantes lumes
De vossos lindos ólhos engraçados
Abrazáes tantas Troias
De almas esquivas, corações rebeldes,
Lembrai-vos de Filinto,
Do Vate, em que influisteis Délio canto;
Do Vate, que as primicias
Vos offertou da mal-expérta Lyra.
Oh vinde, vinde amenas
Consolar neste dia de seus annos,
Enôjos de Filinto. —
Depois que o Fado etérno consultárão
A'cêrca de meus dias
Essas tres desdentadas fiandeiras,
Disse A'tropos a Clótho:
« Esta estriga que vês, na Styx molhada
Por um dos dous extrêmos,
Pelo outro com caricias affagada
Por Vénus, pelas Musas,
Tal a tens de fiar para um Poéta
Das margens lá do Téjo.
Assim m'a deo o Fado. Põe na róca
Qual, máis te apraz, dos cabos.
Se o Cabo da ventura logo fias,
Serão annos ditosos
Os que Filinto encetará da vida;

E os últimos aziágos.
O contrario será, se a estriga vóltas.
Com tal condão foi dada. »
Clótho a cingio na róca por tal geito,
Que fui feliz em quanto
Logrei da Elysia dos ares; desditoso,
Mal que os perdi ausente.

SONETO

TRADUZIDO. (1)

« Eu soų (gritava Apollo a Daphne um dia,
Atraz della, sem fôlego, correndo,
E a longa Ladaînha descozendo
Das raras perfeições, que possuîa.)

» Sou sábio de nascença; e da Poësîa
Deos. Ella aos vérsos o nariz torcendo,
Fugîa. (Ap.) Tócco a Lyra. (Da.) Não entendo.
E, dando aos calcanhares, máis corria.

---

(1) Este soneto é traduzido d'um soneto de Fontenelle, que o traduzio d'outro soneto de Regnier des Marais, que começa. — Ferma, diceva Apollo a Daphne bella.

» (Ap.) Sei o préstimo á hérva máis rasteira ;
E sou da Medicina o Deos famoso.... »
Mal tal palavra ouvio Daphne , voava.

Dissésse : « Vê que pérdes co' essa asneira
» Um Deos galan , robusto , e grandioso. »
Que Daphne (apósto) a cara lhe virava.

O NÔVO POÉTA (1)

LAUREADO.

Panditur interea domus omnipotentis Olympi.

Estava o Padre alli sublime e dino . . . .
E em luzentes assentos , marchetados
De ouro e de pérlas , máis abaixo estavão
Os outros Deoses todos.

CAMÕES.

DESCREVER , Jóve , arremessando á térra
Trisulco raio , vingador de crimes ;
Confiar á penna a roupa adamantina

---

(1) Ill.mo e Ex.mo Senhor D. José Maria de Souza, Enviado extraordinario , e Ministro plenipotenciario de S. Maj. Fid.ma em Parîs.

De Mavórte feróz ; ou bem , tirada
Por ufanos pavões de olhudas plumas,
Na celeste campina , a régia Juno ;
E as Graças co'a bellissima Dione
Passeando airosas nos jardins de Idália ,
Assumpto foi de Ingenhos muito primos ,
Que o senso de seus rasgos ingenhosos,
E o segredo das tintas escondêrão
Das mãos ineptas de enguiçados Vates ,
Por esquivar , ao destampado fluxo
Do mascavado Caldas (1) , todo o intento
De ir desbotar , de ir devassar seu tino ,
Em prosissimas prósas deslavadas.
Nem eu serei tão atrevido , e louco ,
Que tracte pincéis táes , com mão profana ,
Quando o Vate José descrever quéro
Laureado por todo o argél dos Numes.
Alli vierão , á função machucha,
Todos os Deoses do luzente Olympo ;
Quantos o Austro tem , e as partes onde
A Auróra se érgue , e aonde o Sól se esconde.
Mas , de todo o Congresso endeosado ,
Só tres nomearei , que alli máis pérto
Se sentárão de mim. Era o Deos Conso , (2)
Que em coxins carmesîs d'um sophá molle ,

---

(1) Se me fòra concedido delir em todos os exemplares meus impressos , os nomes de alguns sujeitos , que , no excesso de jovialidade ao claro puz em vérso , de mui boa vontade o fizéra. Não sei que desattento foi o meu quando tal imprimi. Dizer que não me agrada a Obra bem cabe na crìtica. Descompòr o Autor é demasìa. *Indictum volo.*

(2) Representado pelo Ill.mo e Ex.mo Senhor Antonio de Araújo e Azevedo, Pinto, Pereyra, etc., etc., etc....

Repatanando a sonsa mandriîce,
Pósta á Malbrucka a branca gôrra, os ólhos
Pisca, á sombra da arcada sobrancelha.
Junto delle Esculapio (1) surrateiro,
Goloso de bons chicos, bons boccados,
O medico bordão, sem cucurúto,
(Ou disforme serpente —— de Epidauro)
Adrêde, e muito concho tinha occulto.
Seguia-o Mômo, (2) em trajes de Gerundio,
Que com duas rodélas de vidraças,
Espreitava as palavras, que partião,
Para as fréchar, com dardos de Capucho.
Mas já descîa Apollo auri-crinito,
Das innuptas Donzéllas rodeado. — (3)
Ao comprido José fazem mesura;
E com a dignidade competente
D'um Reitor de Coïmbra embarretado,
A tecida Capella lhe encaixárão,
Na frente, em versejar loura, e noviça,
Ao som do grão Trombão, dos crêspos búzios
Dos Tritões de Néptúno, da Harpa Eólia.
Retinnião, no Cônclave sonóro,
As palmadas, os vivas, o arrepîa
Dos adufes das Ménades, e os discrimes (4)
De sétte vózes, capadora Gaita
De Faunos, e Sylvanos: retumbavão,
Com eccho rebramante, oucos tambôres.

---

(1) O Doutor Benjamin de Sola.

(2) O Senhor Francisco José Maria de Britto.

(3) *Utque viro Phœbi chorus assurrexerit omnis;*
Virg. Eclog.

(4) *Septem discrimina vocum.*

Eis que Júpiter se érgue atordoado
Da sublime assuada ebri-festiva,
E dando um grito, que ensurdece a sphéra,
Cóze c'o chão, d'um tombo, a quantos bérrão :
« Que é isto aquî ? O'lá ! Que bebedeira !
» Sômos no Pindo, ou sômos na tavérna ?
» Quem gósta de gritar dêsça lá abaixo,
» Á Opera, a Parîs, ou bérre em Mafra.
» Neste monte só canta Apollo, e as Musas,
» Ou Vates inspirados, e Divinos ;
» E se ao meu parecer quereis dobrar-vos,
» Deixai que cantem sós as Raparigas
» Algum triste Londun, que alégre a gente. —
» Mas cantem cá de longe : ... que o tal Vate,
» Que quereis celebrar, tem-me vidonho,
» (Se bem nos ólhos, no nariz, lhe encaro)
» Que não virão de lá muito Donzellas. »

HYMNO DAS MUSAS.

Io triumpho, oh Vate, Io triumpho !
Tão ditoso encetaste a árdua carreira,
Que vences os provéctos, e prométtes
Proêzas máis preclaras.

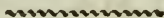
Io triumpho, oh Vate, Io triumpho !
Honra, e brazão da esclarecida próle ;
Porás, primeira, no affadigoso monte,
Poética baliza.

Cheios de invéja, attónitos da empréza,
Todos os Souzas, em palreiras lêttras,
Assentarão o insólito talento,
No Gentilicio livro.

Io triumpho, oh Vate, Io triumpho!
Com respeitoso assombro lá, da campa,
O Tio Embaixador ólha os teus vérsos.
Bons, — sem *massacre, e Egidio.* (1)

---

(1) Muitas cousas escrévem os Poétas, que alludem a conhecimentos, que nem todos conhecem. Este *massacre*, e este *Egydio* são d'esse lóte. Eu sei a allusão; mas prometti segredo.

Nota do Editor.

ODE

AO DESPEITO,

DEDICADA

AOS QUE FALSAMENTE (1) SE CHAMAVÃO MEUS AMIGOS.

O cives, cives, quærenda pecunia primum est,
Virtus post nummos.

HOR. *Lib.* 1, *Ep.* 1.

——— Omnis enim res
Virtus, fama, decus, divina, humanaque pulchris
Divitiis parent :

Idem. Lib. 2, *Satyr.* 3.

DIVINDADE, que o templo teu sentaste
Nos ultrajes do são merecimento,
Na Amizade estragada, em seus devêres
Tibios, ou não cumpridos:

Tu; que dar sabes (quando cumpre) a fôrça
Á Razão provocada, e ressentida,

(1) Vulgare amici nomen, sed rara est fides.

PHAEDR.

Tu me dicta palavras espinhadas
De exprobrador conceito.

Ou, se com Jóve tanto vales, e ousas,
Tóma-me affouto em teus irados braços,
E transfére-me aos muros de Ulysséa,
Ao ninho meu Patérno.

Quéro de pórta em pórta, ir, a teu lado,
Envergonhar os Lares (1) esquécidos
Dos desleáes amigos, da volúvel
Fortuna companheiros.

Quéro apontar-lhe, aos rostos insensiveis,
A viva tócha da Amizade pura;
E se inda do Devêr lhes pulsa o alento,
Ver-lhes córar as faces.

« E podeis reclinar-vos saborosos;
» No grémio do prazer, e dos regalos;
» Debuxando na mente, em quadros nóvos
» Vindouras alegrîas? (2)

Amicus res rara, quæ non alibi magis deest, quam ubi creditur abundare. Atria hominibus plena sunt, amicis vacua.

SENEC.

Falsi amici sereno vitæ tempore præsto sunt; simul atque adversam fortunam viderunt, omnes avolant.

(1) Os Deoses Lares tinhão (para com os antigos) cuidado, não só da Casa, e Dônos della; mais ainda dos que a ella, por direito de hospitalidade, e convivencia, lhe erão annexos.

Autor ad Herenn.

(2) Consortium rerum omnium inter nos facit Amicitia; nec secundi quisquam singulis est, nec adversi. In commune vivitur. Nec potest quisquam beate degere, qui se tantum intuetur, qui omnia ad utilitates suas convertit. Alteri vivas opportet, si

» Em quanto o bom Filinto, em seu destêrro,
» Cravado com punháes de agudas penas,
» Géme c'o dissabor, accurva ao pêso
» Da perdida ventura?

» Elle enfêrmo, elle póbre, arcando em lutta
» Com frios, fómes, québras da velhice,
» Vendo só nas carrancas do Futuro
» Ameaças de Mórte?

» Quando vós, empégados no superfluo,
» Deitáes a rôdo, pelas vêrdes bancas,
» Desperdicios culpados, que podérão
» Erguê-lo do infortunio!....

» Despertai do descuido. Olhai o exemplo,
» Que elle estampou nas almas desvalidas,
» Quando, com maviosa, occulta dextra,
» Lhes deo brando soccôrro.

» Sem esperar rubor de rôgo humilde,
» Foi préstes co' conselho, co' a abundancia;
» Passos, valîas disferindo activo,
» Homem humano a todos.

» Amigos, que dos visos da Desgraça
» Vibrar não vêdes o Celéste lume
» Da Virtude, e da Honra; e só quando arde
» Em Candelabros de ouro;

» Adorai o dinheiro, que a Virtude
» Desdenha adorações de baixos peitos;

---

vivis tibi vivere. Omnia enim cum amico communia habebit, qui multa cum homine.

SENEC. *Ep.* 48.

» Tólhe, que o umbral Ingratidões lhe cruzem,
» Ou falhas na Amizade. (1)

» Pois que entregáes ás mãos do Desemparo
» Um amigo fiél, temei o gólpe
» Da Mórte irreparável. Vêde-a préstes,
» Que vo-lo rouba, ... e o vinga. (2)

---

(1) Anaxágoras determinou-se a morrer de fóme, quando vio, que seu amìgo, e alumno Pericles, que tudo podia em Athenas, se descuidou de acudir-lhe com o preciso. — *Tanto fortior* (diz Seneca de tranquilitate vitæ) *tanto felicior: hominis effugisti casus, livorem morbum: existi è custodia: non tu dignus mala fortuna Diis visus es; sed indignus in quem jam aliquid fortuna posset.*

(2) Vieyra, no sermão dos pretendentes, prégado diante de el Rei, na Capella Real, acconselha ao soldado, que bem servio a Pátria, que não lhe mostre máis as honradas cicatrizes, de que ella desvia ingratamente o rôsto, por lhe não acudir com o prémio: « *Mórra .... e vingue-se....* » Que máis perde a Pátria, que èlle. Este *Mórra*, *e vingue-se* me pareceo sublime, sempre que o li. E muitos rasgos tão sublimes como este, encontrariamos nos nossos Clássicos Portuguezes, se os indagássemos, como nas Nações estranhas o fazem os Doutos, nos seus autores, e como elles os assoalhássemos.

SONETO.

MOTTE.

BELLEZA SINGULAR, E PEREGRINA.

De marfim tranças, de carmim pestanas,
De ébano as faces, de corál os dentes,
E os labios Lyrios: — pérolas pendentes
Das fréstas do nariz pingão ufanas.

Rubìs os ólhos, crêspas filagranas
De azul sovácos; unem transparentes
Saphyras os fendidos entrementes,
Das pôlpas, que c'o andar bambão magánas.

Eu, Poéta aprendiz, busquei na schóla,
Dos Méstraços pintura a máis divina;
Cada Méstre me deo a sua esmóla.

Um deo ouro, outros pérolas, e a fina
Grãa, Lyrios, e rubìs, que desenróla
Belleza singular, e peregrina.

O ordinario dos retratos poéticos, feitos a senhoras, é metter nos vérsos, muito rubi, muito ouro, muita pérola, etc. etc Óra a fina está em arrumá-los. Um Méstraço pinta *secundum artem;* um aprendiz lança as côres, como Deos o ajuda. É o mesmis-

CARTA.

Hoc maxime officii est, ut quisque magis opis indigeat, ita ei potissimum opitulari.

CICER. *de offic. Lib.* 1. *Cap.* 15.

Et tant que quelqu'un manque du nécessaire, quel honnête homme a du superflu?

ROUSSEAU, *Nouvel. Hélois.*

DE que vem, Mathevon, (1) que poucos hôje
Tem lizo o coração? tem a alma limpa
De Ambição, de malévolas Invéjas? (2)
Nascêmos para amar, e ser amados;
Servindo, (3) ser-mos uteis (4) uns aos outros:
E o nosso amor só jaz, e o bom serviço

simo que me succedeo nesta glósa. Se a Pessoïnha, a quem ella foi dedicada, entende melhor o ponto, do que o Poéta, póde, de seu vagar, assentar o que achar mal applicado, no sitio, que melhor lhe conviér; e este retrato será então igual, ou talvêz melhor, que os outros, que por ahi andão.

(1) O Senhor Antonio Mathevon de Curnieu.

(2) Invéjas ha de tantas côres e feitios!

(3) En ce monde il se faut l'un l'autre secourir;
Il se faut entr'aider, c'est la loi de nature.

LA FONTAINE.

(4) Périsse l'ame froide, insensible, stérile
Que n'enflamma jamais le plaisir d'être utile.

DORAT.

Nas dôces fallas, no chapéo cortêz.
Que o Rancôr lavra dentro, lavra a Astucia
Para rasgar a fama, e a innocencia,
Para roubar os bens do cortejado.
  Quão poucos vi, no meu desastre duro,
Lastimar-me sincéros, dar-me alîvio,
Com mavioso seio, amiga sombra!
Os máis se deslembrárão.... talvêz fólgão
Que os Satéllites tôrvos da calúmnia
Me despójem.... dos ólhos seus arrédem
Um padrasto, que lhes travéssa a vista; (1)
Um exemplo daquélla antiga, e rara
Lealdade, e Franqueza bem-feitora,
Que na alma, que no rôsto bem parece;
Um refléxo sem mácula, e singélo
Do são Merecimento, e san virtude,
Sem desdêm, sem vanglória, — que reprende
C'o puro obrar, as fé-perjuras (2) fallas
Do vîcio, do amor-proprio occulto, e tòrpe,
Que tanto com me vêr se desprazia. (3)
Disséras, que os cortêjos, e os protéstos
(Douradura bem falsa de alma iniqua!)

---

(1) Invident ei, qui virtutem capere potuit, et inique ferunt id habere aliquem quod ipsi non habent.

LACTANT.

(2) Damião de Góes, Chrónica d'El Rei D. Manoél.

(3) Invidiæ præterea multitudinis, atque ob eas, benemeritorum sæpe civium expulsiones, calamitates, fugæ.

CICER. *Off. Lib.* 2. *Cap.* 20.

Urit enim fulgore suo, qui prægravat artes
Infra se positas; extinctus amabitur ipse.

HOR. *Lib.* 2. *Ep.* 1.

Erão pérfida arágem, que ajuntava
Nuvens, e dava fôrças á tormenta,
Que disparou depois com raios, pédra
No mîsero baixél, que navegava
Descuidado, inexperto, em mar de leite,
Entre infidas vorágens, e cachópos.
Ei-los contentes! Derrubou-se a rócha
Que aos ólhos lhe empécîa: desterrou-se
A Lizura, que os peitos lhes cansava. (1)
Como pódes tu vêr, tratar táes monstros
Abrochados, de vêsgo engano cheios,
Tilheiros de traições, vasos de infâmia!
Porque com névoa espéssa, e feia sombra
Deos encobrio dos homens mal-guardados
O escuro Livro dos fatáes Destinos?
Se uma hora só, na vida, aos mortáes fôsse
Concedido o podêr de abrî-lo, e lê-lo;
Eu só quizéra, com lembrados ólhos,
Nas páginas vedadas lêr os nomes
Dos amigos fiéis, e os dos fingidos. —
Quando, as vélas soltando, a fóz do Téjo
Já atraz de si deixava o pio lenho,
Que os Fados meus, comigo carregava;
Subindo á tólda, e o tres-noitado côrpo (2)
Encostando ao debrum das amuradas,
Para a fugiente Elysia os longos ólhos,
Estendendo ás moradas dos amigos,

---

(1) Expedit enim vobis neminem videri bonum; quasi aliena virtus, exprobratio delictorum vestrorum sit. — SENEC.

(2) Nos onze dias que estive homiziado, nunca o socêgo de spîrito foi tão sobejo, que désse largas ao somno.

Comigo debuxava a saudade,
Que lhes anciava os peitos pezarósos;
E pela minha dôr, medìa a sua.

Já dizìa entre mim: « Agóra juntos,
» O meu funésto caso deplorando,
» E os sobresaltos, e os bebidos sustos,
» Se consólão, no meigo pensamento,
» *Que ás mãos da Tyrannía, e invéja cruas,*
» *Salvou-se illésa víctima votada.* »

Da Virtude a Amizade é companheira;
De si, como a Virtude é esteio, é prémio:
Opposta ao Vicio, como a luz ás trévas,
Não entra em corações, que o Vicio enfusca.
E é chrysól da Amizade o Des-fortunio,
Que as fézes do Interêsse apura, e queima.
No lance estreito o Amigo sobre-sahe,
Disfére o vigor da alma, expõe o peito
Ao pelouro, que silva, á sétta hervada,
Por cobrir o, que jaz por terra pôsto,
Caro amigo, que os tiros derribárão.
Então no rijo encontro, nas refrégas,
No assômo de acudir com fôrça, e brìos
Ao prostrado valor, aos gólpes dados
Pela mão da ferrenha Desventura; —
Então o forte amigo, ao rijo assapro
Que lhe espállia as quiétas, mudas cinzas,
Lança a chamma de luz, que lhe dormìa
Nas brazas da feliz seguridade. (1)

---

(1) Vid. Addison's Cato. Act. 2. scen. 4.

The Gods, in bounty workup storms about us that give etc., etc.

C'o raio da Esperança bonançosa
Córre, allumîa, aquéce, anîma, espérta,
Do desvalido amigo des-corçoada.
O lastimado peito escuro, e frio.
Táes no embate das ondas verde-negras
Alastradas de escuma sonorosa,
De entre os horrendos roncos da tormenta,
Que estála, que assovîa, que ensurdece,
Se érguem, no irado mar, amigos lumes, (1)
Que vão pousar nas assustadas vêrgas;
Annuncio alégre aos marinheiros lassos,
Que fraquêa a borrasca, e céde em pouco
O equóreo campo (2) á plácida bonança.
Oh dom do Céo, delicias dos humanos,
Amizade Divina, as tuas chammas
Ateia em corações virtuosos, limpos,
(Raros, por nosso mal, no esquivo mundo !)
Homens humanos, dignos de os prendêres
Com regalado cinto de venturas :
As opulentas mãos sôbre elles vérte
De almos, jucundos, fortunósos dias. (3)
Quando da Elysia os téctos alterosos,
Co' a fuga do baixél, vão abatendo,
E da alva Cynthia o pedregoso pico

---

(1) O Espirito santo lhe chamão os marinheiros; outros lhe chamão Santelmo.

Concidunt venti, fugiuntque nubes,
Et minax. . . . . ponto
Unda recumbit.

Hor. *Lib.* 1. *Od.* 12.

(2) *Æquora campi.*

(3) *Amen! Amen!*

Apenas móstra, em mal distincta sombra,
A vêrde fralda de áspera espessura,
Té que inteiro se esconde em rôxas núvens,
Que o sól pintava, entrando saudoso
No húmido seio do inquiéto Oceâno:
Outra núvem de lôbrega tristeza
Os ólhos me abafou desconsolados,
E sôbre o peito me pesou escura.
  Então, a mim tornado, revolvìa
Todas as folhas da loquaz Memória,
E com prazer interno repassava
As fallas, as caricias da Amizade:
Prazer puro, na sequidão da ausencia,
Irmão da Saudade, e seu alìvio;
Prazer, que só delcita almas egrégias,
Que em seus braços prendeo mutua Virtude.
  Ateado no fôgo, que ella sópra
Nos peitos bem formados. dignos della,
Tómo na alégre mão a prompta pluma,
E, na folha estendida, fiél lanço
Rápidos nomes, que efficaz Lembrança
Em rondão de seus cóffres me entornava.
  Aqui meu gôsto, sem-igual, pendia
Da leitura das Cartas; das respostas
Tecidas de recìprocas saudades,
Com que enchêsse da ausencia as horas longas. (1)
Que quadro tão formoso me eu pintava

---

(1) Quando eu escrevia estes vérsos, tinha ainda debaixo do borrador a lista, que então tracei mui cuidadoso, na firme esperança, que terìa máis de duzentas pessoas, que me escrevêssem.. Vinte e seis annos ha, que escrevi a lista, e outros tantos lia, que me é inutil, sobre penosa.

De constancia fiél, vivaz lembrança!
Que óbras me promettia generósas,
Abonadoras dos sentidos peitos
Dos Lusitanos Pìlades, e Oréstes;
Iguáes das abundósas esperanças,
De que trazîa o seio inchado, e ricco!

Nesta dôce Lisonja embelézado;
Quando entrei em Parìs, novo horisonte
De brilhantes douradas ventoînhas
Se me abrio ante os ólhos; e córádos
Os gróssos véos do sobranceiro susto,
Máis puro o ar, o Céo máis radioso,
Se retratou á cubiçosa vista.
Que é mui forçoso o encanto da Esperança,
Quando vem refinado nas proméssas,
E adubado de prósa lisonjeira..
Por moéda de lei o tóma, e guarda,
A Amizade, encostada em sancta crença
D'um innocente coração singélo,
Limpo de ambiciósa, tôrpe nódoa;
Que por génio óbra bem, e bem espéra.

Ah! quanto em meu conceito errei o prumo! (1)
Quanto aqui descontei do largo sônho,
Que acordado tracei na mente ingénua!
Que mal dos homens conhecia o peito
Avarento, esquécido, refolhado,
Quando, por este meu, os seus media!

Então sondei ao justo a differença,

(1) Pro superi! quantum mortalia pectora cæcæ
Noctis habent!

Ovid. *Met.* 6. *v.* 472.

Que córre entre a Esperança lisongeira,
E o tardo Obrar, esquivo, e descontente.
Sim, Mathevon, a tarda Experiencia,
Quando, c'o dêdo mostrador, me aponta
As gravadas figuras do passado;
Me inteira bem da sua véra effigie.
Vejo o nosso Esperar, como um Menino
Mui formoso, mui louro, e boqui-rubio,
Borbotando assomados appetites;
Nada tem por defêso, nem custoso;
Quanto c'os ólhos cérca, audaz cubiça,
E a abrangê-lo c'os braços prompto acóde.
Dá-lhe uma canna: ufano cavalleiro,
Vai campeando airoso, e se contenta
Dos rêgos, que lavrou pela poeira.
Pendurado do altivo papagaio,
(Senhor dos ares, precursor dos Glóbos! (1)
De vê-lo remontar tem regozijo,
Então lhe sólta máis folgadas rédeas,
Por que se entranhe pelas cégas núvens,
E em perdê-lo de vista se recreia.
Não assim nosso Obrar. Pintão-no um Vélho
De alva melêna raro-semeada,
Que ronceiro, e pesado tira a rôjo
O'ra uma pérna ressequida, óra outra;
Curvo o côrpo, e em molêtas derreado,

(1) É certo que ninguem preconizou aos homens, que algum dia peregrinarião pelos ares. Todavia já os papagaios lhes tinhão apontado o caminho; assim elles attentassem bem no módo, com que o ar sustentava materias máis pesadas que elle. Más o acaso ensinou sempre aos homens, o que as Universidades ignoravão.

Traz perdida a vontade, os ólhos turvos,
Frôxas as mãos, gelados os sentidos;
Sóbe um monte empinado, pedregoso,
De intrincado sylvédo abastecido,
Para ir colhêr das pontas dos pinheiros
Duro, mesquinho, aperreado fructo.

E como bem senti quanto discórdão
Esperanças, e Obras! Quanto amargo
Me verteo pelo seio esta Experiencia,
Quando, assaltado de improvisos gólpes
Do pungente pezar desmerecido,
Envidou contra mim a Sórte crua,
De suas iras a atraiçoada fôrça!

Bem poucos dos Amigos se lembrárão,
Que desterrado em França era Filinto;
A quem, quando presente, e venturoso,
Protestárão sincéros pensamentos.
Poucos que (em rara escripta) breve prazo
Delle buscárão desleixadas nóvas:
Os máis.... (Nem que o missérrimo Filinto
Das crúas Parcas fôra já despôjo)
A Amizade enterrárão com a Ausencia,
Na mesma deslembrada sepultura.

Vîrão com sêccos ólhos, — e com surdas
Orêlhas despiedosos escutárão,
Que um innocente amigo, alvo das séttas
Da Invéja pertinaz, e do Ódio injusto,
N'um tão prolixo hynvérno (1) rigoroso,

(1) Não ha memória que se sentisse em París tão rigoroso frìo. Públicas são as desgraças, e mórtes, que elle causou; e sinalou o Thermómetro 18 gráos abaixo do gêlo.

Vazìa a bôlsa, a guardaroupa nûa,
Passou, sem lume, as noites desabridas,
E os dias com mesquinhos alimentos,
De acerbîssimas lágrimas molhados.
Homens ingratos, infiéis amigos
Soubérão com desdêm — máis que descuido,
Que sôbre as minhas cans desamparadas
Rodou tres lustros o tardìo Tempo
O carro de pesados infortunios;
Que fóme, e frio, e roedor Cuidado,
Desdouro, e desvalìdas esquivanças
Fôrão manjar usado em meu destêrro. (1)
Vîrão — e ouvîrão — Mathevon honrado,
Este fio tão longo de desditas, (2)
Sem dar um passo, sem criar no peito
Um só desejo de amansar o rijo
Tesão da minha estrêlla deshumana. (3)
Nem que eu, de homens, e Numes execrado,
Sanguento malfeitor, facinoroso
Roubára aos Cidadões os bens, e a vida,

---

(1) Is locus officio, cum cessant prospera cumque
Dura ad opem fortuna vocat. Nam læta fovere
Haudquaquam magnanimi est decus.

Sil. *Ital. Lib.* 11. *vers.* 167.

(2) En ego non paucis quondam munitus amicis
Dum flavit velis aura secunda meis,
Ut fera nimbosis tremuerunt æquora ventis
In mediis lacera nave relinquor aquis.

Ovid. *de Ponto. Lib.* 2. *Eleg.* 3.

(3) Oh quantum caliginis mentibus humanis objecit magna felicitas!

Senec. *de brevit. vitae.*

E os óssos de meus Páes aos cães lançára !
Dai crédito aos cortejos, ás promessas ,
A lisonjeiras , cavillosas fallas
De amigos , sôbre ingratos , esquécidos !
A vossa ingratidão , feio desprêzo
Apenas que eu a sinto , ou que eu o alcanço
Gravados na lembrança vingativa ,
Quizéra ser remórso , e a cada instante
Morder-vos da alma as bárbaras medullas ;
Que , nem de abutres esfaimados , Tìcio
Devorado no inférno , padecêsse
Intima dôr igual ao crù remórso.
Amigos infiéis , e ousáes sem pêjo
Profanos proferir o sacro-sancto
Nome da fidellissima Amizade ?
Envergonhai-vos ! — Se ella as alvas nuvens
Rasgando , aqui baixasse a criminar-vos...,
Cuido , que ouço bater azas de Génios
Nas campinas dos ares , e de entre elles ,
Descer á terra o Númen da Amizade....
Cuido , que ouço romper-lhe a vóz do peito ,
E ultrajada de vós, de vós queixar-se ,
Exprobrando esse duro esquécimento :
« Já da Memória vos cahìo Filinto ,
» Aquelle , a quem chamáveis *caro amigo* ,
» Sincéro observador de meus preceitos ,
» Objecto de cortêzes rendimentos ,
» De festejos annuáes , em quanto a aura
» Lhe soprou da Ventura ; que hôje (oh infâmia !)
» Objecto é de descuido , e desamparo ;
» C'os bens que alli perdeo , perdeo amigos ? (1)

(1) Tendo respeito só a vivo interêsse.

» Acaso esperáes vós, que venha a Mórte (1)
» (Que as tristezas lhe appréssão, lhe aguilhôão)
» Cortar-lhe com a fria fouce o laço
» De maviosos dias malogrados; (2)
» Para acudir-lhe com tardîo amparo;
» Como ao Vate Camões, já n'outras éras,
» Ingratos à deshoras accorrêrão?
» Como tendes de o pôr sôbre as estrêllas,
» Quando mórto de angústia e de miseria,
» Do pêso do soccôrro vos descargue?
» Como haveis, entre os gabos da Amizade,
» Mostrar, na mão ufana, a Ode impressa,
» Com que decóra o vosso ingrato nome! —
» E vivo — (oh ingratidão!) não teve abrigo!
» Erguei ólhos aos meus altares puros,
» Onde as amigas leis estão sculpidas;
» Lêde o desdouro vil, as sévas penas,
» Que ameação a Amigos negligentes;
» Meditai figurados os exemplos,
» Pelas parêdes de meu Templo illustre.
» Aqui por seu Oréstes aventura
» O seu amigo, a todo o custo, a vida:
» Alli Thesêo, por outro amigo, désce
» Do Inférno as profundezas temerosas....

Inclinação perversa dentro escondem
Nos peitos attestados de malicia;
Amigos mostrão ser nas apparencias.

Nauf. de Sepulveda. Cant.

(2) Heu nefas!
Virtutem incolumem odimus,
Sublatam ex oculis quærimus invidi.

Hor. *Lib.* 3, *Od.* 24.

» Quanto efficazes sempre, quanto activos
» Vos devêra encontrar o desditoso!
» Sempre abértas as mãos, abérto o peito;
» Ellas para aparar no broquél de ouro
» As séttas da Pobreza, e da Desgraça,
» Que ao são Merecimento o Odio atira;
» Este para acolhêr com meigo affago,
» A dôr, o pezadume do affligido....
» Amigos insensiveis, animai-vos;
» A' férvida Amizade abri o seio,
» Té quî cerrado com ferrenhas pórtas,
» De quem Philaucia tôrpe as chaves guarda.
» Imitai os dous (1) únicos amigos,
» Que hôje de tantos, tão promettedores,
» Fiéis consérva; a quem com toda a ira
» De sua atróz, e nêgra catadura,
» Não pode affugentar iniqua estrêlla.
» Por elles põe Filinto, noite e dia,
» Nas aras de meu Templo, agradecido,
» Sagrados vótos de perenne affécto;
» Porque lhe sejão táes no curso escasso
» Dos dias, que cansados mal-espéra,
» Quáes téquî os sentio, leáes e honrados,
» Nas împrobas refrégas do Infortunio. »
Não pósso máis. (2) — O frio as mãos me géla,
E põe atalho ao despenhado rìo,

(1) Vix duo vel tres de tot superestis amici
Cætera Fortunæ, non mea turba fuit.

Ovid. *Trist. Lib.* 1, *Eleg.* 4.

(2) A Amizade ainda îa com a ladaînha por diante: mas eu fiz-me surdo, e metti as mãos debaixo dos braços. — *Apage!* Cresceria a Carta, álêm da medida de S Christovão.

Que da alma despeitoso se despenha!
Não t'o encarêço : o frìo é desmedido ;
O vento córta a cara , e pica no ôsso ;
Brancos os téctos , brancas as campinas ,
São as rúas um gêlo , o rio é estrada ,
É praça , é côrro de homens, de carróças. (1)

Como novo Moysés , a pé enchuto ,
D'uma á outra ribeira atravessando,
Deixo , com sêcco passo , o duro Sêna,
Máis que o mar rôxo nomeado , e visto.
E tu poderás crêr , que me alvejava
Nas pestanas, e embuço do capóte,

---

(1) Diante de mim, quando o atravessei, ìa uma berlinda com um Bispo dentro, e atraz della um carro de pipas de vinho: estava o gêlo tão duro por baixo, como uma pederneira, e por cima c'o rodar das carruagens esmiudava-se em po eira.

Amigos meus me affirmão que grangeei com a minha Carta á-cêrca da pureza da nossa lingua, muitos inimigos. Não o posso crer. Eu achei ridìculo que quatro Tarêlos, porque se enlabuzárão no Francez, mêttão á queima-roupa, phrases d'um idiòma, que elles entendem mal, n'uma lingua como a Portugueza, derivada da latina, onde phrases táes nem a murros entrão. Virem-me dizer que Doutos Jurisconsultos, eloquentes Prégadores, elegantes Cortezãos se amuárão comigo, é dar-me a lêr o dictado de — *quem se queima alhos cóme* — É possivel que esses senhores ignorem, que para o officio, que tem, é principal encargo saber bem a propria lingua, se não querem que os que a aprendêrão, delles zombem!

Sans la langue, en un mot, l'Auteur le plus divin,
Est toujours, quoiqu'il fasse, un mechant écrivain.

Devêrão por seu bem callar-se, engulir a pìrola, estudar os Clássicos, e fallar depois como compete ao seu estado; — agradecer-me o aviso, em vêz de se amuarem, e dar exemplo aos outros, para que nos entendâmos todos.

O bafo, que recúa ao desferido
Açoute do Nordéste arrepiado?
Ainda agóra ao pé de dous tições,
Que se beijão na mórna chaminé,
C'os engelhados dêdos, que sacudo,
Que esfrégo uns pelos outros, por que aquéção,
A mão entorpecida traça a troncos
Estas bárbaras linhas, e c'o pállido,
C'o mal-tépido sôpro, a tinta prêsa,
Na inérte pluma descoálho, e sólto.

IN BRITANNOS BELLA RENOVANTES,

ANNO XI (1803),

CARMEN.

> Facit INDIGNATIO versum.

LEGES Juraque proterat,
Obscœnoque Fidem posthabeat lucro, et
Turpi Justitiam utili!
Et quòcunque ferat non satiabilem
Auri atque imperii sitim!

Et clamet licitum quod libuit nefas!
Jactet se dominum æquoris
Mercator populus, nuper atrocium
Bellorum et scelerum artifex!
Ille et gemmiferæ regna Mesoliæ,
Et quas Sol oriens videt,
Et quas occiduus Sol videt insulas;
Extremumque nocentiùs
Gangem divitibus junxerit insulis!
Orbisque arbiter impudens,
Terras undivagis classibus ambiat,
praedator temerarius!...
At quis Castaliis acrior haustibus
Mentem corripuit calor?
Et quò proripiet me rapidi parens
Indignatio carminis?
Plerumque est avidis exitio fames:
Damno Nequitia est sibi;
Casusque immodicis proximus imminet.
Oderunt Superi impias
Vires: quæque humiles prætereunt casas
Turrim nubibus æmulam,
Magno cum sonitu, fulgura proruunt:
In tuto salices virent;
Celsas dejiciunt flamina fraxinos.
Virtus quas bene temperat
Vires ulteriùs Dî quoque promovent:
Qui mundi gelidum latus
Regnator tenet, hinc et mare Caspium, hinc
Curvi littora Baltici;
Et quæ non-humilis rura Borysthenes,
Et quæ Vistula præfluit;
Dum leni populos arbitrio reget,

Pacis cultor et Artium,
Præsens ille suis Divus habebitur.
Blandus te quoque, Gallia,
Crescentem placido lumine respicit
Cœli ex arce Diespiter :
Adsit Mœoniâ qui celebret tubâ
Victis gentibus additum
Albim, et versa retrò, viribus integris,
Nullis cædibus agmina ;
Insanique Ducis præcipitem fugam :
Adsit qui Calabrâ fide
Dementesque minas, ultimaque ebriæ
Dicat fata Britanniæ.....
Ingens cura Deûm, Tu Juvenis, novi
Tutela imperii et decus ;
Tu vir Marte potens, pace potentior,
(Oh ! sis usque potens tui)
Te qualem Assyrii littoris incola, et
Tellus inclyta Memnonis ;
Et qui Danubium, quique Tybrim, et nives
Volventem Eridanum bibunt ;
Talem Te aspiciet qui Thamesim bibit.
Hydræ colla tumentia
Contundes opibus Herculeis : tuæ
Quid non efficient manus
Quas armat duplici Gallia fulmine,
Tanto non operi impares,
Quod seris recinat Fama nepotibus.

ODE

TRADUZIDA.

LEIS, e direitos pize,
Posponha ao tôrpe lucro a fé; o honesto
Por úteis vis quebrante;
Léve a todo Órbe a sêde insaciavel
De ouro, de predominio;
Clame lìcito o mal, se é seu capricho;
Senhor do mar se ufane
MERCANTIL Pôvo, artîfice de atrózes
Guérras, e infâmes feitos.
De Missúre gemmi-fera as provincias
E as ilhas, que nascendo
Vê o sól, e as que vê, quando vai pôr-se;
E máis culpado o Ganges
Lá remoto, junte inda ás ilhas riccas;
Árbitro des-carado
Com undìvagas frótas o Órbe abranja
Temerario PIRATA.....
Com que pungente ardor Castalios sôrvos
A Mente me arrebatão?
Onde me impelles, Mãe de vérsos rápidos,
Oh INDIGNAÇÃO! A miúdo
Sólta a fóme ruîna a Cubiçosos;
E o mal é a si nocivo:

E se módo não tens, tens pérto a quéda.
Numes tem ódio ás fôrças
Impias: raios, que as chóças humilhadas
Perpassão, vão com ruído
Alluir a tôrre, que co' as núvens róça:
Verdeja a silva, e zomba
Dos sôpros, que altos freixos desarraigão:
E os Deoses favoneção
As fôrças, que a Virtude bem governa.
Esse que em plagas frias
Do mundo impéra, em Caspio mar, em Praias
Do Báltico encurvado,
Em Campos, que o Borysthenes sobêrbo,
E o Vìstula discorrem;
Regendo os povos seus com brando aceno,
Da paz-honrando as artes,
Te-lo-hão por Divo os seus, aos seus presente.
Tambem com meigos olhos
Te vê medrar benigno, oh França, Jóve
De seu Celeste alcáçar.
Haja quem cante na Meónia Tuba
O Albis junto aos vencidos
Rios; sem perder fôrças, perder sangue
Retirados exércitos,
Do insano Cabo a despenhada fuga.
Haja uma Lyra Ausónia
Que ameaços loucos diga, e últimos fados
Da attontada Britannia....
Grão disvello dos Numes, honra, e amparo
Do novo império, oh Jóven,
Grande, qual Marte, em-guerra, em paz máis
(Oh grande a ti te venças!) (grande
Qual te vio de Memnon a terra illustre,

E o que ara Assyrias margens,
O que o Tibre, o Danubio bébe, e o Pado,
Que os gêlos vai volvendo,
Tal te verá quem bébe ondas do Thâmesis.
Tens de esmagar dessa hydra
A túmida cerviz, com planta Hercúlea.
Que não cumprirão essas
Mãos, que arma a França com dobrado raio?
Mãos cabáes para o feito,
Que a Fama ha-de cantar aos tardos nétos.

ODE,

Ao feliz nascimento do Real Infante, conseguido pela Intercessão de S. Antonio de Pádua, nosso Patricio.

Jubilemus Deo.

1.

Agóra, que da estragadora guérra
Céssa o sanguineo brado,
E já desassustado,
Fende o cultor, com manso arado, a térra;

2.

Quando farto de brigas Marte ocioso

Nas parêdes pendura
A rutila (1) armadura,
E o broquél gottejando sanguinoso;

3.

Quando, a frente cingindo co' a oliveira,
Désce a Paz suspirada
Da supérna pousada,
E nos amostra a face prazenteira:

4.

Agóra, oh lyra de ouro, o dom, que houvéste
Das Filhas da Memória,
Vem desparzir com glória
Neste Hymno máis que humano, antes celeste.

5.

Por longo tempo a dôr te soffreo muda;
Mas hôje a canto altivo
Te chama grão motivo;
Sê nóbre, déspe os sons de lyra ruda.

6.

Ouça-te o Ganges, ouça-te, do Sena,
O Téjo triumphante;
Sôbre as ondas levante,
De limos coroada, a azul melena.

---

(1) Horat. *Lib.* 1, *Od.* 6.

7.

Bafeja este Hymno, oh Numen da harmonìa,
Que com o assumpto iguale:
Deosas do sacro valle,
Soprai-me illustres sons de gran valìa.

8.

Lavre em meu peito o ardor d'esse Thebano
Que os ânimos roubava,
Que as faces descórava
Dos émulos, quando soltava ufano

9.

Cadencias de lei sôltas; a Hippocrene
Nas veias me discôrra;
E a pura invéja môrra
O mesquinho, que os vôos meus condemne.

10.

Já cheio de furor, rasgando os ares,
Vou transpondo as fronteiras;
Nas terras estrangeiras
Aponto o fito, e nos remótos mares.

11.

Por onde quér que lanço a aguda vista
Vejo a Pátria estampada;
Na adusta, e temperada
Zóna, os padrões me clamão da conquista.

12.

Oh saudosas lembranças, quanto honrosas!
Os feitos Portuguezes
Dos Nunos, dos Menezes
São flores do valor, sempre viçosas.

13.

Nem póde com a fouce destruidora
Inda o Tempo cortá-los;
Inda ouço memorá-los
Mouros, Indios, que vêm máis cedo a Auróra.

14.

Lá vos ergueis de escuro monumento,
Magnânimos Guerreiros,
Maduros Conselheiros,
Para vêr este dia de contento.

15.

Alboquérque terríbil, que assentaste
Valoroso, prudente
Em Gôa, o preeminente
Sólio do império Indiano, que fundaste;

16.

Vós Castros, Ataïdes, e Bragança,
Do sangue que vertesteis,
Das leis, que aos Póvos désteis
A glória ao Reino, aos Lusos Reis alcança.

17.

As riquezas, que as ondas accurvárão
Do Soberano Téjo,
São prêço não-sobejo
De braços, que batalhas não cansárão;

18.

As vassallagens de Orientáes Impérios,
Muita Asia a Christo dada,
Vértem da lida honrada,
Com que dáes aos Pagãos da Cruz mysterios.

19.

Vós pelejando, vós as leis trazendo
A's gentes que vencîeis,
As Ordens bem cumprîeis
Fiéis, ao Rei fiél obedecendo.

20.

Que sempre os Lusos Reis transumptos fôrão
Da Christãa Lealdade;
A Justiça, a Bondade
Delles aos Nétos vem, nos Nétos mórão.

21.

Contemplai neste Ramo florescente,
Neste Prîncepe Augusto
Um Páe benigno, e justo,
Que a guérra ao pôvo evita, em paz contente.

22.

Alhanai-vos, caminhos des-campados
Do Templo de Memória.
Com virtude notória
João vos trilha a passos denodados.

23.

Já público o lá pôz com justo affecto
Em bronzes esculpido
O pôvo agradecido
E lá tem seu lugar quando provecto.

24.

Confirmarão gostosos os vindouros
Este abono avançado :
Merece ser louvado
Quem nos faz beneficios duradouros.

25.

O Céo o vê propicio : e Deos envia
Seus Anjos protéctôres
Velar Reis bemfeitôres,
A quem Religião sérve de guia.

26.

Do Céo com dextra pródiga derrama
Bençōes de alta ventura ;
Com graças assegura
A Dita d'estes Reinos, que tanto ama.

27.

Penhor de sua graça poderosa,
É o Régio novo Infante,
Que elle ao rôgo incessante
Concedeo de João, da Real Espôsa.

28.

Vinde, oh Sanctos Ministros dos altares,
Prostrar-vos reverentes;
Vinde, piedosas gentes,
Por tal dom lhe dai graças a milhares.

29.

Tambem as dai com affeição devóta
A Antonio glorioso,
Sancto de Deos mimoso,
Que os thesouros do Céo por nós esgóta.

30.

Sim, que d'um tal patricio nos honramos
Nós todos Portuguezes;
De Vós, que quantas vêzes
Perdêmos, o perdido em Vós achamos.

31.

Vós este Infante, a Deos intercedendo,
Aos Páes benigno o déstes;
Das mãos de Deos o houvestes,
Que a Dita nos dará, por Deos vivendo.

32.

Infante de benção serás traslado
Da caridade accêsa
Dessa esmolér Princeza,
Quando as Virtudes lhe hajas copiado.

33.

Verás, oh Pôvo Luso venturoso,
Quanto elle ao Páe imita;
Quanto á virtude o incita
O exemplo de seu Páe tão virtuoso.

34.

Como elle serás sábio no Conselho,
Firme na fé sagrada;
Na alma ao bem inclinada
Serás môço no ardor, nas óbras vélho.

35.

As Sciencias darás, e ás Artes nóbres
Como teu Páe amparo;
Serás do mal reparo,
Alìvio de Viúvas, Páe de Póbres,

36.

Musa, a quem hôje o assumpto sanctifica,
Só canta d'óra em diante
A Princeza constante,
E o Prìncipe, que a Antonio se dedica.

37.

E aos Principes, e a Antonio péde, e implora
Te valhão no destêrro,
Aonde izento de êrro
Na fé, Filinto póbre sóffre, e chóra. (1)

SÔNHO, (*)

DEDICADO

AO ILL^MO. S^NR. P. M. DE M.

L'aventure était drôle, aussi le Dieu mocqueur
En rit de tout son cœur.
GRÉCOURT.

UMA noute do tres-loucado Entrudo,
De alto barulho, e dansatriz farófia
De longo rabo-léva, e surriada,
De pós, talco, filhós, peruns, carniça;
Eu co'a cabêça quente, e nebulósa

---

(1) D'esta, como de outras Odes de igual cathegoria, se cólhe, que não estava de vèz o talento do Autor. *Nota do Editor.*

(*) Un rêve! ah! que je vous embrasse! Quelle bonne fortune! Vous êtes auteur dans l'ame. Quoi! jusques dans le sommeil! Quand vous aurez contracté quelqu'habitude du métier, que sera-ce de vous dans la veille!

C'os vapôres de Baccho ebri-festante,
A redonda barriga ainda himpando
C'o saboroso atóla-dente lombo,
E cértas trouxas de óvos comesinhas —
Embrulhado na rêde, em Casa aos passos
(Não mui seguros) punha a pontarîa;
E já Morphêo, das pontas dos cabêllos
Se prendîa, trepando-se á moleira,
Para no leito me baquear d'um gólpe,
Mal que os Penates curto saudasse.
Dispo-me a troncos do prolixo fato (1).
Aquî me cáhe o lenço, alli se entórna
A caixa de tabáco; — mal sostidos,
No braço da cadeira, se debrução
Os calções c'o relógio; e da algibeira
Pîngão vintens, retinnem no ladrilho,
E vão, em caracól, correndo; o Gato
Pula áquem, pula álêm; — co'a garra léve
Dá-lhe um bofête, os tomba, e os atabáfa.

---

(1) Não sei porque razão não admittimo o traje dos Romanos tão decente, e majestoso: ou um colête ajustado com calças marinharescas, cujos trajes em dous átomos se vestem, e se desvestem. Não esta bicharia de botões, fivéllas, ligas, alamares, que é um nunca acabar ao deitar, e ao erguer. Pois que direi de cértas abas de casacas, etc. inuteis, e pendentes, que nos transformão em bonifrates? um chapéo que nos não resguarda da chuva, nem do Sól? *Et reliqua*.

Oh tres, e quatro vêzes fortunosos,
Vós Grêgos, vós Romanos, cujo trajo
Desprezava botões, ligas, fivéllas:
E máis que vós; oh Nêgros, oh Tapuias,
Que em trage único andáes, qual do matérno
Ventre herdasteis, e vos ha-de herdar a térra!

Dou pouco tino dos vintens rodantes
Do subtil Gato resonante prêza ;
Antes durmo, sem vèr , sem ouvir sóca ;
Como quem faz focinho ao mundo inteiro
Comparado c'um bom dormir machucho,
Entre fôfos colchões aboborado ,
De mortáes barafundas esquécido (1).
Dormir, e perguiçar foi já o systema
Do mui-facéto imitador de Esôpo (2).
Dormir é Irmão de Cômo , e de Folguédo ,
Dôce remanso do cansado dia ;
Da Natureza , e Baccho , é o Morgado,
Da vida esteio , das tristêzas córte (3) ,
De todo o mal suave medicina (4) ,
E dos grandes negocios Conselheiro.

Quem nos diz , que da Mórte é o sommo imágem (5)
Nunca soube dormir : — resvála a doudo.
Ha ahi velar que affronte um sônho amante ,
Repinicado de mimosas fallas ,
Com seu posponto de intrincados beijos ,
E travêssos folhados de Cupido ?
Quando é que um avarento métte em cóffres

---

(1) Alma quies optata veni ; nam sic sine vita
Vivere quam suave est ; sic sine morte mori.
Anonymo.

(2) La Fontaine.

(3) Menti Deus utilis ægræ. — *Propert.*

(4) Havia aqui uma Greguice , que era bem comesinha ; mas faltavão nas casas do Impressor lêttras competentes. Paciencia !

(5) Homer. Iliad. 14. — Este náco de erudição veio á surrelfa embetesgar-se cá. — Pois que veio , fique , que é consciencia riscá-lo ; quando não fôra máis , que para contentar os que gostão de citações.

Cartuchos (1) de dobrões auri-luzentes,
Como os que vio, em sônho regalado,
Pelas sôffregas mãos rodar-lhe a frôxo?
Que Valìdo subìo a mór altura?
Que Dama foi do amante máis servida?
Quem foi jamáis, no sêcco da Verdade,
Tão felìz, come na aurea d'um bom sônho (2)!
Que digão, que da *Mórte é o Somno imágem* —
Não soube o que é dormir quem deo tal mótte...

E eu, que estragando a nata dos meus vérsos,
Com loucos, de chorudo Somno esquivos,
Escornava a moélla do meu sonho! —
Viro de véla, mêtta-me no rumo.

Quando pois máis profundo ressonava,
Engolfado no pégo da modôrra;
Quando o grosso vapôr, que a idéia embrusca,
Começava a cahir, a esvaecer-se,
Despindo o véo aos quadros da Memoria.....
Como o Sól, quando a pino em raios arde,
Transpassa a névoa com dourado lume,
E derrotada em flóccos a affugenta,
Que vá nos longes cumes enrolar-se: —
Então a côlcha azul o Céo desdobra,
O mar amostra as espraiadas ondas,
Mostra o monte as madeixas de arvorêdo,
E os valles a alcatifa de verdura.

---

(1) Deo-se-lhes este nome de Cartuchos pela vida solitaria, e muda, que levão nos Claustros, e dormitorios d'uma burra.

(2) . . . . . . Or quando è il vero
Si bello, che si possa a te preporre?

Tasso, *Cant.* 2.

Assim, no vão da tésta (como no ouco
D'uma Câmara-O'ptica) apparecem
Bicharîa de fósmeas (1) sem feitîo,
Cardume atrapalhado de aventêsmas.
Mas bem imagináes, que pouco a pouco
Esses inda-embryões fôrão cobrando
Figura, desbastando o enleado, o bronco (2).
Bem presumo de vós, que haveis já lido
N'algum rôto alfarrábio — ou que a vossa Ama
Junto do lar, no hynvérno rigoroso,
Lá pela noite velha, cabeceando,
Ao som da estriga, que na róca ringe,
Quando ao torcer na massaróca a enróla;
Depois de vos contar mil casos bruxos,
Mil embelêcos de sabidas Fadas,
Sédiças travessuras de Duendes,
Trouxésse como historia, vinda a pêllo,
Os seixos, e terrões, que mal-enchutos
Das porfiadas chuvas do Diluvio,
Deucalião, e Pyrrha arremessavão
Detraz de si; que em hómens, e mulhéres

---

(1) Fósmeas intellectuáes chamava o meu Lente de philosophia a todas as concepções disparatadas, e inintelligiveis.

Velut aegri somnia, vanae
Fingentur species, ut nec pes nec caput uni
Reddatur formae.

Hor. de art.

(2) Pela figura *Usteron-posteron* usão mui famosos Poétas pôr antes o que devêrão pôr depois. Se aquì eu (sendo o mînimo dos menores), os imitei, fiei-me nos muitos exemplos, que apontarei na 15ª. edição d'este rarissimo opusculo.

Se fôrão convertendo (1); que ao principio
Tôscos, mal-amanhados, des-geitosos
Apenas confrontavão no pastrano,
C'os montanheiros Sanctos d'uma aldeia (2);
Como é claro, e o expoz o exacto Ovidio. —
Lá tendes um rascunho do meu caso.

Nesta Câmara pois, nesta Marmóta
Do Cérebro, surdião de malhada
As vistas já máis claras, máis seguidas,
Do que vai, e não vai por esse mundo. —
Quanto me não lembrei da Mouraria,
De seu nóbre presépio divertido (3);
Quando Luzbél com São Miguel dansava
Uma briga ao compasso do Canario (4);
Té que, d'um gólpe de espadão vencido,
De Luzbél que era, em Satanaz trocado,
Cahia c'os Diabrêtes nas profundas! —
Ficava escuro, e mudo o Cháos, e o Nada;
Depois vinha descendo o Padre Etérno,
Com O'pa rôxa, e Divinàl triangulo,
Fazîa o Sól, e a Lua. — Oh, que era um pasmo!

---

(1) Paulatimque anima caluerunt mollia saxa.

Juv. *Satyr.* 1.

(2) Rudibus simillima signis.

Ovid. *Metamorph. Lib.* 1. *v.* 406.

(3) Dizemos *homem divertido* o que *diverte*. Estes adjectivos passivos, tomados activamente, tem muita elegancia na lingua Portugueza.

(4) Era um Outavado mui repinicado na viola, e dansado com muitas posturas difficeis, e de muita gravidade. Erão raros os que o dansavão com perfeição: e o que máis admirava os bons dansantes, era vèr, com que destreza, os que bulião os arames o executavão nos dous bonécos de S. Miguel, e de Luzbél, com sciencia, e com graça.

Que lindeza era vêr Sól, Lua, Estrêllas,
Vêr, sem milagre, a Noite, e o Dia juntos!
Crear nos bambolins, nos bastidores,
Nos pannos de espaldar, e no tablado,
Tanta árvore com fructo, tanto bicho,
Que se arrasta, que pula, ou se reméxe,
Tanta ave, que voando os ares fende;
Aquî mar, com golfinhos resfolgantes,
Alli veigas, lagôas, lá máis longe
Cucurutos de sérras — Meus queridos,
Meus prezados Leitores, perdoai-me
Biscates (1) de saudósa meninice.
Que me não deo Parîs, com todo o Luxo,
Dessa O'pera talvêz nimio-gabada,
Gôsto igual áquelle êxtase, e arrôbo (2)
Com que o presépio me enlevou menino:
A'lêm de que, não dâna á claridade

---

(1) Ouvi a muita gente erudita; mas, que (como eu) não attentava na etymologîa, ou derivação dos têrmos, dizer *resquicios* em lugar do *réstos*. O meu mui estimado amigo Thimótheo Lecussan Verdier me observou que *resquicios* que eu tinha escripto neste vérso, em vêz de *biscates* com que o emendei, deriva de *quicios*, ou gonzos, e significa a réstea de claridade, que a porta, quando se abre, dá, pela fenda que vérsa entre as duas machafêmeas.

(2) Sempre achei tanta energîa nésta palavra Castelhana, que não me pude conter que não usasse della. Quem lê em Hespanhol as vidas dos Sanctos máis contemplativos, v. g. a da amantissima Sancta Theresa, e a vê *arrobada* na máis ìntima contemplação, etc. etc. tal graça, tal valentìa lhe acha, tal affeição lhe cóbra, que a perfilha ainda que estranha. Não é ella tão estranha, que não usasse della Fr. Luiz de Souza na vida de Suso, accrescentado-lhe um *u*.

Um sìmile de máis, se vem frisando.
Vînhão, como em presépio, cá no Sonho
Sahindo á luz dos riccos promptuarios,
E armazens da Memória, a eito, a eito,
As espécies os móveis, as riquezas
A largo custo alli depositadas;
Vînhão mares, sertões, vînhão Cidades
De erguidos téctos, cúpolas douradas
Nóbre adôrno de praças sumptuosas;
A'quem córre um regato serpeando
Por um jardim Ínglez, e em cima a ponte
Travada de arte em rústicos madeiros;
A'lêm campêão poderosos urcos,
Volvendo ufanos fúlgidas berlindas;
Máis longe um arvorêdo, grato asylo
De sombrîo silencio namorado;
Lédos verdejão pampinosos combros,
C'os dourados racîmos, que reluzem
Entre o vergar das trémulas videiras.
Era um regalo vêr desenrolar-se
Pelo sem-margens d'este Mappa-mundo,
Veigas, vergéis, despenhos de cascadas —
(Cascadas naturáes, alvi-spumantes,
Não mesquinhos embôrcos de agua ténue,
Com muito affan poupados, — e vertidos
Com grão dispendio, em dias prima-classe);
Apavonadas nuvens no horizonte,
Com debruns de ouro, a vista afformosêão
Do quadro, que varîa, e que revéste
As Campinas, e hervosas ribanceiras,
D'alvos rebanhos, de gentîs Pastôras,
De choupanas, redìs, rabéis, cajados,
Ampla matéria, em vérso campesîno,

De seis folgadas Éclogas Albanas (1).
Eis que toda esta scena se retira.
Córre-me a Idéia novos bastidores;
Mal que meia modôrra me deo azo
De embaînhar nos lençóes cérta vasilha,
Que o que foi já bebido em si recólhe.
Em vêz de aldeans, humildes singellêzas
Vem todo o orgulho, e fausto de altas Côrtes,
Vem torreões, columnas, obeliscos,
Floreados jardins, alvas figuras
De Heróes de nome, de gentîos Deoses. —
Sóbem rugindo, a arremedar o orvalho,
Saltos de agua, ás estrêllas espremidos
Do garróte, e gargálo dos repuxos: —
Fóge a vista por entre as espaçósas
Alamêdas sem fim, pelos passeios,
Onde a frôxo se enrufão (2), se apavonão
Possantes Damas, lépidas Muchachas
De altos telónios (3), rúbidos rebiques,

(1) Sempre tive cetrîna co'a tal Écloga de Albano e Damiana; não tanto porque ella não vale nada, quanto porque pôz a parir tantos ingenhos, que nos inçárão de Éclogas más.

(2) Diz-se dos peruns, quando empavézão as pennas, e arrastão pelo chão a ponta da aza.

(3) Chamavão *telónios* aos toucados altos, que se inventárão em Lisboa, depois do terremoto, quando as Moças ião descaradamente sem manto nem touca, açoutar os ares com o topéte. Este nome lhes veio de ter dito um Prégador no seu sermão, que aquelles telónios erão thronos do Demonio, como o era o telónio de S. Matheus. — *Dans le corps humain, la tête y paraît ce qu'il y a de plus beau, et y occupe le plus haut bout. La Nature s'est épuisée, pour ainsi dire, à embellir le visage; elle y a semé du vermillon, et planté un double rang d'osselets*

As sêdas ruge-ruges arrastrando
Pela rodante — polverosa areia.
Alli Casquilhos mil, afrancezados,
Brinco na orêlha — guélas abafadas
C'um tuffado lençól, em rancho os guizos
Pendem c'os farfalhudos perendengues
De estiradas cadeias do relógio ;
Quadrado é o talhe da cardada trunfa,
Dengue a servilha prêta, luzidìa,
E é giganta a fivélla róça-ruas. (1) —
Seu livro de fitinha na algibeira,
N'outra a ponta do lenço debruçada,
Chamariz de cadìmos ratoneiros.
É riso, é compaixão, é menosprêzo
Vê-los em seu meneio, e desengonço!

---

d'ivoire ; elle en a fait le siége des souris et de la pudeur; elle y a répandu l'éclat et la vie par le brillant des yeux ; attaché, de l'un et de l'autre côté, le merveilleux organe d'un de nos sens, et distribué des airs et des graces qu'on ne saurait décrire ; elle l'a environnée d'une chevelure qui relève toutes ces beautés, et qui les fait paraître dans tout leur jour ; en un mot, il semble qu'elle ait destiné la tête à servir de comble au plus glorieux de ses ouvrages ; et lorsque nous l'accablons sous le poids des ornemens inutiles, nous détruisons la symétrie du corps humain, et nous détournons sottement la vue de grandes et réelles beautés, pour la fixer sur des niaiseries, de la dentelle, des rubans, etc.

Spectateur, tom. 2.

Tot premit ordinibus, tot adhuc compagibus altum
Ædificat caput.

JUVENAL. *Satyr.* 6.

(1) Com effeito *(credite posteri)* tão descompassadas as vi, que sobejavão por fóra dos beiços da sóla; e máis parecião os sapatos appendix das fivéllas, do que estas apêrto dos sapatos.

Não movem pé, nem mão, não vólvem ólhos,
Que não seja affectada macaquice,
Consultada c'o espêlho, arremedada
D'algum Marîcas do Palacio ensôsso.
Quem poderá narrar com claro stylo,
O que eu com pasmo alli presenceava?
As vóltas, as gaifônas, nos encontros;
O rapapés, o derrengar do corpo,
Tremelhicando a apolvilhada grenha;
As safadas lisonjas delambidas? —
Polidos cumprimentos — por alcunha.
 Em tal trópel andêjo eu distrahido
Dava assumpto a jocoso passatempo;
Quando vejo luzir duas rodélas
De vidro, n'um nariz vermêlho, e grôsso
D'um tonél ambulante, que cingîa,
Com estrcito cordão, larga roupêta.
A basta barba branca se lhe espraîa
Pelo peito; na késta um curuchéo
D'uma fóta listada esguîo sóbe;
Como pela Ascensão põe carapuça
Bicudo apagador ao Paschal Cìrio.
Traz vêrdes os debruns da ruiva béca,
Amarêllas as luvas, e os sapatos,
Com láços rôxos ao desdêm prendidos,
Qual sandalha de arfante Xabregâno.
 Affinca-se ante mim este estafêrmo;
Segura os grandes óculos, e encara

Podia-se dizer dellas, como outro disse d'um nariz desmesurado. — *Era-se un hombre a una nariz pegado.* — Tão ridiculo foi sempre alargar com demazîa as ensanchas ás módas!

Epiphonema.

Nos meus ólhos, pregados n'um tarêlo,
Que máis, que os outros, estofára os crêspos... —
  Aqui, oh Musa, o teu auxîlio invóco,
Neste, tão desigual ás minhas fôrças,
Nunca narrado assumpto em prósa, ou verso.
Dize, oh Thalîa, jovial Caména,
Quanto prodigio obrou, quanto me disse
O homem do curuchéo; e o como a farça
Pintou viva Morphêo, com mão de méstre,
Na abóbada recôncava do cérebro.
Dize: que attento escrevo. — Ei-lo que entóna
A bicuda cachóla, e inteiro, e grave,
Me acotovéla, e diz: « Saber quizéras,
» (Que no curioso olhar bem t'o adivinho)
» Que tramoias contêm, que farelórios
» Aquelle crêspo ouriço apolvilhado?
» Esse appetite eu contentá-lo quéro,
» E contentar-to já. — Que por impulso
» De ingenho bem-feitor, peregrinando
» Por este mundo, ponho em praxe as raras
» Profundezas do meu saber, co' a mira
» Em contentar caprichos curiosos,
» E pôr-lhe, a seu maneio, o que impossivel
» Té-qui de alcançar foi — Nem tal te espante:
» Que, qual me vês, sou Mágico d'arromba,
» Dos Mágicos do Egypto mil-bisnéto
» Por linha récta; e de Merlin o sábio,
» Tenho (sem que um só falte) os livros todos:
» Que os salvei juntos d'uma cérta queima,
» Trocando-os, c'o Meirinho, por Diurnos.
» Entre segredos mil, que em taés canhenhos
» (Autógraphos genuînos, bem sellados
» C'o sinête do occulto Trismegisto)

» Lidei por descifrar, o dom possúo
» De armar, e desarmar cabêças vivas (1),
» Como faz, e desfaz qualquér relógio
» O *Pires*, ou *Pollet* (2), quando os concérta.
Tira então da saccóla de camurça,
Que ao lado esquêrdo cáhe a tiracóllo,
Um estôjo de liza Lixa vêrde,
Cheio de mil ferrinhos : « Aqui dentro
» (Me dizìa) ha ingenhos para tudo ».
E arcando as cabelludas sobrancelhas,
Embochechando o rôsto, continúa :
» São sem conto os prodigios estupendos,
» Que obrão estes ferrinhos milagrosos;
» C'uma destas franzinas ferramentas
» Armo eu um Galeão n'um sancti-ámen;
» E com esta agulhinha de nó-nada
» Lhe urdo velame, enxárcias, e bandeiras. —
» Vês este gancho de ouro? — É bem delgado!
» Pois com elle atoei, a salvo, ao pôrto,

---

(1) Esta idéia não é nova; nem Deos permitta, que eu a dê por tal: antes haverá (segundo minha lembrança) obra de trinta annos, que a li n'um livro Inglez. Qual elle porêm fosse, pergunte Deos por suas cousas. Talvêz que se estivesse em meu poder a minha livraria, pelo tino irìa acertar com elle, e com gòsto citaria o seu autor. Bem sei (e não faltará quem m'o diga) que ha muitas Bibliothécas em Parìs, onde poderìa achá-lo: mas também sabem todos, que sempre poude máis comigo a perguiça, que a glória de citador. Além de que, se a idéia é alheia, os atavìos são todos meus. No caso porêm, que os perluxos Leitôres encontrem c'o legîtimo possuidor, tenhão a bondade de m'o apontar, que eu na segunda edição o citarei, e nas ancas da citação, irá um rasgado cumprimento ao atilado e caritativo Apontador.

(2) Relogieiros muito afreguezados em Lisboa.

» Uma armada Turqueza, que ía a pique,
» N'um vendaval de ventos assanhados,
» Se não lhe acudo c'o bemdito gancho. —
» Não ha traste aqui dentro d'este estôjo,
» Que não seja um compendio de sabença,
» Tem máis préstimo, estudo, e máis juizo
» Um férro d'estes, que não coube nunca
» Na espêssa tésta d'um Doutor de bórla.
» Tóma este vidro. — Bem dirás, que é vidro.
» Não é vidro. — Do Rei dos Basiliscos
» Foi já ôlho; por mim petrificado,
» Polîdo, preparado com essencias
» De aço, e óleo Oriental de diamante;
» Sérve de óculo, e vê cousas não vistas
» Quem por elle quér vêr, — não sendo cégo ».

E nisto subtilmente tócca em róda
C'um ponteiro os encaixes do toutiço,
E o Crâneo sobrecéo claro-destampa.
Que pasmo foi o meu! que fito de ólhos!
Que bôcca escancarada! — O tal ferrinho....
» Que dizes do ferrinho! (me embatuca
» A mágica aventêsma) Este instrumento
» Não tem poder os Reis, não tem thesouros
» Que a par do seu valor, não sejão curtos.

» Applica esse óculo, e em prodigios tantos,
» Que elle ha-de descobrir, admira o ingenho,
» E o que, nelle empreguei, lidado estudo. »

Que burundangas vi! que farfalhadas
Fervião em bolhão, nos reconcóvios,
E sumiços daquélla tóca aéria!
Miólos; nada! — Havîa em lugar delles
Um volumoso, atrapalhado embrulho

De escriptos, um fardél de vérsos térnos (1) —
Uma fita de enágua, um crávo murcho,
Que foi prenda — adorada, e mui-beijada
D'uma guápa, que o pôz... á escaravêlha.
Um cumprimento para as boas féstas,
Com tómas, com ensanchas para tudo,
E um de igual mólde para dias de annos (2).

O gôsto, que encetei no tal embrulho,
Foi-me apontando o O'culo ladino
Para os máis recantinhos, e refólhos,
Daquella *feira* frîvola *da Ladra*;
Qual ségue a agulha (3) a mão, que empunha o îman,
Por cima dos fiéis raiados rumos,
A cada vento, que lhe acêna em róda.
Aquî, álêm reluzem perendengues,
Diches, annéis — Encérrão bocetinhas
Chesmininés d'alto primor, e chança,

---

(1) Versinhos de Caldas, versinhos de Chagas, para Nerinas, para freirinhas, mui dôces, mui mólles, e mui sonóros. *Versus inopes rerum, nugaeque canorae;* ou como Quintiliano diz: *Similiter illa translucida et versicolor quorundam elocutio res ipsas effeminat, quae illorum habitu vestiuntur. Curam ego verborum, rerum volo esse solicitudinem.*

(2) Não é invenção minha. Sujeito conheci eu, o Senhor J. Q. de M. que compôz um soneto com tal artificio, que trocando as quadraturas e terçarias, de outo maneiras differentes, lhe servia com os mesmos Consoantes para outo dias de annos. Estes findos, e bem usados, mudava de consoantes, e tinha para outras tantas despezas de dias de annos, *et sic de caeteris:* conservando (observai bem!) o sentido primitivo do soneto, e os consoantes táes, que a cada canto os deparava, e lhe vinhão justos ao corpo do Poêma.

(3) Agulha de marear. — Nota do Editor para Casquilhos, que só vîrão o mar, do adro das Chagas.

Finezas, e requébros derretidos,
Melindres de sem-par chuchurrebìo; (1)
Quintas-essencias — o beijinho, a nata
Do aperaltado, cóme-em-vão namôro:
Tudo arrumado, e fôfò, entre camilhas
De ambri-odóro algodão. — Vi n'outro cóffre,
De talco, encaixilhado em filagrana,
Fundos suspiros (cascàvéis das ancias!)
Da ausencia os ais, e os trémulos soluços;
Mólhos de phrases vans, com seus atilhos
De *Mas, porém, oh Céos! Que dita e glória!...*
Fôra um nunca-acabar, ir descrevendo
Todo o sarapatél, que o vão pejava
Da tál bóla, armazem da parvoîce:

---

(1) *Chuchurrebío* — Palávra a máis imitativa, e pittorêsca (e por isso a máis energica) de quantas inventou a redonda Grécia *quibus dedit ore rotundo Musa loqui;* — de quantas ainda hoje blasona a imaginativa Arábia. *Chuchurrebío* significa pois o último *quod sic* das cousas, que bem se gostão, *chuchando*-as, remexendo-as, remoendo-as, visitando com ellas, na pá da lingua, toda a cúpola do paladar, e todos os gabinetes dos gorgomillos; e como quando não temos palavras, que supprão o nosso encarecimento, nos servimos d'um gésto admirativo, — e scholasticamente, de um assobìo, que diz ás vezes máis que uma Oração gratulatória. Consta por essa razão a nossa palavra Chuchurrebìo da máis ricca, e máis sonóra onomatopéia. — *Chuchu*, do verbo *chuchar*, de que só usamos para com as cousas que máis delicada, e golosa, e regaladamente nos saboreão; os dous *rr*, que são em ciffra uma allusiva repetição do vérbo regalar, recrear, regozijar, e cujos *rr* denotão aquelle retorneio, que a cousa regalada vai, como de romarìa, fazendo pelas rôscas da garganta. E emfim aquelle *bío*, que é o sonìdo final do *assobío*, sinètte de encarecida admiração, que serve de remate, e coròa á preciosissima palavra *Chuchurrebío*.

Só, para dár remate a tudo, digo;
Que em róda a vi por dentro afestoada
De espelhados, pendentes avelórios,
Onde ufano e risonho se revìa,
A cada instante, o instincto do Peralta.
« Viste (me disse o hóme' habilidoso)
» O que ha lá dentro! — Fécho, e re-componho:
» Que te quéro mostrar, com igual arte,
» O coração daquélla Logrativa,
» Que de tanto Casquilho os ólhos léva,
» E léva as affeições. — Ah insensatos!
» Que chóros ameação, que despeitos
» Aos que se enlévão no fallaz sorriso!
» Quanto tem que sentir iniquos Fados!
» Nesse mar, que os embála, (már de leite!)
» Lógo empolado em náufragas montanhas,
» Pasmarão de ir a pique. Incautos! na áurea
» Bonança das caricias se enfunárão! —
» Mîseros, que assim árdem nesse lustre,
» Com que intentada (1) engóda os inexpertos!
» Maripôsas, da luz que os matta, amantes!
» Ah! se, qual eu agora t'o descubro,
» Vissem o coração dessa, que adorão...
» Como as cóstas voltárão aos agrados,
» Que aquelle rôsto vário lhes promette!
» Mas antes que eu comece a abrir os seios
» Dessa intricada mina, é bem que saibas
» Que nesse coração, que ao vêr te inculco,
» Ha táes vóltas, marânhas, labyrinthos,
» Tanta dobrêz, tão fementido enleio,

(1) Camões, Cant. 4. est. 104, v. 7. *Quibus intentata nites.*
Hor. *Lib.* 1. *Od.* 5.

» Que não coube a Theseô, não deo Ariadna,
» De fio guiador sábio novêllo,
» Que ao máis ladino acérte co' a sahida.
» O'lha primeiro o empedernido, e nêgro
» Callo, que o cóbre, e escuda aos crébros tiros,
» De que o vês d'alto abaixo espicaçado:
» São das fléchas do Amor frustrado impulso,
» Perdidos gólpes, dados n'um rochêdo. »

Quando elle ergueo, com delicado ingenho
Essa côdea durazia, e que olhei fito.....
Oh meu Deos! (exclamei) Que torcicólos
Que encruzilhadas, bêcos, e Xancudos (1)
(O'bra máis que Dedálea) se enredavão,
Sem nenhum ir cruzar co' as pórtas da alma.
Sim, senhores, é assim. Que eu curioso,
C'um subtil alfinête, achei-que todos,
Voltando sôbre si, surgîão fóra.

De tão cégo escondrijo os vãos incluem
Máços de enfeites, vidros de posturas,
Estôjos guápos, óptimas pastilhas,
Pintados léques, luvas perfumadas.....

Se não me engano, zune-me aos ouvidos
Cérta chacóta crîtica; e diz ella:

---

(1) Certo páteo, por detráz do Calçado vélho, onde morava, antes do terremóto, uma Parteira, muito conhecida, chamada Catherina Lópes; que cahindo em idade, e desviando-se-lhe por essa causa a freguezîa de seu partejo, se metteo a Cristalleira, e dizia um auto de Catherina Lópes, que eu vi impresso, com as licenças necessarias. — *Que para pérto se mudou.* — O tal auto, que me nao deixará mentir, traz na face o retrato da Cristálleira, com seus óculos mui magistráes, e nas mãos o fôlle, e o tachinho. Vista faz fé.

« Como cábem, n'uma área tão pequêna,
» Maços, vidros, e tanta bugiganga,
» Que apênas n'um báhú cabêr podião? »
Mas eu, que já em crîticas fiz callo (1),
Não me empacho c'o mofador zumbido.
Co' as vistas da Marmóta lhe respondo.
Como cabe Parîs, Veneza, Londres,
Em tão mesquinho quadro? E máis pergunto
Como cábem dos ólhos na retîna
Déz léguas de alto mar, armadas frótas,
Mil objectos de vasta perspectiva?
E é nos ólhos o espaço inda máis curto
Que o vão do coração. — Quináo. Léve essa,
Senhor crîtico, e sirva-lhe de ensino —
Eî-lo que abaixa a prôa; eî-lo basbaque;
E a crîtica em pantâna. Dei retruque,
Por esta vêz, não máis; que as maravilhas
Quéro ir enfiando do meu sônho.

Lá, n'um retrête avisto um mafamécle
De miúdas garrìdas gavetinhas,
Enfeitadas de fúlgidos lettreiros. —
Eu nunca vi botica encharolada (2)

---

(1) Spiritum Graiæ tenuem camenæ
Parca non mendax dedit, malignum
Spernere vulgus.

Hor. *Lib.* 2. *Od.* 16.

(2) Se já não vem pela quarésma a Charóla da Ajuda dar um descante ao Divino, pelas rúas de Lisboa, necessario será contar aos rapazes de agóra a composição della. Pelo pouco que me recórdo, que era um andorzinho assentado em dous varapáos, cangado nos hombros de dous saloios, acobertido d'uma toálha de mãos, como carro de romágem, com muitos Senhorinhos dos

De espevitado-pulchro Boticario,
Nem de ricco xarão vasto escritorio
Recheádo de tantos escaninhos.
Vejâmos que contém. « Contêm finêzas
» (Me diz o pachorrento Paracléto)
» E suspiros fingidos com muita arte,
» Que hão-de romper mansinho em cérta ausencia; —
» Um volvêr de ólhos brando, e piedoso,
» Capaz de derreter ferrôlhos, que ha-de
» Vir a cabo d'uma inclyta conquista.
» Contêm desdêm suáve, arisco affago,
» Meneio senhoril, airósas graças,
» Entre grave e gentil, desenvoltura,
» Com sainêtes de estudo, e chistes, prompta
» Para uma noite de exquisito baile,
» Noite de ardil mui primo, em que estes géstos
» Esta arte se prométtem grão triumpho.

» Contêm, para brazão, esta gavêta
» Mil coracões amantes, envolvidos
» Em escriptos de lânguidos amôres;
» O rótulo por fóra indica os nomes
» De seus esperdiçados. Ólha attento
» (E este é o mór prodigio dos prodigios!)
» No largo coração, que tanto abrange,
» Esse espêlho, que é cúpola do Templo

---

dos passos; muitos penitentes brancos, todos de barro pintado, e tudo por dentro allumiado com rolinhos de cêra; e em róda, por detraz, e por diante muito aldeão berrando certa lenga-lenga devóta; e pedindo muita esmóla, que espalhadas pelas mãos, e algibeiras dos cantores, e máis matula (porque alli naquella confraria todos são thesoureiros) ião diminuindo pelas baiúcas, até chegar á Ajuda, sem nada.

» Da presumpçosa Deosa, com que industria,
» Com que ladina subtileza móstra
» As offrendas, que na ara são acceitas. —
» Arfantes cruzes, saltos encarnados,
» Claros diamantes, chicos (1) reluzentes,
» Bófes tuffados, ouriçadas trunfas,
» Tem franca entrada, reservado assento;
» Tanto máis alto, tanto máis vistoso
» Quanto o Dôno é máis fôfo, ou máis basbaque...
Mas nisto tal zoáda, tal balbúrdia
De máscaras, de bêbados, de gòzos
Se levantou na rua alvoroçada,
Que o sônho tão egrégio me quebrou.
Sobresaltado accórdo, e tómo susto;
Nem que a cidade fôra por assalto
Entrada de improvisos inimigos;
Ou que ardêra de ponta a ponta, a rua,
Em fumi-flavi-ruivas (2) labarédas.

---

(1) Como ha 26 annos que sahi de Lisboa, não sei se ainda chamão, como então, *chicos* as meias dobras de 6400.

(2) Como um Portuguez Poéta bem conhecido, e de ajuizado vóto na matéria, me deo o exemplo de palavra qúadri compôsta á imitação dos Grêgos, eu que não sou nem grande Poéta, nem tão affouto, contento-me com uma tri-composta; a única talvèz, que se achará em meus rascunhos. A quadri-composta de que fallei, chama-se — *Doce-ambri-fógo-ondeante*, e se acha no Dithyrambo á S. D. M. *etc.*, *etc*. Mathevon.

Se depois da minha mórte se imprimirem estes meus destempêros, como imprimirão as semsaborias de Fernão Alvres d'Oriente, e as senequices acconsoantadas do Caminha; e se ainda houverem prolixos ociosos editores, como o da Lusitania Transformada, pódem já desde aqui dar-se os parabens algumas palavras minhas que acharão Editor grammaticão, que m'as approve, e as appoie com razões machuchas, e autorisados exemplos. Ale-

CARTA, (1)

AO M^AL. LUIZ DE C.

> Neque enim concludere versum
> Dixeris esse satis: neque siquis scribat uti nos
> Sermoni propiora, putes hunc esse poetam.
>
> HORAT. *Lib.* 1. *Sat.* 4.

Tu sabes o que vai? Houve cá hoje
Uma tal Procissão, que é mui bonita.
Léva tanto santinho!!! Tanta gente!!!
E gasta a preparar-se tanto tempo,
Que já, do anno passado, cuidão nella.
Na ante-véspera já da grande fésta,
Promptos os sanctos, promptos os andores,
Janéllas já pedidas, fatos feitos,
Môças alvoroçadas, e Peraltas —

grai-vos, tripudiai, versinhos meus; que até, para vos parecerdes c'o Virgilio de Maswicio, vos honrarão c'um um index locupletissimo, que vos sirva de reportorio, e de recâmara. Léve o Diabo paixões.— Deixai palrar os críticos.

(1) Devo advertir os senhores, que me lêrem, que esta carta foi feita ao correr da penna, e que é a resposta d'outra, com que nessa mesma noite me honrára o ditto Snr. Marec.; e que álêm disso, o portador partia no outro dia de madrugada. Mas

Tomava aos Irmãos (1) sécios grão desgôsto,
Que o prazer da Funçāo desenxabîa.
Vinha a ser grandes nuvens de poeira,
Quė tão guápo festejo enxovalhassem :
De lá vérte o desgôsto *ingente, infando.*
Vai nisto o céo cortêz, e compassivo
Manda chuva, que abate o pó das rúas,
E des-tristece o rôsto á afflicta gente.
Graças ao Céo, que assim nos é benigno!
Bons rosários mammárão, boas missas
Do Purgatório as Almas prestadîas.
  Remidas da poeira, e lâma as ruas,
Chega o dia feliz, e suspirado.
Começão lógo, co' a alvorada, as Môças
A edificar no monte sem miôllo (2)

---

objicies primo : tempo teve o Autor para a emendar depois. *Concedo.* Mas a perguiça, que advóga mui persuasiva a sua causa para comigo.... *Objicies secundo :* não ha necessidade de imprimir os primeiros borrões.... *Concedo etiam.* E confesso ainda, que mesmo eu lhe não acho desculpa, nem má, nem boa. Fação os Leitores de conta, que não está impressa : voltem fôlha, e passem adiante.

Objicies tertio : Démos o nosso dinheiro, e queremos mercadoria que sirva e não obra de pôr ao canto. Respondo : Lêm Vmces. a Bulla, pela qual págão tantos réis? Lêm Vmces. o papelinho de S. Lázaro? Lêm Vmces. etc. etc. E máis cústão-lhe dinheiro. E ainda máis; os que lhes encampão Bullas são mais riccos do que eu, que fiz muitas dessas tróvas, para me darem vintens para a tenda, e para o pádeiro.

(1) Irmãos terceiros.

(2) . . . . . Tanta est quærendi cura decoris
Tot premit ordinibus, tot adhuc compagibus altum,
Edificat caput.

JUVEN. *Satyr.* 6, *vers.* 500.

Castéllos vãos de flores, e de fitas,
A vestir galas, a pregar cambraias. —
Os Peraltas tambem não se descuidão:
Jantão de pé, vestidos, penteados;
Da mesa passão présto o corpo á rua.
Dão tres horas. — Começa-se o fadário (1):
Espreitão-se as Janéllas, povoadas
De Deosas, Nymphas, Damas e Rascôas:
A rua entra a ferver de ponta a ponta
Com soldados, com frades, com lacaios,
Com garôtos, com cães, com ratoneiros. —
Crésce o tropél. — Vem vindo as carruagens —
() Arréda () Arréda () * *Ai, Ai*, que me pizárão. *
(· Pára — Pára — Não matte essa criança. .)
): Oh João, — anda cá. — — O'lha essa sége :(
† Em má hora eu cá vim. † | Quem traz comsigo
Crianças, não vem vêr funções de apêrto. |
Tirirìn, Tìririn, retinne ao longe
O agudo som das louras charamélas,
C'os ruffos dos Timbáles rebatidos. — —
« *Lá rebenta o Pendão, juncto ao Rocío* ».
Grita a chusma de squálidos marmanjos;
E a Mãe, muito devóta, intîma á Filha:
() Não te arrédes de mim. — Não dês máis tréla ()
« Ao Peralta, e se acaso o pé te piza,
» Assenta-lhe á mão-tente um tápa-ôlho.
» Péga nas contas, vai rezando aos sanctos.
» Lá vem cinco — e tão lindos. — O'lha o Mouro
» Com o alfange! — Ah cachôrro! — Está mattando
» Os santinhos, que mórrem pela fé ».

---

(1) A scena se representa na rua Augusta, pérto da rua dos Retrozeiros.

() *Não morrem pela fé, mas por teimosos.* ()
(Diz dallì um Inglez arreminado;
D'esses que em *Flos sanctorum* crêm mui pouco.)
« Lá vem máis n'outro andor Nossa Senhora.
» Francisca, quantos são? — Tóma sentido. —
» Conta bem. — Até-quî são tres andôres. — »
() Não senhor. — São só dous — Este e máis o outro.
() E o Menino Jesus vem feito Archeiro (1)!
() Mãe-zinha! — Vem bonito. — E um sancto Prêto!!!
() Como vem luzidìo!!! E este sanctinho
() Poude entrar todo nêgro assim no Céo? ()

Tem alma branca os sanctos, e a alma é que entra,
(Diz muito reverenda a Mãe á Filha)
() Ai, mãe, tanto Páe-zinho, e tão porquinho!!! ()
Ha-ha-tchí; passa fóra, canzoada.
(Vinha a apupada erguida lá de longe
Da multî-moda gaffa rapazìa.) — —

Mas, nisto.... se levanta um reboliço.....
Méche-se a gente toda.... | Apânha — Apânha —
| Que é um ladrão, que léva dous relógios |
): Cá me falta o meu lenço. :(† Ai, minha bôlsa! †
* *Eis ahi o de que estas funções sérvem!* *
(Dizia um vélho mui poupado, e ricco)
* Eu, quando venho vê-las, deixo em casa
* Fechado na gavêta — até o cóbre. *
† Mas, com que hei-de apontar ao *Whist*, á noite? †

---

(1) Houve razão para assim vir; porque quem o vestio para ir na Procissão, era mulhér de Archeiro, e o andôr, e o Menino Jesus erão da confraria dos Archeiros. Já um anno antes na Procissão do corpo de Deos da fregnezia da Pena, o Menino Jesus ìa n'um andor vestido de Cadête de vêrde; porque a Freira de Sancta Anna, que o vestio, gostava de Cadêtes da Armada.

— Lá vem um grande andôr, que é no feitîo,
(Lamentava, roubado, nm tal Tarêlo.)
— Bargantim, se meu ôlho me não mente. —
.·. Que diz, senhor Heréje? lhe retruca
Um alti-magro, muito explicativo.)
.·. Que diz, senhor Heréje? Faz escárneo
.·. De Deos? dos seus mystérios? dos seus sanctos?
.·. O'lhe, que não stá longe a sancta casa,
.·. Onde blasphemias táes se págão caro. —
.·. O que vem de joêlhos adiante
.·. É o senhor sancto Escôto, o maiór sábio,
.·. Que o Mundo conheceo, dêsde que é Mundo.
.·. É o grande Desfensor da Conceição,
.·. Contra todo o tropél dos Dominicos.
.·. Elles o sábem bem os *Azeiteiros*:
.·. Que, por não vêr passar o seu flagéllo,
.·. De chólera, as janéllas, que tem vista
.·. Para o Rocîo, himpando, lhe fechárão.
.·. Desta banda o segundo é sancto André,
.·. Vestido de saêta azul e rôxa,
.·. Côres, que trajou sempre nas Missões
.·. De seu accêso, e longo Apostolado.
.·. Lá traz na mão, escripto em pergaminho,
.·. O summario do que prégou, ácêrca
.·. Da intacta Conceição *in primo instanti*.
.·. Este Padre daquî, da cabelleira
.·. Loura, cóvinhado das bexigas,
.·. Que vai ao pé do Irmão do hábito ricco,
.·. É quem fêz este andôr. — É muito douto!
.·. Elle é, que deo a idéia disto tudo;
.·. E é que achou as palavras, que escrevêra
.·. O Apóst'lo santo André. — Trabalhou muito
.·. Para as achar, que faltão na Escriptura. —

.·. Mas tanto esgravatou, que déo com ellas. .·.
Eis que um vélho de aspeito venerando,
Que lhes ficára ao pé, entre a máis gente,
Póstos, nos dous, os ólhos, meneando
Tres vêzes, a cabêça, descontente,
O nariz grosso um pouco arrebitando,
Que os dous, de pérto, vîrão claramente;
C'um saber só de experiencias feito,
Sorrio-se, e o máis callou no expérto peito. (1)
† Lá vem o Pallio já. — Ajoelhêmos. —
† E os frades vem marchando, ao som dos Pifres!!!
† Está galante!!! E o como marchão certos!!!
† Asneiras farão frades! — São Francisco,
† Se os vîra assim marchar, tanto a compasso,
† Bordados pluviáes bamboleando,
† Que não escumaria lá no Céo,
† De vêr tornados em galans bonécos
† Os modélos da rôta penitencia. †
Deo fim este entremez. Vai-se indo a gente;
Vão descendo as visitas. Finda a fésta;
E tambem finda a carta. — É meia noite,
São horas de dormir; e vou deitar-me (2).

---

(1) Esta Outava de Camões veio-me aquî (com pouca mudança) tanto a pêllo, que não pude conter-me, que a não escarrasse toda inteira. Alêm de que, élla é a pintura genuina do Sr.**** que por motivos bem sizudos não nomeio; elle se achava á minha ilharga, e via passar a procissão, sem dizer palavra; e o gesto, que me fêz, ouvindo as explicações *acima dittas*, não me esquécerá em quanto eu viva.

(†) Os differentes signáes † () (.): .·. .)(. *.denótão as differentes pessoas, que fallão no entremêz.

(2) Opere in longo fas est obrepere somnum.

Horat. *de Art.*

CARTA,

AO M^AL. LUIZ DE C.

Nigrorumque memor, dum licet, ignium
Misce stultitiam consiliis brevem.

Horat. *Lib.* 4, *Od.* 12.

Pédes nóvas em vão, Amigo, em tempos
Tão escassos de guápas aventuras.
Estão sêccas as fontes das noticias,
Co' as calmas do polîtico ciúme.
Não campa o Stráws com rijas luminarias,
Nem sinos com repiques repinicão.
Que a nossa côrte pósta na retranca
Nem quér casar, nem quér parir, teimosa.
No ricco Oriente, na Africa guerreira
Já não peleja o Lusitano brio,
E as Náos que vão e vem da Europa á India,
E as Náos que vem e vão da India á Europa,
Em vêz de trazer nóvas de conquistas,
E tributos de Reis avassallados,
Como em tempos de Castro e de Alboquerque,
Vem prenhes de futuro coscorrinho
Em proveito de Cáldas, e Bandeiras,
E outros chineiros máis de grosso amanho.
Do Brazîl vem melasso, vem assúcar,

Vem ouro e diamantes, não vem nóvas;
Que as gentes mólles dessas térras quentes
Não lêm (1) R......., R......., V......;
Féstas, comédias, música, namôro (2)
O sp'rito, como os membros lhes derreião,
E lhes roubão o tempo melhor-dado
A cuidados civîs, ao justo côbro
Da dignidade de homem, tão perdida
Tão descuidada de uns, tão prêsa em outros.
Os Mineiros riccassos se ennobrecem
De ao Vicerei compôr luzîda côrte;
Mui contentes que os ólhos, de relance,
Quando entra, ou sáhe o Vicerei lhes ponha;
Ufanos se lhes falla, ou os saúda.
Defêso é virem de estrangeiros climas
Relações de Polìticas maranhas:
Fallar no gabinête astucioso
Da refinada França, é já ferrêtte
De génio espreitador, que agudo sonda
Mystérios diplomáticos. — Coitado! ... —
Que á Junqueira irá ser longo inquilino!

Castélla é como nós. — Dos outros Reinos
Nada se alcança; e o que as gazêttas pálrão,
É falso, — ou de tal módo o desfigurão,
Que pérde o parecer claro e nativo,
Com que ao mundo sahio; — como o Evangélho
Pérde as feições n'um bom sermão Capucho.

Pois que fallo em sermão, e que está murcho

---

(1) Alguns, mas poucos.

(2) *Et ce qui s'en suit:*

(Molière, Précieuses ridicules.)

O ramo das noticias, sermão seja
A nóva, que eu te possa dar máis frésca;
Que em Lisboa (a Deos graças!) só se cuida
Em Procissões, em Bullas da cruzada,
Em *Te Deums*, em músicas de estrondo,
Em Valentins, em Marra, em Lourencinho.
Fui pois ouvir um tal sermão vasado
Do púlpito das Chagas milagrosas.
Lá stava o Gabriel, Prégador louro,
E o pulchro Monsenhor dom Dominguinhos,
Brazão da Patriarchal máis adamada,
E que eu não minto abonarão contéstes.
Guinchavão más Rebéccas no corêtto,
Fungava o Rebeccão, roncavão Trompas,
E no meio da Orchéstra, entabacado
Cantava o Fanha (1) um squálido Mottêto.
Eis sóbe garanhão pela escadinha
Do púlpito o tremendo Padre Méstre
Perada, Lente mór de Theologîa.
Em quanto elle ajoelha, entufa o collo
Nas dóbras do Seráphico gargálo,
E dão fim do Mottêto as Allelluias,
Te encampa o figurão do Reverendo,
O seu alto saber, déstra inventiva,
E o que Arte e a Natureza obrárão nelle,
Quando um chapado Prégador moldavão.
Este frade (se bem me lembro agóra)
É douto Irmão d'um lépido Alfaiate,
Que alto móra na rua de são Bento;
Que Alfaiáte da sécia é nomeado

---

(1) Músico daquelle tempo, empregado nas féstas de menos pórte.

Por quantos bébem da água de Ulysséa.

Contão inda hôje, as vélhas do seu bairro,
Que em estudos, em têrmo, o rapaz (1) fôra
Um perfeito exemplar de Frei Gerundio. (2)
De quanto ouvia, e via a seus vizinhos
Pedreiros, taverneiros, algibébes,
Tirava appontamentos, que escrevia
Com solîcita penna: alto peculio,
E mina de carôço, destinada
A ser de bons sermões pingue recheio.
Quando via o Irmão, para um capóte
(Capóte azul com viva côr de rósa,
Garrîdo fôrro de arfador Marujo)
Talhar sizudo c'os sonóros férros
Tres grandes cabeções, co' a bôcca á ilharga,
Já gizava dalli os seus tres pontos
Para um sermão de arromba, que devia
Machucho, accreditar toda a seráphica.
Quando via embutir pontudas nêsgas,
Pelas dóbras das bîfidas cazácas,

---

(1) Assim chamavão as vélhas ao M. R. P. M. Perada, quando estudante; e algumas ainda (sem respeito á sua dignidade) quando já P. M. Tanto póde nas mulhéres, e nos homens o uso, e o vêzo.

(2) Aqui se enganou o Autor; porque por máis diligencias que fiz, nunca achei noticia entre as mulhéres da rua de S. Bento, que alguma dessas vélhas tivésse lido a ingenhosa vida do prodigioso Prégador de Campazas. — É, comtudo, muito provavel que o autor combinando os dittos dessas vélhas com os successos de Frei Gerundio, os achasse tão conformes, que por antonomásia, ou qualquer outra figura de rhétórica, que aqui venha máis a pêllo, o pozésse aqui.

Nota do Editor.

Lógo, em tropél, á tésta lhe acudião
Pontudos textos de sirzida prova,
Com que enviosar da prédica os penciros. (1)
Em fim, mil outras prendas, que não conto,
Por não ser máis perluxa a narrativa. —
Ei-lo, que estende as mangas, compõe prégas;
Derrama um douto olhar pelo auditório;
E inculca nos affagos do circilio,
No remenear a guéla, estar dizendo:
« Aqui está Salomão; aqui quem campa,
» E a nata dos sermões máis puro extrêma. »
Benze-se, escárra, e o texto deita aos mares,
E o cabeçalho do sermão empurra.
Que cuidas tu que encaixa por exordio?
Rifão sédiço em trajes de sentença?
Allusão de Escriptura? Os Alexandres,
Os Césares, safadas estallagens
Das laudatórias do loquaz Macêdo?
Palavras sem chorume, e sem sentido,
Que encadeou com barafundos néxos,
Um phantasma strambótico, rançoso
Que em França *Galimathias* s'appellida;
De cuja emmaranhada tecedura
Te dou contente uma amostrinha guápa:
Ei-la: — e bem comesinha: « *Santo Antonio*

---

(1) Por atrevimento poético tomou o autor aqui os peneiros, com que se refastellavão antigamente as abas das cazacas, pelas abas mesmas. Alguma figura achou o meu Poéta no seu Quintiliano, ou no seu Vieyra, a que se encostou; por quanto eu sempre o conheci mui appaixonado de figuras, e sem ellas (dizia) que se não podia fallar bem, nem escrever. Talvêz que tivesse razão para o sentir assim.

Nota do Editor.

» *D'este rotundo glôbo circumdando*
» *A sphéra orbicular.* » Tudo isto é delle.
São palavras formáes do seu exórdio.
Não minto : tenho boas testemunhas;
De que já te citei duas não-pêccas.

Vai se não quando, o Prégador se assôa
Com estrondo de Lente jubilado,
Mette o lenço na manga ; e d'outra manga
Tira outro lenço de subtil cambraia,
Com que o suór enchuga do Evangélho;
E embetesgando-o, com desdêm, no bôlso,
Nos sólta em pêso a gróssa baforada
Dos tres pontos, mui nóvos, mui do trinque.

Dizer-te os pontos só, dá mais que riso :
Dá chólera, e despeito. Que tal sòffrão
Gentes que tem juîzo, em tal cidade!
Em tal éra! um tal Rei (1), um tal Ministro!

Promettia provar que santo Antonio
Fôra, quantos no Céo blazonão sanctos :
Por que a algum baptizou fôra Baptista;
Fôra Estêvão, Vicente, Sóter, Caio,
Por que fôra á Mourama a ser lá Mártyr;
Fôra Inez, fôra Oláya, e Catherina,
Fôra as onze mil Virgens, porque têve
A graça de ignorar como foi feito.

Desta boa relé fòrão as próvas
D'este ponto, e dos outros dous seguintes.

No segundo dizia : « *Que por isso*
» *Que todos sanctos junctos era Antonio,*
» *Era Antônio o maior dos sanctos todos.* »

---

(1) Advirto que era então rei D. Jozé primeiro, e secretario de Estado o Marquez de Pombal Páe, não este de hôje.

Disse-o, e provou-o. A próva é d'igual laia.
Onde elle porêm máis deitou ufano
Vélas ao vento no sermão de arromba,
Foi em provar no seu terceiro ponto,
Que era o seu sancto Antonio uma pessôa
Da Trindade sanctissima. — Oh prodigio
Da prédica rançosa! — Se tu viras
Como dentro do gral se espanejava,
Bracejando vermêlho, em gróssos máres
D'apócryphos milagres, flos-sanctórios,
E outras lendas de crédito fallîdo!....
Oh meu Deos! — Aqui vinha o bom repáro,
O frizante. — *Oh deixai.* — Vinha o meneio
Do pescôço, os affágos das preguinhas,
E puxar o cordão juncto das mammas;
Vinha o dengue da mão, com garbo abérta,
Os ólhos requebrados, o debruço
Do peito a meia esguêlha, sôbre as filhas
De Jórzálém (1), fréguêzas da Parróchia....
Mas querer-te eu contar os gatimanhos,
As franjas predicáes, com que broslava
O meu bom Prégador o seu discurso,
Fôra encher máis papél, que a carta péde;
Fôra moêr-te os óssos da pachôrra.
Assim acabo, com te dar o fêcho,
Que epîlogo chamou, que eu chamo couce
Da longa procissão de parvoîces,
Que nos desembéstou do catavento
Do seu sujo bestundo avêsso, e esconsso.
Citem-me, quanto queirão, com a Biblia

(1) Assim o diz o Pôvo em lugar de Jérusalêm, como João de Barros, e outros dizem *esnóga* em vez de *synagoga*.

C'o — *Nil sub sole novum.* — Zombo, e rio:
Que o meu fradépio deo-nos novidade
A pezar de citadas escripturas:
Deo-nos do sacco, onde amão bons ingenhos
Achar conceito nôvo, ou nóva phrase;
Onde amava tirar o Venusino
Cousa nóva, não ditta de outra bôcca (1),
Mas deo o Frade o avêsso á novidade
(Que achou estêrco, onde outros achão pérlas)
Deo nóva asneira, em todo o ponto nóva.

« E como tenho (são palavras suas
» Fielmente retidas na memoria)
» Um tão douto auditorio, e tão conspicuo,
» Quéro acabar com um conceito nôvo,
» Que atégóra não veio á douta mente
» De Prégador algum. — Fez Deos a graça
» Ao nosso thaumaturgo sancto Antonio,
» De lh'o reproduzir nos céos á lárga
» Em tantos sant'-Antonios gloriosos,
» Quantos sant'-Antoninhos cá na terra
» Em évano, em marfim, em pédra, em barro,
» Em estampas, páinéis, em bordaduras
» A grata devoção parisse ao mundo.

» Que graça! que favor! que maravilha!
» Nunca outorgada ao máis pintado sancto! »
Exclamava o meu Padre, farfalhudo.

E exclamo-te eu tambem: () Manda azoar-me,
() Manda-me esses perluxos, que me néguem

---

(2) Dicam insigne novum indictum ore alio.

Hor. *Lib*. 3. *Od.* 25.

() Poder-se inda forjar asneiras nóvas; () (1)
Que eu bem sei onde tenho de mandá-los : —
Mando os lógo aos sermões de frei Pe[illegible]ada.
  Quando o meu Padre levantou a lébre
D'este conceitarraz estou seguro ,
Que deo pulos na céllа , de contente.
Pouco faltou , que não corresse em fralda
Pelos largos contôrnos de Xabrégas ,
Qual o grande philósopho de Samos ,
() *Inveni* ! *Inveni* ! quando deo co' a méstra
Demonstração da quadra Hipothenusa.

---

(1) Croire tout découvert c'est une erreur profonde ,
C'est prendre l'horison pour les bornes du monde.

ODE,

Em 23 de Dezembro de 1800, dia dos meus annos.

Non, le bonheur des plus grands rois
A mon sort n'est point comparable,
Quand je vois briller à la fois
Le vin et mon Iris á table.

ESCAPEI, escapei; (1) mas não sem custo
Dos meus sessenta e seis; e bem disposto
Encéto ainda outro anno, c'os auspicios
De melhorada sórte.

A pezar de defluxos enfadonhos,
Darei passagem franca á vóz, ao canto
(Canto de vélho) e temperando a Lyra,
Celebrarei meus annos.

Madama Alix, Delmira, c'o bom Monge
Empinarão risonhos ao Poéta,

(1) Uma vélha, das muitas que em Parìs abrîrão loge de Cartomancia, me annunciou que a minha sina me prognosticava grandes desastres para o anno 66 de minha idade; e que se eu delles escapasse, bem me podia pendurar de cêra.

Revezadas saúdes, que dão brilho,
Dão alma alégre aos ólhos.

Com gôsto entoarão os sons festivos
As constantes Irmans, em quanto o Fspôso
C'os ólhos em Neuilly, (1) traça projectos
De vaccas, e coelhos:

E coçando a grisalha do toutiço
Cerrando os beiços, e o nariz franzindo,
A *Polarda*, nas Eirozes nos promette,
Com môlho á *la Tartára.*

Mas vós não vêdes uma branca núvem,
Que a mim direita vem? Não sentis cheiro
Sôbre humano? e uma musica donosa
Que em tôrno de nós sôa?

Eu creio vêr este ar todo povoado
De angélicos meninos, sacudindo,
Das azas de ouro e azul, nítido orvalho
De júbilo, incessante.

Eis que a Amizade, que dos Céos bem rara
A' terra désce, e que só peitos lizos,
Sacrários de virtudes, quér por throno,
Se nos descóbre á vista.

Que a núvem, que a cobria, pouco a pouco
Se nos foi ante os ólhos dissipando:

---

(1) Ha nesta Ode allusões, que explicá-las mui longo fôra.

Como ao nascer da auróra, a turva sombra
Se descóze, e esvaêce.

Já deleitosas flammas desparzindo
Nos copos trasbordantes de almo Baccho,
Cóbre a mesa de Lyrios, e de rosas,
Colhidas com mãö larga.

Abre depois o próvido regaço,
E as frentes nos corôa com grinaldas
Sempre frêscas, gentìs, sempre cheirosas,
Symbolos de tal Nume.

« Serêis felizes (diz) em quanto os laços
» Sagrados não quebrardes, com que agóra
» Os corações vos cinjo, em grato applauso
» Dos annos de Filinto. »

29 de Novembro de 1791.

EPÎSTOLA.

Em quanto punes pelos sacros fóros
Da lésa humanidade, e te malquistas,
Famoso Prégador, co' esses esteios
Da nutante-assombrada Tyrannia,
Indignado Salicio estes lançava
Rápidos rasgos de aquécida veia
No borrador inculto, que te envia.

Deixa, oh Ministro ignaro (1), deixa livre
Ao pensamento, á pluma o stadio abérto,
Onde desfira a rapidez, a fôrça
Das sublimes lembranças arrojadas.
Se lhe encólhes o vôo, a fôrça atalhas,
Máis rijo, máis violento rompe os ferros,
Máis irado dispara trovejando.

Não, vil algôz da cândida Verdade,
Não foi dado téquî ao Despotismo

(1) Contra a intenção de Autor publicárão em Portugal que o Ministro ignaro era Inquisidor geral; foi erro; de nenhum Ministro particular falla a epîstola; mas sim em geral dos que são ignaros.

Algemar o alvedrío, que sob'rano
Dentro de seu sacrário zomba, e mófa
De satéllites vîs, de escravas ordens.
Se lhe enérvas a lingua, a mão lhe prendes,
Em quanto habita o chão, que tôrvo opprimes,
Vê como solta os laços feiticeiros
Da suspirada Pátria, e vai ao longe
Beber, nos ares livres, largo alento.

Debalde então povôas as fronteiras
De esfaimados malsins, pousas véxâmes,
Na Cidade, na Aldeia, nos caminhos,
Levantas tribunáes devassadores
Da palavra, attributo innato do homem.
Como se a livre vóz, que nos é dada
Para entreter commercio de alma a alma,
Navegando nas azas do ar corrente,
Da plena bôcca aos ávidos ouvidos,
Fôra campéche, ou sórdido tabaco,
Mercancîa de cauto contrabando.

Em vão profanas o sagrado sêllo
Das Cartas, que reclamão violadas
O público foral, público asylo.
A verdade (que engróssa n'outro clima)
Estendendo seus raios luminosos,
Vem chegando, e já batte nas muralhas,
Nas masmôrras — que trémem c'os pavôres,
C'os vaivens do Futuro esclarecido.

Estas piedosas terras, que rodeias
Com triple cinto de venáes espîas,

Tem de ser (e quanto antes !) libertadas
Do jugo vil da tábida Ignorancia.

A longa experiencia , que prevista
No ante-mural dos séculos se encósta ,
Nos aponta o pharól, que a Natureza
Ergueo para guiar-nos á Ventura.
Nem pódem (que não valem seus podêres)
Tolher-nos os Tyrannos os luzeiros ,
Que as sombras dos enganos lhes des-técem :
Como quando . arraiando nos cabêços
Das máis altas montanhas , affugenta
O Sól os véos da Noite denegridos ,
E métte o dia pelo largo mundo.

N'um mar de erros fluctúa o nosso ingenho ,
Em quanto aos ólhos fementidos Bonzos
Da opinião as vendas nos apértão.
Mas um desejo, que de ser felizes
No centro da alma bróta , e sempre crésce ,
Rodando por montões de altos embustes ,
De despenho em despenho , dá de acêrto
Por fim , com a veréda da Verdade.
Então máis fórte que os cerrados cêrcos ;
Que astucia vil lhe oppõe , sobre-pujando ,
Atropellando obstáculos absurdos ,
Derribará as áras da Mentira ,
Inda tinctas do sangue da Innocencia.

Se , dos gólpes dos Déspotas azêda ,
A Natureza erguêsse o véo antigo.
Que cóbre tantos crimes , tanto engano,

Que inférno de attentados, commettidos
Contra a singéla fé da liberdade,
Patente fôra aos ólhos té-qui cégos
C'o lenço, que a superstição lhes punha!

Sempre o Philósopho, a travéz do manto
Sagrado, que lançára em todo o tempo
O Tyranno por cima das cruezas,
Vio luzir o punhal acicalado,
Os fachos, as dolósas labarédas,
Que queimão da Verdade as sacras fôlhas:
Ouvio pizar as hérvas venenosas,
As cicutas dos Sócrates modérnos,
E passando enojado a mão affouta
Na prégá da vedada cobertura,
Poude o tronco empunhar envenenado
Da árvore, que alimenta os ruins fructos.

Já subida em seu lúcido oriente,
As flammìgeras ondas a Verdade
Derramando no Pólo, acclára o mundo,
Rompe a tréva ferrenha, raia luzes,
Nos juîzos, que os Erros em-noitárão:
Todos os dias crésce, e vem correndo
A tomar pôsto na central esphéra.
Tal vem Phébo, nos últimos Dezembros,
Subindo ao frio Aquário, e medrar busca
Na zóna máis amena, até que vingue
Ao cume do Zenith, e espalhe a frôxo,
Limpa de nuvens, a dourada cóma.

Faquires, Talapões, Bonzos, Dervizes,
Temei, aréstas vîs do Despotismo:

Canalha multi-fórme hôje temida,
Mas pizada ámanhan, e destruida.
Temei o nobre esfôrço da Virtude,
Das curvadas té quî Lêttras, Talentos.
Temei, oh Charlatães supersticiosos,
As séttas da sciencia penetrantes,
Bem dirigidas por sagaz despeito,
Quáes já sôão na fórja, e já se agução
Na moral Philosóphica Officina.
Já se atézão os arcos recurvados,
Que põem a mira no damnado peito
Da devóta Calumnia, e sancto Orgulho.

Não ouvîs a stridente e reforçada
Trombêta da Razão, que pérto sôa?
Que abalados os montes, e as floréstas
Já retumbão, jă trémem, ja pregôão
A sentença voraz, que vinga o insulto
Contra as livres idéias commettido?
Consumir ameaça no álveo ingente
Toda a turba de Edictos vedadores,
Deixando apenas a mordaz lembrança
Para labéo dos Reis — Reis que os passasteis,
Cuidaveis que ereis Reis, e escravos ereis
Dos Bonzos, por quem, stultos, perseguieis
Os máis puros, os máis fiéis vassallos,
Os sequazes da lúcida Verdade,
Ingrata ao falso zêlo, ao fanatismo,
Á Lucrosa Ignorancia. — Já lá assóma,
Montando augusta um carro de ouro puro
A Sublime Razão, accompanhada
De sevéros Ministros, que ante os ólhos
Da celeste Raînha irão julgando

Estólidos verdugos, que empregavão
Toda a crua officina dos tormentos
Nos membros da Verdade, e pertendião
Privar do máis cabal de seus direitos
O Homem, que nasceo para ser livre,
Livre em suas acções, em seus conceitos,
E livre em largamente derramá-los,
Quando á social Ventura não empécem.

Môrra o tôrpe Impostor, que ousou astuto
Do Autor proficuo agrilhoar a pluma,
Que esclareceo dos homens os juîzos,
As hypócritas máscaras rasgando.
Môrra quem alvitrou ir persuadindo
Assim os parvos Reis com feio engano.
Falla assim a Razão. Mas diz o Êrro:
« Quem disse aos Reis que os Bonzos embrutecem
» Os Póvos para haver delles riquezas
» Com que adquirão podêres, e regalos
» É împio, e blasphemou das Escripturas:-
» Quem dos Póvos defende os sãos direitos,
» Ou quér embrandecer o sceptro de aço,
» Protector da Ignorancia, e Tyrannîa,
» É mais que Barrabás, é ruivo Judas. »

Sabios, mostrai-lhe aos ólhos enganados
O escuro horror, o detestando Crime
Dessa alma apodrecida na maldade.

América feliz! Nação briosa
Que rompeste os grilhões do captiveiro!
Tu os fachos viste, viste as labarédas,
Que os livres pensamentos, que os da pluma

Rasgos máis nobres, linhas máis valentes
Com sôffrega violencia consumião.
O sancto lume da commum Ventura
Vos rutilou na mente : « Erguei (vos disse)
» Nestas placidas terras avisadas,
» O pendão da celeste Tolerancia :
» Vêde, quáes vos daqui móstro patentes,
» Que horrendos são os penetráes occultos
» Da sagrada Vingança enraivecida,
» Que affóga, e queima a próvida Verdade,
» Mal que ella (em damno seu) no O'rbe apparéce.
» Que tristes! que piedosas são as terras
» Em que ella o tôrvo seu império exerce!
» Vê seus Póvos mesquinhos, desprezados,
» Faltos da luz do Sól da Liberdade;
» Da Mãe das Artes, do Saber sublime,
» Como arrastrão nos bréjos da Ignorancia
» Duas tão grossas, tão brutáes cadeias,
» Que atou Superstição, e Despotismo!
» Esse estandarte que arvoráes prudentes,
» Tecido por Franklin com mão divina,
» Será phanal, que avise dos baixîos,
» Em que tantas Provincias naufragárão.
» Seja brazão, que honrando a humanidade,
» Despérte invejas, affervóre as gentes
» (Té-qui cégas, e frouxas) a imitar-vos. »

Oh ditosos! oh bons Americanos,
Porque o tão venturoso exemplo vosso,
As protectoras azas despregando,
Não visita, e empenhado não consóla,
Com seu vôo, os impérios desastrósos,

As miserandas gentes opprimidas
Da fradesca relé tyranna, e néscia!

Oh França illustre, das Nações Raînha,
Tu sacudiste o vergonhoso encargo,
Que á imprensa abafava o claro grito:
Tu a remiste, ella hôje te liberta.
Indócil remordias duro freio,
E o Despeito aldavadas já mui-rijas
Dava ás portas do Brio esperguiçado,
Quando as armas, que em tôrno de teus muros,
Começão a luzir, e os ameáços
Da escarvidão máis dura, e máis estreita
Érguem na alma as lembranças desabridas
De extorsões, de tributos, de masmôrras
Abertas para os bons, para os zelósos
Do bem da Pátria, os Escriptores claros,
Descobridores de verdades uteis,
Vìctimas de sagrados impostores,
De inértes Cortezãos, de in-castas Damas.
Nos magnânimos peitos férve, e estoura
Ancia briósa de metter os hombros
A' Conquista da cara Liberdade.
Escravos hontem, são Romanos hôje!
Cérrão c'os muros, co'as horrendas pórtas
Da armada Tyrannia; — Ao despeitoso
Vaivêm de anciãas vinganças assestadas,
Ródão por terra alluîdos baluartes,
Descobre-se a hedionda bruta face
Do maléfico irado Despotismo.
Sôa no aureo sallão do luxo impuro
O estrondo das masmôrras arrazadas;
E o voraz Monstro, do covil sahindo

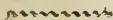
Tôrpe do nêgro sangue mal-coalhado
Das vîctimas, Serpente enorme e squálida,
Torcendo, e destorcendo a longa cauda,
Vai rojando o squamoso largo ventre,
E, olhando para traz, silva raivosa.

Dos Déspotas, nos páteos assustados,
Clama vinganças, e impotentes iras.
Eis lógo os braços, que atesava o Orgulho,
Para descarregar pesado açoute,
Co'a triste nóva desmaiádos cáhem,
Tão débeis, quanto outróra corajosos
C'o esteio dos canhões, e bayonêtas.
De encolhidos, c'o susto, não são vistos:
Que se vão pouco a pouco desfazendo
Aquellas pélas de vaidoso vento. —
Eis que arrancão a rápida fugida,
E o som da Liberdade, que os atrôa,
Métte esporas no bôjo dos cavallos.

Pôvo feliz, que resgataste os fóros
Da Liberdade, a tantos des-vestida!
Só vós sois homens. Sim, que os mais quáes brutos
Enfreados por mãos do Despotismo,
De ouca Superstição, de Enrêdo cégo,
De tantas leis dolosas, e oppressivas,
Sentem nas curvas, fustigadas cóstas
Do açoute despiedado os vergões rôxos,
Por mãos imperiosas sacudido,
Se bôto o ingenho, com vendados ólhos
Não vão calcando a re-trilhada senda,
Que lhes traçou, mofando, a Astucia altiva.

Ai do escravo infeliz, se dos açoutes
Se dóe, despréga a vóz, ou rasga a venda!
Apertão-lhe os grilhões, em calabouços
Lhe agravão mór tormento, e lá na praça
Lhe estão tecendo undi-flammas fogueiras —
Estrêmeço de horror! brâvejo de ira!

Quem forjará na nossa Elysia (oh Pátria,
Oh Pátria, que soubeste ambos os jugos
Sacudir, do Hespanhol, do Mouro, e dar-te
Claro nome!) quem forjará os raios
De livre idéia, que de Deos vem livre,
E livre a Deos, de si, razão só deve,
Raios, que assustem pállidos Tyrannos?

De vós nos venha, oh Pôvo generoso,
Que em vós achou asylo, em vós impéra
A Verdade, a Razão, a Estima, o Brio,
Avéxádos no mundo, e foragidos.
De vós nos venha o rúbido ferêtte,
Que assinála de hypócritas a fronte,
Lançados, por misérrimo ludibrio,
A's pragas, aos baldões tão merecidos.

DENÚNCIA.

Venit summa dies et ineluctabile tempus.
Virgil. Æneid. Lib. 2.

Apagadas com crenças, com chyméras
As luzes da Razão, que a Natureza
Cauta nos accendeo no íntimo da alma,
Veio Superstição pôr em destrôço
Os dons preciosos, que os mortáes gozavão;
Á sublime moral simples, e pura
Sobrepôz devoções, miúdas rézas,
Romarîas, alâmpadas, verónicas,
Ritos risiveis, sumptuosos nadas,
Baldão, e escarne de homens sabedores,
Baldão de Protestantes; que tomando
O Evangélho por nórte, o achárão mudo
Em Rosários, Bentinhos, e Irmandades,
Penitentes de açoute, andôres, bullas;
Obra de frades, como é nóto ao Mundo!

Se os Reis tivessem tino, houvérão rôto
Em todas as tyrânnicas clausuras
Seus vótos imprudentes, ou matreiros;
E dado á Pátria Cidadões — baldados
Em rézas vãas, ridículos tregeitos.

Os Reis tem toda a culpa; que accolhêrão,
Em seus Reinos, ruîns abelharucos
Que o mél da social Colmeia cómem,
Não lidando no Bem, mas na Maldade;
Accurvando a cerviz do ignaro Pôvo,
E ainda a cerviz dos Reis ao duro jugo
Dos Déspotas de Roma, e seus meirinhos,
Frades de toda a côr, de todo o lóte.

Que tinhão que dever os Reis, c'os Papas?
Que bem-lhes vinha á Christandade, aos Reinos,
De virem Cardeáes, virem Legados
Sorver thesouros, com que Roma engórde,
Por dispensas, annátas, indulgencias?
Quebrar da sociedade întimos laços,
Erguer Inquisições, pôrem mordaças,
Dar tratos, confiscar, armar fogueiras
A quem lhes conheceo o vicio, a astucia,
E poude descobrî-lo ao Pôvo simples? (*)

Dos homens de valor, e de alto senso

(*) L'abbé Brizard, Massacre de la Saint-Barthelemi, vol. 2, pag. 189.

Depuis la rennaissance des lettres, et surtout depuis la mort de Léon X, qui, comme Pape, avait été assez impolitique pour les favoriser, ses successeurs avaient senti le besoin du Tribunal de l'Inquisition pour arrêter le progrès des lumières; aussi lui avaient-ils donné une nouvelle activité en Italie, et cherché à l'étendre dans tous les royaumes de leur dépendance. Ce Tribunal était surtout érigé contre les hommes éclairés, les gens de lettres, tous ceux qui avaient peine à soumettre leur raison aux rêveries des Moines, et leur liberté au despotisme de Rome; et à mesure que l'univers faisait des efforts pour se débarrasser des langes de l'ignorance et de la superstition, ce Tribunal redoublait de vigilance pour éteindre les lumières et dégrader la raison.

Escravos, compozérão, delatores;
Ignorante relé, que arrastra o pêso
Dos grilhões, que lhe atou algôz fradêsco.
Vós Reis tendes a culpa, que estes lôbos
Não espancáes do meio das ovêlhas;
Vós que o sabeis de infinda experiencia,
De tanto Rei apunhalado, ou môrto
Com venêno subtil, traidoramente,
Por mãos sagradas dado, em sacro rito;
Quão pouco vossas c'roas resguardárão
Esses facinorosos; quantos crimes
A mui cruel sacerdotal vingança
Designa commetter, se lhes dáes tempo,
E não lhes preparáes tão justo estrago,
Que, para commum mal, nunca re-nasção.

Anonymo.

ODE.

Araujo resonet Chelis,
Araujo Tagus et Sequana personent
Discordes populos modo
Nexu difficili jungere callidum.

A. M. de Curnieu.

Explorant adversa viros, perque aspera duro
Nititur ad laudem virtus interrita clivo.

Silicus Italicus, *Lib.* 4. *vers.* 604.

Saiba Araújo, (1) neste dom escasso,
Descobrir a vontade agradecida
De quem lhe deve muito, e muito anceia
Pagar-lhe em dôbro a dîvida.

Tu, que os sons, óra frouxos, óra alégres
Me inspiravas, oh caprichosa Musa,
Acóde ao teu Filinto, aviva a Lyra
C'os sons de alta harmonîa.

Sólta dos brandos labios as dulcîsonas
Canções do Pindo, essas Canções que Phébo
Aos Romuleos Cantores devolvêra
Dadivoso e canóro.

(1) Vossa Excellencia, vossa Senhoria
Jurárão nunca entrar na alta Poesia. *Anonymo.*

Convida o Consul Silio, que a meu lado
Entôe ao meu amigo sãos louvores,
Iguáes aos que elle deo aos Saguntinos, (1)
Heróes de nome etérno,

Variada é a sorte de um, e de outro assumpto,
Mas sempre igual o esfôrço da virtude:
Elles na guérra férvida, e nas mórtes
Derão mui-raro exemplo.

Deo nas Côrtes, nos tempos máis difficeis
Araújo, os abonos de alto ingenho;
Vio sem susto os enrêdos dos tyrannos,
E ameaçada a mórte.

Eu o vi, quando incólume sahia
Das cavérnas de Caco, tão tranquillo
Como quando ìa da Haya aos vêrdes prados
Espairecer os ólhos.

Não fallou em prizão, em ruin Calúmnia,
Em sagrados direitos quebrantados:
Fallou no Rei, na Pátria, nos Amigos,
Que levava em seu peito.

---

(1) De bello Punico Lib. 2 in finem.

ELEGIA D'OVIDIO

Æstus erat, etc.

Partîa o dia em meio o Sól calmoso;
Reclino o corpo a descansar no leito,
Mal abérta janellà, e mal cerrada;
Qual usa permoiar a luz nos bosques,
Qual crepúsculo deixa, ao despedir-se,
Phébo, ou fóge a Noite, á vista da Alva,
Lùz, que convem ás Môças vergonhosas,
E em que o tîmido pejo ache escondrijo..
Eis vem Corinna, em mal-cingidas roupas,
(Sólta a madeixa e nîveo peito occulta)
Qual Semîramis (diz-se) ao leito fôra,
Gentil; e fôra Lais, de muitos Dama.
Dispo-lhe a roupa, (que empécia pouco
De rara!) Ella pugnava por cobrir-se;
Mas, como quem não quer vencer, pugnava.
Mal stêve ante meus ólhos toda nua,
Não lhe vi um senão no côrpo todo.
Quáes vi, quáes os palpei, hombros e braços!
Quáes mamminhas tão guápas de empalmá-las!
Quão liso o ventre désce do alto peito!

---

(1) Quando a impressão primeira se fêz dessas trovas táes e que jandas, era eu vizinho do Senhor Sané, na grande rua de Reuilly: nesse mesmo tempo curti uma gravissima doença em que estive por muitos dias desconfiado dos Médicos; a essa doença faz allusão a Ode do meu intimo amigo Antonio Matheyon de Curnieu—

Que cintura, e infantìs, roliças côxas!
Que máis direi! mimoso é quanto hei visto,
E toda c'o meu côrpo a cingi nua.
Que ha máis que ouvir? Cansámos, descansámos;
Côrrão-me a fio táes os meios dias.

GREGORIO DA SILVA PINTO.

Sic est : nec humanæ etc. Continuava o Impressor a mardar-me as provas da impressão, quando eu, nem pôr-lhe ólhos para a correcção podia: então roguei ao ditto Senhor Sané, que comigo aprendeo a lingua Portugueza, que tomasse o encargo do a que eu não tinha módo de acodir. Darei eu satisfação de alguma poësìa alheia, ou minha que lá, a não-sabidas minhas, se entremetteo? Hoje, que esta elegìa já nas provas duas vêzes a risquei; hoje, que ao meu amigo Constancio, que as revê, pedi que impedisse a porfiada impressão della; hoje que instei com o Editor que a não désse á luz, me respondeo elle que devia aos assinantes dar como promettêra quantas Obras inéditas, máis forçosamente, as já impressas, lhe viessem á mão. Com bem desgosto meu, e por me ser impossivel al fazer, tórna a público a maldita Elegìa *Nescit vox missa reverti.*

MODELO, OU ESCANTILHÃO

D'UM DICCIONARIO

FRANCEZ E PORTUGUEZ,

Mui facil de compôr, e mui cómmodo para os que quizérem traduzir (á moderna) qualquér obra franceza.

E PORQUE máis portatil e máis maneiro seja o ditto Diccionario, não se comprehenderão nelle palavras téchnicas, nem deduzidas do Grêgo ou do Latim, que, nas linguas da Europa, sómente pelas terminações differem, nem tambem serão nelle comprehendidos os nomes proprios, para os quáes são escusados Diccionarios.

A.	A.
Abaisse	Abaixa, ou Côdea do fundo d'uma empada.
Abaisser (1)	Abaixar, ou Metter baixo.
Abalourdir	Abalurdir, Emburricar, etc.

(1) Posto o vérbo, facil é de tirar, por elle, os derivados; e assim ficará menos volumoso o Diccionario.

Abandonner.	Abandonar, ou Pôr com dôno.
Abasourdir	Abasurdir, ou Basurdear.
Abattage	Abatagio.
Abâtardir.	Abastardear.
Abat-chauvée	Abachovia, ou Abachovéa.
Abatellement	Abatellemento, ou a Acção de abeteller (1).
Abat-jour	Abajurdo.
Abatis	Abatiso, ou Abatizio.
Abattures	Abatturias.
Abat-vent	Abavento, ou Abanavento, ou Abalravento.
Abbécher, Abbecquer .	Abbechar, Abbecquar.
Abée	Abéa.
Abénévis	Abenevisa.
Abétir.	Abestir, ou Embestar.
Abienheur, *Abianneur* .	Abienor, Abianor.
Abigéat	Abigeato.
Ablais.	Ableso.
Able	Ablo.
Ablerct	Ablereto.

(1) Dado que o Compositor do Diccionario não saiba o verdadeiro significado, siga sempre a regra que darei no fim: applique-lhe terminação portugueza, e deixe-o ir. Sabê-lo, ou não, nada faz á traducção. Ponhâmos o exemplo em *tombeau*: não lhe adivinhou o Traductor a significação? Chegue-se o máis que podér para as lêttras, e para o som da palavra franceza, e diga *tombáo*. *Boucher* (verbo) *Buchar*; *Boucher* (nome subst.) *Bucheiro*, *et sic de reliquis*; que assim faz muito Traductor impresso, e muita gente da Côrte, e não da Còrte. Que não está o ponto em bem entender o Original Francez; mas sim em bem imitar o som do phraseado.

Abnous	Abnuso.
Aboi, Abois.	Aboá, Aboás.
Abonnir	Abonnir.
Abord.	Abordo, Abordamento ou Abordoamento.
Aborder	Abordoar, Abordejar.
Aborner	Abornar.
Aboucher.	Aboccar.
Aboúment.	Aboamento, ou Aboamente.
Abougri	Abugrido.
Abouquer	Abucar.
Aboutir	Abutir, ou Abutar, fazer butas,
Abréger	Abrejar ou Abrejeirar.
Abreuvoir	Abreuveiro, ou Abrevório.

Et sic de cæteris.

Seguindo este méthodo de diccionarisar, de que aqui dei sómente um escantilhão, nos poucos vocábulos atraz alphabetados, com pouco trabalho haverá em Portugal todo o fundo necessario para as traducções.

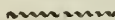
REGRA GERAL.

Tanto para o Diccionario, quanto para a Composição e phraseado do Discurso, déve-se em tudo seguir o torneio e construcção franceza, trocando sómente as terminações dos vocábulos, aportuguezando-as, o menos arredado, que fôr possivel do uso francez; pônho para exemplo, as palavras *Algériens, Génevois* : não traduzão nunca, nem digão *Argelinos*, nem *Genebrinos*, que

é rançoso, e cheira a bafio de Barros, ou de Vieyra; mas digão, e escrevão *Algerianos* e *Genevoásos*. Se tem dè traduzir — *il fait de l'air.* — Traduzão affoutamente *Elle faz do ar*; e não — refrescou o tempo — ou córre algum ar. —

Pois que dei o modelo de diccionarisar, darei outro escantilhão do modo de traduzir; e seja a primeira *Lettra Persanna*, que Lucena, ou Brito, Autores da têmpera vélha dirião Carta Pérsia, Pérsica ou Pársea, á maneira de Barros.

LETTRA PRIMEIRA.

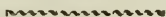
USBEK a seu amigo RUSTAN, a Ispahan.

Nós não temos sejurnado que um dia em Com: quando nós houvérmos feito nossás devoções sôbre o tombáo da Virgem que ha pôsto ao mundo doze Prophétas, nós nos remettemos em caminho, e hontem vinte cinquêmo dia do nosso departo (1) de Ispahan, nós chegámos a Táuris.

Rica e mim somos, póde ser, os primeiros entre os Persanos, que a inveja de saber tenha feito sortir do seu Pays, e que hajão renunciado ás doçuras d'uma vida tranquilla, por ir buscar laboriosamente a Sagessa (2).

(1) Como, para uns cértos doutores, a nossa lingua é póbre e de áspera pronunciação, o melhor meio para abrandá-la, e enriquecê-la será abarrotá-la de termos francezes. *Exemplum ut talpa*.

(2) A palávra *sagesse* não acha toda a amplidão do seu signi-

Nós somos nascidos em um reino florescente, mas nós não havemos crido não, que as suas bórnas fossem aquellas conhecenças, e que a Lumieira Oriental devesse só nos aclarar.

Manda-me o que se diz da nossa viagem; nem me adules, não; eu não conto não, sobre um grande numero de approvadores: adréssa a tua lettra a Erzeron, onde eu sejurnarei qualquér tempo. Adeos, meu caro Rustan, sejas assegurado que em qualquér lugar do mundo, onde eu seja, tu has um Amigo fiél.

FA'BULA PRIMEIRA.

DE M. DE LA FONTAINE.

A Cigarra havendo cantado
  Todo o estio.
Se trovou forte desprovida
Quando a bisa foi vinda:
Não um só pequeno pedaço
De mósca ou vermissote!
Ella foi gritar fóme
Em casa da formiga sua vizinha
A pedindo de lhe emprestar
Algum grão para subsistir

ficado nas palavras *sabedoria*, *sapiencia*. Quando os Francezes dizem — *la sagesse d'une fille* — não se ha-de dizer a sabedoria ou a sapiencia d'uma filha, nem recato, nem pundonor, mas sim a sagessa d'uma filha.

Até á sazão nova.
Eu vos pagarei, lhe diz ella
Antes o Agôsto, fé d'animal,
Interêsse e principal.
A formiga não é prestadora.
Isso é lá o seu menor defeito.
Que fazîeis vós no tempo cálido?
Diz ella a esta emprestadora.
Noite e dia a todo vindo
Eu cantava, não vos despraza.
Vós cantáveis! eu sou bem facil (1).
É bem, dansai mão tenante.

Creio que as duas traducções de prosa e verso merecerão applauso dos Doutos afrancezados. A elles a devo, e delles aprendi a profunda sciencia que aqui ostento. Os meus primeiros Méstres forão dous Bernardos muito amoladinhos, que na Capella da Bemposta ficárão junto de mim em certo *Te Deum* que se lá cantou. Traduzião elles alto, para que os eu ouvisse, e me embasbacasse na profundez de seu grande saber. Traduzião, como digo, certa passagem d'um livro de fitinha; e rezava a tal passagem — *il fut élevé à Nazareth* — e traduzia um delles assim — *Elle foi elevado á Nazaré*. Eu era tão nescio então que traduzia para mim, pondo os ólhos no tal livro — *foi criado em Nazareth* — mas depois que o ouvi, cuidei em me emendar. Bom é escutar gente douta!

Vistos os progréssos que vou fazendo na lingua dos Tarêlos, vem-me ancias de trasladar as Décadas de Bar-

(1) Viva, viva! Bem traduzido está; e não como certo sujeito fez, que estragou a bella phrase franceza, traduzindo — *j'en suis fort aise* — *fólgo muito*.

ros, e os Lusiadas de Camões em lingua da modérna móda, para máis clara intelligencia dos nossos Francêlhos, e Francêlhas. É pena que esteja eu já tão vélho, que não possa vir a cabo com a empreza. Atraz de mim virá algum ânimo compadecido, que remóce, e ponha mui garridos á Francêlha os nossos zoupeiros Clássicos Quinhentistas.

COARCTADA.

Duas Orthographias assaz fundadas, e ainda outra (mas mixtiforia) se appresentão a quem quér escrever em Portuguez. A primeira e muito speciosa é a que diz, que se escreva como se falla, não escrevendo máis lettras, que as que, fallando, se pronuncião. O Barbadinho lhe quiz dar vóga; e seu Discîpulo Theodoro d'Almeida a seguio; mas foi logo reprovada e derelicta, pelo muito que descontentou aos amadores da Lingua Portugueza, quando desparecida, e desfigurada a vîrão daquellas feições, que a abonavão filha da nobre Lingua Latina, e de cuja nobreza ella tanto se honra, e tanto se deve honrar: visto que de quantas linguas descendêrão da Romana, ella é quem, na sua mesma Orthographia, máis rasgos, máis parecidos visos de sua Mãe consérva ainda; Pelo que os bons Escriptores se encostárão, o máis que lhes foi possivel á Etymologia Latina, como á máis arrazoada, e á máis segura.

Os que hoje séguem (e são os menos advertidos, e menos doutos) a Orthographia mixtiforia, tão disparatados, e tão extraviados andão em seu uso, que, conferindo as escripturas de uns e de outros, disséras, que compõem em tantas linguas, ou vasconços, quantas são as composições suas.

Assim, acconselharei aos que se lanção a escrever com apurada Orthographia, que nos livros da boa Latinidade se embêbão tanto, quanto os nossos bons Clássicos se embebêrão nella; afim que junto com o bem phraseado stylo, aprendão a ser apurados Ortógraphos.

Se me objectão que é obrigar o vulgo a aprender Latim, para bem ortographar em Portuguez, direi quão ruin é a conclusão que os táes senhores tirão. Examinem-se de Latim os Méstres das Schólas, e eu lhe affianço a boa Ortographia dos Discîpulos. E se o vulgo teima em não seguir a dos Méstres, pouco perderemos no que o vulgo mal-escreva.

Disse.

INDEX

DO TOMO V°.

ODES.

SONETOS.

STANCES.

EPIGRAMMAS.

MOLHADURA.

APOLOGIA.

A VARIEDADE.

A PRIMAVÉRA.

O ESTÎO.

O OUTONO.

O HYNVÉRNO.

EPITÁPHIO.

LYRAS.

ASTUCIA.

AD GALLOS.

EFFEITOS DO AMOR MAL CORRESPONDIDO.

DEBIQUE.

ÉPODO.

FÁBULAS.

EPISTOLAS.

HYMNOS.

DESFÊCHO POÉTICO.

MANIFESTO.

ÊRROS DA VIDA.

CONTOS.

ESFUZIÓTE.

COMPARAÇÃO.

MACHAVELICE D'UM PRÉGADOR SUÉCO.

ENIGMA.

SERMÃO COM SUA NOVIDADE.

CARTAS.

SÒNHOS.

DIA'LOGO, ENTRE MIM, E A DONA MINÉRVA.

PRODIGIOS DO ATREVIMENTO.

O NOVO POÉTA LAUREADO.

CARMEN.

'ELEGIA D'OVIDIO.

ERRATAS DO TOMO V.

Pag. lin.	ERROS.	EMENDAS.
7 — 20	orgeuil	orgueil
11 — 17	des-parecem?	des-parecem¿
13 — 22	e ,	e
18 — 5	Parc	Parca
20 — 25	ampara e , préza	ampara , e preza
26 — 24	Em	em
39 — 30	a insta-lho	a instar-lho
54 — 9	Res ólgo	Resfólgo
58 — 18	chocolhos	chocalhos
Ib. — 21	achas ,	achas?
Ib. — 22	*sem-saboría.*	*sem-saboría?*
93 — 8	desejára	desejára;
96 — 11	os os	os
100 — 14	immemorias	immemoriaes
116 — 32	um	tum
118 — 1	seribi	scribi
129 — 5	prezas	proezas
234 — 4 *da Nota.*	vão em	váguem
135 -	depois do vérso 22 falta o seguinte Buscão na Elysia abrigo ,	
146 — 27	tenha	tinha
190 — 12	Ir s	Irás
157 — 4 *da Nota.*	so	se
159 — 4 *da Nota.*	o que	e que
161 — 11	de Mundo	do Mundo
162 — 3	insendio	incendio
227 — 2	Deos	O Deos
Ib. — 17	(Dorme ,	— Dorme (
229 — 4 *da Nota.*	Leião	leião
230 — 2 *da Nota.*	*Pan*	*Pœan*
239 — 1	óròa	c'ròa

247 — 28	a	e
259 — 5	valedores	veladores
268 — 6	s'prito	sp'rito
270 — 5 *da Nota.*	do primeiro tomo *ajunte*	da primeira edição
281 — 22	Nemeu	Nem eu
302 — 3 *da Nota.*	investigadoras	investigadores
309 — 7	Olympia á ave	A' Olympia áve
Ib. — 3 *da Nota.*	estndo	estudo
323 — 14	de morada	da morada
Ib. — 6 *da Nota.*	visens	visêie
325 — 10	lidas ;	lidas ,
347 — 6	dos ares	os ares
361 — 9	*illésa victima*	*illésa a victima*
Ib. — 25	assapro	assôpro
Ib. — 2 *da Nota.*	workup	work up
362 — 3	des-corcoada.	descorçoado
886 — 1 *da Nota.*	adm ittimoo	admittimos o
388 — 13	mêtta-me	mêtto-me
401 — 28	ao	a o
410 verso 2 (que deve ser o primeiro, e este o 2°.)	nm	um
414 — 23	emcampa	encampo
418 — 29	esconssos	esconsos
422 — 9	nas-Eirozes	e as Eirozes
424 — 2 *da Nota.*	era Inquisidor	era o Inquisidor
426 — 10	quando.	quando,
431 — 12	escarvidão	escravidão
439 — 5	janella	a janella
Ib. — 6	permoiar	permeiar
Ib. — 8	Alva,	Alva;
440 — 1 *da Nota*	mardar-me	mandar-me
Ib. — 11 *id.*	mais	e mais
Ib. — 13 *id.*	Elegìa	Elegìa.
4,5 — 17	pedaço	morçote

Nota ajuntada pelo Autor ao fim da Ode pag. 257.

Esta fábula é uma das máis bellas que Ovidio poetizou nas Metamorphoses.